

João Guilherme da Fonseca



# passagem

**passagem**

## **Fundação Universidade de Caxias do Sul**

*Presidente:*  
Dom José Gislon

### **Universidade de Caxias do Sul**

*Reitor:*  
Gelson Leonardo Rech

*Vice-Reitor:*  
Asdrubal Falavigna

*Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:*  
Everaldo Cescon

*Pró-Reitora de Graduação:*  
Terciane Ângela Luchese

*Pró-Reitora de Inovação e Desenvolvimento Tecnológico:*  
Neide Pessin

*Chefe de Gabinete:*  
Givanildo Garlet

*Coordenadora da EDUCS:*  
Simone Côrte Real Barbieri

### **Conselho Editorial da EDUCS**

André Felipe Streck  
Alexandre Cortez Fernandes  
Cleide Calgaro – Presidente do Conselho  
Everaldo Cescon  
Flávia Brocchetto Ramos  
Francisco Catelli  
Guilherme Brambatti Guzzo  
Jaqueline Stefani  
Karen Mello de Mattos Margutti  
Márcio Miranda Alves  
Simone Côrte Real Barbieri – Secretária  
Suzana Maria de Conto  
Terciane Ângela Luchese

## **Comitê Editorial**

Alberto Barausse  
*Università degli Studi del Molise/Itália*

Alejandro González-Varas Ibáñez  
*Universidad de Zaragoza/Espanha*

Alexandra Aragão  
*Universidade de Coimbra/Portugal*

Joaquim Pintassilgo  
*Universidade de Lisboa/Portugal*

Jorge Isaac Torres Manrique  
*Escuela Interdisciplinaria de Derechos Fundamentales Praeeminentia Iustitia/Peru*

Juan Emmerich  
*Universidad Nacional de La Plata/Argentina*

Ludmilson Abritta Mendes  
*Universidade Federal de Sergipe/Brasil*

Margarita Sgró  
*Universidad Nacional del Centro/Argentina*

Nathália Cristine Vieceli  
*Chalmers University of Technology/Suécia*

Tristan McCowan  
*University of London/Inglaterra*



João Guilherme da Fonseca



# passagem



© do autor  
1ª edição: 2025  
Preparação de texto: Giovana Letícia Reolon  
Revisão: Helena Vitória Klein  
Editoração: Igor Rodrigues de Almeida  
Capa: EDUCS  
Foto da Capa: João Guilherme da Fonseca

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Universidade de Caxias do Sul  
UCS – BICE – Processamento Técnico

F676p      Fonseca, João Guilherme da  
Passagem [recurso eletrônico] / João Guilherme da Fonseca. – Caxias  
do Sul, RS : Educs, 2025.  
Dados eletrônicos (1 arquivo).  
  
Modo de acesso: World Wide Web.  
ISBN 978-65-5807-436-6  
  
1. Literatura sul-rio-grandense - Ficção. 2. Contos sul-rio-grandenses. 3. Lite-  
ratura brasileira - Ficção. I. Título.  
  
CDU 2. ed.: 821.134.3(816.5)-34

Índice para o catálogo sistemático:

- |  |                     |
|--|---------------------|
| 1. Literatura sul-rio-grandense - Ficção | 821.134.3(816.5)-34 |
| 2. Contos sul-rio-grandenses             | 821.134.3(816.5)-34 |
| 3. Literatura brasileira - Ficção        | 821.134.3(81)-34    |

Catálogo na fonte elaborada pela bibliotecária  
Márcia Servi Gonçalves - CRB 10/1500.

Direitos reservados a:



EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul  
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 –  
Caxias do Sul – RS – Brasil  
Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil  
Telefone/Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218 2197  
Home Page: [www.ucs.br](http://www.ucs.br) – E-mail: [educs@ucs.br](mailto:educs@ucs.br)

## AGRADECIMENTOS

À Marcia Regina Knob, pelo incansável esforço e dedicação a este projeto, desde o início, e de forma impecável.

Também à Carolina Knob, pelo seu olhar clínico na pontuação e gramática.

Finalmente, à Simone Côrte Real, pela orientação e enorme paciência para comigo, e à equipe da EDUCS, pelas contínuas revisões antes da finalização do livro.

Eternamente grato!

*Dedicado a minha mãe, Maria Celita.*

## SUMÁRIO

<b>Dia 1</b>	
O VISITANTE INDESEJADO	9
<b>Dia 2</b>	
LIMPAR A “CASA”	25
<b>Dia 3</b>	
SOB CERCO	35
<b>Dia 4</b>	
SEM FAMÍLIA E SEM TRABALHO	45
<b>Dia 5</b>	
MORRER AOS POUCOS	57
<b>Dia 6</b>	
O PREÇO DE UM CAIXÃO	67
<b>Dia 8</b>	
O LIVRO VERSUS EDDIE	84
<b>Dia 9</b>	
O PREÇO DE UM LIVRO	90
<b>Dia 10</b>	
SIMPLIFICAR	101
<b>Dia 11</b>	
SEM IRMÃO, SEM OSSO	109
<b>Dia 12</b>	
PERDER PESO PARA MORRER EM BOA FORMA	119
<b>Dia 13</b>	
SIGA O LIVRO	130
<b>Dia 14</b>	
UM DESFILE DE MONSTROS	144

---

## **Dia 15**

O GATO MÉDIUM DE DARKSY 153

---

## **Dia 16**

MATAR PARA SIMPLIFICAR 162

---

## **Dia 17**

O ENVELOPE DO CARTEIRO 174

---

## **Dia 18**

VERDADEIRO ALTRUÍSMO 182

---

## **Dia 19**

O PERFUME DA MULHER PERFEITA 190

---

## **Dia 20**

O LADO MALIGNO DE CAROLYN 196

---

## **Dia 22**

OS ESPÍRITOS DE KARL E HANDSOME 206

---

## **Dia 23**

UMA PASSAGEM PARA O OUTRO MUNDO 217

---

## **Dia 24**

QUÃO REAL É O CARTEIRO? 227

---

## **Dia 25**

O LIVRO *VERSUS* A LOTERIA 233

---

## **Dia 26**

A RESSURREIÇÃO DE EDDIE 240

---

## **Dia 27**

O CEMITÉRIO ERRADO 253

---

## **Dia 28**

E ELES CONTINUAM VINDO... 264

---

## **Dia 29**

EIS QUE O CARTEIRO CHEGOU 279

---

## **Dia 30**

A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS 293

---

# Dia 1

---

## O VISITANTE INDESEJADO

Signal Hill, Califórnia  
2006

Quando a Sra. Whalen fez o pedido na Fired-Up para uma pizza, exigiu que o entregador fizesse três coisas. Primeiro, ver se de fato as quatro camadas de provolone estavam na pizza, como de costume. Segundo, se certificar de que não tivesse um Dodge Stratus de cor branca estacionado na frente da casa dela. E terceiro, usar a porta dos fundos, que ela deixaria destrancada para o motorista.

Meia hora depois, sob um céu carregado, Joe chega na porta dos fundos e dá uma batida leve. Nada. Ele abre a porta parcialmente e anuncia sua chegada: “Pizza da Fired-up para a Sra. Whalen.”

“Só entrar, querido”, responde uma voz rouca. “Primeira porta à esquerda.”

Quando ele chega ao quarto dela, tenta saudá-la com um bom-dia, mas, abismado, se cala. A Sra. Whalen se encontra esparramada sob uma cama de ferro tamanho Queen, cobrindo quase toda a cama com duzentos e trinta quilos de banha aprisionada em seu corpo. Ela está vestindo uma camisola rosa transparente, de bordado detalhado, e não consegue esconder seus enormes e achatados seios. O que o choca mais de tudo isso é que ela é jovem, tem um rosto rechonchudo e bonito, e seus olhos azuis brilham como dois cristais. Ela sorri para ele.

“Eu me certifiquei de que não tinha nenhum Dodge branco estacionado na frente”, diz ele.

“Obrigada.”

Joe se aproxima dela, mas antes mesmo de pagar pela pizza, a Sra. Whalen agarra a caixa morna e a coloca sobre seu peito. Sem se erguer, abre a caixa e abocanha uma fatia ainda fumegante. Seus olhos rolam de prazer. Queijo derretido começa a gotejar de sua boca como lavas de cor amarela.

“Meu Deus! Vocês são simplesmente demais!” diz ela. “Qual é seu nome?”

“Joe.”

“Joe... deixa eu te dizer uma coisa.” Ela retira o dinheiro debaixo do travesseiro e olha seriamente nos olhos dele. “Nunca fique assim.”

“Não tô entendendo o que a senhora quer dizer.”

Os olhos dela se entrelaçam com os dele. “Assim como eu. Meu peso.”

Joe não gosta do que ouve e do que vê. Por detrás da testa dela, seus olhos cristalinos se tornaram embotados, como se suplicasse por ajuda. Parece que o curto momento de felicidade dela se acabou. Ela lhe pede para enrolar o restante da pizza numa toalha e levar a caixa antes da cuidadora voltar — como se fosse limpar a cena do crime. Ela paga a pizza e adiciona uma gorjeta de dez dólares, lançando-lhe um último olhar que o persegue até seu carro — o olhar de alguém gritando por ajuda.

Joe escala seu velho Cherry da Nissan sentindo mais pena de si mesmo do que da mulher obesa. Ele também está acima do peso e seu carro, de fato, afunda duas polegadas no lado do motorista cada vez que ele se senta. Outro entregador, Sahid, havia-lhe avisado a respeito disso. Hoje, não só percebe que seu lado afunda, mas também *sente* seu peso. Cada quilo imundo. *E por quanto tempo vou ficar levando pizzas?*

A expressão de derrota da Sra. Whalen o incomoda por todo caminho de volta à pizzeria e persiste até a próxima corrida, dessa vez para o senhor Javier Gutierrez, um homem aposentado pela empresa de logística United Parcel Service e que hoje dá gorjetas generosas, mas somente aos motoristas mais novos, que às vezes são convidados a entrar para uma soda geladinha. O pedido de duas pizzas por semana de Javier consiste em pimenta caiena e jalapeños, coisas que levariam um homem de natureza inferior às lágrimas e cirurgia de hemorróidas nas cidades de Long Beach.

A imagem da lamentável senhora confinada em sua cama ainda está corroendo Joe. Ela o persegue a cada bloco e rua, sob grossos pingos de chuva batendo no para-brisa — bastante incomum para esta parte do ano no sul da Califórnia. “Eu me sinto que nem aquela mulher”, ele diz a si mesmo. “Aprisionado.” Pela milionésima vez, se pergunta por quanto tempo estará atrelado a um emprego de esmigalhar uma alma, trabalhando por gorjetas, e por que nunca teve a disciplina de perder alguns quilos de graxa inútil.

Hoje era para ser seu dia de folga, mas teve que cobrir o turno do Alejandro, cujo carro estragou na noite anterior — novamente. Ele havia planejado este sábado para si. Após o compromisso de doar sangue na Cruz Vermelha, sua intenção era beber cerveja em frente à TV e assistir ao restante do filme *Forrest Gump*. Noite passada ele parou a fita VHS na sua parte favorita, em que Jenny está parada na escadaria e Forrest a pede em casamento.

“Eu não sou um cara inteligente”, Joe repetia a frase de Forrest inúmeras vezes enquanto dirigia, imitando o sotaque sulista do ator. “Mas eu sei o que é o amor.”

Joe não é inteligente tampouco. Por isso ele chora por dentro cada vez que ouve aquela frase. Ele é apenas um homem simples — um cara comum que pesa

por volta de cento e vinte quilos e usa um par de óculos de plástico que o fazem parecer estúpido e feio. Tem um queixo duplo e nunca gostou do que viu ao se olhar no espelho. Uma das mulheres com quem dividiu a cama num estúdio pobre na Obispo Avenue disse-lhe uma vez que ele tinha o tipo de sobranceiras do Leonardo Di Caprio. Por duas semanas, Joe ficou na frente do espelho arqueando suas sobranceiras, apenas para descobrir que não tinha semelhança alguma com as do ator. Ele ainda não gosta do que enxerga no espelho e nem do seu nome — *Joseph*. De vez em quando um bichinho rastreia pelo seu cérebro, como uma formiga rastejando de um neurônio a outro, dizendo que muito tempo atrás ele sabia o que queria da vida. Mas Joe sempre se convence de que deve ter sido um de seus sonhos quiméricos. Não hoje!

São dez e cinquenta da manhã e está a meio caminho de sua próxima entrega quando um relâmpago fulminante rasga o céu pelo oeste, seguido pela explosão de um trovão. E com ele ressurgue uma memória até então completamente esquecida. Joe mete o pé no freio e estaciona. Algo se transfigura em seu olhar, e não é a chuva batendo no para-brisa sujo. É a memória de um caderno da segunda série que agora ocupa sua mente.

“Tá escrito *naquele* caderno”, ele murmura, meio atordado. “E tá nos caibros da minha garagem.”

Aos sete anos de idade, a professora Hardy do ensino fundamental, uma mulher que precisava remover um cabelinho do lábio superior a cada duas semanas, pediu que os alunos da classe escrevessem o que queriam ser ao crescerem.

Joe abre a mochila da pizza no assento do passageiro e olha na etiqueta a hora em que foi feito o pedido, para então calcular a distância a percorrer. Ele sabe que seria muito irresponsável se desse uma voltinha até sua casa, mas poderia usar a chuva pesada como desculpa. *As pizzas vão estar mornas pelo menos por mais dez minutos*, justifica. Ele precisa encontrar aquele caderno hoje... agora! O carro range até a casa de seu tio na Hillside Drive. Estaciona na rua e corre até a garagem sob uma chuva torrencial. Para sua surpresa, seu beagle foi deixado no lado de fora. Está ensopado e, ao ver Joe, sacode a cauda.

“Miojo? Te deixei pra fora?” O cachorro choraminga de alegria. “Te levo pra dentro em um segundo, rapaz.” Joe entra pela porta ao lado e tateia à procura da chave para erguer a porta grande. Ela sobe. Outra surpresa! Uma reluzente SUV borgonha da Lexus ocupa o lado direito da garagem. Se pergunta quem a estacionou ali. É tão nova que tem até o adesivo do revendedor grudado no vidro.

Ele olha para os caibros. *Tá ali*. Todas as coisas velhas dele. Mas precisa se apressar. O almoço de Javier está esfriando. Sem escada em mãos, ele enfia um pé no para-choque da Lexus e, com a ajuda de uma prateleira, escala até o teto



do carro, que desce com seu peso. Olha ao redor da plataforma que, num canto, sustenta algumas caixas de papelão e vários galões de tinta. Agarrando-se num caibro, ele se move até a plataforma. Em seguida, agachado sobre uma caixa, remexe em fitas velhas, equipamento de acampamento e aparelhos eletrônicos obsoletos. Todos os tesouros que acumulou em sua vida — tudo lixo. “Tem que estar em alguma dessas caixas”, murmura, já com suor descendo pelo rosto. Em sua busca frenética, Joe acidentalmente chuta um galão de tinta para fora da borda da plataforma, o qual acerta o topo do Lexus. A tampa se solta, derramando tinta branca sobre o lado esquerdo do carro e o chão de concreto. Limpar essa sujeira não é tão importante quanto sua busca.

Seus olhos interceptam um livrinho pequeno dentro da caixa — um livrinho tamanho de bolso encadernado em couro, que seu chefe e amigo Eddie tinha lhe dado para que lesse. Eddie havia-lhe dito que ali dentro encontraria os passos concretos para conquistar liberdade financeira e muito mais. Joe tinha prometido que leria, mas nunca o levou a sério. Dá uma olhada rápida em um parágrafo da primeira página intitulado “Disciplina” enquanto as pizzas no carro vão esfriando a cada minuto.

*A primeira coisa que um pai ensinaria a um filho para ele encontrar um objetivo na vida é disciplina. E disciplina, meu filho, é impagável. Não pode ser comprada com dinheiro. Ela precisa ser dominada interiormente se você estiver à procura de um propósito ou qualquer forma de poder. Numa vida em que não há disciplina, com certeza não existe propósito.*

“Que diabos, Eddie?”, ele diz, entredentes, mas intrigado. Joe entende essa parte sobre disciplina. É apenas um dos motivos de se sentir preso — a falta dela. Mistificado com a coincidência desse parágrafo se conectar tão diretamente a ele, embolsa o livrinho. Faltando poucos minutos para retornar à entrega, ele se joga numa caixa menor, mas é interrompido pelo latido agitado do cachorro logo abaixo. Um carteiro está se aproximando da garagem, mas é imobilizado pelo latido cada vez mais alto e insistente.

“Para com isso, Miojo!”, Joe repreende. “Quieto!”

O cachorro para de latir, mas se move de um lado para o outro tentando bloquear a entrada do carteiro.

“Tem alguém aí em cima?”, pergunta uma voz cuidadosa.

“Tô aqui.”

“Ah, estou vendo”, diz o carteiro esticando o pescoço, ciente da tinta espalhada no chão. “O senhor é o Seu De Angeles?”

“Eu mesmo.”

“Eu preciso da sua assinatura para esse...”, ele diz, abanando um envelope tamanho ofício. “É um *overnight*.” Inexplicavelmente, seu uniforme ultra-bem-passado está completamente seco enquanto ainda chove lá fora.

“Já desço aí”, Joe diz, embora não esteja esperando nenhuma correspondência. Sua busca acaba ali. Ele estica suas pernas de volta ao teto do carro. Quando seus pés tocam o topo, ainda liso da tinta, ele escorrega um pouco, o suficiente para não poder se agarrar a nada, e ali ele vai, mais rápido que o galão de tinta. Primeiro bate com a cabeça no espelho do carro e então no duro cimento, acertando o aro da lata vazia com a nuca. Ele ouve um estalido mórbido e permanece estirado no chão frio. Gotas de sangue vertem pela nuca, não longe da artéria carótida. O carteiro larga o envelope, corre até ele e se ajoelha ao seu lado, sacudindo o ombro de Joe intensamente.

“Hey, você... diga alguma coisa!” Sem resposta, o carteiro se lança para fora da garagem à procura de ajuda.

Joe percebe a agitação do carteiro e ouve claramente seus passos sumindo a distância. *Com certeza vai ligar pra emergência.* Tenta achar seus óculos para poder examinar melhor a sua situação, mas seu corpo não se move. Nem as mãos, nem os braços ou sua cabeça. Nada. Ele vira seus olhos para fora da garagem, ofuscado pela luz do sol, mas com a vaga sensação de que deveria estar chovendo. O céu está tão brilhante quanto a estrela Sírius. O mais inusitado é que ele consegue ver claramente os caibros acima sem os óculos. Abrigado pela luz, se entrega a uma dormência que invade seu corpo enquanto espera por ajuda. Uma sensação morna e úmida revela que mijou nas calças. Devagarinho sua urina amarela e uma delgada trilha de sangue vermelho vão se mesclando com a tinta branca. Tudo parece surreal, mas Joe ainda está consciente de que é sábado de manhã, dia de primavera no sul da Califórnia e seu aniversário.

O carteiro retorna enigmaticamente, como que se materializando através de uma nuvem de pura luz, e se agacha sobre o corpo de Joe. “Como você se sente, Joseph Edward De Angeles?”

Joe o olha curiosamente, incerto de ser o mesmo homem. Tenta se erguer, mas, novamente, o corpo não responde. Somente seus olhos se movem. “Você ligou pra emergência?”, ele pergunta, feliz por saber que ao menos seus lábios estão se movendo.

“Não há tempo para isso agora”, diz o carteiro com uma voz firme, pondo suas mãos frias no braço de Joe. Seus olhos têm a mesma frieza da mão. “Seu tempo chegou ao fim.”

Joe não consegue decifrá-lo. Espremendo seus olhos, detecta um olhar vazio e desolador no carteiro. Contudo é o mesmo homem, o mesmo uniforme bem-passado com a insígnia da águia do serviço postal no bolso esquerdo e um relógio de ouro chamativo. Um tremor corre pela coluna de Joe, que termina ao

redor da nuca com uma dor abrasadora. Sente-se nauseante. Seja pela tinta deramada ou pelo perfume insuportável do carteiro, ou até mesmo pela revelação aterradora, ele não sabe ao certo. “Não é possível!” ele exclama, ainda tentando achar seus óculos. Mas sua visão está misteriosamente perfeita, quando no passado tudo ficava embaçado sem os óculos.

“Tudo é possível neste mundo. Todos têm que morrer.” Seus olhos, inflexíveis como os de um Navy Seal com um alvo em mira, estão imóveis. Ele tem um sotaque tão estranho e alheio que Joe não consegue adivinhar sua etnia.

“Eu não tô morrendo, seu idiota!”, Joe refuta.

“Você está, sim!”

“Como você ia saber? É apenas um carteiro.”

“Apenas um carteiro? Está dito que a morte tem milhares de portas de entrada. Hoje, uso o serviço postal dos Estados Unidos.”

Joe está ficando cego com a intensa luz entrando pela porta da garagem, no entanto, pelo ruído no lado de fora, ainda está chovendo torrencialmente, e o uniforme do carteiro está seco. Ele se levanta, dá um passo para trás e, com um ágil repuxão, estala sua nuca. O ruído repulsivo enche os ouvidos de Joe, causando-lhe um tremor agudo. A ideia de que a própria morte esteja falando com ele o faz gemer de pânico. Ele então se dá conta do seu destino.

“Eu não posso... Eu ainda tenho que terminar--”

“É verdade”, o carteiro interrompe. “Você nunca chegou a terminar muita coisa na vida.”

*Ele tem razão!* “Escuta, eu preciso de tempo”, Joe apela. “Eu prometi coisas que ainda não cumpri, e--”

“Duas promessas, para ser preciso”, o carteiro o interrompe novamente em tom frio e taxativo. “Ambas irremediáveis. Você prometeu sobre o túmulo de sua mãe que pintaria essa casa onde mora e jurou sobre o túmulo de seu pai que leria o livro que Eddie deu para você.”

*Ele me conhece bem demais.* “Escuta, eu acabei de encontrar o livro. Juro que tinha perdido. Posso começar a ler ele agora.”

“Tarde demais para isso, Joseph.”

“Eu não tô pronto pra morrer, por favor. Faço qualquer coisa por mais tempo. Escuta, vamos fingir que nunca conversamos e eu não vou contar pra ninguém.”

“É claro que não vai contar para ninguém. É tarde demais para isso também. Contudo, sou paciente o suficiente pra esperar você se desapegar de tudo.”

Joe já nem ouve mais o carteiro. “Tudo o que peço é uma segunda chance.”

“Você teve chances demais, Joseph”, o carteiro responde. “Por demais vezes você prometeu que ia parar de fumar e conter o uso de álcool, mas nunca levou nada a sério. Teve quarenta e dois anos para limpar sua casa, mas nunca a pôs em ordem.”

Os pelos do braço de Joe estão em pé. Ele vê que esse homem sabe *tudo* sobre ele. Suas palavras o sufocam. Joe nunca imaginou que a morte poderia vir através do serviço postal. “Se sabe tanto sobre mim, você bem sabe que esta tarde eu tenho um encontro que pode salvar uma vida”, Joe diz de modo desafiador.

“Você não irá mais doar sangue.”

“Mas meu sangue é do tipo raro”, Joe balbucia.

“Era. O sangue ia para uma menina com reprodução defeituosa de glóbulos vermelhos. A vida dela se foi também. Vamos chamar isso de dano colateral.”

Haviam dito a Joe que não existia maneira de saber quem receberia o sangue que chegava ao banco. “Mas eu sei”, o carteiro diz, lendo a mente de Joe. “O nome dela é Emily e não há volta nisso, Joseph.” O homem soa paciente, mas sua voz não tem coração, como se não existisse alma por detrás.

“Escuta, hoje é primeiro de abril. Vamos fingir que isso nunca aconteceu. Me dá só trinta dias.” Ele percebe que suas palavras agora requerem um esforço extra para sair.

“Mas eu já estou aqui *agora*.”

Joe olha para o carteiro, pálido. “Eu mereço uma segunda chance. Fui um homem bom toda a minha vida.”

“Correto. Você *foi* um homem bom. Mas lembre-se: a chuva cai sobre os justos e injustos de modo igual.”

Com palavras arrastadas, Joe diz: “Então deixa eu só dizer adeus pro meu cachorro Miojo e para o Eddie.”

Um sorriso leve se forma nos lábios do carteiro, mas seu olhar taciturno é enervante.

“Joseph, a morte nem sempre permite um adeus adequado. A partir de agora, o Eddie não é mais seu chefe e amigo. Quando venho arrecadar uma vida, não existe mais depois ou amanhã, às vezes nem segundos.”

“Por favor!”

“Chega desse joguinho infantil!”, o carteiro o corta, estalando os dedos de uma mão. O som perpassa pele e carne, arrepiando Joe até seu âmago. “Eu tenho colhido vidas de crianças de dez anos que choramingam menos que você.”

*Apenas mais uma pergunta*, Joe intenciona.

O carteiro dá um passo à frente. “Uma.”

*Você realmente sabe tudo sobre mim?*, Joe tenta falar. Seus lábios se movem, embora inaudíveis.

“Eu sei *tudo* sobre você”, o carteiro responde, estalando seu polegar. “Eu sei que você odeia escovar os dentes e nunca faz a sua cama e que seu quarto cheira como uma jaula de macacos.” Para enfatizar cada frase, ele estala um dedo diferente, produzindo um estalido grotesco. “Eu sei da sua obsessão por ganhar na loteria. Também sei que você não consegue perder peso, não sabe como se portar com mulheres e, portanto, o seu vício em pagar prostitutas. *E também* sei que você tem baixa autoestima e quando se olha no espelho não gosta do gordo desleixado que vê. Você nem gosta do seu nome, Joseph. Precisa de mais?”

Joe sente como se esse estrangeiro o tivesse decifrado simplesmente olhando para dentro de sua alma com seus olhos mortos de serpente. Não existe nenhuma qualidade humana por detrás deles. Parece serem feitos de vidro. O que é pior é que o homem parece ter um sorriso zombeteiro no rosto. Ele se distancia novamente e para como uma estátua gigantesca diante do corpo estendido no chão.

*Eu prometo ficar sem álcool por trinta dias, e não vou tocar nenhuma mulher por trinta dias. Além do mais, vou escovar os dentes diariamente, fazer a cama e não jogar na loteria. Tudo sem voltar atrás em nada. Se eu falhar com qualquer uma dessas promessas, você volta pra me levar, mesmo antes de terminar o mês.*

“Se você continuar com essa brincadeira boba, corre o risco de ficar eternamente preso a mim”.

*Somente trinta dias!*

O carteiro curva seus braços ao redor da coluna lombar e começa a estalar a espinha numa sequência rápida de ruídos que deixam Joe nauseado, e então permanece em silêncio por um longo tempo e volta a se inclinar sobre Joe. Toca seu braço e sussurra em seu ouvido: “Ninguém nunca quer ficar preso a mim por trinta dias.”

*Estive aprisionado a vida inteira*, Joe intenciona dizer.

“Se você ficar preso a mim, verá trevas por toda parte e toda hora.” Por um instante, o rosto do carteiro se ilumina — ou a visão de Joe fica aguçada —, mas os olhos de ambos se entrelaçam de maneira bem mais profunda que com a Sra. Whalen mais cedo. Joe vê que por detrás do olhar do carteiro tudo está vazio, como que se estivesse olhando através de janelas escuras. O carteiro está certo. Ele estaria encurralado naquela vasta escuridão. Por outro lado, não quer morrer. É melhor suportar trevas por toda parte por trinta dias do que enfrentar a própria morte.

Joe detecta um quase imperceptível aceno da cabeça do carteiro e sente que finalmente existe um entendimento mútuo.

*Muito obrigado!* É o ultimo pensamento de Joe. Em gratidão, ele quer abraçar o estrangeiro, mas nada se move. Ele quer dizer que está comprometido a fazer sua cama todas as manhãs, escovar seus dentes às noites, mas nenhuma palavra escapa de sua boca. A luminosidade ofuscante que entra pela porta da garagem o envolve completamente. Nunca viu um dia tão claro em toda sua vida. Silenciosamente, o carteiro sai pela porta lateral, mas antes vira a chave do portão que fecha a garagem. Joe fica em silêncio na semiescuridão.

Fora a dor latejante em sua nuca, ele se sente envolvido por um surto de aconchego. Fica deitado até não mais sentir dor alguma. Suas duas promessas e tudo o mais ficam entregues para a morte. E ali mesmo, nada mais importa a ele. Seu coração bate uma vez e parece levar muito tempo até ouvir outro sinal. Algo dentro dele diz que precisa respirar urgentemente, mas ele *sabe* que já parou de respirar. Faz um esforço monumental para tragar algumas moléculas de oxigênio. Ainda ouve um rangido da irritante bomba de óleo no terreno vazio a poucos metros da garagem, e o ritmo dela até parece ajudar a bombear sangue para seu cérebro. O ruído metálico daquelas bombas o tem aborrecido dia e noite desde que passou a viver na casa de seu tio. No momento, sente que foi jogado para o fundo de um vasto depósito de óleo e que uma das bombas está a ponto de sugá-lo para fora juntamente com a gosma preta e lisa. E para fora ele ressurgiu, atravessando um túnel escuro até se encontrar ofegante e ansioso por ar. Precisa de toda a energia do universo para ter ar suficiente entrando nos pulmões.

*Meu Deus, isso aconteceu de verdade?*

Com seu corpo enfraquecido, Joe se ergue e procura seus óculos na semiescuridão. Ele os encontra, mas ao colocá-los vê que a luz entrando pela porta lateral fica turva. Quando os tira, enxerga com nitidez e precisão até os pingos da chuva lá fora batendo no concreto. Devagar, faz um balanço da situação. Está chovendo novamente. Ele sabe muito bem que *não* estava mais chovendo, a bomba de óleo tinha cessado e que ele tinha parado de respirar. Segundo ele, até o tempo parou.

*Morrer em trinta dias? Que diabo! Que bobagem é essa?* Sob uma aguaceira violenta, nada típica do sul da Califórnia, ele cambaleia pela chuva em busca de evidências do encontro que teve. A chuva grossa chicoteia suas costas, lavando a tinta, o sangue e a urina. Joe olha para todos os lados da rua à procura do homem com aquele sotaque estranho, mas tudo o que vê é a traseira de um viatura de correio desaparecendo morro acima, por detrás de uma manta de chuva. Ele tenta correr atrás do veículo com a intenção de alcançar o carteiro em sua próxima entrega, mas para de súbito. Tem um carro fúnebre estacionado um pouco

acima, com suas luzes traseiras ligadas. Pensar que o carteiro pode estar pilotando aquela coisa repelente faz com que Joe dê meia volta e retorne para casa.

Olhando para cima, ele vê que o céu no lado oeste está claro, com nuvens esparsas e um sol brilhante. Pelo leste, nuvens acumuladas despejam água com fúria. O céu parece dividido em dois, como noite e dia — um racho entre luz e escuridão. Por um momento, sente sua carne rasgada por duas forças opostas, como se estivesse sendo exprimido entre dois mundos — trancado entre a vida e a morte. Ainda ofegante, ele se escora na cerca que divide o terreno das bombas de óleo para encher os pulmões de ar. A chuva pesada começa a se mover rapidamente na direção de Hilltop Park, levando consigo o veículo e o carteiro, deixando para trás a memória do seu encontro com a morte e até mesmo o motivo pelo qual estava na garagem. Quando ele vê o seu velho Nissan estacionado na rua, seu primeiro pensamento é o de ter esquecido de finalizar seu turno.

Retornando à sua casa, evita espiar para dentro da porta lateral da garagem e se dirige diretamente ao espelho do banheiro. Com sua visão restaurada e sem óculos, quase não reconhece a si mesmo. Sua pele está branca e somente agora começa a tremedeira. Acende um cigarro para capturar um pouco de realidade. O gosto parece ter sido contaminado pelo perfume do carteiro. Joe fareja o ar do quarto, mas não sente nada fora do ordinário. “Meu quarto cheira a jaula de macaco?”, ele murmura enquanto liga o chuveiro. Atira suas roupas num canto como se o carteiro as tivesse infectado com uma doença incurável. No chuveiro, ele só espera que a água leve embora o cheiro repugnante e até mesmo a memória do que aconteceu.

Retorna ao espelho. Agora vê o mesmo homem que ele conhece e desgosta. Sobre isso, o carteiro tinha razão. Joe sabe que a conversa com ele foi real. *Mas hoje é sábado, e é meu aniversário.* No momento, o Timex de plástico aponta onze e quatorze da manhã. Ele vai até sua cama desfeita e ajusta cada cantinho do cobertor até ficar perfeita — caso o carteiro volte em trinta dias.

Velhos bilhetes de loteria estão espalhados pela cômoda apenas para lembrá-lo do que acabou de prometer ao carteiro, mas está determinado a provar que ele estava totalmente errado. Depois *vai* visitar Eddie, *vai* jogar na loteria e *vai* doar sangue de qualquer jeito, hoje e por anos vindouros.

*Eu não vou deixar um carteiro estúpido me convencer de que vou morrer em trinta dias.*

\*\*\*

A cidade de Signal Hill outrora chamava-se Morro Porco-espinho pelo fato de seu único morro se parecer com um deles, visto à distância. O morro estava apinhado de torres de petróleo apontando para o céu. Hoje, tem apenas algumas bombas gastas de metal, sem nenhuma semelhança com porcos-espinhos.

Do trecho da Freeway 405 que corta a cidade, o morro parece mais como uma berruga sobre uma pele rasa — a pele sendo a bacia de Los Angeles. A cidade inteira, com sua berruga, tem o privilégio de estar assentada sobre a falha de San Andreas. E, como uma berruga desprezível, Signal Hill não vai desaparecer, porque no último século resistiu a muitas brigas, guerras e terremotos. E ainda está de pé, forte. A berruga tampouco foi sugada para dentro da terra, apesar dos bilhões de barris de óleo sugados para fora do morro. Aguentou inesperadas erupções de petróleo escorrendo morro abaixo e manteve-se firme através de rajadas estrondosas de gás natural e fogos. Também sobreviveu a óleo verde-esmeralda jorrando em direção ao ar para depois chover sobre uma floresta de torres, desenhando um cenário apocalíptico no céu.

Apesar de tudo, Signal Hill é uma cidade, porque tem um Home Depot, um Target e um Costco e várias igrejas. E, embora o porco-espinho tenha perdido a maior parte de seus espinhos, ainda tem cerca de trezentos poços de petróleo assentados atrás de terrenos vazios e cercados, e uns dez mil habitantes de várias etnias vivendo em casas construídas com desleixo. Joe De Angeles se abriga numa delas.

Joe sai pela porta da frente e segue para o carro. Somente ao ver a mochila de pizza estufada no assento do passageiro, se dá conta de que estava fazendo uma entrega. Ele põe sua mão em cima e percebe que estão mornas. Sem nenhuma condição de dirigir, logo se encontra caminhando e bufando os vinte blocos até o condomínio de Eddie em South Wrigley. Em todo percurso, está em constante vigia por veículos que entregam o correio, ou melhor, por um carteiro que faz entregas excepcionalmente incomuns. No momento, Eddie é a única pessoa que pode ajudá-lo. Ele já provou isso inúmeras vezes desde que o conheceu há quatro anos e, embora seja oito anos mais novo que Joe, faz coisas que somente um pai zeloso faz por seu filho — de um simples conserto, resgatá-lo na penitenciária e até mesmo conseguir um lugar em Signal Hill sem precisar pagar aluguel. Ainda o aconselha, o mantém longe de problemas e com certeza vai levá-lo hoje à Cruz Vermelha, mesmo que apenas para provar que o carteiro estava errado.

Joe continua caminhando e sente sua respiração quase tão pesada quanto seu corpo. Acende vários cigarros, todos com um gosto diferente. Ele está convencido de que o pacote inteiro está rançoso. Contudo, sua visão foi miraculosamente retificada. Consegue ler o nome das ruas sem os óculos, mas ignora não somente os nomes das ruas transversais da Pacific Coast Highway como também a luz vermelha dos semáforos.

Eddie alega que morar em South Wrigley é o lugar perfeito para se fazer invisível. Mas o motivo pelo qual um sujeito que gerencia três pizzarias na área de Long Beach decide viver naquele lugar permanece um mistério a todos os



seus empregados. Nessa cidade, Eddie vive a vida de um cara simples e humilde, que não precisa provar nada a ninguém. Seu apartamento é uma das vinte e quatro unidades de um complexo de dois andares. O prédio, todo desbotado e sem expressão, lembra um pombal pintado com um nauseante amarelo, não muito diferente de ranho. E, bem como pombas, os locatários vêm e vão — todos transientes. Só dirigindo pela rua de Eddie, a uns blocos do rio Los Angeles, você pode entrar em profunda depressão. E, se observar os prédios, é possível se sentir triste ou estar sujeito a ataques de choro. Também, se olhar com atenção os rostos dos transeuntes, vai entender melhor o sentido da palavra desespero e inutilidade. Se alguém fizer o erro de permanecer por mais de duas horas em South Wrigley, pode bem render-se ao suicídio. Um pouco ao sul da vizinhança, atravessando a Pacific Coast Highway, alguém começa a exibir sintomas de ansiedade. Após apenas três blocos na Avenida Magnolia, sentir-se-á tenso. Mais ao sul ainda, terá arrepios e suará muito, uma vez que nunca se sabe de qual lugar a bala pode vir. E, pelas alturas da Willmore, você pensa que está vivo, mas não está! Você está morto e morreu no inferno.

Joe sobe as escadas até o segundo andar e bate impacientemente na porta da frente de Eddie, com a urgência de alguém com pouco tempo. Sem resposta, ele bate mais forte. Nada. “Eddie, sou eu. Você pode me levar pra Cruz Vermelha?” Silêncio. Ele bate na janela da sala. “Eddie, eu preciso de ajuda. Dessa vez a coisa é feia.”

Joe ouve o clique de uma porta abrindo, mas é do apartamento ao lado. Um velho maltrapilho em pijama de seda púrpura e óculos escuros aparece na sacada vizinha. Sua pele se parece mais com um gnomo. O velho procura o corrimão para guiar seus passos. Seu cabelo é grisalho e crespo, e mesmo estando a três metros de distância e sem óculos Joe consegue ver as unhas compridas e quebradas do homem. Ele arrasta seus pés até o canto da sacada, como se estivesse encarando Joe. Por causa do layout assimétrico do pombal, com cada apartamento construído ombro a ombro, alguém pode facilmente pular de uma sacada à outra. Mas não esse cego.

Como último recurso, Joe tenta acordar Eddie através da janela do banheiro semiaberta, mas quando espia para dentro ele enxerga os olhos de uma fera negra a centímetros da cara dele. O gato pula da janelinha e Joe cai com força no chão de concreto. O gato salta até a sacada do vizinho e dali pula direto nos braços do cego. Mas Joe sabe que Eddie nunca teve um gato.

“Que ouve, benzinho?”, o velho sussurra nos ouvidos do bicho, agora embalado em seus braços.

Joe se ergue do chão e ouve o velho falando com o gato.

“Eddie não se encontra?”, o velho pergunta ao gato, que responde com um miau agoniado. “Escuta, Homer. Eddie partiu. Ele não é mais seu melhor amigo. Sinto muito, mas nem sempre há tempo para dizer adeus.”

O corpo de Joe enrijece. Ele corre escada abaixo na direção da rua, lembrando que o carteiro havia dito exatamente a mesma coisa.

\*\*\*

Com rapidez, Joe vai até a East 29th Street, na esperança de chegar à Cruz Vermelha antes de fechar. Seus dedos automaticamente vão ao bolso da camisa para pegar um cigarro e nota que não sobrou nenhum.

Ele chega ao prédio em tempo, mas as portas estão trancadas. Joe espia pela porta de vidro e vê um guarda magrela em uniforme amarrotado na sala de espera. Joe dá uma sacudida na porta. O homem vira a cabeça e Joe acena para ele. “Eu preciso doar sangue”, ele grita através do vidro. O guarda o olha, sem expressão, e então desaparece de vista. Joe fica sem saber o que fazer e arrasta seu corpo pesado de volta para a rua, refletindo sobre as palavras do carteiro, “você não vai mais doar sangue.” Essas palavras o perseguem em cada passo e após dez blocos sua respiração está ficando pesada.

Joe se dirige ao mercado de bebidas mais próximo para comprar cigarros quando uma faísca de esperança se acende nele. Ele vai comprar um bilhete de loteria apesar da advertência do carteiro de que não haveria mais tempo. É verdade, Joe jogou na loteria religiosamente durante anos e Eddie tentou martelar em sua cabeça de que jogar na loteria é como trabalhar duro por zero salário e que o sistema lotérico poderia muito bem ser eletronicamente manipulado por alguma sombria agência do governo. Mesmo assim, jogava com obsessão, sempre os mesmos números e sempre na mesma agência.

O caixa deste mercado, um senhor vestido elegantemente e com turbante, está focado num show de TV com vozes gritantes e uma língua que Joe não reconhece.

“Uma SuperLotto no escuro”, diz Joe.

Os olhos do atendente continuam grudados na tela.

“Eu disse, uma surpresinha da SuperLotto.”

“Você não consegue jogar”, vem uma voz dos fundos da loja.

Joe se vira abruptamente.

“Não dá para jogar! O sistema está fora do ar.” Um jovem, agachado na frente do refrigerador armazenando sodas, se levanta. Ele tem um e oitenta e cinco de altura e olhos cinzentos, é loiro, com pele rosada e lisa, deve ter por volta de vinte anos e é limpo demais para estar trabalhando ali.

*Tem algo fora do lugar aqui.*

“Caso você se pergunte como consegui esse emprego”, o cara loiro diz, como se lesse o pensamento de Joe, “eu costumava ser modelo para Dolce & Gabbana, mas eles me demitiram.” Usando o reflexo do vidro, ele se olha com admiração e ajusta uns fios de cabelo.

Perturbado, Joe passa para o lado e procura um pacote de seis cervejas ou algo mais forte que possa fazê-lo esquecer que esse dia existiu.

“Eu estive num acidente de carro e quebrei minha mandíbula”, o rapaz continua. Ele dá um passo mais perto de Joe e abre a boca para mostrar uma fileira de dentes faltando na parte esquerda inferior. “Agora você sabe porque me dispensaram.”

Joe olha para o lado e pergunta: “O que você quer dizer com ‘o sistema da loteria está fora do ar’?”

“Significa que você não pode jogar. Descobriram que a gravação do sorteio da última quarta-feira foi feita *antes* do tempo real. Isso deu um tempinho para alguém jogar os números daquela gravação. Também descobriram que todos os números jogados na Teimosinha foram isolados por um software para que nunca acertassem.”

Joe para, completamente desconsertado.

“Aqui”, sugere o jovem loiro, pegando uma garrafa de Canadian Mist numa prateleira. “Tente esse. Não se preocupe, o que tem dentro não é o que está no rótulo. É uma mistura de bebida espirituosa neutra.”

“Obrigado, mas eu só entrei aqui pra pegar cerveja e jogar na loteria.”

“Pois é, mas não vai poder jogar dessa vez.” Ele abre a tampa e leva o bico da garrafa até seu nariz. De olhos fechados, ele inspira fundo. “Desde o acidente, perdi o senso do cheiro e paladar. Mas não faz mal, os espirituosos nem têm cheiro ou gosto.” Ele apanha dois copinhos de uma prateleira embaixo da cafeteira e chega ainda mais perto de Joe. “Você me parece ser um cara legal, mas, para ser honesto, está um tanto estressado. Relaxa, cara. A vida é curta.” Numa fração de segundo, o rapaz está segurando um copinho de tiro com um líquido verde vistoso a poucos centímetros do nariz de Joe.

“Arde um pouquinho na hora de descer, mas aquecerá sua alma.” Os olhos do loiro revelam um toque de tristeza, no entanto inspiram confiança. Joe pega o copinho, cheira e o vira. Não há sinal de ardência, mas, ao ir para o caixa pagar, sente uma calma, seguida de uma agradável sensação de alívio. Mesmo sem pedir por uma carteira de Marlboro, o cara já vai lhe estendendo uma, junto à garrafa de Canadian Mist num saquinho marrom. “Meu nome é Daniel. Com o restante na garrafa, não vai precisar de comida por vários dias.”

“Quanto?”

“Hoje, deixa comigo”, diz Daniel, revelando seu sorriso deformado. Com a falta de dentes, ele parece mais assustador que o cego de unhas quebradas, mas sua atitude compensa o defeito físico.

Joe sai da loja de bebidas com um pacote novo de cigarros, uma garrafa com algo que de fato parece estar aquecendo sua alma miserável e uma sensação de que aquele jovem loiro estava desesperado por companhia.

\*\*\*

Joe volta para casa de seu tio, tomando alguns goles aqui e ali, mas tem a sensação de que esse negócio verde brilhante evapora mesmo antes de chegar na garganta. Mesmo assim, está atenuando seu abalo emocional a ponto de as palavras do carteiro perderam a sua força sinistra. Ele se pergunta se foi Deus quem restaurou sua visão e salvou sua vida esta manhã.

Um por um, seus Marlboros são extintos depois de duas tragadas somente — todos sem gosto. Joe chega em casa e leva as duas pizzas do carro para dentro, se perguntando quantas vezes a pizzaria chegou a ligar para ele. Só quando entra na casa percebe que algo está errado. Miojo não está esperando por ele; apenas se lembra de tê-lo visto por último na garagem. Se apressa até a cozinha e espia pela persiana. “Miojo...? Mi!”

Ele toma mais dois goles e ainda não tem certeza se aquilo é álcool de verdade. Mas dessa vez o líquido atinge seu estômago — firme o suficiente para dar coragem de sair para o quintal e procurar o cachorro.

“Miojo?”, ele sussurra. Quando vê a porta lateral da garagem fechada, Joe para. Até mesmo o medo de tocar a porta o domina. “Miojo?” Sem resposta. Se aproxima um pouco mais e tenta virar a maçaneta. Está trancada.

Joe se apressa para dentro de casa, joga duas fatias de pizza num prato e o coloca no lado de fora da porta. “Sinto muito, Miojo.” Através da persiana, olha para a garagem, tentando se lembrar do que estava fazendo lá pela manhã. Ele dá uma mordida numa fatia de pizza para se sentir mais sólido. Tem gosto de borracha. Não consegue sentir nenhum dos temperos destinados ao senhor Gutierrez, tampouco consegue engolir.

Ele se joga na cama com outro cigarro. De novo, sem sabor. Finalmente, para escapar de tudo o que aconteceu no seu aniversário, recorre à sua distração mais imediata — televisão. Consultando os canais, nada chama sua atenção e nenhum dos shows faz sentido, exceto a notícia de um acidente fatal na Freeway 405 bloqueando pelo menos três faixas. As horrendas imagens mostram carros capotados e corpos mutilados. “Houve relato de quatro vítimas fatais”, diz o jornalista.

*Quatro mortos e nenhum teve a chance de dizer adeus. Pelo menos eu ganhei trinta dias.*

“O único sobrevivente”, o repórter continua, “se encontra num estado de amnésia global transitória. Um membro da família nos informou que, apesar dos ferimentos leves que sofreu, ele não consegue se lembrar do que aconteceu, nem mesmo horas antes do acidente.” O médico, de olhar sombrio, aparece na tela e explica com mais detalhes a condição do paciente: “Esse tipo de amnésia pode também ser causado por um AVC ou ataque epilético, mas, neste caso, a confusão e repentina perda de memória é resultado de trauma físico.”

*Amnésia? Eu não lembro do que tava fazendo na garagem, mas com certeza nenhum trauma físico.* Joe considera assistir o restante de Forrest Gump, mas nem a Robin Wright tocara seu coração. Ele pega a garrafa com o líquido verde, mas está vazia. É possível que o líquido verde tenha atingido seu coração e anesthesiado sua dor. Joe não se sente bêbado, mas as palavras do carteiro se tornaram apenas um eco reverberando na sua cabeça. Se tivesse um pouquinho mais do que tinha na garrafa, talvez fosse apagar o cheiro do carteiro, seu sotaque, seu olhar vazio e, mais importante ainda, suas palavras. Talvez até transformasse aquele homem estranho num carteiro qualquer que faz entrega normal para um Joe qualquer.

*Fazer a cama, limpar a casa, escovar os dentes.* Ele tenta esquecer tudo isso, mas as palavras do carteiro ainda o atemorizam. Deitado na cama e olhando as paredes vazias, tenta encontrar o motivo que o levou à garagem, mas ele apenas se lembra da violenta tempestade seguida por uma luz brilhante entrando pela porta. Para se sentir um pouco mais calmo, vai até o banheiro e escova seus dentes.

“Tá vendo? Como prometi!”, ele declara, respingando pasta no espelho, como se o carteiro pudesse ouvi-lo.

Senta-se na cama, costas contra a parede, pensando na absurda roçada com a morte no dia de seu aniversário. *Nem mesmo um ‘feliz aniversário’ do Eddie!*

Horas se passam. Ainda sentado, ele escuta o confortável zunido das bombas de óleo. Essa madrugada, elas trazem uma sensação calma de realidade.

A manhã o saúda com uma inquieta lembrança de que ele pode ter apenas vinte e nove dias para pintar a casa e ler o livro de Eddie.

# Dia 2

---

## LIMPAR A “CASA”

Joe rasteja para fora da cama. No espelho do gabinete do banheiro, percebe alguns salpiques de tinta branca no seu braço e se pergunta onde andou se encostando. Todo o resto, seu queixo duplo, olhos cinzento-aguados e um rosto tão sem gosto quanto macarrão sem molho, continua igual. Mas por debaixo de suas sobrancelhas grossas enxerga além do que se reflete no espelho — de que seus dias podem estar contados.

*Cigarro!* Ele cata o último. Procura o isqueiro por toda parte — no bolso do uniforme, junto à cama e até debaixo das meias espalhadas pelo chão. Sem resultado. Ele traz seu último cigarro até o nariz para inalar o doce aroma do tabaco da Virgínia. Hoje não tem nada de doce nele, mas ao menos lhe dá um peculiar senso de normalidade. Por um instante olha para o cigarro com uma inefável afeição, e se surpreende levando-o para o vaso do banheiro e dando a descarga.

Quando Joe começa a pensar na quantidade de vezes que voltou atrás nas decisões de parar de fumar, sente-se inseguro. Lembra que prometeu ao carteiro que não voltaria atrás em nenhuma de suas decisões, mas desta vez encontra uma certeza que nunca teve antes. Sabe que não fumará até o fim do mês, e a confiança em sua nova resolução vem acompanhada de um entusiasmo nervoso. As palavras do carteiro “limpar a casa” não lhe vem à mente até perceber o quão desorganizado e sujo seu lugar é, de uma maneira nunca vista antes. Primeiro arruma sua cama prestando atenção aos mínimos detalhes. Para um homem sem treino militar, está esmerada, com cantos magnificamente nivelados e franha tão perfeitamente esticada a ponto de quase rasgar.

Utilizando-se de um esfregão, Joe começa a limpar o piso do banheiro até não restar uma só mancha. O próximo é o vaso com suas crostas. Depois do vaso cintilar de tão limpo, sua mão instintivamente busca um cigarro no bolso da camisa. Espera que o onisciente carteiro perceba que está honrando sua decisão de não voltar atrás. Até mesmo fazer a barba se torna parte da limpeza. Se barbeia com rapidez, como se a pressa o ajudasse a raspar o gume áspero de sua ansiedade. Depois, de forma obstinada, recolhe todos os bilhetes de loteria espalhados pelo quarto e os manda descarga abaixo pelo vaso do banheiro.

Após todo esse trabalho, sua cabeça ainda gira em torno das promessas feitas ao carteiro. Joe ainda não lembra o que estava fazendo na garagem, falando com um homem cujas palavras eram ditas como que num sonho, mas que ainda hoje soam reais. Desloca-se até o quintal e percebe que a comida de

Miojo não foi tocada. Com passos cuidadosos, volta até a porta lateral da garagem e chama: “Miojo?” Mas o silêncio prevalece. O dia começou sem cigarro e sem Miojo, e desse modo começa uma busca diligente atrás do seu cachorro na própria rua.

Joe não o encontra em nenhum lugar e só cinco blocos distante de casa percebe algo ameaçador — um luminoso carro fúnebre virando a rua e vindo em sua direção. Seu coração falha uma batida e novamente sua mão procura por um cigarro no bolso. Parece ser o mesmo carro que viu ontem durante o temporal, por isso dá meia volta e caminha rapidamente na direção contrária. Tomado de pavor de que o motorista seja o carteiro em pessoa, vira a cabeça uma vez para ver se aquele veículo horrendo está mais perto. O carro continua seguindo-o lentamente por uma quadra inteira, e sua mente agora acelera mais que o coração. Pensa em correr para casa, mas na condição física não aguentaria cobrir quatro quadras. Então olha para trás novamente e vê que o veículo está manobrando para seguir em outra direção.

“Pelo amor de Deus, alguém me dê um cigarro!”, exclama para a rua vazia, arrependendo-se da decisão anterior. Ele retorna para casa, olhando para trás várias vezes, o cachorro completamente esquecido. No momento que dobra a esquina de sua rua, Hillside Drive, o carro fúnebre reaparece silenciosamente, a menos de cinco metros de distância, deslizando sobre o pavimento. O único som vindo é do estalido das folhas secas embaixo dos pneus. *Tá bom, então! Vamo ver o que esse estranho quer.* Joe para e espera.

O veículo vai freando lentamente ao seu lado. Está pintado em tons gradientes que vão do preto ao cinza e prateado. O reflexo do sol contra as linhas polidas e prateadas é ofuscante, e o céu tem nuvens de algodão refletidas nas janelas lustrosas. O vidro matizado do motorista desce silenciosamente.

“Esta é a cidade de Long Beach?”, pergunta a motorista, esticando sua cabeça para fora. Joe não esperava ver uma mulher, muito menos uma elegantemente vestida. Com olhos semicerrados, ele olha para a loira esbelta em traje preto e extravagantes óculos de sol. Ela tem uma aparência distinta, mas o batom arroxeadado lembra mais uma rameira dum trecho da Pacific Coast Highway em Signal Hill.

“O que a senhora procura?”, ele pede.

“Esta é a cidade de Long Beach?”

“Não, a senhora está em Signal Hill.”

“Você está bem?”, ela pergunta olhando-o de cima a baixo. “Parece estar tremendo.”

Ele busca uma resposta coerente, mas nada lhe vem à mente. Percebe que o veículo se move lentamente enquanto ela olha casualmente para um bloco de anotações.

“Provavelmente você está se perguntando a respeito da suprema engenharia deste magnífico veículo”, ela diz eventualmente. “É tão silencioso que eu quase ouço os passageiros respirando ali atrás.”

Joe move a cabeça ligeiramente e enxerga um enorme caixão preto assentado na parte traseira. Tem a sensação de que o mesmo cheiro de formaldeído que impregna as paredes de um mortuário está escapando do veículo macabro — o mesmo cheiro que foi cauterizado em sua memória no dia que viu seu pai num caixão.

“Os mortos buscam silêncio”, ela diz, ainda procurando por um endereço. “Dar um Mercedes a eles é o mínimo que a gente pode fazer.”

“Não sei nada sobre carros.”

A mulher puxa os óculos um pouco para baixo e perscruta. “Eu estou aqui pra apanhar um corpo. O endereço é —”

“Sinto muito, eu não conheço nenhuma rua de Signal Hill.”

“Estou achando que vi você ontem em meio ao temporal.”

O rosto de Joe fica rígido. “Com certeza não fui eu. Desculpe, mas preciso achar meu cachorro.”

“Engraçado, por um momento pensei que você estivesse fugindo de mim. Sua respiração ainda está superficial.” Ela dá um olhar de soslaio, meio malicioso. “Você precisa de uma carona?”

“Não... Obrigado.”

A mulher acena levemente e empurra seus óculos de volta, cobrindo seus penetrantes olhos verdes. A janela fecha lentamente, e o carro fúnebre se move para frente como uma silenciosa nuvem escura, deixando suas veias latejando. *Minha respiração está superficial?* Ele para debaixo de um pé de jacarandá e nota que pingos de suor escorrem pela sua testa. Seu corpo e coração não exercitavam assim fazia anos.

De volta em casa, olha para a secretária eletrônica, a mesma que possui desde os anos oitenta e cuja luz não está piscando. Ele esperava ao menos uma ligação de Eddie cantando parabéns fora de tom e algumas da pizzaria Fired-Up a respeito da entrega que nunca chegou ao destino. *Sinto muito, Mijo, mas eu preciso encontrar Eddie primeiro. Preciso de dinheiro.*

Seu carro Cherry da Nissan, apelidado de Osso pelos colegas de trabalho, porque não passa de um esqueleto de carro, foi recentemente pronunciado irreparável pelo seu mecânico, o qual declarou que o fato de Osso ainda estar



funcionando era por si só um milagre. As manchas vermelho-escuras que cobrem a lataria parecem mais um câncer de pele — um câncer tão contagioso que mantém outros motoristas distantes. Hoje, Joe e seu Osso estão na reta final e ambos precisam de um motor e uma vida nova, uma missão nova: correr atrás de um livro e um empréstimo para comprar tinta.

\*\*\*

Assim que Joe estaciona na calçada em frente ao prédio de Eddie, vê o mesmo cego de ontem saindo do prédio para a rua. Ele usa uma bengala empenada para se guiar pela calçada estreita. Movendo-se devagar, com uma mão bate a bengala agilmente no concreto e a outra serve de berço para o enorme gato preto. Joe o espera passar para chegar ao apartamento de Eddie, mas, assim que pega a maçaneta para abrir a porta, ouve um estrondo violento juntamente com o barulho de vidro se espatifando. O impacto provoca nele uma onda elétrica que abala seu corpo inteiro. Ele imediatamente pensa: *carteiro*. Porém, quando vira a cabeça para a esquerda, só vê o cego pairando sobre a porta.

“O que você quer?”, Joe pergunta, irritado.

“Eu quero que você nunca mais apareça aqui, pura-banha.” Além de unhas quebradas, seus dentes estão amarelados e os incisivos longos demais. O rosto dele parece estar coberto por maquiagem branca, e tem pequenas veias de aranha pela nuca e bochechas. O que mais confunde Joe é que o hediondo gato de cara chata e bochechas rechonchudas está dormindo profundamente e roncando nos braços do homem, apesar do ensurdecedor barulho de vidro estraçalhando.

“Meu amigo, Eddie, vive aqui e—”

“Seu amigo *vivia* aqui. Se eu te pegar de novo sondando o apartamento, vai ter que lidar com a mulher dele. E ela é uma bruxa em esteroide.”

“Cala a boca, seu velho deformado! Você pensa que me assusta com seus dentes podres e hálito de peido?”, Joe pergunta, levantando a voz. “Eddie é meu melhor amigo, e a mulher dele morreu há quatro anos. Então, além de não *ver* nada, você não *sabe* nada.”

Com o rosto frio como pedra, o cego tira seus óculos escuros revelando duas órbitas cavernosas. A vista é macabra. Um olho parece vidrado, como os olhos de um animal morto há dois dias na beira da estrada, enquanto o outro tem pontos ainda frescos segurando a pálpebra fechada. “Seu amigo se foi. Agora, se manda daqui.”

Joe força o motorzinho anêmico de Osso, agora com uma janela a menos, a caminho da pizzaria de Eddie. Ele se pergunta que tipo de criatura infernal vive por detrás daqueles olhos mortos. Uma coisa ele sabe com certeza: está sendo assediado.

Quando Joe chega ao centro comercial que aloja a pizzeria, imediatamente nota que o clássico Ford cor de rosa de Eddie não está estacionado em lugar algum. Tenta o beco dos fundos e tampouco está lá. Dali segue para sua loja de conveniência favorita, Spirits — Bebidas Espirituosas, na 7th Street, onde religiosamente jogou na loteria nos últimos quatro anos. Spirits, meia milha distante da Fired-Up, sobrevive numa quadra desvalida em um dos bairros mais purulentos de Long Beach. A loja de conveniência está espremida entre um estabelecimento vietnamita de lavagem a seco e um escritório de advocacia, Valdez & Brown Seguros de Acidente, dedicado à imigração de latinos sem documentos. Todas as lojas estão abarrotadas numa esquina com apenas cinco espaços para estacionar, um reservado para deficientes — sempre ocupado.

O gerente da Spirits é amigo próximo de Joe. Omar Al-Baligha veio do Iraque com um sonho e acabou desembarcando em Long Beach para se juntar com um primo distante, irmão na mesma crença. Poucos do local saberiam pronunciar seu nome corretamente. Nada surpreendente nisso, mas levou apenas uma semana para uma trans bêbada da vizinhança apelidá-lo de O.B. — e grudou. E foi só alguém chamá-lo uma vez de Tampax ao invés de O.B. para mostrar o verdadeiro fogaréu Al Qaeda saindo pelos olhos. Com abrasadores olhos de carvão-preto saltando sob espessas sobancelhas apenas centímetros distante do rosto do freguês, O.B. ameaçou esfolar a pele e assá-lo vivo, a la shish kebab humano. Além desse dramático e isolado incidente, sempre projetou uma aura de calma e confiança.

O.B. e Joe se tornaram amigos próximos e fizeram um pacto. Se um dia Joe ganhasse na loteria, O.B. ganharia dez por cento. Pacto esse juramentado. Hoje, Joe entra na casa de bebidas com uma necessidade suprema de ver um rosto familiar para trazer algum senso de normalidade para o seu dia. Antes de entrar, vê dois homens no topo do prédio pendurando uma enorme bandeira azul e dourada: “Parabéns à cidade de Long Beach e Spirits pelo ganhador da Mega Milhões, 31 de março de 2006.” Joe fica tão comovido com o cenário que mal consegue se situar no seu ambiente mais familiar, lugar de comprar cigarro, bebida e bilhetes de loteria. Quando vê O.B., se encontra olhando para algo nada familiar. O.B. está usando um turbante, algo que nunca usou desde que os dois se conheceram. Mas quando Joe se aproxima, vê que o turbante nada mais é do que uma grossa camada de gaze enrolada na cabeça. Os olhos de O.B. estão pretos e inchados, e tem um pequeno círculo de sangue ressecado na têmpora esquerda.

“O que houve, O.B.?”

“O que houve? Nós temos um ganhador da Mega, meu amigo!”, O.B exclama, com um sorriso de orelha a orelha, batendo de leve na máquina distribuidora com uma placa dizendo “*fora de serviço*”.

“Não, tua cara.”

“Ah, entrei numa briga bem feia com meu primo Ali. O que importa é que temos um ganhador.” O.B. se inclina para frente e sussurra: “Eu acho que sei quem é.”

Joe percebe seu amigo encarando-o. “Eu pensei que o sistema estava fora do ar.”

“Não pro Mega Milhões.”

“Mas a gente sempre joga na mesma máquina.”

“Somente a SuperLotto não registra. Checa seu bilhete, parceiro”, O.B. diz, jogando um maço de Marlboros para Joe.

Joe os devolve. “Tenho que chega.”

O.B. meneia a cabeça. “Checa seu bilhete. Caso for você o sortudo, ganho meus dez por cento.”

“Eu... eu não joguei na sexta passada.”

“Eu não disse que você jogou. Mas eu sei que cê joga a Teimosinha, e sempre com os mesmos números.”

Joe vê que tem algo  *muito* errado com seu amigo. Seu queixo está rígido e seu sotaque mais carregado. O.B. sempre se esforçou para não ter sotaque, e ainda estuda inglês diligentemente. Sempre acreditou que, se o rato é capaz de aprender a língua do gato e pronunciar *miau* com perfeição, nenhum imigrante terá conflito com hóspedes americanos. Na verdade, em cinco anos de América, O.B. desenvolveu um vocabulário mais amplo que os nativos, uma façanha conquistada através de pura perseverança. Mesmo assim, ele ainda mia com sotaque.

A ferida na têmpora de O.B. parece ter reaberto, pois uma gota de sangue acaba de cair no seu uniforme.

“Te mantenho informado”, Joe diz.

“Te vejo por aí, parceiro.”

Lá fora, Joe olha novamente para a data da extração no *banner*. Assim que entra no carro, começa o frenesi — uma desvairada procura por bilhetes de loteria. Virando o carro ao avesso, encontra vários bilhetes velhos, mas nenhum datado de 31 de março de 2006. Caso for o ganhador, desconfia que o bilhete original possa ter voado para fora da janela quebrada.

Em casa, começa a segunda louca rodada atrás de bilhetes. Procura em todos os lugares concebíveis. Bolsos, gavetas, atrás da cômoda e até no conge-

lador. *Se fui o ganhador, o vaso do banheiro engoliu ele. Foi a bosta da limpeza da casa!*

Joe se senta na cama com olhos esbugalhados, só enxergando a parede branca. Não lembra com certeza se jogou o Mega Milhões sexta passada. Ele sempre manteve firme o sonho de que um dia um poder benévolo pelo universo afora, contra todas as probabilidades, alinharia seus números favoritos e acertaria na loto. Se aquele poder finalmente se alinhou a seu favor, foi no dia errado. Pior, com uma sentença de morte pairando sobre sua cabeça. Das centenas, se não milhares de bilhetes vendidos na Spirits, se o bilhete era dele, desceu pelo vaso do banheiro esta manhã.

Ele olha para a secretária eletrônica. A luzinha ainda permanece apagada. Pega o telefone para ligar para Eddie, porém descobre que o aparelho está sem tom de discagem — provavelmente desde o temporal de ontem.

Sentindo-se traído pela decisão de não mais fumar, recorre a uma garrafa de Taaka dentro do congelador. Joe tem uma ardente necessidade de vodka para erguer seu espírito. Abre a garrafa e dá uma profunda inalada. Novamente nenhum cheiro. Justo antes do bico chegar aos lábios, ele ouve um estampido vindo dos fundos da casa. Pela fresta da persiana, vê seu tio Karl fechando a porta da garagem e indo até a caixa de correio pendurada no lado direito da porta grande. O homem enfia sua mão dentro, à procura de correspondência.

*O que esse cara tá fazendo aqui?* Além da inesperada presença, mais intimidante é o jeito como está vestido — um terno escuro ultra-bem-passado e sapatos pretos polidos a ponto de ofuscar os olhos. Joe não tinha visto seu tio desde que se mudou para sua casa nove meses atrás. *Esse homem não deveria estar aqui hoje.* Karl desaparece de vista, e, quando acredita que a ameaça iminente passou, Joe se dirige até a porta lateral na ponta dos pés, como um assaltante noturno. Está a ponto de girar a maçaneta quando a voz de seu tio ruge atrás dele.

“Veja só que surpresa!”

De que modo seu tio circulou a casa tão silenciosamente, Joe não entende. “Eu... eu não sabia que o senhor andava por aqui, tio Karl. Pensei que era o carteiro.”

“Carteiro? Num domingo à tarde?” Karl olha para a garrafa aberta na mão de Joe com um sorriso presunçoso. “Bem como o ditado diz, a maçã nunca cai longe da árvore. A fraqueza pela garrafa arrastou seu pai para o túmulo.”

Joe fica sem palavras. As juntas de seus dedos ficam vermelhos apertando o gargalo da garrafa. “Meu pai morreu num acidente de carro.”

“Sim, foi um acidente. Mas ele estava bêbado. Era um bêbado miserável e morreu como tal. Com *nada*! Quem você acha que pagou pelo funeral?”

“Não sei do que o senhor tá falando.”

“É claro que não sabe. Tal pai, tal filho. É disso que estou falando, garrafa e tudo. E não esquece que me deve aluguel por nove meses. Com juros, naturalmente. Essa propriedade ainda é minha e podemos arredondar a dívida para quinze mil.”

Com apenas alguns passos de distância, Joe vê lampejos de ódio vindo através dos óculos de seu tio. Sua barba perfeitamente aparada o faz mais ameaçador ainda, e assim fica apreensivo por não encontrar palavras diante da hostilidade do homem.

“Eu volto em três dias para cobrar meu aluguel, ou você muda essa sua bunda ociosa para longe daqui.”

“Mas o Eddie disse que eu podia ficar por–”

“Diz para aquele mexicano traiçoeiro que ainda me deve meio milhão de dólares.”

Sem a mínima ideia do que o homem está falando, Joe desaparece pela porta dos fundos enquanto as últimas palavras de Karl detonam cozinha adentro: “Quinze mil!”

*Meu Deus, o que tá acontecendo? Dois dias de loucura total!* Joe vai ao seu quarto para se situar melhor, certo de que esse *não* é o mesmo homem de boas maneiras que viu meses atrás, concordando com o aluguel gratuito. Atirado em sua cama perfeitamente arrumada, fica ruminando sobre a palavra *bêbado*. Com isso, chega a uma rápida decisão, bem como com seu último cigarro. Despeja tudo no vaso do banheiro. “Isso!”, diz olhando para a garrafa vazia. “Sem voltar atrás até o fim do mês.” Como ele vai dormir com cigarro, bebida e bilhetes de loteria vaso abaixo, ainda não sabe. *Limpeza*, uma voz interna comanda.

Joe apanha um saco de lixo grande e o enche com sua coleção de vídeos. Desde os filmes imbecis de pastelão até sua atriz favorita em *A Princesa Prometida*, tudo vai para o lixo. Na última gaveta, debaixo das cuecas gigantes, tira as fitas de pornografia da Jenna Jameson. *Limpar a casa faz sentido*. “É a coisa certa a fazer!” Sai para a rua e joga o saco na lixeira e fecha a tampa. “Isso também não tem volta”, diz para si mesmo, para a escuridão que o rodeia e para o carteiro. “Tá vendo? Tô limpando minha casa.”

Joe volta sentindo mais leveza na cabeça e no coração.

\*\*\*

Tio e sobrinho não se viam há trinta e cinco anos. Eles foram reconectados nove meses atrás através da intervenção de Eddie, quando Joe foi liberado da Los Angeles Central Jail. Na ocasião, não tinha onde cair morto. Hoje, tudo o

que sabe é que seu tio não deveria estar aqui, e também que não pintará a casa se ele realmente retornar em três dias.

A casa, sem nenhuma característica atraente, é nada mais que uma caixa amorfa assentada num lote estreito, com uma garagem afastada ao final do terreno. Está rodeada por dois terrenos baldios, ambos com bombinhas de óleo rangendo dia e noite. Esteve no mercado por dois anos, mas ficou esquecida pelos corretores de imóveis pela sua localidade — três quadras de um trecho da Pacific Coast Highway onde as damas da noite saem das tocas como baratas ao escurecer.

O jardim da frente está destituído de qualquer planta verde. Se um dia algo florescer ali é porque um cacto decidiu cuspir um broto por conta. A sala de visitas continua vazia, porque Joe se mudou sem mobília. Na cozinha, o refrigerador ainda não teve oportunidade de refrigerar um vegetal desde que chegou. E o congelador está repleto de pizzas, todas criadas por ele. De lá, as fatias viajam direto para a torradeira ao lado de sua cama. Ainda, a cafeteira fica numa mesinha do outro lado, com copos, colheres de plástico, papel toalha e o mais importante: o abridor de garrafa dos Lakers. Na verdade, o quarto tem mais utensílios do que a própria cozinha. Ainda obcecado por *limpar sua casa*, Joe leva tudo de volta para o ambiente original.

\*\*\*

Após escovar os dentes diligentemente, se olha no espelho e percebe mais tinta no seu antebraço. Não tem ideia de ter encostado em tinta recentemente, mas nada faz muito sentido nos últimos dois dias. Noite adentro ele olha para o relógio e acaba encontrando o isqueiro que estava perdido. O relógio ainda marca onze e quatorze em vermelho neon. Era onze e quatorze uma hora atrás e era onze e quatorze ontem de manhã depois de falar com o carteiro. O relógio parou. O tempo parou. Ele desliga o cabo e joga seu Timex no lixo. Joe começa a fuçar com o cabo do telefone para achar um tom de discagem — ainda inoperante. Reconhece agora que está desconectado do mundo há dois dias. Somente a televisão está ativa e funcionando bem, mas as imagens e palavras das pessoas fazem pouco sentido hoje à noite. Eddie uma vez havia lhe dito que uma TV ocupa certo espaço físico, mas muito mais espaço na cabeça das pessoas. “Aquela caixa de distração serve apenas para quem não sabe o que quer da vida”, dizia. Joe emudece o som, mas com o silêncio da casa quase consegue ouvir o tique-taque do carteiro. De acordo com o relógio do carteiro, ser um ganhador de loteria não conta muito. Se iguala a uma aposentadoria num caixão de defunto tamanho extra-largo, com seus dedos frios e rechonchudos enganchados sobre uma barriga de cerveja e com braços flácidos pressionando contra as paredes de madeira. Deitado na cama, sua mão automaticamente se estende

para o lugar onde Miojo costumava olhar televisão com ele por horas sem fim. É difícil conceber que vai passar o resto de seus dias sem seu fiel companheiro.

No dia em que Joe se mudou para essa casa, um cãozinho meio perdido juntou-se a ele. Um beagle entrou marchando pela porta dos fundos enquanto Joe comia uma sopa miojo. O cãozinho marcou sua presença dando um uivo alto e profundo. Apenas alguém que buscava uma vida melhor, assim como os imigrantes que trabalhavam com ele na Fired-Up. E, bem como um imigrante sem documento, o beagle não tinha etiqueta de identificação no colar, mas parecia estar em bom estado de saúde. Pelo simples fato de ter cruzado o limiar da porta sem ser convidado, tomou seu primeiro passo na direção de uma nova residência. Tudo o que levou para conquistar o coração de Joe foi ficar parado ali com seus adoráveis olhos marrons e uma testa tristonha.

Até então Joe nunca ouvira falar de um cachorro comer miojo com pimenta, mas ofereceu de qualquer modo. Comeu tudo. Depois de lamber o prato e soltar um pequeno *ruff*, Joe o apelidou de Miojo. Foi até a porta para espantá-lo, mas o cão se recusou a sair da cozinha. Joe deixou que ficasse um pouquinho mais, mas em menos de uma hora ele já estava deitado ao seu lado na cama assistindo televisão. Foi ali que ele ganhou sua residência permanente — um cidadão de Signal Hill.

Miojo era perfeito. Bem, quase perfeito. Não era só orelha mole com um focinho adorável. Ele tinha uma indisposição invisível que somente se revelou mais adiante — gases. As erupções rançosas e profanas se tornaram um risco biológico. Eram silenciosas, mas extremamente letais. Foi difícil aceitar o fato de que um cão tão pequeno pudesse produzir tanto metano nocivo, especialmente se fazendo de inocente.

Quando Joe o levou ao veterinário, descobriu que Miojo era alérgico a comidas picantes e intolerante à lactose. Seu aguçado senso de cheiro também era seu fraco. Ele adorava o queijo e os ingredientes picantes das pizzas da Fired-Up. O médico passou uma lista de coisas simples a fazer — uma nova dieta. Também prescreveu caminhadas rápidas, mas infelizmente ele tinha uma personalidade demasiadamente semelhante à de seu dono. E enquanto Joe ganhava a vida levando pizzas sublimes com coberturas inflamáveis, Miojo morria por elas. Porém, no final de tudo, havia amor mútuo — um profundo amor entre esses dois párias.

É tarde da noite, e ao estender a mão novamente para tocar Miojo Joe percebe que não tem mais cachorro, tampouco álcool, cigarros e relógio. Tudo expressa perda. Ele não consegue se livrar do pressentimento de que o carteiro poderá voltar no fim do mês. Com ou sem o relógio, ele entende melhor que existem muito menos amanhãs do que ele gostaria.

# Dia 3

---

## SOB CERCO

Joe acorda com um ruído alto e agudo. Levanta imediatamente. Espiando pela persiana, vê uma mulher ao lado de uma viatura de correio. Com panturilhas brancas do tamanho de duas melancias e um corpo mais largo do que a porta dos fundos, ela arrasta os pés até a caixa de correio. Ele se apressa para encontrá-la pela garagem.

“Bom dia”, ele diz.

“Bom dia”, ela responde sem olhar para ele, com o rosto ruborizado e suor escorrendo, quando são apenas nove da manhã.

“A senhora é uma substituta do nosso carteiro de costume?”

“Como?”

“Eu precisava falar com o carteiro que fez entrega sábado passado.”

“Houve algum problema?”, ela pergunta, separando o que pertence a Joe. A imensa barriga dela expande e se contrai com a respiração pesada. Seu uniforme azul não esconde as várias manchas de suor.

“Sim... quer dizer, não exatamente. A senhora não sabe se ele vai voltar?”

“Não sei dizer. Eu apenas trabalho meio turno fazendo essa rota. Tem certeza de que não posso lhe ajudar em alguma outra coisa?”

“Na verdade, não. Existe uma maneira de saber quem foi e onde encontrar ele?”

“Hum, era correspondência normal ou um *overnight*?”, ela questiona, finalmente mostrando algum interesse.

Joe faz um esforço para lembrar. A palavra *overnight* sugere algo, mas não consegue precisar. O que lembra é o diálogo que tiveram. “Só lembro que ele tinha um sotaque estrangeiro bem forte.”

“Meu senhor, isso aqui é Long Beach. Todos têm sotaque.” Ela larga um sorriso irônico e lhe entrega três itens, puro lixo eletrônico, e retorna ao veículo com seu traseiro balançando como um rinoceronte recuando mato adentro. A mulher chega no veículo e se vira devagar. “Apenas um lembrete”, diz ela, sua voz falhando um pouco. “Aquele caixa deveria estar afixada mais perto da rua. Eu contei trinta e seis passos indo, mais trinta e seis voltando. O senhor tem ideia do quanto temos que caminhar todos os dias?”

Joe encolhe os ombros, não entendendo como é possível ela estar tão fora de forma quando todos os carteiros são esbeltos.



Dez meses atrás, Joe ainda trabalhava diretamente sob a chefia de Eddie na By Pizza, a loja carro-chefe de uma pequena operação envolvendo três pizzarias. Ele foi levado à cadeia local de Long Beach por atacar um freguês a soco. Esse freguês, já famoso por fazer cambalacho, tinha fama de conquistar pizzas de graça fazendo queixas e acusações falsas sobre os entregadores. Todos os motoristas se referiam a ele como o Fuinha, uma vez que nunca dava gorjeta.

Na primeira vez que Joe teve um conflito com ele, Fuinha ligou para a pizzaria e alegou que o havia visto cuspir na pizza dentro do carro antes de fazer a entrega.

“Cêis tudo me trata como vira-lata! Só porque não tenho troco pra dá gorjeta?”, ele latia no fone. Em outra feita, enquanto contava centenas de centavos para pagar, ele perguntou a Joe: “Hey, cumé que cê não tem sotaque? Tudo zoutro *boys* têm sotaque. Cê não pode sê mericano, pode?” Essa alfinetada ficou trancada na garganta de Joe por dias.

Na ocasião da prisão de Joe, a entrega do pedido de Fuinha caiu justo em suas mãos. Ao chegar no apartamento, encontrou a porta escancarada. Um cheiro denso de cigarro e cerveja azeda emanava de dentro. Fuinha, em estado precário e com um sorriso cínico, se escorava na porta para não cair. “Pra um americano da tua idade tá levando pizza, cê deve se sentir um baita fracassado”, ele balbuciou e então riu, mostrando seus dentes faltando. “Que merda, nem parece que cê é branco.”

Como que um relâmpago, teve moedas voando para todos os lados. Joe calçou seu punho no peito do homem. O velho caiu para trás e, mesmo no chão, Joe deu-lhe mais dois golpes no rosto, quebrando seu nariz e respingando sangue por todo o seu uniforme. Os gemidos de pânico de Fuinha alertaram o vizinho ao lado, um homem corpulento que veio em socorro e conseguiu agarrar os braços de Joe e segurá-lo no chão até a polícia chegar.

Fuinha foi levado ao hospital Long Beach Memorial enquanto Joe foi para a cadeia local como prisioneiro não sentenciado. O juiz impôs uma fiança de cinco mil dólares por agressão a um idoso. Uma vez que Eddie estava em viagem ao México e ninguém para tirá-lo da cadeia, Joe foi transferido para a Cadeia Central de Los Angeles. No décimo primeiro dia, antes mesmo de o defensor público marcar data no tribunal, Joe golpeou um parceiro de cela, o suficiente para chamar a atenção do promotor. Ele havia presenciado um dos reclusos ser esfaqueado no chuveiro e era a única testemunha. Segundos depois, a mesma faca ensanguentada veio em sua direção. “Chegou tua hora também, pizza boy”, grunhiu o brutamontes, pronto para arremessar um estilete. No exato instante em que a lâmina atravessaria a garganta de Joe, o braço do monstro congelou no ar, como se uma força invisível estivesse o segurando. Com olhos arregalados,

o criminoso constatou que perdera o controle sobre seu braço e que seu corpo inteiro petrificou. Joe aproveitou o momento para nocautear o atacante. Com isso, outra acusação foi suscitada contra ele, acompanhada de uma avaliação psicológica. Ali Joe teve sua primeira pincelada com a morte.

Quando Eddie retornou do México, o juiz recusou-se a conceder a fiança estabelecida anteriormente. Eddie, que havia resgatado Joe em inúmeras dificuldades financeiras, viu que agora não era só dinheiro. Após treze extenuantes dias cercado de ralé, Joe foi inexplicavelmente solto. Deve isso ao seu tio Karl. Porém, perdeu seu emprego junto a Eddie. Lançaram-lhe uma ordem de restrição de cem metros da pizzaria, e caso descumprisse voltaria direto para a cela. Eddie mexeu alguns pauzinhos e conseguiu transferir Joe para uma pizzaria satélite, a Fired-Up, apenas a vinte quadras na mesma rua, mas numa vizinhança desvalida. Foi um verdadeiro retrocesso para Joe. Pior ainda, não tinha um lugar que pudesse ficar. Foi assim que Karl, através da persuasão de Eddie, concordou em acolher um sobrinho que não via há trinta e cinco anos.

\*\*\*

Na próxima tentativa para encontrar Eddie, Joe enxerga não apenas o Ford F100 cor rosa neon estacionado na frente da pizzaria, mas também o próprio Eddie sentado na direção. Hoje, a ordem de restrição nada significa. *Eddie não é mais meu amigo? Lá se vai a profecia babaca do carteiro!*

Mesmo a vinte metros, Joe já consegue ouvir Eddie acompanhando a música do estéreo, a todo volume, como sempre fora de tom. *“Até que um dia você se dá conta que dez anos ficaram pra trás”*, ecoa a música de Pink Floyd.

Joe abre a porta do passageiro e encontra Eddie de olhos fechados movendo-se com o ritmo, tão compenetrado na música que nem percebe a nova presença.

“Dá pra baixar o volume?”, Joe diz em voz alta.

Eddie apenas olha-o de relance, mas continua cantando, com uma lágrima descendo pelo rosto.

“O que houve?”, Joe pergunta, estendendo o braço para apertar o botão de desligar. Sem saber qual, ele aperta um botão que desencadeia um sinal de ruído branco. Eddie reage rápido e se vira para Joe, seus olhos são apenas duas fendas vermelhas e inchadas. Após fuçar mais, Joe encontra o botão que diminui o volume, mas Eddie o aumenta logo em seguida. *“De modo relativo”*, Eddie canta desafinado, *“o sol é o mesmo. Mas você está mais velho. Com menos fôlego e um dia mais perto da morte.”*

“O que tá acontecendo?”, Joe ralha, apertando o mesmo botão que produz crepitação estática.

“O que tá acontecendo?”, Eddie repete, palavra por palavra, apertando o botão de play, e logo em seguida o do ruído branco. “Você tá aqui!”, diz Eddie, virando-se para Joe, espantado.

“Claro que tô aqui. Andei te procurando como louco.”

“Como louco”, Eddie repete mecanicamente, virando a cabeça na direção do para-brisa e olhando para o espaço.

Joe tenta entender a expressão do rosto de seu amigo quando a ficha cai. “Então é verdade! Diz que é verdade que cê tá fumando aquelas drogas que os entregadores sempre falam.”

O olhar de Eddie continua fixo no espaço e então aperta o botão para voltar à viagem com a música do Floyd.

“Agora chega!”, Joe vocifera, finalmente acertando o botão de stop. “Escuta, Eddie. Tio Karl voltou e disse que a gente deve um monte de dinheiro.”

Eddie fica calado. Seu dedo se move devagar em direção ao botão do estéreo, mas para a centímetros do botão de play. Espera, sem olhar para Joe.

“Eddie, eu não tenho tempo pra essa merda hoje.” Nunca viu seu amigo com olhos envidraçados, como se estivesse possuído. “Eu só queria uma cópia daquele livro e um dinheiro pra comprar tinta”, Joe diz resignado, já com a mão na maçaneta. Eddie permanece imóvel, como que pregado no assento. Ele enxuga as lágrimas com seus braços, olhando atordoado para lugar nenhum, então apoia os braços no volante. “Livro e tinta.”

O som de uma forte batida de coração começa, seguido por um grito sinistro. Eddie move as mãos e braços seguindo a música como se fosse levitar.

“*Respire... inspire o ar...*” Eddie canta, acompanhando as palavras. “*Vá embora, mas não me deixe...*”

Antes de fechar a porta do passageiro, Joe apenas fica olhando para o amigo, que o ignora completamente. Eddie ejeta o CD e sai do carro. “Tenho uma cópia do livro em casa, seu babaca”, Eddie diz entredentes, como se estivesse falando para si mesmo. “Minha porta nunca tá trancada.”

Joe tem intenção de dizer algo sobre o vizinho cego, mas Eddie desaparece dentro da pizzaria. É a primeira vez que Joe se sente desconectado do seu amigo — hoje completamente irreconhecível, frio e hostil. Joe se retira do centro comercial, frustrado. *Ele nunca falou comigo desse jeito! Só pode ser aquela droga chamada peiote que o Ramon sempre fala.*

\*\*\*

By Pizza, a loja que Eddie administra diretamente, está localizada na Pacific Coast Highway, mas do lado que pertence a Long Beach. Nunca revelou muito sobre seu passado. Foi uma prima quem o trouxe clandestinamente para

a Califórnia via Tijuana quando ele tinha dezesseis anos. Seu nome verdadeiro é Eduardo Angélico Martínez. Tem um olhar felino, pele clara, perfeitos dentes brancos e musculatura típica de um leão montanhês mexicano. Nada longe de um adônis grego, mas de Mazatlán, Chiapas, sul do México. Tão bonito, de fato, que poderia ser modelo para qualquer etiqueta de moda — Armani, Prada, seja qual for.

De acordo com alguns rumores do pessoal mais invejoso da pizzeria, Eddie já foi modelo, mas recusou-se a posar de cueca, porque tinha perdido os testículos num relâmpago enquanto trabalhava no campo, mal conseguindo urinar.

A fofoca mais absurda surgiu de Rahim, o mais jovem dos internos. Ele jurou em nome de Allah que depois que Eddie conseguiu sua cidadania ele picou o corpo de Helena em nacos e empilhou os pedaços no congelador, tudo para herdar uma das três pizzarias do sogro. Tudo isso porque Helena não mostrou mais as caras na pizzeria nos últimos quatro anos. Carlos, o mais desprezível de todos, criou uma versão ainda mais engenhosa dessa história. Ele dizia que Eddie *teve* que matar a esposa porque ela o tinha encontrado na cama com o pai dela. Quando Eddie ouviu a saga, nem piscou. Era tão confiante de si mesmo que decidiu pintar seu Ford picape de rosa e mudar o nome da pizzeria para By Pizza, alegando que passaria a vender pizzas bissexuais. Em poucas semanas, a casa incrementou as vendas em no mínimo vinte por cento.

Os olhos penetrantes e a beleza masculina de Eddie nunca pararam de atrair moças e rapazes à pizzeria. Nenhum dos empregados entendia porque um cara tão charmoso, com covinhas ao sorrir para todos, podia se resignar a trabalhar num lugar tão desprezível, por tão pouco dinheiro, e, também, viver no distrito de South Wrigley para dormir. Eddie exibia coragem e autoconfiança. A diferença entre ele e todos os outros caras bonitos da Califórnia é o fato dele ser um leitor voraz. Lia Marx, Hegel, Hesse, os poetas simbolistas franceses, Sartre e até São João da Cruz, entre outros. Ele devorava livros. Leu tantos quanto Joe *não* havia lido. Na verdade, uma fofoca era verdadeira: ele estava casado com livros, não com Helena.

Eddie conheceu Joe no início de 2002. Helena estava convencida de que tinham uma conexão íntima. Isso tornou-a excessivamente ciumenta. Ela nunca gostou de Joe, e o sentimento era recíproco. Joe não se sentia à vontade perto dela. A mulher era linda, tinha uma pele azeitona perfeita e, obviamente, estava consciente disso. Mas tinha algo a respeito de seu nariz aquilino e penetrantes olhos escuros que sugeria uma fealdade que vinha de dentro. Certa vez, ela perguntou a Eddie por que ele protegia Joe tanto assim. A única resposta foi que ele tinha sido o pai de Joe na sua vida anterior. “Quanta frescura!”, foi a resposta dela. Depois daquele ano, ela desapareceu de vista e nunca mais retornou à pizzeria.

Para Joe, Eddie de fato era como um pai, um suporte financeiro e um amigo fidedigno em todas as situações difíceis. Hoje, pela primeira vez, seu amigo protetor foi inexplicavelmente distante — até frio. O cara que sempre esteve ali para ele hoje não estava. Com esse sentimento, sobrevém um medo aterrador ao se lembrar da sugestão do carteiro: “*ele não é mais seu amigo*”. Joe teme que a rocha mais sólida de seu fundamento foi tirada debaixo dele.

*Só podem ser as drogas.*

Joe se lembra de Ramon, que se vangloriava por ser descendente asteca e de como foi introduzido nas cerimônias religiosas de peiote por seu bisavô xamã. Também se gabava de seu vasto conhecimento a respeito do Santo Daime, explicando como essas drogas tinham o poder de levar os iniciados para o além, mantendo-os literalmente perdidos no tempo e espaço e até mesmo permitindo contato com os mortos que querem voltar para a vida. Mas até então Ramon se julgava um especialista em muitas coisas, motivo pelo qual acabou batendo massa de pizza da Fired-Up em tempo integral.

\*\*\*

Agora dirigindo para casa, Joe também se encontra perdido no tempo e espaço, mal ciente das mãos segurando o volante. Apenas a uma quadra da Obispo Avenue, é subitamente surpreendido por uma viatura do correio à sua esquerda. Com uma freada brusca, Osso dá uma guinada segundos antes de ser estraçalhado. O veículo do carteiro se obriga a frear e então se move bem devagarinho diante de Osso. Joe consegue ver claramente o rosto do motorista, com um sorriso sarcástico. A respiração de Joe paralisa.

É ele!

Não há tempo para pensar. Assim que o veículo do carteiro começa a se mover, Joe pisa no acelerador e vai atrás dele, coração praticamente arrebatando o peito. Ele mete o pé na sua fidedigna carreta japonesa por um bloco inteiro, com a intenção de interceptar o carteiro em algum quarteirão adiante. Consegue segui-lo por várias quadras, e, após muitas viradas à esquerda e direita, o carteiro faz uma esquerda na 29th Street estacionando bem em frente ao prédio da Cruz Vermelha. Joe mantém certa distância, mas quando o carteiro sai do veículo para fazer sua entrega, fica claro que Joe estava seguindo o homem errado. Não é o carteiro *dele*. Mesmo assim, crê que o carteiro é real — muito real. E se dá conta de que tem uma nova chance de contrariar a profecia do seu adversário, pois ninguém na Cruz Vermelha pode impedi-lo de doar sangue.

\*\*\*

Quando Joe soube, através de um exame médico, que seu sangue era do tipo raro AB negativo, logo pensou que isso significava dinheiro extra no bolso.

Pelo sacrifício de doar um pouco de sangue, o retorno seria bombear mais cerveja para a corrente sanguínea. Mas Eddie convenceu-o de que doar sangue é a forma mais nobre de altruísmo, pois o doador nunca saberá quem é o receptor, fazendo com que seja impossível esperar retorno. “Um verdadeiro presente não tem endereço de retorno”, Eddie insistia. Joe acabou prometendo que doaria sangue na Cruz Vermelha de Signal Hill a cada dois meses.

Hoje, sem o cartão de identificação, apenas pede para usar o banheiro. Mas vai direto para a imensa sala repleta de cadeiras do hemocentro. Uma senhora absurdamente idosa acena para Joe, mas ele não a reconhece. Seus cabelos são brancos como neve, e ela tem o rosto repleto de rugas. Uma jovem flebotomista aponta uma cadeira para Joe justo ao lado da anciã, a qual ele reluta em ocupar, porém não há outra disponível. Agora, a dois passos dela, ele ainda não a reconhece.

“Você leu as diretrizes pra doar sangue hoje?”, a flebotomista pergunta.

“Sim”, Joe mente, sentando-se.

“Você vai ter que sentar ao meu lado novamente”, a senhora idosa brinca, virando sua cabeça na direção dele. “Sou eu, Maya, não me reconhece?”

Joe deve ter sentado perto dela em uma de suas visitas, mas não lembra absolutamente nada sobre a senhora. Aliás, ele não conhece ninguém nesse lugar depressivo. Reclina na cadeira com a bolsa de plástico, mastro e régua ao lado, tudo no seu devido lugar. “Desculpe, eu quase me esqueci”, a ajudante diz, “preciso pegar os sinais vitais.”

Maya estica sua mão, toca o braço da flebotomista e gentilmente diz: “Eu vejo esse rapaz toda hora, querida. Ele está em ótimo estado de saúde.”

*Ela me vê toda hora?*

“Sinto muito, mas não posso. É protocolo.”

“Pode sim”, Maya diz a ela, mudando para um tom bem agressivo. “Agora, mete esse diabo de agulha no braço dele ou eu berro para todos nessa sala que você teve um aborto noite passada.”

A jovem petrifica. Com um olhar aturdido e rosto doentio, ela acaba omitindo a tomada dos sinais vitais.

“Eu tenho uma pergunta”, Joe diz, “Existe uma maneira de rastrear meu sangue até o recipiente?”

“Não, tudo vai para o laboratório central em Pomona”, ela responde, deixando Joe sozinho e desconfortável com a velha, cujo nariz e nuca estão repletos de verrugas. De relance, ele nota a pele dura e acinzentada, salpicada de manchas hepáticas. Ela está tão débil e decrepita que podia muito bem ter morrido um século atrás e hoje apenas estar simulando vida.

“A enfermeira perdeu sangue demais com o aborto ontem à noite”, Maya confidencia a Joe. “Ela está somente meio viva e muito confusa com a nova vida.”

*Como é que essa velha sabe disso?*

“Como sei disso?”, ela responde ao seu pensamento. Seu tom de voz muda, agora soando familiar. “Ela está aqui para coletar sangue, assim como eu.”

Joe dá uma olhada para o tubinho vermelho derivando do braço de Maya e se pergunta se é possível algumas pessoas coletarem sangue ao invés de doá-lo.

“Me permite acrescentar mais um detalhe?”, Maya continua. “Somente é possível no meu caso.”

Joe fica sem palavras. Ele se dá conta de que a velha o distraiu tão eficazmente a ponto de não perceber que a flebotomista havia inserido a agulha em sua veia mediana.

“Voltando à questão da doação de sangue”, a senhora continua, “seu amigo Eddie deve ter lhe dado um motivo muito peculiar para você doar sangue.”

“A senhora conhece o Eddie?” Ele a olha com espanto, surpreso de finalmente ter encontrado terreno familiar, mas ainda não reconhece o rosto dela.

“Somente o livro dele, na verdade.”

“O livro dele?”

“Sim, um livro com frases inteiramente dedicadas a mim, falando do meu poder absoluto sobre todas as criaturas.”

Joe começa a se agitar e olha para a agulha enterrada no braço, na pretensão de arrancá-la. Terminada a doação dela, ou *coleta*, a senhora calmamente separa a agulha de seu braço sem a ajuda de ninguém. Ele está aliviado, mas num instante Maya se move silenciosamente ao seu lado, tão próxima que ele consegue sentir o calor emanando do corpo dela. Ela se inclina mais perto ainda e sussurra, com seu hálito morno e voz rouca: “Por que você está tão ansioso, Joseph? Você me seguiu até aqui e agora está se borrando todo com minha presença? Eu não lhe falei sábado que a menina era dano colateral? Aceite a realidade do seu destino!”

Ele apenas enxerga a fria face da morte ao seu lado. Agulha e tubo voam para o lado, e Joe salta da cadeira, mas Maya bloqueia sua fuga.

“E eu não lhe falei que iria me ver em todo lugar?”, ela pergunta, nivelando seu olhar zombeteiro com o dele.

Joe corre para a saída de emergência. Em nome da própria vida, promete nunca mais doar sangue. Depois de meia quadra, seus pulmões começam a falhar. Após uma quadra inteira, olha para trás para verificar se está sendo seguido. Somente então lembra que deixou Osso para trás. Retorna, mas sempre

à espreita de qualquer veículo que entrega correio. Ele enxerga um estacionamento à distância, tal como um urubu pacientemente esperando por uma refeição, apenas para lembrá-lo do seu iminente fim se aproximando. Está desesperado por um cigarro, mas a ideia de voltar atrás na sua decisão de ontem é tão assustadora quanto o próprio carteiro. Mesmo assim, se pergunta se tudo isso não seria uma criação da sua mente. Nenhum filme de horror que já assistira poderia capturar o terror que sentiu quando aquela velha decrépita revelou sua face — o rosto cruel da morte.

\*\*\*

Uma vez em casa, estaciona Osso e, ao invés de entrar, se fastia da casa. Caminha com rapidez na direção de Hilltop Park. Ele pune suas pernas e pulmões morro acima, tentando fugir de algo sobre o qual não tem controle algum. Joe não se lembra de ter caminhado e corrido tanto como nos últimos três dias. Uma vez no topo do morro, encontra-se sozinho. Não tem uma alma humana e sequer um pássaro solitário pelo parque — apenas grama, bancos de concreto e uma bomba de óleo monstruosa esmerilhando noite adentro. Encontra-se sozinho com toda Long Beach e outras cidades ao redor agachadas sob uma grossa nuvem de neblina. Mal consegue ver as cintilantes luzes da cidade e seus carros ao redor. A luz mais brilhante é a que vem de uma torre de celular, piscando intermitentemente a cada cinco segundos. Ele contempla o piscar da luz vermelha como se ela tivesse algum poder milagroso para livrá-lo da morte.

O topo de Hilltop Park foi no passado um local de comando de indígenas para localizar inimigos na distância através de sinais de fumaça. Para Joe, a situação é semelhante. No caso dele, só tem *um* inimigo, mas sente como se o carteiro tivesse implantado tanques de guerra vindos de todas as direções ou um regimento de infantaria com lança-chamas rodeando-o, demolindo tudo que vem de encontro morro acima. Foi avisado de que seu inimigo estaria em todo lugar e sente, de verdade, que ele *está* em todo lugar, vigiando cada passo seu. Sabe que está sob cerco e não tem nenhuma tribo indígena para ajudá-lo nessa batalha.

A espessa neblina continua envolvendo-o e obscurecendo tudo ao redor, exceto a luz da torre piscando languidamente. Ele olha para a luz e suplica por ajuda como se ela fosse um deus urbano com algum poder redentor. “Me ajuda! Eu só quero minha velha vida de volta.” As únicas repostas que obtém é a mesma luz monótona e a chiadeira mecânica da bomboneira a alguns metros dele.

Então, como se já tivesse chegado ao final dos seus trinta dias de provação, um grito irrompe de dentro, chegando a calar tudo o que existe ao seu redor.

“Meu Deus, me ajuda!” Com certeza, seu apelo atinge todas as árvores, ruas e casas morro abaixo e, talvez, até a luz no alto da torre, porque finalmente



ele consegue *ver* algo através da escuridão. Percebe que o pouco tempo que lhe resta está sendo consumido pelo medo de morrer. A morte devia ter-lhe avisado muito antes, talvez trinta anos atrás. Mas, como todos os outros, ele nunca quis pensar sobre ela. Com o silêncio que se segue, algo dentro de si lhe diz para parar de choramingar ou fugir. A mesma voz assegura que muito pode ser feito em vinte e sete dias. A voz também diz que ele não tem a capacidade de deter o carteiro e que ainda há tempo para cumprir as duas promessas — meter as mãos naquele livro e pintar a casa. Por mais difícil que seja, ele *sabe* que pode. Olha novamente para a luz da torre e oferece um silencioso *muito obrigado*, como se o deus vermelho estivesse piscando de volta, dizendo “De nada!”.

Na volta, meia quadra longe de casa, ele vê o assombroso carro fúnebre que vira ontem. Hoje está estacionado em frente ao terreno baldio com as duas bombas de óleo, contudo mais perto da casa. Joe passa pelo veículo com certa distância, sem mesmo olhar para ele.

A caixa do correio está vazia, exceto por um panfleto de propaganda oferecendo aconselhamento espiritual ao residente. O panfleto com uma dobra, de um cartomante da Aqui & Além, contém um desenho medíocre de duas mãos quase unidas, com um olho ao centro que vê tudo. Dentro, em letras minúsculas, há uma oferta aos interessados em se comunicar com os mortos — pessoas queridas ou animais de estimação. Tudo por uma tarifa acessível. Joe joga o panfleto de volta à caixa e entra na casa.

Troca a roupa de cama e o faz como se um sargento de treinamento estivesse no seu pé: cantos retos, travesseiro centralizado, coberta firme. Os azulejos do banheiro ainda estão brilhando. Seu quarto está se modificando rapidamente. Sente um imenso orgulho de si, pronto para fazer o que precisa ser feito — pintar a casa e deixar suas impressões digitais naquele livro.

*E chega de me queixar!*

Sem pensar uma segunda vez, desliga o cabo da TV e carrega-a para a lixeira na rua. Joe recusa sua companhia, pelo menos até o vendaval passar. Limpar a casa hoje faz mais sentido.

Agora, admite que esteve aprisionado a vida inteira, bem como Mrs. Whalen confinada na cama, com a firme ideia de que não poderia mudar. Mas agora ele sabe e sente que pode. E para estender a limpeza da casa até sua família, decide que amanhã arriscará os decrepitos cilindros de Osso e dirigirá as setenta milhas até Camarillo com o objetivo de resolver as pendências com Bernard, seu único irmão. Talvez até pedir um dinheiro para comprar tinta. Aos poucos, o cerco parece estar se dissipando.

# Dia 4

---

## SEM FAMÍLIA E SEM TRABALHO

Joe bate na porta da frente da casa de seu irmão em Camarillo, mas não obtém resposta. Essa casa também foi sua nos seus primeiros dezoito anos de vida. O jardim se parece vagamente com o que viu na última visita à sua mãe. Nem consegue lembrar da porta da frente ter três fechaduras. A grama está malcuidada, com tufos de nanica e tiririca tomando conta do lugar. A pintura já desbotada das paredes e esquadrias esfolando. *Talvez se mudaram.* Ele espia pelo olho mágico para ver se há alguma mudança de luz. Bate novamente, então se dirige para a janela ao lado quando a porta dá uma estalada, abrindo uma pequena fresta. Janet, a esposa de Bernard, dá um suspiro quando o vê, e Joe fica perplexo com a aparência dela. Ela o escrutina minuciosamente, hesitando em convidá-lo para entrar. Tem um calombo assustador ao redor de seu pescoço e está usando gigantes óculos escuros quando tudo dentro de casa parece estar escuro. Ele também percebe que ela está usando uma peruca.

“Oi, Janet!”, ele diz, esperando um convite para entrar. Leva um tempo até que ela se mova para o lado e deixe que ele entre.

“Bernard tá por aí?”

Com um sinal de cabeça, ela sugere o sofá para Joe e, como que indiferente à presença dele, desaparece para dentro da cozinha, tão escura quanto a sala. Assim que ele se acostuma com a escuridão, percebe que não sobrou nenhum souvenir, quadro nas paredes ou artigo religioso no ambiente. Nada retrata o que viu quatro anos atrás, muito menos sua infância.

*Bernard não deve estar indo muito bem.* “Então, meu irmão tá por aqui?”, pergunta novamente.

“Eu me livrei daquele bastardo quatro meses atrás”, Janet balbucia da cozinha, começando a picotar vegetais numa tábua e, ao mesmo tempo, olhando para ele sem expressão alguma. Nem por um segundo ela olha para suas mãos.

Joe sempre soube que um dia seu irmão iria deixá-la.

“Eu sei o que você tá pensando”, ela diz.

“Não tô pensando nada.”

“Eu falei que sabia o que você tava pensando”, ela diz, aumentando sua voz e picotando uma batata enorme, como se estivesse punindo-a por alguma ofensa grave.

Joe caminha até o fundo da sala e tateia as cortinas para ver o que restou da gigantesca árvore de carvalho com sua casinha no topo.

“Não abre a cortina”, ela protesta da cozinha. “Não posso lidar com a luz do sol.”

Joe arqueia suas sobrancelhas e se junta a ela na cozinha, parando no limiar da porta. Consegue ver agora o quão pálida ela está, quase um fantasma em contraste com a cozinha escura. Parado ali, percebe também que as chaves de luz da cozinha, sala e porta de entrada estão revestidas com fita adesiva.

“Mal acredito que já foram –”

“Mais de quatro anos”, ela o interrompe, suas mãos agora segurando o escorredor de louça empilhado de copos, pratos e talheres. Um longo silêncio sucede. Joe ouve algo chocalhando. Janet, ainda segurando firme no escorredor, parece fazer um esforço enorme para evitar que este se mexa por conta, enquanto talheres começam a tombar para o chão. Ela então golpeia o escorredor agressivamente até os pratos esfaļalharem no chão. “Que ousadia cę voltar aqui!”, ela grita para ele. “Vocę nunca deu a mínima pra sua família, e agora vem aqui sem mesmo um  *muito obrigado* por eu ajudar sua mãe enquanto ela apodrecia na cama? Onde é que cę andava, Joey? Que diabo cę quer aqui, seu merdinha interesseiro?” Os olhos de Janet penetram os dele transbordando de ódio e lágrimas.

Joe paralisa. Outro silêncio segue. “Desculpe”, ele diz. “Sinto muito mesmo.”

Janet se recompõe e volta para a pia, retomando sua tarefa e ignorando os pratos no chão. Joe se abaixa para apanhar os estilhaços, mas ela o impede. “O que cę quer?”, ela pergunta, agora mais calma.

“Como é que ela morreu?”

“Vocę não veio aqui pra saber como sua mãe morreu. O que cę  *realmente* quer, Joe?”

“Eu preciso ver meu irmão.”

“Já falei antes, me livrei dele quatro meses atrás.” Ela enxuga seus olhos com o braço e começa a escovar a pia. “Só pra vocę saber, foi o coração da sua mãe que se entregou.”

“Por que eu voltaria aqui se ela nem me reconheceu na última vez? Me chamou de Bernard o tempo todo.”

Janet se cala. Com as mãos na pia, ela parece olhar para um espaço vazio.

“Ela sabia que eu tava na cadeia?”

“Claro!” Janet parece ser uma pessoa completamente diferente do que era. “A certa altura, ela começou a ver coisas na parede do hospital. Coisas como

anjos, demônios e umas hortênsias gigantes. O médico dela disse que estava alucinando.”

“Como assim?”

“Tendo visões, ou seja lá o jeito que cê quiser chamar”, Janet diz, indo para o fogão com duas panelas fumegantes. Ela adiciona alguns vegetais numa delas. “Em um de seus delírios, ela viu você na cadeia.”

“Do que cê tá falando?”

“Uns três dias antes de morrer, ela disse que um anjo luminoso foi te salvar na cadeia, porque alguém queria te esfaquear. Obviamente, ela perdeu a cabeça. A enfermeira disse que era resultado da morfina.”

Joe respira fundo. Seus lábios se contraem um pouco. *A mãe tinha razão.* De fato, alguém queria passar a faca nele, mas na prisão não tinha nenhum anjo.

Vendo a cunhada de lado, percebe que seu olho esquerdo está completamente fechado. Entende agora que Janet está escondendo um ferimento. Quando ela começa a juntar os pedaços de pratos, ele também nota um acúmulo de vesículas irritadas ao redor do pescoço, vermelhas a ponto de estourar.

“São meus hormônios. E é fato, não tenho cabelo. Andei depressiva desde que Bernard se foi.” Ela desliga um dos queimadores do forno.

Joe, parado ali, fica sem palavras.

“E isso não é tudo sobre sua mãe”, Janet continua. “Teve um jovem sacerdote que a visitava todos os sábados no hospital. Na sua última visita, ela achou que Pe. Edward era seu pai e deu a ele um pacotinho endereçado a você.”

“O quê? Um pacote?”, pergunta, percebendo agora que ela lhe preparou um prato, uma espécie de ensopado com carne. Janet põe o prato na mesinha de café da sala e acena para ele sentar. Joe olha para o prato, perturbado. “Obrigado, Janet, mas não consigo comer agora.”

Ela olha para ele. Mesmo sem ver o olho bom, sabe que está chamuscando.

“Você realmente me odeia, né?”, diz ela, suas mãos começando a tremer.

Joe teme que outro ataque nervoso está a caminho. “Não é a comida, juro. Faz dias que tô com problema para engolir.” Ela solta um suspiro bem impaciente que o faz logo pegar no garfo. “Cê tem alguma ideia do que tinha naquele pacote?”

“Eu perguntei o que era”, diz Janet, novamente mudando para um tom mais ameno. “Ela mal podia falar. Tudo o que escutei foi ‘Para Joseph.’ Eu tava com ela quase todos os dias e nunca vi pacotinho nenhum nas coisas dela. Não tenho a mínima ideia de onde veio.”

Joe examina a meleca cinza e viscosa, enojado com a aparência. Troca o garfo por uma colher.

“Poucos dias depois da visita de Pe. Edward, um amigo seu ligou dizendo que você tinha sido liberado da cadeia. Naquelas alturas, ela já tava a caminho da terra pátria, Homeland. Ele disse que se chamava Eddie.”

A pressão da colher e punho de Joe intensifica. “Tem certeza que o nome dele era Eddie?”

“Essa é a parte estranha. Esse mesmo cara costumava aparecer com o nome de Pe. Edward, mas no funeral estava sem gola de clérigo e se introduziu como Eddie. Seus olhos estavam vermelhos de chorar.”

“Ele nunca me disse nada”, diz Joe, ainda estudando a comida. Está fumegante, mas não tem cheiro algum. Para exprimir gratidão, enterra a colher e experimenta. Não tem gosto, e tampouco consegue engolir.

“Eu digo pro Bernard que você passou aqui”, diz ela parada na porta da frente, sua mão na maçaneta.

“Então cê ainda fala com ele. Onde ele anda?”

“Perambulando por aí”, diz ela, dando de ombros. “A gente só fala quando ele aparece aqui pra me incomodar.”

“Pode me dar o celular dele?”

“Ele não tem.”

Joe acha muito estranho que seu irmão, com diploma em Psicologia em Stanford, não tenha um telefone. “Então como vocês se falam?”

“Às vezes ele aparece sabe-se lá Deus de onde.” Ela abre a porta um pouquinho e começa a virar freneticamente a maçaneta para os dois lados, até que a porta inteira começa a chocalhar. “Não posso lidar com a luz do sol. E eu preciso ficar sozinha.”

Ele corre até a porta e agradece pela comida.

“Caso você for visitar sua mãe em Homeland, ela não foi enterrada ao lado do seu pai.”

Ela para na porta. “Por que não?”

“Foi o único pedido dela. Quando entrar no cemitério, um pouco à esquerda, vai ver um anjo branco num pedestal bem alto. O túmulo de Martha fica ali bem de frente ao anjo.”

Ele sai e se vira para novamente perguntar o porquê, mas ela já bateu com a porta na cara.

\*\*\*

Toda a infância feliz de Joe foi deixada para trás no Homeland Cemetery quando ele tinha sete anos. O trauma de perder seu pai trouxe somente sofrimentos e tribulações. Por uma década inteira, a frase *“Diga aí, quanto tempo você*

vai ficar por aqui, Joe”, da música *Ventura Highway* do grupo America foi infundida na sua cabeça, até que um dia ele pegou a mesma *highway* e foi encontrar felicidade em outro lugar — Long Beach. Hoje, Joe retorna para Homeland pela primeira vez em trinta e cinco anos. Não tem ideia alguma do que vai dizer à sua mãe, mas ao menos lembrou-se de trazer o doce preferido dela.

Os portões de entrada de Homeland são tão ominosos quanto a parede que cerca o cemitério. No topo deles, em ferro forjado, há dois anjos majestosos tocando trombetas. Visitantes conseguem entrar por uma portinhola adjacente aos portões, que abrem com um rangido.

Assim que entra no cemitério, fica pasmo com as imponentes paredes que rodeiam a cidade dos mortos. Se parecem mais com as paredes de um castelo medieval — sólidas e intransponíveis. O ar é puro, e, olhando para cima, vê um magnífico céu azul. Olhando para a vasta extensão da grama, logo enxerga o anjo no pedestal à sua esquerda. Janet havia dito que era branco, mas parece ser feito de um bloco de prata sólido e reluzente. Se sobressai a tudo ao redor, como se lhe tivesse sido atribuído algum poder transcendental para proteger os residentes de um mal iminente. O silêncio é absoluto, o que dá a Joe uma sensação de paz no caminho até o anjo.

Ele olha para a enorme estátua afixada num pilar robusto. Não tem nada de brilho prateado no anjo, apenas a cor do concreto. Tem um rosto feminino e delicado, com asas que se estendem dois metros para cada lado, e seus olhos, embora feitos de cimento, foram esculpidos tão habilidosamente que parecem reais, vivos. Embaixo do pedestal, uma planta com múltiplas hastes de mais de um metro de altura transborda hortênsias Verão-Sem-Fim, as favoritas de sua mãe. Na última vez que a viu, já estava com medicamento forte para edema, e em seu quarto havia suporte para soro e comprimidos de prescrição por todo canto já cheirando a hospital. Agora tudo terminou ali, com uma plaquinha de metal com o nome dela.

“Oi, mãe”, ele diz, timidamente. “Vim aqui consertar umas pendências.” Ele se ajoelha, olha para o nome e corre seus dedos sobre as letras de bronze. Joe esconde o doce de maçã da Kepler’s Bakery debaixo das folhas de hortênsia. “Os favoritos da senhora!” Sentindo-se estúpido por falar com a placa, olha ao redor procurando por algum espectador. O vasto cemitério ainda está deserto, exceto por alguns pássaros brancos tomando sol no topo de lápides, ou talvez alguns espíritos solitários deixados à deriva, espiando do alto dos muros. Mas é o anjo pairando acima que o inquieta mais, dando-lhe a sensação de que poderia estar escutando-o. “Sabe”, ele diz para sua mãe. “Eu jurei sobre o túmulo da senhora que pintaria a casa do tio Karl, mas nunca pinte. Eu sei que não consegue me ouvir, mas —”

“Somente alguns ouvem”, surge uma voz pálida atrás dele.

Assustado, em um segundo Joe está de pé. Um senhor bastante idoso, de chapéu e terno amarrotado, apareceu quieta e furtivamente por detrás. Tem um pescoço ossudo, ossos malares bem salientes e um pequeno queixo triangular. Se parece mais com um duende do que com um ser humano. Ele move um pouquinho seu chapéu Fedora para saudá-lo e oferece um sorriso.

“Não vi o senhor chegando”, Joe diz.

“Desculpe se lhe assustei. Meu nome é Elijah, sou o zelador daqui. Me fale se precisar de algo.”

Joe acena de leve.

“O que eu quis dizer antes era que muitas pessoas que partiram conseguem nos ouvir e algumas até respondem. Mas não a distinta senhora com quem o senhor falava. Caso seja sua parente, nós tentamos demais achar um lote junto ao marido dela.”

“Não tô entendendo.”

“A senhora De Angeles não se sentiu digna de ser enterrada junto ao marido, por isso seu filho Bernard trouxe-a aqui temporariamente, bem debaixo dos braços do anjo. Havia uma formação de rochas sedimentares no local onde está o marido dela, que eram impossíveis de remover. Teríamos que dinamitar a área toda.”

“Como o senhor sabe todas essas coisas da minha família?”

O homem franze as sobrancelhas e tira o chapéu. É inteiramente careca, com um crânio pequenino coberto com pele ultrabranca. “Por acaso o senhor não é o Joseph?”

“Sim, sou eu mesmo.”

“Eu vejo seu irmão Bernard toda hora. Ele sempre fala de você.”

Joe não sabe o que pensar. Olha para o homem com seus dedos esqueléticos e sua longa barba espartana, mas nada do que diz faz sentido.

“Quando Martha chegou junho passado”, Elijah continua, “seu irmão trouxe uma semente da hortênsia favorita da sua mãe de Arcadia. É uma hortênsia rara da família *Paniculata* e floresce todo ano. Ela prefere o sol da manhã, mas durante a parte mais quente do dia o anjo protege a planta.”

“Como o senhor sabe de tudo isso?”

“Não seria um bom zelador se não soubesse”, ele diz sorrindo, olhando para o céu cerúleo com o sol se espelhando em seu escalpo. “Eu os vejo vindo, os vejo indo, e dos que nunca partem, aprendo suas histórias.”

Joe olha para ele fixamente, intrigado.

“Caso você não lembre”, diz Elijah, apontando para o oeste, “a sepultura do seu pai é a que está isolada. Ainda é possível ler o nome ‘Edward’ na lápide.” O

ancião baixa a cabeça levemente e põe seu chapéu. “Preciso voltar ao trabalho. É um prazer tê-lo conhecido, Joseph.” Ele se retira, deixando Joe atônito.

Assim que o zelador entra no escritório ao lado do portão de entrada, Joe toca a placa gentilmente, se despedindo, e caminha de volta para o carro. Mas algo diz para ele mudar de direção. Evitou visitar o túmulo de seu pai por mais de três décadas, contudo hoje ele se sente inexplicavelmente diferente. Decide que é hora de revisitar o túmulo que o traumatizou para a vida inteira.

O zelador está correto. A sepultura está isolada de todas as outras. Ele olha para a lápide inclinada a poucos passos de si. Depois de todos esses anos, a memória de seu pai está tão apagada quanto a lavada lápide marrom e o nome *Edward* gravado no arenito. Joe olha para todos os lados certificando-se que não haverá outro alguém para surpreendê-lo. “Que história é essa da sua nora?”, Joe fala para a pedra. “Mamãe não quis ser enterrada junto ao senhor?” Se ajoelha e começa a arrancar o inço ao redor.

“Apenas dois dias atrás, tio Karl chamou o senhor de bêbado e fracassado. Disse até que teve que pagar pelo funeral. Sabe, eu jurei sobre o túmulo do senhor que ia ler um livro que meu amigo Eddie insistia que eu lesse. Só que nunca li. Tudo indica que tenho menos de um mês, isso se encontrar o dito-cujo.” Joe se vira para ir embora, mas após alguns passos se volta novamente. “Tudo indica que vou morrer sem nada também.”

No caminho da saída de Homeland, dá uma última olhada para o anjo a distância. Bem ao pé do pedestal, vê um homem jovem abanando para ele. Parece bastante com seu irmão Bernard, e seu coração se aviva quando começa a andar em sua direção.

“Como você adivinhou que –”

“Elijah me informou”, diz Bernard, revelando um sorriso largo.

“Quem?”

“O zelador.” Bernard aponta para o escritório. “Ele está esperando a esposa dele ser enterrada aqui.”

Joe não entende o que Bernard quer dizer. Após quatro longos anos, apenas olha para seu irmão abismado. Já tem cabelo grisalho acima das orelhas e está vestindo um jaleco bem engomado com seu nome bordado em azul no bolso. Bernard é um pouco mais baixo que Joe, mas em todo o resto é superior. Tem uma pele mais limpa, é mais bonito, e definitivamente possui um cérebro melhor. Olhando para os dois, ninguém diria que são irmãos. Joe se aproxima para dar um abraço, mas Bernard o inibe olhando para seu punho como se estivesse olhando para um relógio, quando não usa relógio.

“Janet disse que você não tinha celular.”

O sorriso de Bernard encolhe. “E não tenho mesmo.”



“Também disse que você abandonou ela. O que houve?”

“Então você fez uma visitinha a ela, hein?”, diz Bernard, com olhar de perito. “O que aconteceu é que um dia ela decidiu parar de tomar lítio.”

“Não sei do que você tá falando.”

“Foi ali que ela se livrou de setenta e dois quilos numa só noite.”

Joe olha para seu irmão embasbacado.

“Esse era meu peso quando ela se livrou de mim.” Bernard ri da própria piada olhando para seu punho novamente. “Ela estava usando óculos de sol dentro de casa?”

Joe acena com a cabeça.

“Depressão psicótica. Naquele humor, ela até ganha umas bolhas vermelhas por todo o corpo.” O sorriso de Bernard agora se dissipou. “Por favor, nunca mais volte lá sem mim. Tá me ouvindo, Joseph?” Ele esfrega seu punho e, de repente, vem o estrondo. “*Nunca!*” A admonição parece ecoar sobre todo o cemitério, causando uma revoada de pombos.

Joe entende que não irá muito longe em seu propósito de consertar os remendos com a família. “Que tá acontecendo com a Janet?”

“Ela é um tanto psicótica. Às vezes ela lê os pensamentos da gente, e às vezes até conversa com os mortos.”

“Assim você me assusta”, Joe diz. “E por que a mamãe não ficou enterrada com o pai?”

“Escuta, eu tenho que ir agora. Tem alguma coisa mais em que posso ajudar?”, Bernard pergunta, com a frieza de um agente de serviço telefônico. “Você sempre consegue me achar pedindo ao Elijah. Nós nos vemos toda hora.”

“Só uma última pergunta. Eu vi o tio Karl dois dias atrás, e ele disse que o pai tava bêbado quando se acidentou. Isso é verdade?”

Bernard pensa um pouco. “Karl foi a causa da morte, não a bebida. Mas por que essa interesse pela família só agora? Você podia ter vindo ao funeral da mãe. Pelo amor de Deus, ao menos para o funeral!” Sua voz fria e cortante viaja novamente sobre as lápides, fazendo com que outro bando de pássaros voem assustados, como se tivessem ouvido um tiro. O ar puro que sentiu antes se tornou repentinamente pesado e o cemitério mais pequeno. Bernard olha na direção do escritório. “Desculpe, mas tenho que ver uma paciente, Joseph.” Ele acena um adeus e simplesmente caminha na direção dos portões.

Estático, Joe observa-o indo embora, sentindo-se completamente só. Entende agora que vai passar o resto dos seus dias sozinho e morrer sozinho em Signal Hill. Aqui em Camarillo, sua família não existe mais. Ninguém.

É meio da tarde quando Joe passa na frente de By Pizza. O Ford picape rosa à prova de bala de Eddie não se encontra estacionado por ali. Quinze minutos depois e vinte quadras ao norte na mesma rua, já está debruçado sobre o balcão da Fired-Up.

By Pizza e Fired-Up pertencem ao mesmo dono, mas são casas que produzem pizzas com sabores diferentes e atraem bocas diferentes. Alguns entregadores fazem turno em ambas. Fired-Up nada mais vende que uma simples massa cozida com picantes temperos mexicanos nadando em queijo — temperos ardentes que trazem bolhas aos lábios, úlceras sangrentas e varizes aos traseiros de muitos. Essa pizzeria sempre serviu como uma espécie de purgatório ou campo penal para os empregados da By Pizza que um dia cometeram pequenos crimes — como pequenos furtos, ou pediram emprego com *green card* falso. Carlos Garcia foi autor de vários desfalques e, quando demitido, desapareceu sem deixar rastros. O que ele está fazendo hoje na Fired-Up é um mistério para Joe, um retorno tão suspeito quanto o de seu tio Karl. Carlos veio do Rio Grande, Texas — seu porto de entrada favorito por ser um exímio nadador. Ele é um doninha em todos os sentidos — sorrateiro e conivente. Quando fala espanhol, sua voz é melosa e escorregadia como seus cabelos negros, mas desde que, aos quinze anos, atravessou a fronteira nadando, o inglês simplesmente soava errado para ele. Mesmo depois de dez anos nos EUA, seu cérebro linguístico não foi capaz de reter mais que cem palavras. Mas seu inglês parece melhorar quando fica brabo. Quando fica *muito* brabo, retoma o espanhol, com *puta madres* e *pendejos* voando para todos os lados.

Na By Pizza, Carlos costumava surrupiar as corridas com o maior potencial de gorjeta — entregas para pessoas brancas. Eventualmente foi despachado para o campo penal Fired-Up. Ali, arditamente encontrou uma forma de chegar à gerência, e logo achou uma maneira de manipular pedidos que eram pagos em dinheiro. Quanto à quantidade de massa que desaparecia durante um inventário, ele sempre atribuía a problemas de fermentação ou falhas de energia elétrica da câmara fria. Um dia alguém o delatou a Eddie, e foi demitido imediatamente. Assim como Helena, ele também desapareceu do mapa, no meio de uma petição pendente com a imigração.

“O que cê tá fazendo de volta aqui?”, Joe pergunta.

“Eu agora novo chefe. E você não mais trabalhar aqui”, Carlos responde, com o mesmo desprezo de sempre por Joe. “Pode ir embora.”

Ambos ouvem o temido mas familiar som de uma pizza tombando no chão. Carlos corre para salvar a segunda saindo do forno com grelha rolante. Uma vez que a primeira caiu com pepperoni e cebolas intactos, vai chegar ao

freguês. Carlos mete as duas na caixa e volta ao balcão. Repete, mais irritado ainda: “Eu chefe aqui. Você não mais trabalhar aqui.”

“O Eddie te readmitiu?”

“Eduardo morrido!” Carlos detona, esticando seus dedos e fazendo um movimento de cortar o pescoço. “Eduardo não mais ajudar você.”

O coração de Joe começa a acelerar. “Nunca esqueça que Eddie sempre está do meu lado.”

“Eduardo Martinez morto. *Muerto!*” Carlos dá uma porrada no balcão, chacoalhando todas as bandejas de pizza.

Joe olha para Carlos, confuso.

“Talvez você não saber”, Carlos diz, em tom sério.

“Não sei o quê?”

“Que chefe morrido sábado?”

“O que cê tá falando?” Joe não sabe se o inglês de Carlos ficou pior, mas sabe que hoje algo está bem errado ali. “Sabe duma coisa? Sua cabeça tá cheia de merda. Eu falei com ele ontem... no carro dele.” Eles se entreolham por um tempo. “Me diz quem morreu sábado”, Joe tenta novamente.

“Eduardo chefe morreu sábado. Você não mais aqui.”

“Eu disse que falei com ele ontem no carro dele.”

“Não saber quem você falou, gringo gordo. Eddie morto.”

Finalmente a ficha cai. Primeiro a notícia chega como um golpe na cabeça, depois Joe sente-a no estômago. Seus joelhos enfraquecem e seu mundo parece desmoronar, pouco a pouco. Só agora faz sentido não ter conseguido se comunicar com Eddie para pedir sua ajuda. *Mas eu falei com ele ontem.* Sem mais uma palavra, sai da pizzeria de cabeça vazia, mas pesada ao mesmo tempo. *Não é por nada que o cego disse que Eddie não vivia mais lá.* Com a cabeça girando e o coração naufragando, volta para By Pizza.

O carro dele não está lá. Joe se obriga a estacionar. Novamente lembra da advertência do carteiro de que “ele não é mais seu amigo”. *O carteiro já sabia de tudo desde então.*

Calado e soturno, Joe tenta entender como poderia ter falado com Eddie no seu carro se estava morto. Quando se dá conta de que pode ter falado com uma aparição, fica claro que há uma chance de estar enlouquecendo. E quanto mais pensa sobre seu encontro com ele, mais sentido faz. *Ele não estava todo ali.* Joe lembra do menino no filme *O sexto sentido*, que via e falava com pessoas mortas. *Aquilo era apenas um filme.* Mas logo também recorda do zelador de Homeland esta manhã dizendo que “alguns deles conseguem ouvir e até responder.” Também Bernard disse que Janet às vezes fala com os mortos. Sentado

na direção de Osso, fica ruminando sobre a possibilidade de falar com os mortos até escurecer.

Com a perda de Eddie, uma rocha sólida foi tirada debaixo dos pés de Joe, levando-o ao fim do mês sem absolutamente nada. *Se Eddie de fato se foi, então o pacote foi também. Sem amigo, nem um adeus, sem livro e sem tinta. Tudo sumindo, um após o outro.* Seu mundo está se desintegrando pedaço por pedaço. No desespero, ele suplicou por trinta dias para se redimir de duas promessas, mas hoje Joe acredita que houve um mal-entendido entre ele e o carteiro. Acredita que o carteiro está matando-o lentamente, do mesmo modo que as hienas devoram um antílope ainda vivo até o fim. Já se foram os cigarros e o álcool. Já ficou sem linha de telefone e sem Miojo. Sem doar sangue, sem bilhete de loteria e sem família. Um atrás do outro. A morte de Eddie foi apenas a parte mais recente de um plano que o carteiro elaborou, devorando-o pouco a pouco.

Sem Eddie e com vinte e seis dias pela frente, suas chances de sobrevivência diminuíram dramaticamente. Seu senso de pertencer a este mundo está decrescendo a cada minuto. Ontem, no morro de Hilltop Park, Joe estava pronto para uma mudança radical — sem mais queixas, apenas pintar a casa e ler o famigerado livro. Agora, desamparado, está sentado dentro de uma das poucas coisas que lhe restam — Osso.

\*\*\*

Quando Joe chega em casa, o carro fúnebre está estacionado ainda mais próximo. Completamente reluzente, as linhas prateadas brilham com o reflexo das lâmpadas da rua. O veículo parece ter vida própria, pronto para avançar em um vivente e levá-lo ao próximo cemitério. Joe não se sente mais seguro ali. Embarca num novo frenesi de limpeza, porque é a única coisa que o faz sentir-se seguro nos últimos dias.

Ele desembrulha outro saco de lixo e, justo quando está para desligar o cabo do seu telefone sem linha, enxerga um pequeno papel de cor laranja debaixo dele. Um bilhete de loteria. Ele olha para a data. É do ano passado, mas são os mesmos números que ele sempre jogou e ainda joga na Teimosinha. Sua cabeça vira um redemoinho. Durante todos esses anos jogando na loteria na loja de conveniência de O.B., nunca esqueceu de jogar e nunca trocou seus números. No desespero de fugir do carteiro, havia esquecido completamente de conferir os premiados. Corre até Osso e força seu calhambeque japonês pelas sete quadras até Spirits. *Vamos lá, Osso. Tamo junto nessa. Que tal uma troca de válvulas e pintura nova se os números conferirem?*

Na ausência de O.B., Joe vasculha pelos pequenos impressos junto à máquina de loteria no balcão até encontrar uma cópia com a data de 31 de março de 2006.

Ele é o ganhador da Mega de sexta-feira.

Joe ganhou na loteria e não tem o bilhete. Olha ao redor para se certificar de que ninguém está observando. Corre até Osso, verifica os números no impresso várias vezes e ao mesmo tempo tenta controlar a respiração. Quer gritar, mas seus pulmões e coração se recusam a cooperar. Para um só dia, desde receber a notícia da morte de seu melhor amigo até ganhar na loteria, é mais do que seus nervos já em frangalhos podem aguentar. Olha para o enorme banner anunciando com letras grandes o prêmio de doze milhões de dólares. Joe sente que está pegando fogo. *Só um milagre pode trazer esse bilhete de volta!* “Tudo culpa dessa bosta de limpar a casa”, ele resmunga, amaldiçoando o carteiro.

Mais uma vez se encontra dirigindo com a mente enevoada, mal conseguindo segurar o volante. Joe aceitaria falar com Eddie ou qualquer espírito vagabundo por aí afora, contanto que seu bilhete aterrizasse em suas mãos.

De volta ao quarto, de gaveta em gaveta, bolso em bolso, tudo o que encontra é apenas lixo. No amário tem mais bolsos, mas nada do papel laranja com seus números. Quando começa a procurar nas gavetas da cozinha, ouve um ruído vindo dos fundos, mais alto que o chocalhar de talheres. Cauteloso, vai até a persiana e vê um homem de estatura baixa vestindo um macacão laranja ocre, mas não consegue ver seu rosto. O homem bate a tampa da caixa de correio e caminha na direção da rua. Joe corre para a sala e espia pelo canto da janela. O homem sumiu, e assim desapareceu o carro fúnebre. Tudo nessa casa evoca a opressiva e silenciosa presença do carteiro.

Joe escova seus dentes até a gengiva começar a sangrar. Se pergunta o quanto pagaria da sua fortuna ao carteiro para deixá-lo em paz — se o bilhete for encontrado. *Vinte por cento? Trinta?* Após deliberar mais um pouco, estabelece que cinquenta por cento seria um preço justo para retomar sua vida normal. Mas aí ele pensa melhor: uma vez que doze milhões não trarão seu amigo de volta e talvez nem salvem a sua própria vida, Joe aumenta sua oferta. Está disposto a trocar os doze milhões de dólares por sua vida anterior, com Eddie e tudo.

Da loteria ao Eddie, da perda ao ganho, de minutos a horas, Joe está deitado na cama pensando qual será o próximo pedaço de sua vida que lhe vai ser tomado. Exceto por Osso e um telhado sobre a cabeça, pouco resta. Ele nada mais é do que um milionário com destino ao cemitério.

# Dia 5

---

## MORRER AOS POUCOS

Na caixa do correio, Joe encontra o mesmo panfleto com duas mãos erguidas para o céu e um olho ao centro que tudo vê. Dentro, em letras maiores, o cartomante Agnos oferece a rara oportunidade de se comunicar com os mortos. Em letras diminutas, *por apenas duzentos e noventa e nove dólares*. Joe se pergunta se por trezentos dólares esse tal de Agnos realmente pode conectá-lo a Eddie ou ajudá-lo a localizar o bilhete de loteria.

Passando em frente à loja Spirits, Joe olha longamente para o banner no topo do desgastado prédio, numa das áreas mais desvalidas de Long Beach, que foi capaz de agregar seis números mágicos e se tornar o lar de seu maior sonho. Mesmo assim, um ganhador sem bilhete. Um sentimento muito estranho!

São dez e meia da manhã quando ele estaciona na frente da Fired-Up. Olha para a pizzaria, também com uma sensação estranha — uma sensação vazia no estômago. Esse despojado prédio, ideal para imigrantes desafortunados que peregrinam pela América, foi também o seu campo de guerra por nove meses. Não sentirá falta alguma.

Quando foi transferido para a Fired-Up, o campo penal, já havia seis motoristas divididos em dois grupos de predadores disputando o mesmo pedaço de carne — as gorjetas. Nesse local não havia vencedores, apenas sobreviventes. Uma vez que o pedido estava confirmado, as vorazes hienas e cães selvagens de imediato ficavam farejando a potencial gorjeta. Era impossível, mesmo para um iniciante tenaz, durar muito tempo entre os entregadores animais mais estabelecidos. Teve um vietnamita, Tran, que procurou trabalho ali e conseguiu sobreviver por um período surpreendente — dois dias. Depois teve a baixinha Glória, da Guatemala, que havia tentado modelagem em Century City, e, sem sucesso, acreditou que quando foi admitida na Fired-Up a vida tinha lhe oferecido uma segunda chance. Mesmo com seu temperamento voraz, resistiu apenas duas horas.

Os ingredientes apimentados da Fired-Up se tornaram uma comodidade em Long Beach, atraindo um grupo enorme de imigrantes da fronteira sul do país. Todos os que iam buscar suas pizzas imediatamente podiam sentir o abraçante calor latino, mas nem todos toleravam o cheiro dos temperos picantes pairando no ar. Tão logo entravam, muitos fregueses começavam a espirrar ou comichar. Uma mulher, aparentemente alérgica a pimentão habaño, entrou em choque anafilático e foi levada para a emergência. Apesar de tudo,

Fired-Up é uma pizzaria com alto volume de vendas para uma vizinhança tão desfavorecida.

Joe sai do carro e caminha até o balcão. Rahim, o gerente diurno das quartas-feiras, está curvado sobre a linha de produção separando ingredientes nos devidos recipientes. Ele também foi demitido da By Pizza e remetido para esse Alcatraz urbano por infringir uma pequena violação. O chefe o flagrou com a mão nas calças coçando sua bunda cabeluda e em seguida usando a mesma mão para sovar massa. Na verdade, o motivo principal de sua transferência foi dirigir um carro com seguro falso. Justo quando Rahim cumprimenta Joe com um leve sinal de cabeça, Carlos irrompe pela porta como uma tempestade.

“Por que aqui? Você demitido ontem.”

Rahim nem escuta a conversa, agarra uma bandeja de massas fermentadas e desaparece dentro da câmara fria.

“Quero saber o que aconteceu com o Eddie”, Joe demanda, batendo a mão no balcão.

“Não sei. Vai pedir família dele. Loja aqui não aberta ainda.”

“Eu só quero saber o que aconteceu com Eddie.”

“*Put a madre, no entiendes inglés, cabrón?*”, Carlos ralha, apontando para o relógio. “Não aberto.” Vai até a linha de produção e começa a remexer impaciente um bolo de massa, seus olhos lampejando para todos os lados como um furão na jaula. De supetão, apanha a concha cheia de molho e atira-a na direção da cabeça de Joe. Não acerta o alvo, mas sim o vidro da vitrine, despedaçando-a em fragmentos pontudos, com molho de cayenne para todo lado.

“Fora, fora”, Carlos grita, com as veias de suas têmporas pulsando. Rahim vem correndo para fora, olha aterrorizado para os cacos de vidro pelo chão e corre para o telefone no escritório.

Joe limpa o bocado de molho que grudou em sua testa, com o firme propósito de, num futuro próximo, afogar o chicano numa cuba de molho. “Eu volto às onze em ponto pra encomendar uma pizza”, Joe resmunga, saindo acabrunhado. Sentado na direção de Osso, ele espera a pizzaria abrir.

Ser demitido, na verdade, significa não ter mais acesso para criar suas pizzas favoritas para os vinte e cinco dias remanescentes. Mas em poucos minutos elabora um plano prático para encher seu estômago até o fim do mês.

Às onze em ponto, Joe retorna com uma renovada confiança. “Uma vez que ainda não assinei a carta de demissão, ainda estou empregado aqui. Eu preciso de dez pizzas grandes com todos os ingredientes da casa. Quatro dólares cada, com desconto de empregado.” Joe joga quarenta dólares no topo do balcão. “Eu quero ver as etiquetas fixadas nas caixas, assim eu tenho certeza de

que não vai embolsar o dinheiro. Não foi esse o motivo que te demitiram tempo atrás... amigo?"

"Pentelho!", Carlos resmunga, suas narinas arfando e dedos vergando, potencialmente prontos para avançar na garganta de Joe.

\*\*\*

Na noite anterior à liberação da Los Angeles Central Jail, Joe havia tomado algumas decisões rigorosas na sua vida. Depois de ouvir a respeito da morte de sua mãe e uma brutal pincelada com a morte nos chuveiros da prisão, ele se comprometeu a não fumar ou beber por um ano inteiro, na certeza de triunfar. Mas já na saída da prisão, não encontrando cigarros nos seus pertences, se aproximou de um guarda e, em tom baixo, pediu: "Pode me ceder um careta?"

Eddie esperava por ele ao volante de seu Ford picafe, entoando uma velha canção da Billie Holiday. "Meu carro odeia cheiro de cigarro", ele falou quando Joe abriu a porta do passageiro, já sentindo o ar da cabine pesado e tenso.

"A gente precisa conversar", Eddie disse. Dirigiu em silêncio ao longo de uma quadra, então continuou: "Cê pegou uma ordem de restrição e não pode chegar perto da By Pizza num diâmetro de cem metros. Mas tem uma vaga na Fired-Up. Eu quero te fazer gerente dela."

"O quê?"

"É isso mesmo."

"De jeito nenhum!"

"Na verdade é bem simples. Por hora, tudo o que peço é que cê estude o guia de referência do Relatório de Inspeção de Alimentos. Aquele lugar tem desafios, mas teu talento vai ultrapassar todos."

"Aquele lugar é uma cova de coiotes."

"Não diga isso. Preciso de alguém de confiança na Fired-Up. Tudo o que cê precisa fazer é manter a Graduação 'A' pendurada na janela. Além disso, todo mundo sabe que cê faz as melhores pizzas de Long Beach. Te dou liberdade para criar novos tipos, e elas vão vender como pão quente. Cê tem um novo mundo pela frente, meu chapa."

O ar estava ficando mais carregado a cada segundo.

"Muito tempo atrás teu sonho era ser milionário fazendo a melhor pizza da Califórnia. Essa é tua chance."

"Eu nunca disse isso."

Eddie meteu o pé no freio, estacionou no meio fio e deu um longo suspiro. "Tá bem, então. Uma coisa de cada vez." Enfiou a mão no bolso e retirou um livrinho preto bem pequeno. "Toma aí. Veio do teu pai."



“Só faltava essa agora!”

“Nunca falei tão sério, gordito.”

“Para de me chamar assim.”

“Ok, então. Esse livrinho pode até ser pequeno em tamanho –”

“Não tem cara de livro”, Joe interrompe, examinando a capa de couro, mais parecido com uma carteira. “Sobre o que é?”

Eddie esperou um momento antes de responder. “Um guia prático para qualquer um que tá trancado, sem direção na vida. Todos deveriam lê-lo antes de morrer. Promete que vai ler?”

“Pode ser. Mas você disse que veio do meu pai. Só nisso já temos um problema.”

“Teu pai escreveu ele e tua mãe guardou para ti todo esse tempo.”

“Você tá me enrolando ou tentando me punir por ter dado uma surra naquele freguês filho da puta?”

“Nunca falei tão sério. É do teu pai. Promete que vai ler ele?”

Joe olhou atônito para seu amigo, que por sua vez retribuiu com um olhar que nunca vira nele antes — sombrio e mortalmente sério.

“Ok, eu prometo”, Joe respondeu, não muito convincente.

“Promete sobre o túmulo do teu pai que vai ler o livro?”, Eddie pergunta, com um olhar ainda mais temível.

“Tá bom, tá bom. Juro sobre o túmulo de Edward De Angeles que vou ler... antes de morrer.”

“Ótimo! Agora vamos para casa te arrumar para ir ao funeral da tua mãe. Vai ser em dois dias e cê tá um lixo. Tá fedendo, sabe? Que te deram para comer lá dentro?”

Joe se recusou a ver qualquer pessoa do seu círculo familiar. Ele se instalou no apartamento de Eddie por várias semanas até conseguir se mudar para a casa de seu tio. E, como todas as outras promessas não cumpridas, o livrinho foi jogado em uma das caixas que manteve na garagem e foi logo esquecida.

Agora, sentado na direção de Osso na frente de Fired-Up esperando pelas dez pizzas, ele se dá conta de que o pacotinho que Janet falava só podia ter sido o tal livro. Mas está perdido em algum lugar — tão perdido quanto seu bilhete de loteria. O que traz Joe de volta para a realidade é a porta de passageiro se abrindo com Carlos empilhando dez pizzas fumegantes no assento.

“Como é que ele morreu?” Joe pergunta.

“Não sei”, Carlos responde, inexplicavelmente calmo. “Funeral sábado, dez manhã.”

“Onde?”

“No Heavenly Hills. Você não mais aqui”, diz, batendo a porta.

Joe retorna para casa convencido de que ao menos seu estômago já está cuidado até o final de abril, ou melhor, para o resto de sua vida. Apenas a quatro quadras da pizzaria ele nota um carro de polícia quase grudando no para-choque de Osso, agora com as luzes piscando e sirene estrilando, orientando-o a estacionar. Joe entra num centro comercial à direita e desliga o motor. Mãos grudadas no volante, espera. Ao invés de “carteira e registro, por favor”, ele sente um leve cutucar no lado esquerdo da nuca — o gelado toque do metal de uma arma.

“A pizza deve estar meio fria agora”, uma voz grave diz. Joe tenta se voltar para encarar o homem, mas é imobilizado pela automática do policial. “Devagar aí, pizzaiolo”, o homem adverte, agora pressionando a arma na bochecha de Joe. “Te joga no assento de trás. Já!”

Joe apenas segue as instruções. Com seus joelhos dobrados, seu corpo volumoso quase enche a traseira do carro. Em seguida, o homem enfia sua cabeça grotesca pela janela quebrada de Osso. Por debaixo de espessas sobranceiras vermelhas, seus olhos se escondem bem ao fundo das órbitas. Sua cabeça é demasiado pequena para um corpo tão gigantesco, e seus lábios se curvam para baixo num sorriso zombeteiro.

*Não é um policial.*

“Me passa a carteira.”

Joe obedece, mas se dá conta de que sem comida e sem sua identidade vai acabar sem nada. “Por favor, deixa eu ficar com minha identidade.”

“Escuta aqui, seu bostinha. Quando cê tá pra morrer, não tem por que se preocupar com uma estúpida identidade, tá entendendo? Agora, abre a boca e fecha os olhos.”

Assim que Joe fecha os olhos, o cano da pistola desliza para dentro da sua boca, raspando em seus dentes. A morte não o espera mais no fim do mês. Está aqui agora... dentro de sua boca. Ele quer rezar a Deus, mas as palavras parecem já morrer na sua cabeça.

“Agora! Conta até cinquenta e nem pensa em abrir os olhos, a não ser que cê queira saber o que uma bala de ponta oca é capaz de fazer numa bolha gorda como você.”

Joe sente a carteira vazia aterrizando na sua barriga e começa a contar enquanto ouve o som das caixas de pizza sendo recolhidas. Quando finalmente abre os olhos, o monstro sumiu. Na carteira, nada. Sem dinheiro, sem identidade. O sentimento de não mais pertencer a este mundo começa a tomar conta. De volta à direção, começa a bater o punho furiosamente no volante, sem parar.

O que o enfurece mais é o fato de que vai morrer sem nada. Ele *sabe* que está morrendo aos poucos, pois tudo o que lhe pertence está sumindo. Se dá conta de que “raiva” é uma das únicas coisas que ainda possui.

\*\*\*

Ao chegar em casa, percebe que o carro fúnebre já tomou o lugar onde ele mesmo sempre estaciona — na frente da casa. Joe calcula que, a essas alturas, o veículo vai acabar dentro de seu quarto sem demora. O dia se torna mais estranho ainda quando vê seu tio perto da garagem falando com o mesmo homem de estatura baixa e macacão laranja que viu vasculhando a caixa de correio. Ao se dirigir para a garagem, percebe vários galões de tinta, pincéis, alças de rolo, ferramenta para calafetagem, dois tipos de escadas e uma ampla seleção de utensílios espalhados pelo chão. Karl está vestido como se tivesse vindo de um voo das Bahamas, bermudas e tudo. Com um leve sinal de cabeça, sugere que o estranho de macacão entre na garagem.

“Trouxe o dinheiro do aluguel atrasado?”

“Ainda não pude —”

“Então o que ainda está fazendo aqui?”

“Por favor, deixa eu ficar mais alguns dias. Em troca, pinto a casa pro senhor.”

“Já tenho alguém para isso, um profissional. Junte seu lixo e caia fora daqui.”

“Eu falei com meu irmão ontem. Ele me falou que o *senhor* foi a causa da morte do pai.”

“O que você disse?”

Joe dá dois passos na direção de Karl e se inclina levemente. “Foi o senhor que matou meu pai”, diz em tom baixo, porém acusativo, distorcendo as palavras de seu irmão.

Karl olha para Joe, inabalável. “Suma da minha propriedade!” Após vários golpes violentos na porta da garagem, ralha: “Seu Guapo, me ajude a levar esse balofo para longe da minha casa.” Quando o homem de estatura baixa emerge da garagem, a respiração de Joe praticamente para. Esse homem é a verdadeira prova de que Deus é capaz de fazer erros terríveis. Aparentemente, sua mãe fez um erro ainda maior por não ter feito uso melhor de um travesseiro depois do parto no hospital. O homem sorri genuinamente para Joe, revelando três dentes com capa de ouro. Seu nariz tem ao menos uma polegada de comprimento em excesso, ele quase não possui queixo, e sua pele é tão enrugada quanto a de um lagarto. Mas seus olhos cintilam, como se o lagarto estivesse pronto para catar uma mosca suculenta. Um pequeno diamante brilha do seu cabeludo lóbulo esquerdo.

“Podemo falá lá dentro?”, O homem lagarto pergunta, fazendo um sinal para Karl segui-lo. “Esse cara bem que podia me ajudá a pintá esse lugar.” Joe ainda escuta antes de desaparecerem na garagem.

Após um longo tempo, Karl finalmente reaparece.

“Você trabalha para o senhor Guapo com *uma* condição. Se tocar naquela caixa de correio, estará sujeito a acusação de crime a nível federal. Entendido? E eu quero meu aluguel atrasado. Todo!” Karl segue em direção à rua. Joe está ciente de ter remexido com as penas do velho urubu.

“Joe”, diz o homem baixinho. “Meu nome é Juan Guapo, mas todo mundo me chama de Handsome.” Ele torce seu pescoço para o céu para ver como está o tempo, seus dentes dourados cintilando ao sol.

*Esse cara só pode estar brincando!* “Prazer, Seu Handsome”, Joe diz, estendendo sua mão, que o homem ignora.

“Sobre a caixinha do correio, acho que meu patrão tá esperando uma correspondência importante. Mas antes de falá de negócios, me dá um minutinho.”

Enquanto Joe espera, examina o material para pintura no chão, não reconhecendo várias ferramentas. Handsome finalmente retorna com seu cabelo molhado, alisado para trás, usando chinelos de dedo, mas ainda vestido com o medonho macacão laranja. O que mais deixa Joe perplexo é nunca ter visto uma torneira ou chuveiro na garagem.

“Amanhã de meio-dia vou te dá todas as instrução. Até então, um pequeno detalhe. Se você metê seus pé nessa garagem, vai ser o fim do nosso contrato. Isso tá *bem* claro?”

Joe acena com a cabeça, sem muita certeza de com o que está concordando.

“Leve tudo isso para dentro da sala”, o homem ordena.

“Seu Guapo...”

“*Handsome!* Todos me chamam de Handsome.”

“Perdão, Handsome. Eu acho que vi um carro ali dentro outro dia. O senhor –”

“Até amanhã.” Handsome dá meia volta e desaparece pela porta lateral.

Parado ali, Joe ainda está pasmo com o milagre que acabou de transcorrer. O homem mais feio que já vira acaba de salvar sua vida. Amanhã Joe vai começar a pintar a casa e ter um teto sobre sua cabeça.

\*\*\*

A convicção de que Joe está morrendo pouco a pouco a cada dia foi confirmada esta tarde. Apesar do teto, tudo ainda está se alinhando inexoravelmente ao seu rápido fim. Contudo, suas mãos ainda estão à procura de um pequeno

papel laranja, movendo-se de bolso em bolso. Na busca, ele experimenta todas as roupas que ainda possui. Não existe um traje decente que poderia vestir para o seu próprio funeral. Para o restante de seus dias, mantém o essencial, e o resto vai para o lixo. O telefone, sem conexão, também vai. Mas, antes de desconectá-lo, percebe que a luzinha vermelha de mensagens está ligada. Ele se joga em cima do aparelho e aperta o botão de play.

“Primeira mensagem, sábado, onze da manhã, ‘Joey, sou eu, me liga de volta, gordito’.”

*Minha nossa! É o Eddie.* Joe gruda seu ouvido no aparelho do telefone para não perder uma só palavra. E, para sua surpresa, uma segunda mensagem: “Domingo, seis e meia da noite, ‘Joey, meu querido Zezinho, onde você anda? Vem buscar teu presente de aniversário e tirar teus cigarros fedorentos da minha picape. Falando nisso, tem um daqueles estúpidos bilhetes de loteria embaixo do celofane. Me liga’.”

Tenta ligar, mas não existe linha. Seus dedos tremem logo acima do aparelho. Seu coração quer saltar fora do peito — uma prova real de que ainda pertence a este mundo. Retoca as mensagens três vezes para se certificar de que o segundo recado foi deixado no domingo à tarde. *Carlos tava errado. Eddie não morreu no sábado.* Joe também quer se certificar de que ouviu a palavra *Zezinho* corretamente, um apelido carinhoso que somente seu pai usava.

Sua cabeça é um misto de júbilo e confusão, mas a voz de Eddie esquentou seu coração. Com apenas um pensamento na cabeça, ele toma o caminho mais curto até Spirits para conferir se o bilhete já não foi reivindicado. E somente agora ele lembra que o Ford picape de Eddie já não estava mais estacionado na frente da pizzeria ontem à tarde, provavelmente rebocado.

*Se foi rebocado, sabe-se lá Deus onde está esse bilhete. Mas eu sou o ganhador!* Joe conduz Osso pela 7th Street como se o bilhete já estivesse em suas mãos suadas.

“Ei, que bom te ver de novo!”, O.B. diz, limpando o piso do banheiro. A mancha de sangue no curativo dele parece maior, mas hoje não sangra. “Vê se dá pra acreditar nisso? Acabei de empregar um cara e nem apareceu para o primeiro turno. O coitado sonha em ser modelo e precisa trabalhar numa loja de conveniência? Puderam! Desde quando os americanos limpam banheiros?”

Joe deduz que ele está falando de Daniel, o loiro sem dentes e com a mandíbula quebrada. “Tudo o que quero é descobrir quem ganhou a loteria”, O.B. diz, caminhando para a porta da frente. “Qualquer migalha que cair da mesa dele é bem-vinda.” Puxa a porta de metal para baixo e fecha a loja quando o relógio na parede marca apenas nove da noite.

“Por que fechar tão cedo hoje?”

“Não consigo manejar esse negócio sozinho”, O.B. diz. “Sabe duma coisa? Eu acho que sei quem é o ganhador.”

Joe dá um passo para atrás e enrijece. O.B. se vira e olha Joe bem nos olhos. “Um empregado meu acha que foi um cara bem boa pinta de South Wrigley.”

Joe sabe pouco dos traços físicos dos homens do Oriente Médio, mas, com a barba por fazer, a compleição e etnicidade de O.B. ficam mais pronunciadas hoje, enervando Joe. Mais ainda quando O.B. dá outro passo em sua direção.

*Eles conhecem Eddie.*

“Por que cê tá se comportando de jeito tão estranho, amigo?”

“Não tô estranho, nada.”

“Cê tá me parecendo meio desesperado. Tua cara tá pálida e cê tá até perdendo peso.”

Joe se esforça para achar as palavras certas. “Meu chefe morreu sábado passado e eu perdi meu emprego.”

“Cê quer dizer aquele teu amigo, o Eddie? Cê acha que ele pode ser o ganhador?”

“Nunca. O cara não acreditava na loteria.”

“Olha, meu caro, família e amigos podem se comportar dum jeito bem estranho depois que ganham na loteria.” Nos últimos quatro anos, O.B. e Joe sonharam e planejaram um futuro extravagante com um escandaloso volume de dólares amontoados num banco. Hoje mal conseguem falar sobre a loteria.

“Do jeito que entendo”, diz O.B., seus olhos reluzindo, “o ganhador tá por aí afora se escondendo.”

“Por que cê acha isso?”, Joe pergunta, enfiando suas mãos trêmulas no bolso.

“Porque alguns ganhadores somem para sempre, outros se silenciam procurando advogados e conselheiros financeiros. A não ser que o ganhador tenha morrido ou o bilhete esteja perdido. Joey, cê sabe que eu não vim pra América me tornar cidadão. Minha missão é trazer minha mãe pra UCI pra tratar a condição dela. E não é barato.” O.B. havia falado inúmeras vezes a respeito dos tratamentos de que sua mãe precisa, mas nunca mencionou o nome da doença.

“Eu sei, eu sei. Escuta, tenho que sair correndo.”

“Não esquece, amigo”, O.B. diz enquanto escolta Joe através da porta dos fundos. “Dez por cento se for você. Parceiros, lembra?”

“Olha, se for eu, garanto teus dez por cento, bem conforme nosso pacto.”

O.B. ainda lança um olhar longo para Joe antes de sair.

\*\*\*

De volta ao seu quarto, Joe para na frente do espelho procurando mudanças físicas. *Se O.B. notou que tô perdendo peso, então...* Ali mesmo, nesse momento, nasce uma ideia brilhante: a possibilidade de enganar o carteiro. O raciocínio de Joe é simples. *Quantos quilos preciso perder para não ser reconhecido por ele?* Ele calcula uns quarenta e cinco quilos mais leve para se tornar irreconhecível — o tipo de corpo que vai caber num caixão tamanho médio. No espelho, seus olhos o traem de imediato. *Tá iludindo quem, seu idiota? É impossível perder tanto peso em três semanas.* Mesmo assim, está mais convencido de que deve existir uma maneira de enganar o carteiro.

Sem mais nada a perder a não ser quilos e mais quilos de pura gordura, se lança no chão e começa a fazer flexões. Depois de somente oito sequências, ele tomba no carpete. Bufando, escova os dentes e se joga no chão novamente para outra série. Conta somente cinco até que seus braços gritam em revolta. No entanto, são cinco a mais do que fez nos últimos vinte e cinco anos. Ele volta ao espelho com a vaga noção de que encontrou algo sólido para se agarrar à vida. Mesmo se não der para enganar o carteiro com a perda de peso, talvez possa barganhar com ele, oferecendo metade da loteria. Isto é, se o bilhete for encontrado. Mais tarde, na cama, inclui Deus na barganha. Em troca de uma longa vida, ele promete parar de fumar e beber para *sempre* e doar a metade de sua fortuna para os pobres. Assim que começa a cair no sono, sua mente viaja para galáxias distantes, procurando qualquer *deus* que se enquadre nos seus planos.

# Dia 6

---

## O PREÇO DE UM CAIXÃO

Fragmentos de luz se infiltram pela janela do quarto, acordando Joe gradualmente. Sem demora, os cantos da cama estão alinhados, com lençol e cobertor revestindo a cama sem nenhum vinco, como se tivessem sido passados profissionalmente. Sua cama agora representa a imagem perfeita da sua nova disciplina, pronta para a inspeção do carteiro a qualquer hora.

Assim que sai pela porta da frente em busca de comida, é acometido por uma pancada aguda no estômago. A mórbida imagem do carro fúnebre bloqueando a entrada para a garagem o deixa teso. A presença persistente do veículo é apenas parte do que o devora — um lembrete físico de que o carteiro já se tornou o centro de seu universo. Sua presença onisciente o persegue por tudo, como olhos invisíveis que o vigiam a cada passo e veem tudo o que faz.

Olhando com mais atenção, o carro fúnebre está tocando o para-choque traseiro de Osso, e parece ter até empurrado seu Nissan Cherry um pouco para a frente. Joe precisa do carro, mas no momento suspeita que o próprio carteiro está tocando e contagiando seu veículo. Decide caminhar em busca do café da manhã.

Após três quadras na Pacific Coast Highway, se depara com um prédio ultrailuminado que nunca havia visto antes em suas corridas de entrega. O letreiro diz *Our Daily Drug* — Droga Nossa de Cada Dia. Dentro da farmácia, tudo se encontra num branco imaculado — prateleiras, teto, piso em mármore, tudo. Um funcionário, com uniforme branco todo engomado, está polindo o piso já num acabamento vítreo de agredir os olhos. Joe se sente impelido a entrar só porque tem uma balança industrial contra uma das paredes brancas. Quando pisa nela, o painel digital em neon vermelho cento e vinte quilos — uma longa jornada até caber num caixão tamanho médio.

No próximo bloco, se depara com outro prédio que nunca havia visto nas suas idas e vindas, como se tivesse se materializado do nada nos últimos dias. Ocupa quase toda a quadra e só tem uma porta de vidro ao centro e um portão para carga e descarga no outro extremo do imóvel. No alto, vê o letreiro *Home Perpetual* — Lar Perpétuo, em relevo e letras douradas. Joe calcula que seja parte de um desses projetos de renovação da cidade. Espia pela porta de vidro e vê nada mais nada menos que um caixão de prata reluzente em exibição. Seu corpo instintivamente enrijece novamente, e, quando dá o primeiro passo para seguir adiante, um jovem magricela de terno preto aparece ao seu lado, carregando um copo de café quente e duas caixas com sonhos.



“O senhor se importaria de segurar essas caixas para mim, por favor?”, o rapaz pede com um sorriso acalentador. “Preciso achar minhas chaves.”

Joe segura as caixas para ele. “Eu estava mesmo me perguntando, isso aqui é uma funerária?”

“A única *real* na vizinhança toda.”

Joe não tem ideia do que ele quer dizer com *real*. O rapaz, com seu rosto tão branco quanto a farmácia em que esteve há pouco, deve estar usando maquiagem.

“Eu passo aqui toda hora e nunca notei esse prédio antes.”

“Entra comigo, e já lhe mostro nossa linha de produtos.”

O que faz Joe entrar não é somente o carisma do funcionário, mas também sua curiosidade sobre tamanhos e preços de caixões. No showroom existe uma sofisticada exposição de ataúdes, todos com aparência de alto custo. Cada um deles é iluminado por um holofote montado no teto, na tentativa de dar um aspecto mais acolhedor. Para Joe, um estabelecimento luxuoso como este está completamente fora de lugar neste trecho tão despretensioso da Pacific Coast Highway, e há algo distintamente enervante a respeito do caixão com acabamento prateado.

“Prata fina 999”, o funcionário oferece, colocando dois sonhos de chocolate no topo dele e levando o restante para o escritório. “Um é para você. Volto já”, ele diz por cima dos seus ombros.

Cada parede do showroom acomoda três caixões, presos com suportes de metal servindo de prateleiras. No chão, cinco caixões com cores variando entre azul elétrico até verde neon estão expostos em forma de uma estrela de cinco pontas. O interior de cada um é forrado com um delicado tecido branco que se projeta para fora das cabeceiras abertas. A lúgubre ideia de estar deitado em uma dessas gaiolas claustrofóbicas em menos de um mês envia um tremor gelado por todo seu corpo. *Que que eu tô fazendo aqui?* Assim que começa a sair, o empregado vem do escritório, limpando um pouco de açúcar branco de seus lábios. “O cor de rosa é meu favorito.” As proeminentes maçãs de seu rosto e rímel escuro nos seus cílios são inquietantes. “É feito de marfim rosa. Imagine só adormecer para sempre em cetim italiano dupla-face! E quem resiste ao algodão egípcio com contagem de fios 1.800?” O jovem magricela poussa suas mãos com leveza no tecido macio do travesseiro. Ele fecha os olhos, exprimindo êxtase.

“Todos têm cara de ser muito caros”, Joe observa.

“Nem um pouco. Esses do centro estão por volta de oitenta e cinco mil dólares, exceto o de prata. Percebi você contemplando-o. Por falar nisso, me permita compartilhar um segredinho com você.” O empregado vai até o caixão

prateado, e com uma chaveta desbloqueia a peseira. Abre o topo e aponta para vários fechos com zíper dourado localizados ao redor da base. “Esse item foi comissionado poucas semanas atrás e tem alguns recursos personalizados. O futuro falecido é tão apegado aos seus relógios Patek Phillipe que quer levar todos os quarenta e cinco com ele. Cada compartimento consegue acomodar cinco deles.”

Joe apenas se pergunta quem nessa vizinhança empobrecida pode bancar tanto luxo. Seu próximo salário não cobriria nem o cheiro de qualquer um deles.

“Agora, aqueles três na parede de trás”, o empregado continua, “são feitos de mogno, ébano e madeira negra africana e podem ser seus por apenas vinte e quatro mil.”

“Obrigado, mas eu estava procurando por –”

“Sempre é uma boa hora para investir em bens imóveis. No depósito temos nossa linha básica — *Padrão Pobre*. Começa com trezentos dólares, mas não vem com nenhuma ornamentação. São feitos com pinho simples e nodoso, sem forro. Estamos falando de osso nu, aqui.”

“Obrigado, mas tenho que ir mesmo.”

“Claro, claro”, o rapaz continua, sorrindo e estendendo sua mão. Seu punho é extremamente forte para um perfil tão delicado. “Meu nome é Andy. Só para complementar, nós podemos modificar o estofamento de tecido interior de acordo com sua escolha. Aceitamos pedidos desde brim até látex. Se ainda assim ficar muito caro, temos a linha *Torra Torra*.”

“O que é isso?”

“A linha crematória. São caixões mais ralos feitos somente para nossos clientes com dificuldades financeiras e que ainda querem se agarrar a um pouco de dignidade na saída. Tudo acaba na lata de lixo, não é mesmo?”

“Lata de lixo?”

“Eu quis dizer a urna funerária. Vem comigo. Quero lhe mostrar os modelos mais baratos no inventário.”

“Desculpe, mas já estou atrasado pro meu trabalho. Eu tô pintando uma casa.” Joe se vira para sair e seu quadril esbarra em um dos caixões. O caixão se desloca da estante com um rangido, seguido de um gemido de alguém deitado dentro, despertando subitamente de seu sono profundo. Joe gela quando vê um jovem com corte de cabelo escovinha e uma jaqueta estilo exército se erguendo e bocejando.

“Oh, este é meu colega de trabalho, Baker”, Andy sussurra. “Ele tira sonecas longas ali dentro, mas o menor empurrãozinho acorda ele. TEPT, sabe? O coitado ainda pensa que está no Afeganistão.” O jovem sai do leito. Tem um

braço prótico e sua orelha esquerda foi substituída por uma massa rosada de tecido cicatrizado.

“Não se preocupe”, diz Andy, ainda no cochicho, “Nós fazemos isso toda hora aqui. Nossos produtos são confortáveis demais! Outro dia eu estava numa soneca e acabei dormindo trinta e seis horas sem levantar pra mijar.”

Essa foi a gota d’água. Informação demais para Joe, que sai apurado para o trabalho.

\*\*\*

Quando Joe retorna para casa, o carro fúnebre empurrou Osso para a frente pelo menos um metro. Às voltas da garagem, Handsome o espera com o material de pintura nitidamente organizada no topo de uma enorme lona de plástico.

“Aquele carro fúnebre é seu?” Joe pergunta, ansioso.

“Pertence a uma mulher”, Handsome responde, ajeitando com precisão duas espátulas sobre a lona espichada no chão. “Recém se mudou pra’quela casa.” Ele acena com a cabeça para a primeira casa verde-clara logo depois do terreno baldio com duas bombas de óleo e retoma sua função no material de pintura. Existem lixas, pincéis, um par de óculos de proteção, tiner, massa para fechar buracos e ao menos dez itens que Joe não consegue identificar. Visto de lado, quase sem queixo algum, Handsome se assemelha a um sapo — exceto que sapos não possuem pele enrugada. Como um homem desses pode ser tão confiante de sua aparência e ter a audácia de usar um diamante na orelha confunde Joe. “É verdade que cê prometeu pintá essa casa muito tempo atrás, mas nunca pintô?”, Handsome pergunta.

“Não lembro de ter prometido isso”, Joe mente, evitando o olhar do outro.

“Pois bem, não esquece de raspá e lixá qualquer ponto onde a tinta tá descascando. Depois remova toda a poeira e só daí conversamos sobre a mão de fundo.”

“O senhor não vai me ajudar?”

“Não. Pintura é com você, amigo. No final de cada turno vai ter dois pastéis recheados te esperando.” Handsome solta um riso irônico, joga um guarda-pó nas mãos de Joe e desaparece pela garagem ao lado.

“Não tem lixadeira elétrica?”

Sem resposta. Fica claro que Handsome quer tudo nos seus termos e é um homem de poucas palavras.

Joe encosta uma escada contra o lado oeste da casa e sobe, começando a sentir que esse acordo pode não ter sido dos melhores. Começa a raspar uma área pequena, e logo desencadeia uma chuva de poeira e flocos. Sente o pó fino

e seco na garganta, o tipo que só uma cerveja gelada consegue extinguir. E rapidamente começa a suar, mas está determinado a levar esse projeto até o fim, seja como for. Meia hora depois, está exausto e se pergunta como vai sobreviver a esse exercício monumental. Depois de uma hora, seu corpo inteiro dói e suas mãos latejam. Duas horas mais, está encharcado de suor. O trabalho é extenuante, mas os resultados são motivadores. Joe se vê perdendo quilos com isso. E a ideia de eliminar gordura a ponto de o carteiro não reconhecê-lo está em progresso.

“Isso aqui não é trabalho para um milionário”, diz para si mesmo, enquanto move a escada para outra área. Contudo, fica se movimentando e lixando como se aquele bilhete estivesse em sua posse. *E se esse bilhete está esperando por mim no apartamento do Eddie?* Joe desce a escada para checar a situação de seu carro. Osso continua sendo empurrado implacavelmente para frente pelo carro fúnebre, sem motorista no volante.

Ao voltar para o trabalho, Handsome se encontra parado ao lado da escada. “Por acaso eu ouvi cê dizê que teu tio Karl matou teu pai?”

Tomado de surpresa com a pergunta inesperada, Joe engole em seco e pensa numa resposta esperta, mas as palavras não surgem.

“Aqui”, diz Handsome, colocando um saquinho de papel ao lado da escada. “Dois pastéis, conforme o prometido.” E logo desaparece na garagem.

*Esse cara deve estar dormindo naquele carro.*

Os pastéis ainda estão quentes. Joe não consegue lembrar de nenhum microondas ou fogão na garagem. Apenas tem a memória de uma SUV da Lexus estacionada lá dentro e...

Então se lembra de algo que tinha esquecido completamente. Um lado do veículo estava coberto de tinta branca. Dá uma mordida no pastel, surpreso com o quão fácil ficou mastigar e engolir hoje. Devora os dois num instante. Por um breve momento, esquece que Osso está sendo empurrado para baixo na Hillside Drive.

Finalmente uma coisa bem sólida no estômago.

Terminada a segunda parede, já são três da tarde. Joe move a escada para a parede ao leste, com menos rachaduras. Assim que sobe a escada, Handsome reaparece. “Por hoje tá bom. Você recomeça o trabalho amanhã de manhã às oito em ponto.”

“Sem problema.”

“E não esquece de guardá as ferramentas dentro de casa.”

Depois de tudo terminado, Joe tenta mais algumas flexões. Mal consegue dez. No espelho, vê um homem encoberto por uma camada de pó, mal reco-

nhecendo a si mesmo. *O carteiro tampouco ia me reconhecer.* Sábado passado, o carteiro disse que Joe não gostava de si mesmo por causa de sua baixa auto-estima, mas hoje ele gosta de si um pouquinho mais. Talvez bastante mais. Vê alguém mais forte refletido no espelho, alguém capaz de encarar por mais tempo. E pela primeira vez em anos ele aperta o seu cinto, ao invés de afrouxá-lo.

Quando sai para a rua, confirma sua suspeita. Existe algo malévolo com aquele carro fúnebre. Parece estar vivo. Chegou a empurrar Osso para a frente outro metro, mesmo com o freio de mão puxado. Desconfiando de que o carteiro tem sua mão nisso tudo, tem receio até de encostar no seu carro. *Se existe uma maneira de lograr esse homem, vou descobrir qual é.*

Está quase escuro quando Joe caminha na direção do apartamento de Eddie. As portas da drogaria Our Daily Drug ainda estão escancaradas, derramando uma luz fluorescente intensa sobre a calçada e a rua. Do contrário, o prédio inteiro da Home Perpetual está quase invisível, mesclando-se perfeitamente com o crepúsculo roxo, pronto para ser devorado pela noite.

O condomínio de Eddie também está na penumbra. Joe sobe habilmente as escadarias para o segundo andar tentando se esquivar do cego embalando seu gato macabro. Chega no segundo andar pasmo por encontrar a luz acesa no apartamento de Eddie. Bate de leve na porta, que imediatamente abre.

“Joseph?”

“Helena!”

Encontrar a esposa de Eddie na porta é como ver uma aparição do além. Joe fica num silêncio estupefato. Mais ainda quando ela, cordialmente, o convida para entrar. Os dois nunca se cruzaram. Ela tem a mesma aparência de quatro anos atrás, pele de oliva lustrosa e cabelo brilhando como vidro polido. Apesar da sua distinta beleza, Joe nunca teve alguma atração por ela. Tinha algo temível nos seus olhos negros que o deixava inquieto. Ela piscava seu olho esquerdo como as águias — rápida e quase imperceptivelmente. Pare ele, Helena era demasiadamente agressiva e dominadora, e tinha o defeito de cortar as pessoas no meio das frases.

“Que cê tá fazendo aqui?”, ele pergunta.

“Como assim? Esse lugar também é meu, não é mesmo?”

“Mas eu... eu pensei que –”

“Que eu tinha morrido?”

“Todos na –”

“Todos quem? Aquelas hienas tagarelas da pizzaria?”, ela diz em tom zombeteiro. Olha-o de cima a baixo, cautelosamente. “O quê te traz aqui, Joe?”

“Na verdade, um livro”, Joe diz, certo de que ela apareceu para os arranjos funerários de Eddie.

“Boa sorte”, diz ela, indo para a cozinha.

Joe olha para as pilhas e mais pilhas de livros dispersos por toda a sala. No assoalho, debaixo da mesa de centro, espalhados sobre o sofá — por tudo. Eddie foi um minimalista, exceto com livros. Sua pequena base militar se parece mais com uma livraria do que com uma moradia. O prospecto de encontrar um pequeno livrinho preto no meio desse caos é colossal. Na cozinha, além das sobras de comida e pratos entulhando a pia, existem livros precariamente empilhados em tudo o que é superfície. Tem um uniforme da By Pizza suspenso numa cadeira, uma embalagem com suco, o preferido de Eddie — azedo a essas alturas —, e um livro aberto que ele nunca terminou de ler. Coisas inacabadas fazem Joe lembrar do carteiro, que afirmou que “às vezes não há tempo nem para um adeus”.

“Você sabe para onde rebocaram a picafe de Eddie?”

“O Ford dele? Por que eu haveria de saber?”, ela pergunta casualmente, voltando para a sala.

Para Joe, ela parece estar lidando bem com a morte de Eddie. “Eu deixei algo pessoal na cabine, mas a picafe se foi. Eu preciso —”

“Deixou o quê?”

“É... é algo bem pessoal. Quando foi a última vez que viu Eddie?”

“Já faz um tempo”, ela responde com indiferença, indo para a janela e olhando para fora como se estivesse esperando alguém. “Acabei de voltar do México. Só vim para pegar umas coisas, mas tudo o que encontro é essa bagunça. Como é que ele consegue viver assim?”

*Ela não sabe da morte dele.* “Então você também não sabe.”

“Sabe o quê?”

“Que... que Eddie morreu.”

Depois de uma carranca, ela explode com uma risada. “Onde você ouviu essa asneira?”

“Dos caras da —”

“Você ficou louco? E eu não ia saber disso a essas alturas?”

“Eu também só soube dois dias atrás.”

“Me dá um motivo pra eu acreditar nisso”, ela diz, seus olhos negros encarando-o. Bem ali ele percebe o olho esquerdo dela piscando uma vez — quase imperceptivelmente.

“O enterro dele é no sábado às dez da manhã, no Heavenly Hills.”

Helena começa a andar na sala de um lado para outro como uma onça farejando sua presa. “Eu ia saber disso... Me leve para a casa mortuária.”

“O quê? Pra quê?”

“Pra ver ele, é claro!”

Até então não tinha ocorrido a Joe que o corpo de Eddie poderia estar numa sala mortuária para visitação. A ideia de vê-lo inerte num caixão faz ele se contrair.

“Meu carro não t  –”

“Então vamos a p ”, diz ela, já abrindo a porta de entrada e cutucando-o até a saída. Na porta, de imediato Joe olha para o apartamento do cego ao lado.

“Não se preocupe. O ceguinho Darksy não t  em casa.”

Em questão de minutos, os dois estão marchando pela Pacific Avenue na direção de Bixby Knolls. Eles ficam em silêncio até que ela se volta e ergue a mão indicando para ele parar. “Me diz agora, o que   essa coisa importante que deixou na picafe dele?”

“Bem, como eu falei, é algo pessoal.”

“Você tá escondendo algo de mim.”

“Não tão escondendo –”

“Um pequeno detalhe: existe algo chamado seguro de vida. Se meu marido de fato foi pra cucuia, tudo o que é dele fica pra mim. Você não pode tocar em absolutamente nada sem meu consentimento. Isso inclui essa tua coisa *pessoal*.” Com seu olhar penetrante, parece mais que ela está tentando entrar para dentro da cabeça dele. “Eu vou descobrir de qualquer modo, sabe? Eu sempre descubro. Tudo!” Ela começa a caminhar num passo mais rápido. Os passos e a respiração dela não emitem som algum, enquanto Joe já está sem fôlego. Nenhuma outra palavra trocada até chegarem ao Heavenly Hills. Mas, antes mesmo de chegar na mesa de recepção da funerária, ela novamente o det m abruptamente.

“Diz agora de uma vez por todas, Joe. O que você tinha na picafe?” O olho esquerdo dela pisca rapidamente duas vezes. “Você não ia fazer toda a caminhada até lá em casa só por causa de um livro. Eddie me disse que você nunca l  livros, que só sente na frente da TV quando não faz entrega.”

Joe se vê sitiado. Parece que a onça finalmente encontrou a presa. A única prova de que o bilhete de loteria   dele é uma mensagem na secretária eletrônica. O olhar maquiavélico dela faz Joe entender que não vai conseguir esconder a verdade por muito tempo.

“Tão te observando, Joseph. Você tá tramando algo. Tão achando que c  t  envolvido com a morte de Eddie de algum modo.”

Ele se vê cercado. “Escuta”, ele diz, “Eu te digo em troca daquele livro que eu preciso.”

“Já é seu!”

Joe olha para a pálpebra dela esperando mais piscadas, mas seu olhar apenas fura os olhos de Joe. “É um bilhete de loteria.”

Helena franze a testa. “Um bilhete de loteria? Você tá fora das bolas?”

“Eu esqueci no carro... Eu ganhei na loteria.”

Os olhos dela piscam várias vezes, continuamente. “Como você sabe que ganhou?”

“Porque eu sempre jogo os mesmos números e –”

“Fica aqui e espera por mim”, ela o interrompe. “Deixa eu ver com a recepção se Eddie está pronto para visitação.” Helena entra no prédio da casa mortuária, deixando-o sozinho lá fora, desconfortável e infeliz. Ficar perto dela está sendo extremamente desconfortável, mas hoje ela está penetrando sua pele. Em apenas poucos dias ele viu carros fúnebres, caixões, dois cemitérios e um bando de pessoas sinistras, mas ver Eddie rígido num caixão é mais do que pode aguentar. Helena reaparece de súbito, afoita. “Busca o carro já!”

“T  em Signal Hill.”

“Não pedi onde ele está. Precisamos de um carro e precisamos fugir rápido.”

“Por quê? O que aconteceu?”

“Eu achei a capela e vi Eddie. Você quer aquele livro, certo?”

“Sim?!”

“  um livrinho pequeno de capa preta, menor que um livro de bolso?”

“Sim.”

“Pois bem, ele está colado nas mãos dele.”

“Eddie t  mesmo lá dentro?”

“Ele não. O corpo dele sim.”

Joe nem consegue ouvi-la. Sua mente está fixada em Eddie deitado rígido e frio dentro de um ataúde.

“Você ouviu o que eu disse?”, ela pergunta. “  só o corpo dele. E tem um livro colado nas mãos dele.”

“O que você quer dizer com *colado*?”

“Você sabe como os latinos adoram colocar pequenas lembr ncias nos caixões dos familiares que partiram. Alguém da família dele provavelmente quis o



livrinho enterrado junto a ele. Nós vamos ter que cortar as mãos dele ou roubar o corpo inteiro. Precisamos do carro para fazer uma fuga rápida.”

“O quê? Voce tá maluca?”

“Você não ouviu o que acabei de dizer? Você não tá me ouvindo, Joseph. Essa é sua única chance de pôr as mãos naquele livro. Se eles fecharem o caixão, se foi pra sempre. Sempre!”

“Eu... eu não posso fazer isso com ele.”

“Mas eu posso”, ela responde com um olhar duro como aço. “Picar uns dedos dele não é nada comparado com a merda que ele me fez passar. Agora, se manda e pega aquela sua tralha de carro. Eu espero aqui. Se não voltar logo, pode dizer adeus ao seu livrinho e ao bilhete de loteria.”

Pelo tom autoritário de Helena, Joe sabe que ela está falando sério. Ele arriscaria sua vida por aquele livro, mas cortar as mãos de seu amigo está fora de questão. Ele se apressa até Signal Hill, sua cabeça desesperadamente buscando uma solução melhor.

\*\*\*

Sua missão para recuperar Osso foi dificultada por um pequeno detalhe: o carro não está ali. Leva um tempo para encontrá-lo abandonado meia quadra abaixo. *Aquele carro fúnebre está vivo. E é diabólico!*

De volta a Heavenly Hills, os dois se encontram no lado de fora do prédio. Ela parece inquieta e várias vezes olha de relance para a porta de entrada da mortuária. “Tem um problema”, ela diz, evitando o olhar dele. “Você não vai gostar do que vai ver.”

“Por quê?”

“A cabeça de Eddie está inteiramente coberta.”

“Coberta?”

“Um funcionário me disse que foi um pedido dos familiares, porque o rosto dele está todo desfigurado.”

Um misto de choque e tristeza percorre o corpo inteiro de Joe. “Como ele morreu?”

“Faz alguma diferença agora? Vamos depressa! Temos pouco tempo para ver ele.” Ela o guia através do longo corredor das capelas, algumas com nomes em placas anexas ao lado. Quando vê o letreiro *Eddie Martinez* numa pesada porta de nogueira, Joe fica consumido por uma tristeza inexplicável. Sente-a até nos joelhos. Seus olhos buscam uma saída de emergência.

“Nós nem deveríamos estar aqui agora”, Helena diz. “Vá você primeiro e eu vigio a porta. Vê se consegue arrancar aquele livro das mãos dele.”

Logo se vê dando os primeiros passos na direção de Eddie, ainda pensando em sair correndo. Apenas a dois metros do caixão, Joe está olhando para um corpo desconhecido, sem rosto, nem sequer reconhecendo suas mãos. Nunca se deu conta do quão morenas elas eram. *Talvez todos os mortos tenham mãos escuras.*

Há um rosário enrolado nas mãos de Eddie junto com o livro minúsculo. Parece ser o mesmo que Eddie insistiu que Joe lesse depois que saiu da prisão. A mente de Joe é incapaz de escolher entre tristeza e excitação, uma vez que o livro está apenas a dois metros de si. Mas o medo de tocar as mãos sem vida o paralisa.

“Ei, parceiro... Nem tenho certeza de quem é você. Esses dias, na picape, ao menos pude ver tua cara como era antes. Quem me dera poder falar contigo de novo, mesmo na forma de um fantasma.” Joe se aproxima mais e toca suas mãos. São frias, mas Joe está certo de que pode soltar o livro sem cortá-las.

“Ligeiro”, Helena sussurra.

Com mãos trêmulas, Joe tenta desprender o rosário. Depois de algumas tentativas inúteis, puxa com força, mas somente as continhas do terço se soltam e voam por todo o corpo de Eddie, algumas retinindo no chão. Segura novamente o livro, mas o rosário permanece pregado a Eddie.

“Volta pra cá, *agora!*” Helena demanda.

Joe retorna apressado até a entrada da capela.

“Eu vi a tia dele no final do corredor, mas antes de a gente se mandar, quero me certificar de que as bolas dele de fato foram fritas com um relâmpago.”

“O quê?”, Joe pergunta, horrorizado. “Tá falando sério? Como você não ia saber isso? Você foi a esposa dele.”

“Esposa uma ova. Ele é meu primo, e só casei pra ele conseguir o *green card*. Você pensa que ele foi um anjinho? Esse bosta mentiu pra mim desde o primeiro dia.”

Joe para ali sem saber o que dizer. *Ela é completamente louca.*

Helena corre para o caixão e começa a desabotoar o cinto de Eddie. Perdido, Joe se põe a escrutinar o longo corredor. Um momento depois, ouve uma pancada que vem de dentro da capela e espia para dentro. Uma senhora velha e esquelética está espancando Helena com uma bolsa incessantemente.

“Para com isso, sua vagabunda filha da mãe!”, Helena grita, tentando se defender do bombardeio de pancadas.

“*Putá madre*”, a velha chia. “Cê viu os diamantes no crucifixo dele, não é mesmo? Aquele rosário era meu presente pro meu afilhado.” Ela arranca o cinto de Helena e começa a chicoteá-la como uma dominatrix sádica. Helena tenta

se defender, mas as chicotadas continuam descendo até sua fuga. Segundos depois, os dois estão sentados na relativa segurança de Osso.

Os músculos das pernas de Joe produzem espasmos. “O que foi aquilo?”

“É um pouquinho complicado, Joseph. Você vai precisar voltar amanhã, ou aquele livro vai estar seis pés abaixo da terra com meu primo. Falando nisso, você tem a informação errada. O enterro é às nove e não dez da manhã.”

“Diz a verdade então, por que você casou com ele?”, Joe pergunta, ainda tremendo.

“Eu queria a carne dele, assim como todas as mulheres e homens rodeando aquela pizzaria.”

“Você é maluca, sabia?”

“Você não me conhece, Joseph. E tem mais... você conhece muito pouco a respeito do seu amiguinho morto lá dentro.” Novamente os olhos dela se travam nos dele. “Agora, vamos falar sobre aquele bilhete de loteria.”

\*\*\*

Joe estaciona Osso no corredor da casa. Entra de ré, pronto para demolir o carro fúnebre caso amanhã a vizinha bloqueie a entrada novamente. Ele escova seus dentes, incapaz de esquecer a imagem de seu amigo no ataúde — uma casca fria de alguém que mal reconhecia.

*Mas eu ainda preciso daquele livro. Talvez cortar as mãos não seja uma ideia tão maluca, depois de tudo.* Joe desmorona na cama e fica ali por muito tempo, olhando fixamente para lugar nenhum. As estranhas mãos escuras de Eddie, o livro, e agora Helena no encalço de seu bilhete — todos ocupam sua mente, como fita que toca e repete, até que seu corpo fica extenuado. Assim que entra num sono profundo, ouve uma batida de leve na janela.

*Que diabo!*

Outra batida, um pouco mais forte.

“Handsome? Já vou aí.” Ele move seus ossos pesados o mais rápido possível. Quando abre as persianas, ao invés de Handsome, encontra a mesma mulher gigantesca que lhe trouxe o correio três dias atrás.

“A senhora? O que faz aqui a esta hora da noite?”

“Eu sei que não é a melhor hora, mas o senhor se lembra de quando me pediu sobre aquele carteiro? Você parecia tão desesperado que me empenhei em procurá-lo. Não foi fácil, mas encontrei o homem que você andava procurando. Ele está aqui.”

“O quê...? Ele tá aqui? Por que aqui?”

“Eu senti que o senhor *realmente* precisava falar com ele. Ele está esperando ali na frente. Me disse que quer esclarecer algumas coisinhas.”

“Um minuto.” Joe se agacha abaixo do peitoril da janela, respirando profundamente. Não tem estômago para encarar o carteiro agora. Mas eventualmente resolve confrontar o homem. Veste seus jeans e sai para a rua.

“É ele, não é?”, a mulher pergunta quando ele se aproxima da garagem. Apesar da luz fraca, Joe consegue ver o rosto angular do carteiro, suas costas apoiadas no mesmo carro fúnebre, que agora está inteiramente bloqueando Osso. Os braços do carteiro estão despreocupadamente cruzados, dando a nítida impressão de que o homem está esperando por ele, e *ele* somente.

*Então esse é o verdadeiro motorista daquela coisa!*

“Chega mais perto, Joseph”, o carteiro diz calmamente, com seu estranho sotaque.

“O que o senhor faz aqui? É bem tarde agora.”

“Estou aqui para lhe ensinar algumas coisinhas, Joseph.” Acena com sua cabeça para Joe se aproximar, mas ele não consegue dar um só passo em sua direção. Silenciosamente, o carteiro abre a traseira do carro fúnebre revelando um caixão com dimensões amplas — parecendo mais um contêiner de transporte. Num movimento rápido, o carteiro levanta a tampa com seu dedo indicador com uma agilidade formidável. Joe esconde suas mãos trêmulas bem no fundo do bolso enquanto o carteiro junta as *suas* como se fosse rezar. Estende-as e estala seus dedos num pipocar exasperador. Ao terminar, corre seus dedos habilmente sobre a borda do caixão. “Eu acredito que este seja o tamanho ideal para você, grandalhão. Dobro GG”, ele diz com escárnio. “Quero que você entre ali para eu poder tirar umas medidas. Umas medidas finais.”

“O quê? Isso é um absurdo!” Joe ri nervosamente, pronto para fugir para dentro de casa. Ele se vira para a mulher um pouco atrás dele, mas ela apenas encolhe os ombros. Joe olha para a garagem para ver se Handsome se encontra ali. “Escuta, eu não fiz nada de errado até agora. Fiz minha cama todos os dias e escovei meus dentes. E tô verdadeiramente limpando minha casa.”

“Esfregando o vaso do banheiro e jogando a TV fora? Você acha que isso significa *limpar a casa*?”

“Então me diz o que fazer que eu faço!”, Joe implora aflito.

“Joseph, estou em *tudo* lugar e *toda* hora. É minha primeira lição, mas já te falei isso. Eu bem sei que você quer mudar a aparência para eu não te reconhecer no final do mês. Não seja tão idiota. Você não pode me enganar nem perdendo cem quilos. Assim sendo, aqui vai minha segunda lição: *ninguém* consegue me enganar.” O carteiro ergue suas mãos até o pescoço, uma de cada lado, e, com um chacoalhão abrupto e inesperado, estala seu pescoço. Joe está a ponto de

perder os dois pastéis. “Somente pessoas sábias aprendem que sou o poder mais democrático do universo, um verdadeiro mestre de ensino. Mas agora eu quero que você deite aqui dentro.”

A respiração de Joe é rasa. Começa a lutar por mais ar, como se já estivesse trancado ali dentro do caixão. “Olha, a gente pode resolver isso. Eu não –”

“Tenho uma tarefa a cumprir, Joseph. Assim sendo, quando digo ‘entra aqui’, quero dizer *entra aqui!*”

“Eu não entendo qual o propósito do senhor me fazer entrar nessa... nessa coisa.”

“Estou lhe ensinando humildade, Joseph. Ali mesmo está a lição que todos deveriam aprender. *Eu sou aquele que tem verdadeiro poder sobre sua vida, não você. Eu tenho o poder de pôr um fim a tudo que tem vida.*” Ele circunda seus braços na região lombar e estrala suas vértebras em sequência. Joe sente sua própria espinha estralar, em revulsão. “Quero que você se deite aqui”, o carteiro ordena, com olhar avassalador. “Preciso tirar umas medidas.”

“Medidas de quê?”

“O que eu meço tem diferentes comprimentos e larguras. Como mestre em humildade, consigo medir seu orgulho, autoimportância, arrogância, ódio –”

“Eu não tenho ódio de ninguém.”

“É mesmo? Então me explica a fúria de ontem quando aquele policial roubou suas pizzas? Fui eu que o enviei, justamente para você *sentir* o que é estar trancado por causa de ódio. Eu também mandei aquela velha rabugenta na Cruz Vermelha, porque você achava que ainda iria doar sangue. Entenda isso, pobre mortal. Você não pode me enganar ou barganhar comigo.”

O tom de finalidade na voz do carteiro prova a Joe que ele não tem como escapar do seu destino. Olha fixamente para o caixão aberto, aterrorizado. Vê somente uma saída — correr. Primeiro, pensa em saltar para dentro de Osso e propelir o carro fúnebre fora do corredor, mas está sem as chaves. Ele se vira para correr para dentro de casa, mas o carteiro aparece prontamente bloqueando o caminho. Estando mais perto, Joe vê nele um aspecto que não tinha visto antes. Ele se parece com qualquer outra pessoa comum e, ao mesmo tempo, com pessoa nenhuma. Seus olhos revelam um nada absoluto. Com seus dedos, o carteiro cutuca Joe nas costelas, conduzindo-o até perto do caixão.

“Pare com esse gemido patético e se deite ali dentro. Uma vez ali, você terá uma experiência íntima dos meus ensinamentos. Melhor antes do que tarde. Uma vez apodrecendo nos confins desse caixão, com vermes fazendo um banquete levando carne apodrecida para dentro e para fora do seu traseiro gigantesco, é tarde demais para aprender qualquer coisa.”

Joe começa a tremer violentamente. Faz uma noite morna, mas ele sente que está congelando. Com suas mãos fortes, o carteiro habilmente o conduz para dentro do amplo caixão, como se tivesse feito isso bilhões de vezes. Assim que a tampa fecha, a visão de Joe começa a obscurecer. Ainda existe uma pequena fresta por causa dos dedos do carteiro. “Em toda a minha sabedoria, tem uma coisa que nunca vou entender. A medida da estupidez humana, pensar que vão viver para sempre. Pura ilusão! E, como mestre, aprenda outra lição comigo, Joseph. Sem a minha presença constante, a vida dos humanos não tem sentido algum. Sem mim, a vida é apenas um carnaval vazio que não vale nem o preço do ingresso.”

Ficando mais claustrofóbico a cada segundo, Joe se recusa a ouvir. “Por quanto tempo eu –”

“Quieto, meu filho. Tempo não existe aí dentro.”

“Tá escuro demais e não consigo respirar direito.”

“Vai ficar acostumado com a escuridão logo logo. Nem uma semana atrás você não conseguia ver sem óculos. Não percebeu que já vê as coisas de modo diferente?”

Joe não entende. Mas é verdade que tem visto tudo sem os óculos. Acha que só pode ser isso que o carteiro quer dizer.

“Esta manhã você queria saber o preço de um caixão. Agora está a ponto de aprender o verdadeiro preço de um.”

Joe ouve um baque abafado e tudo fica completamente escuro, silencioso. Preferiria ouvir os sons doentios do homem estalando seus ossos. O silêncio e a escuridão absolutos são devastadores. Mal consegue respirar e se mexer. Tenta mover seus braços, mas estão apertados contra as laterais do caixão. Se sente aprisionado. Enterrado vivo.

Sequer houve tempo para renegociar seus trinta dias em troca do bilhete de loteria. O suor e o calor do corpo começam impregnar os confins do caixão. Joe se pergunta quantas respirações vai ter até consumir todo o ar. *Falando em morrer em pequenas porções!* Ele percebe que seu coração ainda está batendo. É uma batida tênue, mas ainda é uma batida. Quantas dessas ainda restam?

Escuridão. Silêncio. Nada.

Sua ansiedade vai drenando seu corpo aos poucos até não restar mais oxigênio — apenas alguns pensamentos que confirmam que ainda não está morto. Segundo após segundo, horas parecem passar. Preso num limbo infernal, bem como disse o carteiro, “tempo deixa de existir ali”.

Uma era passa.

Joe consegue abrir os olhos e vê uma pequena cabeça avermelhada pairando acima, a cabeça de um menino. Sabe que está alucinando, mas quanto mais contempla o menino, mais real ele parece — e muito semelhante a ele mesmo quando tinha sete anos. Força os olhos para se certificar de que o menino não é um pequeno fantasma flutuando por aí. Quer erguer seu braço para tocá-lo, mas não consegue. Os olhos do menino parecem perturbados e tristes. Joe fica olhando para ele até ver o que realmente reside por detrás — uma profunda tristeza e um profundo ódio. *Sabe* que agora está vendo a si mesmo, o mesmo menino olhando para seu pai no caixão décadas atrás. Ele lembra o quão enfurado estava naquele dia, e se dá conta de que ainda carrega consigo o mesmo ódio e tristeza depois de todos esses anos. Seu pai era sua rocha, seu amigo, seu *deus*, seu tudo, bem como Eddie foi durante os últimos anos.

Joe fecha seus olhos para evitar o olhar atormentado do menino. O carteiro estava certo sobre seu ódio. Mesmo que o menino seja uma ilusão, Joe admite que está repleto de ódio. O carteiro também estava certo sobre o *tempo*. Joe não tem a mínima ideia de há quanto tempo está confinado neste caixão. Perdeu a noção. O carteiro também estava certo sobre humildade. “Morrer é algo humilhante”. Joe havia esquecido essas palavras de sábado passado, e agora ele as *sente*. Nesse momento, humildade significa se contentar com o pouquinho de ar que ainda resta ali dentro. Está quase pronto para se desapegar de tudo quando ouve uma batida suave na tampa. Ele quer responder com outra batida na parte lateral, mas não consegue mover um dedo. Ouve então uma batida mais forte que o enche de esperança.

“Cê tá vivo?”, uma voz familiar ecoa de fora.

*Tô sim.*

“Vai pintar essa casa ou não?”

Uma rajada de ar enche seus pulmões. *Handsome?*

“Mova essa tua bunda preguiçosa da cama e venha trabalhá.”

Joe invoca toda a energia que tem e manaja trazer as mãos sobre sua barreira. Dali, ele empurra com força a tampa do caixão, mas nada se move. Insiste repetidas vezes até que encontra uma forma de sair do pesadelo mais horripilante de sua vida. Acorda ofegante e se dá conta de que estava pressionando seu travesseiro contra seu próprio rosto.

Não era apenas um pesadelo. Ele *estava* quase morto. Na verdade, tinha parado de respirar completamente. Molhado de suor, se esforça para recuperar o fôlego. Ouve uma pancada forte na parede e, lentamente, arrasta seu corpo até a janela. Lá fora está um dia claro e ensolarado. Handsome olha para ele do outro lado da janela com sarcasmo.

“Vai trabalhá ou não? Pensei que tínhamos um acordo.”

Joe procura pelo relógio-alarme, mas se dá conta de que o jogou fora. “Que horas são?”, pergunta, ainda desorientado.

“Oito em ponto. Onde esteve ontem todo o dia?”

“Aqui.”

“E você dormiu o tempo todo? Eita vida difícil!”

Joe olha para ele. “Hoje não é sexta?”, pergunta perplexo, meio que tentando se convencer de que é. Ligeiramente toma uns goles de água da torneira para clarear suas ideias. Se dá conta de que, se for sábado, Eddie vai descer para o solo em menos de uma hora. E o livro vai junto! Corre para fora pronto para entrar em Osso, mas o carro fúnebre da vizinha novamente bloqueou sua saída. Com certeza ainda tem tempo para uma pequena conversa com essa mulher.

“Ei”, vem a voz de Handsome atrás dele. “Eu não faria isso se fosse você. Aquele coreano carrega uma calibre 12.”

Joe não tem a mínima ideia do que esse homem está falando.



# Dia 8

---

## O LIVRO VERSUS EDDIE

Joe abre o pequeno portão do jardim da casa do vizinho, mas no momento que seus pés pisam na grama, a porta da frente se abre e um homem de pijama vermelho aparece com uma espingarda de ação por alavanca Winchester na mão. Joe fica petrificado. O homem engatilha a arma e a move para todos os lados como se fosse atirar aleatoriamente. “Fiquem voltando aqui, seus escrotos”, ele grita histericamente até que uma bala passa zumbindo pela cabeça de Joe, que já se encontra na calçada.

“Se eu pego vocês por aqui de novo, encho suas bundas brancas de bala.”

Joe olha por cima de seus ombros e vê o homem ainda apontando a arma. Corre rua acima na direção do cemitério de Heavenly Hills, mas ainda ouve dois tiros ecoando na distância. *Por que o mundo inteiro tá contra mim?* Ele se pergunta se já não está morto, vivendo num mundo abarrotado de fantasmas. Se arrasta pela Cherry Avenue com uma certeza: a presença do carteiro *está* em toda parte, até mesmo nos seus sonhos.

Quando chega nas alturas da Town Center East, uma voz penetrante passa o constante zunido do tráfego. “Ei, você, desculpe sobre o meu locador. Mr. Park é meio doido mesmo!”

Joe reconhece a mulher no volante do silencioso carro fúnebre se movendo ao seu lado, com o vidro do passageiro abaixado. É a mesma mulher de cabelo curto que domingo passado procurava um endereço em Long Beach. Ele continua caminhando rapidamente, sem olhar para ela, sabendo que tem pouco tempo para chegar ao enterro de Eddie.

“Sinto muito mesmo”, ela brada do volante, soando sincera. “Eu acabo de me mudar para aquela casa e não esperava um locador eufórico por gatilhos.” Ela parece estar prestando mais atenção nele do que no tráfego à sua frente. “Escuta, deixa eu te dar uma carona. Afinal de contas, somos vizinhos agora.”

Ignorando-a, Joe atravessa a Willow Street com o semáforo vermelho, sabendo que ela não poderá. Porém, ela também cruza, e, quando o carro fúnebre fica trancado entre duas camionetas, ele aproveita para cruzar a Cherry Avenue, entra num beco e atravessa a East 27th Street para, por fim, perdê-la de vista. Tudo por nada. O veículo já está se aproximando dele. Joe espera para abordá-la no lado do passageiro. Por um segundo, estava a ponto de apoiar as mãos na porta com o vidro ainda baixado, mas reage instintivamente quando se lembra do pesadelo que teve apenas uma hora atrás.

“O que a senhora quer de mim, dona?”, ele pergunta, exasperado.

“Quero ser uma boa vizinha pra você. Apenas isso.”

“Bons vizinhos não bloqueiam a entrada com essa... essa coisa.”

“Eu já disse que sinto muito.”

“Sente muito? Seu marido me dá tiros e tudo o que diz é *sinto muito*?”

Ela larga um profundo suspiro e, com calma, diz, “Olha, aquele não é meu marido. Eu admito que meu carro precisa de um conserto no freio de mão. Mesmo brecado, ele se move uns seis metros por dia. Até parece ter vontade própria. Não consigo concertar o problema.”

“Tem um milhão de mecânicos em Long Beach”, Joe diz, olhando rapidamente para a parte de trás para ver se tem algum caixão.

“Estou vendo que você está sem fôlego de novo”, ela diz. “Vamos lá, entra aí. Te levo a qualquer lugar. A não ser que você precise do exercício.” Além do horrendo batom cor de ameixa e da atitude arrojada, Joe não vê nada de ameaçador na aparência dela. A mulher veste um terno preto, mas o seu sorriso é amigável.

“Não vai me dizer que tem medo de um caixãozinho apoiado lá atrás. Entra aí.”

“Nessa coisa”, diz ele, apontando para o carro, “*nunca!*” Ele recomeça a andar, mas ela continua seguindo-o. O que o aflige mais é que não consegue ouvir absolutamente nenhum ruído do motor do veículo, apenas os pneus tocando o pavimento.

“Deixa de ser marica e entra de uma vez!”, ela exclama. “Do contrário, vai chegar atrasado para o velório do seu amigo.”

Joe se volta perplexo, mas o carro já está fazendo o retorno e se afastando em silêncio. *De jeito nenhum ela poderia saber que tô indo para o enterro de Eddie. Quem é essa mulher?*

\*\*\*

Em frente à funerária Heavenly Hills estão estacionados três carros fúnebres, altamente polidos, todos idênticos àquele que Joe estava evitando há pouco. Estão alinhados com rigorosa precisão, como aviões de combate prontos para serem mobilizados a qualquer momento para o Afeganistão.

Joe enxerga um grupo de enlutados a distância e caminha em direção a ele. Assim que chega mais perto, não reconhece ninguém, exceto Helena. Nem sequer um entregador de pizza ou interno da Fired-Up se encontra no grupo. Ao invés de se juntar a eles, busca a sombra de uma pequena cerejeira para ter uma vista do sepultamento.

Helena, usando um vestido preto com decote V, mantém uma postura ereta e fria. Joe senta-se na grama e observa a cerimônia. Um brisa morna balança as árvores ao seu redor, tornando o evento ainda mais triste. É difícil acreditar que seu amigo está trancado para sempre naquela caixa, rígido e sem rosto, segurando o livro que ele tanto quer. Ainda nem sabe a causa da sua morte, e nunca teve a chance de dizer “muito obrigado” a ele. Apenas se lembra do carteiro sábado passado dizendo que “morrer nem sempre permite tempo para dizer adeus.”

*Por que o carteiro tem que estar sempre certo?*

Olhando para o caixão, pronto para ser abaixado, Joe não tem a mínima ideia de como arrombar aquilo, muito menos de como cortar as mãos de Eddie. Aos poucos, o grupo começa a se dispersar até somente permanecer Helena. Dois operários começam a jogar terra sobre o caixão, e Joe se levanta para caminhar até a cova de Eddie.

“Olá, Helena. Você –”

“Encontrei a picape dele”, ela o interrompe, como de costume. “Nenhum sinal de bilhete de loteria. Tô começando a achar que é tudo invenção sua. Você já meteu as mãos naquele livro?”

“Não.”

“Pois é, agora nós dois temos um problema.”

“Onde está a picape dele?”

“Depósito de carros guinchados entre a Temple e a Redondo. Revirei tudo e não encontrei nenhum sinal de papel. E eu quero aquele bilhete tanto quanto você quer aquele livro.” Os olhos dela piscam duas vezes e Joe entende que com ela agora é tudo interesse. “E nem pense em profanar o túmulo do meu marido. Seria um delito penal. Tenho certeza de que você não gostaria de voltar para a cadeia, certo? Encontre aquele bilhete e eu te passo a *minha* cópia do livro.”

Os coveiros olham para os dois, trocam olhares e continuam enchendo a cova de Eddie.

“Você sabe muito bem que aquele bilhete é meu”, Joe declara.

“Mas o livro *não* é. E eu sei o quanto você quer ele. Para ser honesta, seja quem for que colou aquele livro nas mãos, devia ter enfiando no rabo dele.”

“Por que você tem tanta raiva do Eddie?”

“Eu? Aparentemente não sou a única que tinha raiva daquele cafajeste. Quantos empregados dele você viu aqui? Nenhum! Só me traz aquele bilhete.” Ela se afasta dali, com o vestido negro grudando no seu corpo esguio. Joe tem a nítida impressão de que vai precisar voltar aqui para desenterrar Eddie antes

que cubram o lugar com lajes de concreto. Ele observa os coveiros terminarem seu trabalho e segue-os discretamente até o galpão de manutenção.

\*\*\*

Joe retorna para Home Perpetual. Depois do pesadelo, em que ficou trancado num caixão, e depois de ver Eddie entregue ao chão frio, uma exposição de caixões não o intimida mais. De imediato, seus olhos se voltam para o caixão onde dormia o jovem com uniforme militar e braço prostético. Está vazio. O caixão de prata reluzente foi substituído por outro, igualmente inquietante, escuro como breu. Joe dá uns passos na direção do escritório quando Andy irrompe o luminoso showroom, protegendo seus olhos contra a luz, como se tivesse sido cuspidos para fora das trevas. Seus cabelos e terno azul marinho parecem amarrutados.

“Bom dia, Andy. Eu estive aqui dois dias atrás perguntando –”

“Ah, é você. Em que posso ajudar dessa vez?”

“Eu apenas queria saber sobre a resistência dos caixões em geral, e como se abre eles do lado de fora.”

Andy olha para Joe curiosamente. “Não sei se estou entendendo bem. Me dê um segundo que vou consultar meu associado.” Parado ali mesmo, Andy dá uma sacudida discreta no caixão ao seu lado. “Warlow”, ele diz com voz suave. O estômago de Joe quase salta para fora.

Warlow, um homem magro como uma cenoura e pele branca como leite, se levanta e remove sua máscara de dormir que cobria seus olhos cor de rosa, aguados. “Por que você fez isso?”, pergunta para Andy, irritado.

“Sinto muito, Warlow, mas este senhor tem uma pergunta que necessita sua perícia.” Como uma cobra escapando de uma cesta, Warlow desliza sinuosamente para fora do caixão e alisa seu terno. Os dois funcionários caminham para os fundos e conversam em tom baixo. Quando Andy retorna, diz: “Sinto muito por meu colega de trabalho. Ele se perde no tempo quando dorme ali dentro e revive profundas memórias antigas. Quando volta para a realidade, sempre fica melindroso. É o seguinte, ele tem a impressão de que você tem uma leve propensão a roubar um túmulo, mas eu assegurei que o senhor estava apenas indagando sobre a qualidade de nossos produtos.” Joe fica sem palavras. Andy se inclina na direção de Joe e sussurra de modo conspiratório: “Isso é só entre eu e você. A não ser que tenha uma chave, vai precisar de um machado ou alavanca.”

Fortes batidas vindas do escritório assustam ambos. A barulheira soa como se o aposento estivesse sendo atacado por uma equipe de poltergeists enfurecidos. “Raios que o partam”, Warlow grita. “Minha memória tá completamente perdida agora. Foi-se. Droga!”

“Sinto muito”, Andy se desculpa, “me dê licença novamente.”

“Sem problema. Tô mesmo atrasado pro trabalho. Obrigado.”

\*\*\*

A escada está posta no lado leste da casa. Ali há mais janelas, mais caixilho, e uma assustadora quantidade de remates para preparar. Joe veste seu macacão e óculos de proteção e começa a remover a tinta velha. Periodicamente, olha para a casa além do terreno vazio, mas não há sinal de nenhum homem armado. Quando a raspagem e a lixação estão terminadas neste lado, seu rosto está coberto de pó, e seus pulmões ardem. Com a mão na espátula, sobe as escadas e começa a trabalhar na guarnição do teto da área da frente. Assim que desce para pegar mais lixas, quase despenca da escada ao ver Handsome sentado logo embaixo, na porta de entrada. Vê-lo ali quieto e sem anúncio é como encontrar uma víbora letal enrolada na porta. Ao invés de cuspir uma língua bifurcada ou sacudir seu chocalho, a serpente de macacão laranja começa a tragar um charuto bem gordo, soprando pequenas nuvens de fumaça azul.

“Então, meu amigo... teu tio me disse que cê recebeu correio semana passada, uma entrega especial *overnight*.”

“Não tenho a mínima ideia do que o senhor está falando.”

“Seria bom lembrá. Meu pagamento tá incluído naquele envelope. Teu tio também me disse que cê não tem disciplina nenhuma, mas na minha opinião quem dorme um dia inteiro é apenas preguiçoso.” Handsome se move para o lado e lhe dá um cutucão repentino, tão inesperado que as mãos de Joe acabam agarrando somente o ar ao invés da escada. Ele aterriza nos azulejos duros da área enquanto a escada despenca sobre os cactos. Os ouvidos de Joe ficam zumbindo. A palavra “disciplina” ressoa lenta e profundamente na sua cabeça enquanto Handsome vai deslizando na direção da garagem. Joe nem consegue ouvir os passos dele, apenas escuta um chiado estridente que só termina com um estampido, como se um tampão tivesse sido arrancado das orelhas. Com nitidez, uma frase do livro que ele tinha lido recentemente vem à tona. *Numa vida onde não existe disciplina, não há... não há...* Não lembra o restante, mas sabe que era do pequeno livro de Eddie — o que está guardado na garagem. Lembra também das várias páginas em branco.

*Então tá lá dentro!*

Joe se levanta, corre para a garagem e começa a bater freneticamente na porta lateral. “Seu Handsome, consegue me ouvir? Por favor, abra. Eu preciso de um livro que tá numa das caixas.” Joe percebe que tem uma fechadura extra presa a uma corrente, que não estava ali antes. Ele bate novamente.

Silêncio.

“Eu não sei nada sobre o correio”, Joe diz, agora golpeando a porta grande. “Eu apenas preciso daquele livro.” Joe *sabe* que esteve ali dentro com o livro na mão, mas não lembra *por que* ou *quando* — muito tempo atrás, talvez. *Deve ser aquela coisa chamada amnésia que eu vi na TV dias atrás.* Logo pensa em arrombar a garagem, mas lembra da advertência de Handsome para nunca pôr o pé ali dentro, ou seria o fim do acordo entre eles.

Joe volta a trabalhar na área da frente com o sentimento incômodo de que naquela garagem tem muito mais do que somente um carro novo sem emplacamento e o livro de Eddie.

Sobe na escada e maneja a espátula como um possuído, obcecado com a nova memória. Ele lixa a parede com apenas duas coisas em mente: o livro e o bilhete de loteria. Ele quer os dois. E depois ele quer Helena e o carteiro longe de sua vida. Quando o último canto da casa fica pronto, ele se distancia, admirando-a, exausto. A casa ficou como que depenada, seminua. Com suas mãos e braços dormentes, Joe sente um orgulho interno que o faz esquecer o enterro de Eddie por um momento. Ontem, em frente ao espelho, gostou um pouquinho de si mesmo. Hoje, ele gosta de si muito mais.

Na cozinha, encontra outra embalagem com mais dois pastéis esperando por ele — mesmo tamanho, mesmo gosto, mas sem cheiro algum. Ambos estão recheados com um suculento guisado, salsa verde e queijo. Só não consegue entender o comportamento inconsistente de Handsome — num momento o ataca, noutro lhe fornece comida.

Depois de uma longa ducha, escova seus dentes e para diante do espelho maior. Seu estômago gigante parece um pouco menor. Inspirado, ele consegue executar quinze flexões, e então se atira na cama — feita com perfeição. Deitado ali, metodicamente trama um plano que termina com uma decisão: se até amanhã à noite não conseguir invadir a garagem, ele vai desenterrar Eddie.

# Dia 9

---

## O PREÇO DE UM LIVRO

Até uma semana atrás, o piso da sala ainda não tinha arcado com o peso de Joe nem registrado as marcas de qualquer mobília. Moscas ressequidas e poeira cobrem o piso e o peitoril da janela. Somente as pegadas perdidas de Miojo podiam ser vistas, correndo em linha reta até a porta da frente, como se ele tivesse o dever de espantar todos os vendedores e as testemunhas de Jeová. Joe simplesmente nunca teve dinheiro para dar vida à sala. Handsome conseguiu isso.

Joe vê um piso excepcionalmente lustroso por debaixo de uma lona verde-oliva estendida ao centro. Calcula que Handsome deve ter levado horas para limpar o piso e dispor o material de pintura sobre a lona, de forma mais organizada e compulsiva possível. E em completo silêncio. Se Handsome fosse um assassino psicótico do tipo *Dexter*, esse seria seu ritual antes de assassinar alguém. Joe abre uma lata de base para checar a mistura. A consistência parece estar perfeita.

Uma vez do lado de fora, rapidamente sobe a escada, ansioso para terminar essa tarefa medonha, mas seu entusiasmo é interrompido.

“O que cê tá fazendo aí em cima?”, pergunta Handsome, perto da escada, perscrutando o trabalho feito numa janela. Joe se agarra na calha, temendo outra queda inesperada. Hoje, seu atormentador está vestindo um macacão laranja diferente. Este tem um “Prisão Municipal de Los Angeles” estampado no peito. “Eu perguntei o que cê tá fazendo aí em cima!”

“Meu trabalho”, Joe responde calmamente.

“Desce daí, seu jumento. E já! Cê tá tentando remendá falhas e buracos com base? Eu pensei que cê era um profissional.”

Joe desce a escada o mais depressa possível.

“Eu deixei calafetagem, massa e selante suficiente na sala para enchê cada brecha, então use eles. Cada guarnição e cada tábuas lascada ou podre deve ser substituída.”

“Eu não sou carpinteiro, seu Handsome. Eu apenas –”

“Eu não tenho tempo pra desculpas. Enquanto cê trabalhá pra mim, vai fazer exatamente como eu digo.” Ele desliza a mão sobre o peitoril e sacode a cabeça em reprovação. “A propósito, teu tio ainda tá procurando aquele envelope.”

“Que envelope?”

Handsome coça sua cabeça. “Ele diz que é dinheiro. Uma espécie de herança.”

“Escuta, eu não tenho nenhum envelope ou dinheiro. Só deixa eu terminar meu serviço e caio fora da sua vista.”

Handsome dá uma longa olhada em Joe — uma víbora considerando um roedor para o jantar. Apesar de sua fisionomia repulsiva, atitude de durão e macacão que sugere longo tempo na cadeia, seus olhos revelam um coração mole. Joe sabe que, depois de todas as exigências, no fim do dia terá dois pastéis recheados esperando por ele.

“Cê começa quando as paredes estiverem lisas como o assoalho da sala.” Ele dá meia volta e desaparece na garagem. O sentimento de estar preso ao seu chefe começa a se evidenciar. De polegada em polegada, minuto após minuto, seus olhos correm sobre parede, marcos e molduras, enchendo pequenas frestas e fendas quase invisíveis que qualquer pintor ignoraria. Só pelas onze da manhã pega o jeito dessa tarefa enfadonha, mas o trabalho todo dura até o fim da tarde. Enquanto trabalha no lado leste da casa, mantém um olhar cauteloso no vizinho coreano, amante de armas. Nada de podre ou farpas de madeira foi encontrado.

No crepúsculo, Joe para na frente da casa e admira sua pequena conquista, entusiasmado e feliz. Quanto ao livro, a decisão foi tomada. Terá que vir das mãos de Eddie.

\*\*\*

Conhecer Eddie quatro anos atrás marcou o fim de um período excruciante para Joe. O pior de sua vida. Até agora. Antes de Eddie introduzi-lo ao mundo da pizza, tudo o que Joe fazia era correr atrás de comida, cerveja e afeição paga numa cadeia sem fim de sórdidos motéis em Long Beach. Todos os seus empregos eram relacionados com a indústria alimentícia. Turnos noturnos fazendo roscas na Winchell's, frituras no pior Jack in the Crack da América e uma dúzia de trabalhos que ainda hoje tenta esquecer. Mas houve um trabalho, desastroso, relacionado com pintura que durou dez dias e lhe deu experiência e confiança suficiente para a promessa de pintar a casa de seu tio nove meses atrás. Quando teve a sorte de encontrar Eddie, Joe ganhou um emprego fixo com muita comida gratuita e toda a Pepsi que quisesse consumir.

Foi numa noite fria em março de 2006 que Joe entrou na pizzaria The Front. O lugar estava impecavelmente limpo, especialmente para um trecho desprovido como aquele na Pacific Coast Highway. O sublime cheiro que o saudou era exatamente o que seu estômago estava almejando. Na falta de fundos monetários, entrou apenas para uma fatia. Atrás do balcão estava um jovem musculoso jogando massa de pizza para o ar e, ao mesmo tempo, vigiando piz-



zas saindo do forno. Ele apenas olhou de relance para Joe quando este entrou. “Aguenta aí, irmão. Já te atendo.” Quando todas as pizzas estavam embaladas, Eddie caminhou até o balcão, com olhos radiantes e um sorriso caloroso, mostrando seus perfeitos dentes brancos. “Sim, estamos recrutando gente.”

“Tô aqui apenas pra –”

“Tem carteira de motorista?”

“Eu... eu queria apenas uma fatia de pizza.”

“Seguinte. Isso vai soar meio estranho, mas eu te faço uma pizza tamanho grande se me fizer um favorzinho”, Eddie disse, enxugando suas mãos no avental. “Tô numa sinuca. Dois dos meus entregadores estão numa entrega, e o carro do meu terceiro motorista estragou. Se você fizer essa entrega para a Pick-n-Pack, apenas a cinco quadras daqui, a pizza sai com qualquer ingrediente da tua escolha.”

Joe olha para a pilha de oito pizzas fumegantes.

“E ainda te pago uns trocados pela gasolina... e uma Pepsi.”

Para alguém que buscava apenas o preço de uma fatia, uma pizza inteira foi ganhar na loteria. Os olhos de Joe brilharam.

“Que tal a bomba-carne? Vem com todas as carnes conhecidas pela civilização humana.”

O estômago de Joe se agitou e antecipadamente aprovou.

“Eu preciso ver sua carteira de motorista, no entanto.”

Joe estendeu sua identidade. Eddie olhou-a fixamente por um longo tempo. Seus olhos começaram a nublur, como se estivesse perdido no tempo, numa memória há muito esquecida, e incapaz de voltar. Finalmente tornou a encarar Joe, agora como se olhasse para um fantasma. Depois de um longo tempo, Eddie retornou os olhos para o documento, até que o próprio Joe rompeu o devaneio. “Oi, algum problema?”

“Joseph Edward De Angeles é seu nome?”

“Sim, mas todos me chamam de Joe.”

Os olhos de Eddie ainda estavam distantes, como que travados num sonho distante.

“Olha, eu tô pronto pra entrega.”

“Ah, sim. A entrega.”

E foi só isso. Embora um tanto confuso com o olhar de Eddie, Joe entregou as pizzas e até ganhou uma gorjeta de cinco dólares do cliente. Quando retornou, tinha uma enorme bomba-carne esperando por ele.

“Então, seu Joseph de Angeles, tenho uma boa impressão a respeito de você. Quer ser um dos meus motoristas?”

“Deixa eu pensar –”

“Ótimo! Seu carro tá em boas condições?”

“Eu... eu acho que sim”, Joe mentiu.

“Então tudo o que a gente precisa é do seu registro de condução.”

Não foi exatamente uma entrevista de emprego. O que realmente solidificou o cargo, além das pizzas e gorjetas, foi Eddie lhe dizer: “você nunca mais precisará se preocupar com comida enquanto trabalhar pra mim.”

“Meu nome é Eduardo”, ele disse, estendendo a mão, “mas todos me chamam de Eddie.” Foi ao escritório e voltou com um formulário. “Preencha isto, e, se teu registro estiver limpo, pode começar amanhã às dez da manhã.”

Joe sentiu que finalmente o sol brilhou em seu quintal, embora desconfiado, porque tudo veio fácil demais. Mesmo assim, foi oficialmente admitido, e tudo parecia promissor. Eddie tinha trinta e um anos, e Joe trinta e oito. Ao contrário de Joe, Eddie era carismático e bonito. Joe era desprovido de qualquer atributo, estava fora de forma e definitivamente não era a ferramenta mais afiada do celeiro. Mas, com Eddie nas redondezas, ele se viu aceito e compreendido, bem como se sentiu com seu pai décadas atrás. Uma nova era começou para ele, mas também foi um período que alimentou sua insaciável sede por cerveja. Assim crescia em cintura e estupidez, mas em nada mais na vida. Até agora.

\*\*\*

No cemitério de Heavenly Hills, a mente de Joe está focada somente em três coisas: desenterrar Eddie, agarrar o livro e fugir. Já está escurecendo quando arromba a janela da casa de manutenção. Invadir um local para pegar uma simples ferramenta o faz sentir como um soldado numa operação militar especial, embora a missão desta noite consista em somente roubar um livro de um morto. Ele segue seu caminho até a sepultura de Eddie com uma pá e uma picareta, evitando os postes de luz âmbar que estão espalhados pelo cemitério.

A coroa com o nome *Eduardo* está adornada com cravos brancos. Mas agora não é momento para sentimentalismo piegas. A partir do momento em que a pá penetra a terra ainda solta, Joe se empenha no trabalho sem cessar, parando somente para enxugar o suor do rosto. Está determinado a ter esse livro em suas mãos, ainda hoje à noite. Após quase uma hora de árdua escavação, não há sinal de caixão algum. Seus braços doem, mas seu amigo está em algum lugar ali em baixo. E ali está seu futuro.

Finalmente, a pá produz um estampido seco — algo sólido. Ele acelera a cavacção até que a tampa do caixão está inteiramente exposta. Quando está pronto para arrebentar a tampa com a picareta, ouve o latido de um cão a distância. O latido se torna persistente.

Por um momento, pensa que vai ter tempo de quebrar a tampa, agarrar o livro e sair voando. Mas assim que os latidos vão se aproximando, não se vê mais numa incursão militar, e sim como um ladrão de túmulos. Se abaixa e espera. Em breve, um enorme pastor alemão paira sobre a borda e Joe se sente encurralado. O cão marcha pela borda de um lado para outro, rangendo dentes, rosnando e choramingando, prestes a saltar para dentro e destruí-lo. Joe permanece quieto, segurando firme a picareta.

“Cala a boca, Schnitzel!”, um homem grita de longe. O cão se aquieta, mas seus olhos negros brilhando na penumbra continuam ali. Quando começa a rosnar novamente, o aperto na picareta se intensifica.

“Eu disse *para com isso, Arschloch!*” o homem berra, seguido de um assobio penetrante. O cão continua choramingando e dando patadas na terra, mas, quando o assobio se repete, a fera se retira.

Um momento depois, Joe espia sobre a borda para se certificar que sumiram. Se recompõe e põe-se a trabalhar. Bem quando acha o ponto mais eficaz para rachar a tampa sem picar o estômago de Eddie, é surpreendido por uma voz logo acima.

“É isto que você tá procurando?” Helena pergunta, segurando o pequeno livrinho.

Joe tem vontade de atirar o picão na cabeça dela. “Raios!”, ele vocifera. “Depois de todo esse trabalho?” Se senta no caixão para recuperar o fôlego.

“Não fica brabinho, Joseph. Eu apenas queria saber o quanto você o queria. Na verdade, tive que cortar as mãos dele, porque aqueles idiotas usaram Gorilla Glue. A capa tá meio sujinha, mas pelo menos o sangue não tá nas suas mãos, querido. Eu quero aquele bilhete”, diz ela, indo embora com tranquilidade. “Tô de saco cheio de morar em South Wrigley. Apareça para negociar ou eu jogo esse livrinho de bosta no fogo.”

A vontade de Joe é correr atrás dela e torcer sua nuca, mas não consegue deixar seu amigo exposto para algum abutre noturno. Ele move toda terra de volta, mas as flores estão todas misturadas com o solo úmido. “Sinto muito, Eddie.”

\*\*\*

Muito além da meia-noite, Joe bate na porta do condomínio de Eddie, e Helena abre a porta sem demora.

“O bilhete tem que estar por aqui”, Joe assegura, entrando sem ser convidado.

“Já procurei por tudo”, ela diz, trancando a porta.

Imediatamente ele percebe que as coisas na sala foram deslocadas — nada mais limpo ou mais organizado, apenas diferente. Ainda parece a base militar de Eddie empilhada de livros, mas um dos uniformes está perfeitamente dobrado sobre o sofá, e tem um recipiente com o suco favorito de Eddie, quase cheio, na mesinha de centro. Também tem um livro aberto na cozinha — *Meditações*, de Marco Aurélio, um livro diferente do que tinha visto três dias atrás.

Joe entra no quarto de Eddie e enfia a mão em tudo que é bolso que encontra, procurando um pacote de cigarros.

“Não deixe nenhuma impressão digital”, Helena diz. “Você pode se tornar um suspeito. A polícia ainda está investigando o caso.”

Joe faz questão de tocar tudo. Não encontrando nada, começa a vasculhar os livros empilhados na cabeceira. Immanuel Kant, Edmund Husserl e Carlos Castañeda — todos nomes de que nunca ouvira falar e que nem conseguiria pronunciar.

“Eu sei que você tá catando por uma cópia do livro”, Helena alerta da cozinha. “Mas eu tenho a única.”

“E se ele usou o bilhete como marcador de páginas?”

“Por que você quer tanto aquele livrinho? Você nunca lê.”

“Eu prometi pra ele que um dia ia ler”, responde, voltando para a sala. “Quero honrar essa promessa.” Joe se joga no chão e vasculha pelos livros debaixo da mesinha de centro.

“Para meu filho, Zezinho”, Helena lê em voz alta, em tom zombeteiro.

Joe para de procurar. Ela tem toda sua atenção. É a segunda vez em poucos dias que seu velho apelido ressurgiu do passado.

“Quem é esse Zezinho?”, ela pergunta, fechando o livro. “Meu marido me disse um dia que a única missão dele era trazer um livro até você. O cara era mesmo cheio de bosta mística e outras asneiras.”

Assim que ela menciona “trazer um livro até você”, Joe novamente lembra o dia em que saiu da prisão e Eddie lhe disse que o livro era de seu pai e que sua mãe o tinha guardado para ele. Verdade ou não, seu pai o chamava de Zezinho quando pequeno. Um sentimento caloroso o comove. Agora ele quer o livrinho mais do que *qualquer* coisa.

“Por que você odeia ele tan –”

“Porque ele mentiu pra mim”, Helena grita, subitamente histérica. “Ele mentiu pra mim, pra família dele, pros empregados e pra você, Joseph. A piz-

zaria do meu pai era apenas uma frente para um jogo, um que ele praticou até a sepultura.”

“Eu não acredito em nada do que você diz, tá inventando tudo isso porque tinha ciúme da atenção que as mulheres davam pra ele na pizzeria.”

“Sim, as mulheres adoravam ele. Elas molhavam as calcinhas por ele. Mas teu amiguinho bonito tinha um grande segredo. Ele gostava de homens também. Aquela pizzeria não passou a se chamar de ‘By Pizza’ por acaso! Ele nunca te falou nada disso porque sabia que você nunca ia entender, e, claro, você não era o tipo dele. Na verdade, um dia ele me disse que você era tão repelente que não entendia como as mulheres rameiras da Pacific Coast Hiway conseguiam transar contigo.”

Joe sente como se tivesse levado um golpe na cabeça. “Você é uma puta duma mentirosa.”

“Oh, eu tenho mais pra você. Muito mais. Eddie uma vez disse que você era a quintessência de um João Ninguém. Sem sonho, sem futuro, sem esperança pra nada. Soa familiar?”

Joe se retrai. “Por que você não me dá esse livro e me deixa ir embora?”

“Não posso. Estou muito interessada no bilhete. E ninguém reivindicou ele ainda. Isso é um monte de dinheiro sentadinho por aí nessa cidade de merda.”

Helena tem razão. Um monte de dinheiro.

Ao abrir a porta para sumir da presença dela, seus olhos caem sobre um objeto de formato quadrado e brilhante — um pacote de cigarro assentado na prateleira das chaves ao lado da porta. Marlboros. Joe pega o pacote e o vira para o outro lado. O bilhete de loteria está enfiado debaixo do invólucro de celofane. Olha para ele, deslumbrado, e o puxa para fora devagarinho. O silêncio na sala é sepulcral, e seu coração parece falhar uma batida. Ele checa os números e a data. Checa de novo, e mais uma vez. A data é 31 de março de 2006, um bilhete que ele não lembra de ter comprado, mas tem seus números — todos eles.

É o *próprio*! Joe morde seu lábio inferior com força para manter a compostura.

“É o bilhete?” Helena pede, já pairando atrás dele. Ele segura o bilhete firmemente, mas em seguida o solta, com medo de danificá-lo. Ao se voltar para ela, sua atenção cai sobre algo do lado de fora da janela — o vizinho sinistro de Eddie, parado em pé, imóvel. Cego ou não, parece ter acompanhado tudo através do vidro da janela, olhando direto para eles. Helena vai até a janela e fecha a persiana.

*Eles estão juntos nessa!*

“Passa ele pra cá”, ela demanda, olhando fixamente para a mão de Joe. “Eu tenho outras coisas a fazer.”

Joe dá uma bufada. “E você acha que eu ia trocar um bilhete no valor de doze milhões por um livro?”

“Considerando o quão obstinado você estava para botar as mãos no livro, talvez valha até mais. Mas veja o lado positivo. Ambos ficam com o que mais querem.” Ela vai até a mesinha de centro e coloca o livrinho numa ponta. Não há sinal de sangue ou cola nele.

“Escuta bem, seu retardadinho. Não era o corpo de Eddie que você tava cavando. Era de outro alguém. Foi tudo uma cilada. Tudo. Da cola até o rosto encoberto. O corpo de Eddie ainda está desaparecido. Ninguém sabe onde está. Talvez Chiapas. E quem se interessa? Joseph, se você quiser esta única e última cópia do livro, ponha o bilhete na outra ponta da mesinha, pega o livro e nunca mais volte aqui.” Ela vai até a janela e abre a persiana o suficiente para Joe ver que o cego ainda está ali montando guarda, com o mesmo rosto apático e enervante. “Tá tudo bem, Darksy”, diz ela, “eu tomo as rédeas daqui em diante.” Ela fecha a persiana novamente e se volta para Joe. “Eu o contratei para evitar sua entrada aqui. O nome verdadeiro dele é Cornélio, mas todos o chamam de Darksy, porque ele enxerga bem no escuro.”

Joe se sente encurralado. O momento pelo qual tinha sonhado a vida toda e investido milhares de dólares finalmente chegou. O bilhete finalmente está em suas mãos, no entanto tem a sensação de que está escorregando pelos dedos.

“Joseph, você não tem escolha.”

“Tenho, sim. É uma gravação com o Eddie dizendo que o bilhete é meu”, ele blefa, numa jogada final ousada.

“Eu sei que você não jogou na loteria, seu estúpido.”

A mente de Joe branqueia. Tem medo de que ela tenha razão. Ele não lembra de ter jogado, mas como ela saberia disso? Seu coração está partido em dois. Para Eddie, significava tudo que ele lesse o livro. Era a promessa que ele fez ao seu amigo morto, e havia jurado sobre o túmulo de seu pai. Eddie tinha falado que o livro era um guia prático para a liberdade. Porém, a liberdade que sempre sonhou está agora em suas mãos — os números no bilhete. Ainda assim, existe uma boa chance de que, com ou sem dinheiro, ele estará morto no final de mês. Se não ler o livro, vai desonrar a promessa ao seu amigo. Depois de deliberar por muito tempo, dá uma respirada funda, vai até a outra ponta da mesinha e, com relutância, coloca o bilhete nela. Pega o livro, vai até a porta e a abre. Darksy está parado ali, seus lábios se retorcendo.

“Deixa ele ir, Darksy”, Helena instrui. O homem recua como um fantasma banido.

Joe escancara a porta e aperta seu punho direito, pronto para empurrar o grandalhão por cima da sacada. Joe corre escadas abaixo e avança direto para a rua, apertando o livro como se suas mãos agora estivessem coladas nele. É menor e mais leve do que ele imaginava. “Eu quase me matei por causa dessa coisa”, fala para o ar da noite, com uma onda de empolgação. Ele nunca pagou dez dólares por um livro em toda sua vida, quem dirá doze milhões. E por um livro de que não sabe absolutamente *nada* a respeito. Em todo caminho para casa, sua mente está num breu total, e Joe tem o sentimento insidioso de que o carteiro acabou de se apossar do pedaço mais importante de sua vida — o bilhete de loteria.

*Eddie, eu fiz isso por você. Só espero que seja muito bom.*

\*\*\*

Quando Eddie lhe passou o livro, Joe perguntou do que se tratava. A vaga resposta foi: “Fala sobre algumas coisas que todos deveriam saber antes de morrer”. Mais tarde, ele ressaltou que era um guia prático para quem buscava liberdade, inclusive liberdade financeira. Ele também tinha mencionado que as páginas em branco eram as mais importantes do livro.

“Que diabos?!”, era tudo o que um Joe perplexo podia dizer.

Agora está em suas mãos novamente — pequeno o suficiente para caber em qualquer bolso. Chamá-lo de livro é um exagero. Ao dar uma folheada nele, de fato encontra mais páginas em branco do que impressas. Não tem a mínima ideia do porquê de elas estarem ali, intercaladas. Mas o que realmente chama sua atenção é a introdução escrita a mão na primeira página: Ao meu filho, Zezinho.

Na próxima página, um título. DISCIPLINA.

## DISCIPLINA

Caro Joseph,

Pouquíssimas pessoas sabem o que querem da vida. A grande maioria delas, tateando no escuro, tende a procurar seu grande sonho em algum lugar lá fora, no mundo das distrações. Não pode ser encontrado lá. Se você ainda não encontrou aquela coisa que incendeia seu coração de alegria nessa sua jornada, terá que olhar para dentro. Aquela *uma* coisa sempre esteve ali o tempo todo.

A primeira coisa que um pai ensinaria a um filho a fim de ajudá-lo a encontrar seu propósito nesta vida é a disciplina. E disciplina, meu filho, não tem preço. Não pode ser comprada com dinheiro. Deverá ser dominada interiormente se procurar qualquer forma de poder. Numa vida onde falta disciplina, não há propósito.

Disciplina somente pode ser adquirida através de *decisões finais*. Uma pequena decisão final contém a derradeira chave para desenvolver a verdadeira autodisciplina. Para uma decisão ser *final*, você vai precisar fazer um acordo inviolável consigo mesmo de que irá até o fim com a decisão e nunca voltar atrás. Se fizer isso com consistência, criará confiança em você. Com disciplina, confiança e poder que decorrem das decisões finais, você pode fazer qualquer coisa na vida. Do contrário, todas as decisões desonradas com você e com os outros enfraquecem seu espírito, pouco a pouco, danificando sua autoestima até que não reste sentido em buscar um propósito. Por isso que, numa vida em que não existe disciplina e consistência, se torna inútil procurar um propósito.

Assim, meu filho, começando agora, pegue um velho e desnecessário hábito seu e faça a decisão *final* de erradicá-lo. Se a decisão for final e absoluta, você estará fortalecendo a espinha dorsal que suporta tudo na sua vida. As próximas páginas foram deixadas em branco para você. Não leia o próximo capítulo sem escrever *uma* decisão final. Cada decisão final escrita é uma semente plantada que você colherá amanhã. Uma decisão final por escrito tem infinitamente mais poder do que uma meramente guardada em sua instável e insegura mente. Cada vez que ler uma nova página ou retornar ao texto anterior, anote outra decisão final.

Querido filho, uma decisão que é tão final quanto a morte é nada mais nada menos do que uma decisão sem nunca voltar atrás. E se quiser fazer uma decisão ainda mais poderosa, não fale para ninguém a respeito. Faça isso com consistência e terá dado um passo corajoso na direção de conhecer quem você realmente é, junto com a descoberta do seu propósito na vida.

Eu chamo esse pequeno compêndio de *O livro invisível*. Se continuar lendo e escrevendo suas decisões finais, chegará a entender que as decisões mais poderosas são aquelas que mantém para si mesmo — invisíveis aos outros.

De seu pai, que te ama,  
Edward.

Após essa página, várias em branco.

Sentado na sua cama, Joe dá um longo suspiro, completamente mistificado. Ele lembra de ter lido uma frase na garagem, empoleirado nos caibros. Não consegue imaginar que isso tudo tenha vindo de seu pai, ido há muito tempo. Parece mais ter sido escrito por Eddie, que passava o tempo todo martelando Joe por não ter disciplina alguma.

O livro parece mais pesado agora, como um pequeno tijolo — um tijolinho que lhe custou doze milhões de dólares. Se pergunta se não acabou de fazer



o maior erro de sua vida, só para honrar a promessa a um amigo. Joe não tem decisão final alguma em mente, muito menos um propósito.

Ele enfia o livro entre o box e o colchão e escova seus dentes com mais demora que nos dias anteriores, esperando que alguma decisão possa surgir dali. Em seguida, vai para o chão fazer algumas flexões, como se uma decisão pudesse magicamente resultar disso. Nada se materializa dali tampouco, mas sente-se melhor. Vai dormir na esperança de que alguma decisão possa emergir de um sonho. Joe amassa seu travesseiro, chegando à decisão final mais conveniente.

*Minha decisão favorita seria matar o carteiro.*

# Dia 10

---

## SIMPLIFICAR

A casa está mais quieta que o de costume, e o zunido das bombas de óleo é quase indetectável. Joe abre a persiana do seu quarto e vê que tudo está escuro, como se uma tela preta tivesse sido instalada sobre a janela. Corre para fora e estagna, perplexo. Há lençóis de plástico estendidos ao redor de toda a casa. Os vidros das janelas, as fechaduras, as dobradiças e as maçanetas estão todas vedadas com fita adesiva. Plantas suculentas e até arbustos estão cobertos com mini lonas de plástico. A luminária da área da frente foi embrulhada com papel azul brilhante, como se fosse um presente de Natal. Tudo montado no meio da noite, com inexplicável perfeição e em total silêncio. Ele dá duas voltas pela casa para crer no absurdo que está vendo, pois teria levado dias para executar uma tarefa de tal magnitude.

*Quem fez isso?*

Joe toca as coberturas de plástico para se certificar de que são reais. Dirige-se até a sala e dá de cara com o mesmo arranjo de materiais sobre a lona. A base para pintura está reluzindo num dos galões de tinta abertos. *Só pode ter sido Handsome. Mas por quê?*

Devagar, Joe começa a pintar o fundo, entretanto sua cabeça sempre volta para o chamado *O livro invisível*. Pintar é fácil, porém tomar uma decisão final não é, principalmente para quem tem somente vinte dias pela frente. Mais difícil ainda é achar um propósito. Pincelada após pincelada, polegada após polegada, a parede vai branqueando, movendo-o na direção de cumprir a sua promessa. O livro de Eddie está em suas mãos, Joe está fazendo progresso com a pintura e está perdendo peso.

Ontem, esperava que uma decisão pudesse surgir de uma meticulosa escovada de dentes. Hoje, torce para que alguma emerja das pinceladas da escova de pintar. Quando a metade da parede está coberta por um fundo branco, nenhuma decisão se cristalizou. Mas se instalou um pouco daquela disciplina de que o livro fala, aquela que nunca teve. Na verdade, foi precisamente a falta dela que o levou a ser obeso, não ter expectativas e se sentir trancado — bem como a Sra. Whalen, a freguesa confinada na cama.

Em nome da disciplina, Joe desce a escada e atira-se no chão para algumas flexões. “Estas são pra senhora, Dona Whalen.” Após apenas doze, seus braços tremem e mal suportam o peso do seu corpo. No passado, um esforço dessa magnitude seria compensado com uma cerveja gelada e um cigarro. Ele lembra

quando, nove meses atrás, no seu último dia na prisão, tinha absoluta certeza de que tinha disciplina para não fumar e não beber por um ano inteiro. Sua decisão precipitada durou um dia e tudo voltou à rotina.

Ele retoma a escova com a bandeja e volta ao trabalho, ainda na esperança de que uma decisão resulte de algum lugar, a qualquer momento. Do nada, e de súbito, uma ideia aflora, preenchendo o espaço vazio entre Joe e a parede. A trincha estanca no ar. Entende que não teve disciplina porque suas decisões nunca foram  *finais*; tampouco escritas num papel, como o livro sugere.

*Cada decisão final por escrito tem infinitamente mais poder do que uma meramente guardada em sua instável e insegura mente.*

Ele voa escada abaixo, corre para o quarto e agarra o livro de Eddie debaixo do colchão como se valesse doze milhões de dólares. Procura a primeira página em branco e escreve sua primeira decisão final: *Se eu viver além do fim do mês, nunca mais vou fumar nesta vida.*

Joe De Angeles está começando a gostar desse pequeno compêndio. Ele sempre achou que, para ter valor, um livro deveria ser grosso e escrito por intelectuais com lentes de grau. Mas este, mesmo pequeno em tamanho, já está criando perninhas. Enterra o livro bem fundo sob o colchão e volta ao trabalho, acreditando ter encontrado o Santo Graal.

Continua pintando e, após terminar a parede do lado norte, se joga novamente ao chão para uma nova série de flexões. Suor escorre pela testa, porém o trabalho prossegue implacável, com o mesmo empenho e ritmo. Seus braços começam a doer, mas também sente que estão gradualmente ficando mais fortes. *Eddie ficaria muito orgulhoso de mim.* No entanto, Joe sabe que, por mais disciplina que desenvolva, é provável que em vinte dias tudo acabe em nada. Mesmo assim, continua seu trabalho, e com novo fervor. Executa outra série de flexões, cinco a mais que as anteriores, e se move para o lado leste da casa. Duas horas depois, inicia a área da frente.

Quando toda a base foi pintada, suas mãos estão vermelhas, dormentes e cobertas de calos. Mas se sente mais vivaz. Joe admite que, se o carteiro nunca tivesse entrado em sua vida, tudo estaria como antes. Estaria bebendo cerveja, olhando futebol e assistindo à diarreia hollywoodiana com Miojo todas as noites, enquanto estufava seu bucho com pizzas graxentas. E *nada* teria mudado.

Em frente ao espelho, se dá conta de que a papada retrocedeu um pouquinho e as bochechas estão mais definidas. Também percebe uma faísca em seus olhos, um visível sinal de esperança. Até precisa apertar o cinto um furo. Ele gosta do novo Joe muito mais. Claramente, algo mudou. E começa a se sentir invencível. O livro é concreto e tem voz, pois está conversando com ele.

A luz, absurdamente clara, que reflete das paredes, do teto e das prateleiras da Our Daily Drug realça ainda mais o rosto inquietante dos empregados da drogaria. A palidez do funcionário mais perto de Joe é cadavérica e não diferente do farmacêutico que, com seu corpo rígido como estátua, olha fixamente para Joe. Mais estranho ainda, os números vermelhos da balança digital exibem números frustrantes. Com toda correria, pintura e suor escorrido nos últimos dias, Joe somente perdeu *um* quilo. *Só pode estar quebrada!* Ele desce da balança e os números voltam ao zero. Sobe nela e os números retornam aos cento e dezanove quilos.

Ao sair da drogaria, seus olhos são saudados por outra luz brilhante do outro lado da rua. Um letreiro enorme em azul neon que Joe reconhece imediatamente — Aqui & Além. É o local do vidente que deixou um panfleto na caixa do correio convidando o usuário da casa para contato com o mundo do além. O luminoso tem o mesmo design do panfleto — duas mãos segurando o olho que tudo vê. Agora ele tem certeza: as cidades de Long Beach e Signal Hill estão unidas num projeto para renovar o bairro. E está acontecendo rápido, uma vez que Joe não havia notado nenhum desses prédios duas semanas atrás.

Atraído pelo sinal luminoso, ele se pergunta se de fato seria possível falar com Eddie mais uma vez. Joe atravessa a rua e espia pela vitrine do estabelecimento. O lado interno está abarrotado de velas e objetos religiosos. Incenso azul claro flutua no ar. Antes de entrar, olha para os lados a fim de se certificar de que ninguém o vê.

Uma moça baixa com rosto franzino se assusta com o repentino alarme da porta, deixando cair um anjinho de plástico que estava dispondo na prateleira. “Em que posso ajudá-lo?”, ela pergunta numa voz estridente. A coitada foi agraciada com um sorriso dentuço, orelhas pontudas e olhos esbugalhados. Se parece muito com um roedor de um metro e meio, diferenciado pelo uso de um vestido.

“Eu... hum... Eu ganhei um folheto no correio e —”

“Me alegre que eles finalmente estão produzindo resultado”, diz ela, com franqueza. “Então, você perdeu alguém querido recentemente?”

“Na verdade, sim.”

“Fico feliz em poder ajudar. Nosso cartomante é um homem espiritual altamente talentoso. A contribuição é de apenas duzentos e noventa e nove dólares para contato com o além. Leituras de tarô, somente sessenta e cinco dólares.”

“Hoje não tenho dinheiro comigo. Eu apenas entrei para perguntar —”

“Aceitamos cheques também”, ela diz, exibindo seus dentes de roedora. “E se for pagamento de salário, é só endossar o cheque.”

*Ela pode ter cara de ratazana, mas não é bem queijo que ela quer.* “Eu volto assim que tiver o dinheiro.” Joe se volta para sair, mas antes de chegar à porta é interrompido por uma voz nos fundos da loja.

“Espera aí!”, diz um senhor velho numa cadeira de rodas, abrindo caminho através de cortinas violetas, empurrando-se até Joe. “Eu preciso atender este, Camilla.”

A menina revira seus olhos em frustração. O homem na cadeira de rodas tem uma maciça corrente de ouro ao redor do seu largo pescoço e sua condição de corcunda dificulta que ele olhe Joe nos olhos. “Me siga”, ele diz com voz áspera, dando meia volta na cadeira e empurrando-se de volta pelas cortinas.

“Papa... se eu não pagar o aluguel em três dias, vamos ter um problema”, chia a menina.

O médium gira a cadeira novamente, estica sua nuca o quanto pode e a encara seriamente. De ré, ele recua pelas cortinas pesadas, sempre com os olhos na filha. Joe segue o homem e olha de relance para ela. Os lábios dela silenciosamente pronunciam *sessenta e cinco dólares*, e os lábios de Joe enunciam *amanhã*.

Uma vez do outro lado das cortinas, Joe é recepcionado por um ambiente lúgubre, com velas vermelhas acesas e uma fileira de incenso queimando numa velha mesa esculpida. O espaço é composto por uma cozinha, quarto e sala, no estilo “tudo em um”. As duas camas não estão feitas, e a mesa da cozinha está repleta de louça não lavada com restos de comida. Joe está contente por não sentir cheiro algum, certo de que o fedor dessa toca de rato chega às nuvens.

“Sente naquela mesa de café”, o homem diz, empurrando sua cadeira até o local da leitura das cartas. Joe senta-se à mesinha, de frente para o cartomante, que por sua vez extrai um baralho de cartas de sua jaqueta, colocando-as na mesa. “Qual é seu nome?”, ele pergunta.

“Joe.”

“Eu sou Agnos. O que traz você aqui?”

Joe pensa por um momento. “Eu perdi meu cachorro e meu –”

“Eu sei”, o homem diz com uma voz arranhada.

*Ele sabe que eu perdi meu cachorro?*

Agnos posiciona o baralho na frente de Joe. “Embaralhe as cartas e separe-as em três pilhas sem virá-las para cima.”

Joe segue as instruções. As cartas são pesadas e parecem enebadas. Três montinhos feitos, Agnos pesca três cartas do primeiro e coloca-as em linha reta.

Engole em seco e seu rosto se contorce levemente, soltando leves grunhidos como um porquinho cavando no cocho.

“Eu vejo uma mulher entrando na sua vida”, Agnos diz, limpando sua garganta e esticando a mão no bolso da camisa. Retira um cigarro enrolado à mão e uma caixa de fósforos. Acende o cigarro sem nunca tirar os olhos das cartas. Franze os olhos como se estivesse olhando contra a luz do sol. “A mulher que estou falando precisa de sua ajuda.”

“Minha ajuda? Ajuda pra quê?”

“Eu vejo outra mulher, também buscando ajuda. E um homem.”

*Vir aqui foi um erro. Sou eu que preciso de ajuda.*

Agnos dá uma longa tragada e começa a tossir, a ponto de seu rosto ficar avermelhado. Quando a crise de tosse acaba, uma linha fina de baba amarela escorre pelos lábios. Ele enxuga seu queixo com a manga e inclina-se sobre as cartas como se precisasse vê-las melhor.

“Hum... eu vejo  *muito* dinheiro”, diz ele, olhando para uma carta que acaba de revirar.

À luz do que aconteceu ontem, Joe precisa abafar uma risada. “Como você poderia saber isso?”

“As cartas nunca mentem”, ele responde, dando duas tragadas e tornando o ar mais espesso ainda.

Joe se vê sentado na frente de Whoopi Goldberg fazendo o papel de uma falsa leitora psíquica no filme *Ghost*, no momento em que ela contorce o rosto fingindo que está fazendo contato com os mortos.

“Eu também vejo um homem fazendo a entrega de um envelope”, Agnos continua, agora tragando o cigarro apagado. Ao reascendê-lo, algo lampeja na mente de Joe. Lembra-se da primeira vez que viu o carteiro, num uniforme seco enquanto chovia lá fora, abanando um envelope tamanho ofício. Também lembra que não havia nada de ameaçador nele. Joe tenta lembrar exatamente *quando* e por que o carteiro se tornou tão hostil. Fica intrigado com a memória, mas nada mais vem à mente.

Agnos está agora babando mais profusamente e com uma respiração ofegante. Enxuga seu queixo com a manga, empurra a cadeira para o lado de Joe e pega outra carta no último montinho. Seus olhos estão semiabertos, e parece ter dificuldade de engolir enquanto o fluxo de saliva se intensifica. Ele pega no braço de Joe, e um fio de saliva acaba caindo na mão esquerda dele, ardendo na pele. Tenta soltar seu braço, mas Agnos o segura com firmeza.

“Fecha os olhos.” Joe percebe uma mudança na voz rouca do homem. “Mantenha os olhos fechados”, Agnos insiste, agora mudando para uma voz

suave... e familiar. “Não abra os olhos, Zezinho.” A mudança do tom de voz junto ao seu velho apelido deixam os cabelos dos braços de Joe em pé. Ele intenciona abrir os olhos e fugir do lugar, mas não consegue. Suas pálpebras estão cerradas, e Agnos está segurando seu braço com punho de ferro. Dominado por uma mistura de confusão e entusiasmo, Joe não sabe ao certo se é a voz do cartomante ou a de Eddie.

“Sou eu, gordito. Eddie!”

Sem dúvida é a voz de Eddie, no entanto não é ele que está sentado ao seu lado.

“Eddie, é você de verdade?”

“Sou eu, sim. Achou o livro?”

“Tá no meu bolso. E me custou doze milhões de dólares.”

“Que diabo você tá falando?”

“Helena ficou com meu bilhete de loteria e –”

“Zezinho, sinto muito, mas não temos muito tempo.”

“Como assim? Eu tenho uma tonelada de perguntas. Onde cê tá?”

“Em casa.”

“Em casa? Cê quer dizer no céu?”

Eddie dá uma gargalhada. “South Wrigley nunca foi tua ideia de céu. Escuta, a gente não tem tempo por causa do Agnos. Ele faz um contato perfeito, mas, sempre que faz a travessia, vai longe demais e produz esses ácidos estomacais que ficam escorrendo pela boca. A vida dele fica em risco.”

“Eddie, eu preciso da sua ajuda. Tio Karl voltou e quer um envelope que chegou no endereço da casa.”

“É apenas um cheque.”

“O quê? Cheque de quê?”

“Não há tempo pra falar disso agora. Já se encontrou com a ajuda que te mandei?”

“Ajuda? Que ajuda?”

“Tem uma mulher a caminho pra te ajudar. Sinto muito, mas estamos em tempo e espaço diferentes, e estamos matando o pobre coitado do teu lado. Foca no livro.” A voz de Eddie começa a enfraquecer, como se uma chamada a longa distância estivesse caindo.

“Por favor, Eddie, eu preciso da sua ajuda *agora!*”

Acabou-se. Não consegue mais ouvi-lo. Os olhos de Joe relaxam e se abrem naturalmente. Ele tenta limpar a saliva no braço, mas não consegue tirá-la.

“Sinto muito que você tenha perdido seu pai recentemente”, Agnos diz.

Joe olha-o perplexo, aprontando-se para sair. *Esse cara tem todas as ideias embaralhadas. Tá confundindo tudo!* “Eu perdi meu melhor amigo, não meu pai.”

O cartomante olha para as cartas novamente. Retira uma e a vira para o outro lado. “As cartas nunca mentem”. Ele, então, segura a carta na altura dos olhos de Joe. Ela mostra a palavra “Morte”. “Uma porta está se fechando atrás de você e uma nova se abrindo logo adiante. Por isso você está um tanto trancado no momento.”

A filha de Agnos aparece com um rolo de papel toalha e sussurra no ouvido de Joe: “Você nos deve trezentos dólares. Na próxima vez que voltar aqui –”

“Cállate, Camilla!”, o homem grita, no que ela recua imediatamente.

“Mais uma vez”, diz ela, forçando um sorriso. “Me alegro que nossos panfletos estão chegando até as pessoas. Volte logo.”

“Vou trazer o dinheiro sem falta. Obrigado a vocês.” Joe caminha pela grossa fumaça e as pesadas cortinas até chegar na rua. “Nunca mais!”, ele exclama alto para a movimentada rua de Long Beach. E imediatamente se dá conta de que já está escuro. Quando entrou no prédio, era apenas início da tarde. Sabe, com certeza, que não podia ter ficado mais do que quinze minutos lá dentro. *O que aconteceu? Como esse cara podia fazer aquilo? Eu juro que falei com um homem morto.*

A voz de Eddie era clara como o céu de verão. É assim que minha cunhada Janet fala com os mortos? O que frustra Joe é que não houve tempo para falar sobre Helena, Carlos e seu tio. Tampouco sobre a pintura da casa e o bilhete de loteria. Nem mesmo tempo para perguntar de que modo Eddie morreu. Pior ainda, Eddie falava de uma mulher que viria ajudá-lo, enquanto o tal de Agnos mencionou que uma mulher viria pedir ajuda. Contudo, foi sem dúvida a voz de Eddie. *Me chamou de Zezinho, e os dois sabiam do envelope.*

É tarde da noite, e Joe continua colhendo perguntas sobre o que aconteceu hoje, sem nenhuma resposta. O inexplicável lapso de tempo que decorreu enquanto esteve com Eddie ainda o inquieta. Não obstante, sua mão vai de encontro ao livro. Inclina a cabeça no travesseiro e lê: “Simplificar”.

## SIMPLIFICAR

---

Caro filho,

Desordem e confusão em sua volta nada mais são do que uma extensão de sua mente. Quando faz residência na sua cabeça, a desordem rouba tempo, espaço e energia — essenciais para encontrar o que é *mais* importante para você. A disciplina necessária para limpar o ferro-velho já instalado em sua cabeça, criado pelas distrações, precisa de muita determinação e persistência. Mas saiba disso, meu



filho: somente uma mente lúcida e sem distração tem o poder de realizar coisas extraordinárias na vida.

Entre todas as distrações, as de custo mais oneroso são os seres humanos. Tome extremo cuidado com as pessoas que ardilosamente roubam o teu mais importante patrimônio — o tempo. Também proteja-se contra os incessantes tagarelas, que são eternamente apaixonados pela sua retórica. Não escutam, não aprendem, apenas falam. Perdidos e sem direção, eles procuram a tua atenção, roubando teu tempo. Fique atento aos vorazes sanguessugas que querem te vender o mundo por um dólar extra. E tome cuidado com os vampiros espirituais, que pregam princípios nobres que eles mesmos raramente seguem. Finalmente, fique atento àqueles que gostam de arruinar teus sonhos, sempre prontos para convencê-lo de que sonhar alto é tolice. Pois bem, para eles é. Isso porque *eles* não têm um propósito na vida, logo não querem que você tenha um, tampouco. Não deixe que nenhum desses ladrões te roube nada. Se algum deles te faz companhia, é provável que você acabe perdido na ignorância bem como ele — distraído e sonhando com um amanhã mais feliz, o qual nunca chegará. Quanto mais eles te distraem, mais você perderá o senso de quem realmente é.

Meu filho, se está procurando um propósito mais elevado, faça uma decisão final — afaste-se dessas pessoas, uma por uma. Ao se desprender delas, vai deixá-las encontrarem seu próprio caminho, e vai deixar claro que você não está à venda, tampouco o seu sonho.

Certifique-se de que em sua vida sempre tenha um sólido investimento material. Mas lembre-se de que não importa quanta segurança você vai encontrar nos números, a morte nos ensina que depois do último suspiro ficamos sem nada. Após anotar mais uma decisão final, continue lendo as outras páginas.

*Eddie está por trás desse livro, não meu pai!* Foi Eddie quem viveu uma vida simples, sem apego às coisas materiais, com exceção dos livros. Joe se pergunta quanto mais simples sua vida pode se tornar, quando a essas alturas sequer possui uma TV para se distrair. Além de algumas roupas, sua escova de dentes e Osso, há somente um livrinho e vinte dias remanescentes. Ontem acreditava que o livro havia ficado mais pesado, mas agora vê que a responsabilidade de fazer decisões finais sem poder voltar atrás é o que pesa mais. Para ele, o livro está se tornando uma armadilha. Nunca foi bom em tomar decisões, quanto mais as *finais*. Contudo, se dá conta novamente de que nada teria mudado se tivesse voltado atrás nas promessas que fez ao carteiro. Joe entende perfeitamente a frase do primeiro capítulo que havia lido ontem: as decisões têm de ser *finais*, tão finais quanto a morte.

# Dia 11

---

## SEM IRMÃO, SEM OSSO

“Chegou ajuda!” Joe imagina ter ouvido em seu sonho, saltando da cama. Mas apenas percebe que é dia, com a luz âmbar do sol infiltrando quarto adentro. Corre para fora pensando encontrar a ajudante que Eddie prometeu enviar, mas apenas se depara com Handsome junto a uma das janelas, recolocando uma tira de fita adesiva. Faz uma anotação numa planilha e, sem olhar para Joe, diz: “Joseph, eu tô gostando demais do teu trabalho aqui. Realmente extraordinário.”

Joe não diz nada.

Handsome direciona seus olhos a um ponto específico logo abaixo da janela e faz mais anotações. Ele aponta para as suculentas cobertas com plásticos. “Foi você que fez tudo isso pra protegê as plantas?”

“Sim... Fui eu.”

“É mesmo?” Handsome se volta para a janela e desliza sua mão escamosa sobre o peitoril. “Aqui, tá vendo esse racho? Conte dezesseis deles. Mais trinta e uma bolhas e cento e vinte e uma lascas soltas que vão precisá de lixção antes de começá a pintura.” Joe está pasmo diante da extrema atenção aos detalhes de Handsome. O homem continua examinando a parede, à procura de mais falhas, e seu rosto se ilumina de repente. “Ah! Aqui tem outra. Isso soma um total de cento e sessenta e nove imperfeições. Mesmo assim, teu tio mudou de ideia. Ele falou que não venderia uma galinha que põe ovos de ouro.”

“Não sei do que você tá falando.”

“Ele mudou de ideia a respeito de você.”

“Como assim?”

“Ficou muito impressionado com o teu trabalho. E descobriu que nunca houve uma entrega overnight pelo correio. Simples falha de correio e telégrafos. Ele também quer que eu te pague trezentos dólares todas as sextas-feiras. Prometo os dois pastéis diários, mas vou ficá com o dinheiro para as diversas despesas.” Handsome estende a planilha a Joe e olha direto em seus olhos. “Repare todos os defeitos da lista e comece a pintar amanhã.” Ele enfia a mão no bolso do macacão e retira um par de óculos. Entrega-os a Joe e volta para a garagem. Olhando mais de perto, Joe vê que são seus. Têm a mesma moldura, mas quando os põe, tudo à frente de dois metros fica desfocado. Não são mais a sua prescrição. Olha na direção da rua. Tudo fica escuro como se um véu negro estivesse estendido sobre seus olhos.

Joe segue diligentemente a lista de imperfeições de Handsome. São pequeninas marcas que um olho comum precisaria de uma lente para detectar, e demora a manhã inteira para encontrá-las. Quando a tarefa está pronta, dois pastéis o esperam na mesa da cozinha. Os condimentos com pimentão verde e carne de porco fazem seus botões gustativos tinirem, mas ainda não consegue perceber cheiro algum neles.

Ele recolhe tudo o que possui — livro e escova de dente —, e segue em direção norte para ver sua cunhada. *Janet também fala com os mortos, e ela não vai cobrar duzentos e noventa e nove dólares.*

\*\*\*

Após várias batidas, Janet abre uma brecha da porta. “Você de novo?”, ela diz, seu rosto quase invisível pela fresta escura. A porta fecha com força e Joe ouve o chavear de uma fechadura. Ele bate várias vezes.

“Por favor, Janet. Preciso falar com você. Só mais uma vez. Falei com meu irmão semana passada e ele disse —”

“Eu te falei que ele não mora mais aqui.”

“Escuta, eu não quero saber o que houve entre vocês. Não é da minha conta. Mas se você puder me ajudar dessa vez, prometo que nunca mais vou te incomodar.” Ele espera, caminhando de um lado para o outro diante da porta. E continua esperando.

“Que mais ele disse?”, ela pergunta em voz baixa, justo antes de ele bater uma última vez.

“Ele disse que você consegue falar com os mortos.”

A porta produz o som de um clique. Ela deixa a porta entreaberta e desaparece no escuro da sala. Ele entra. Depois de ajustar a visão, Joe vê que ela está usando os mesmos extravagantes óculos escuros da última vez.

“O que você quer comigo dessa vez?”, ela pergunta, já irritada. “Seja breve.”

“Tá bem. Acabei de perder meu melhor amigo. Eu queria saber onde ele está.”

Ela dá uma risada de escárnio. “E eu lá vou saber!”

“Eu já falei com ele duas vezes. Eddie tem que estar em algum lugar por aí.”

“É mesmo?”

“Onde é que os mortos ficam?”

Janet dá um longo suspiro e se dirige até a porta que dá para o quintal dos fundos.

“Por tudo que é lugar.”

“Por tudo?”

“Em qualquer lugar. Eles podem caminhar na sua grama, te seguir num mercado, vaguear pelos cemitérios. Alguns ousam até invadir os sonhos. A única coisa que todos têm em comum é que, se estão falando contigo, por algum motivo devem estar presos em algum lugar.”

Joe se recorda do carteiro introneteando-se no seu sonho outro dia. *Talvez ele seja apenas um espírito trancado.* “O que você quer dizer com presos?”

Janet apenas sacode os ombros.

“Eles podem ajudar ou mandar ajuda de onde estão?” Joe pergunta.

“Não os que estão presos. Pelo contrário, esses só buscam ajuda pra si mesmos.” Janet abre a porta levemente. Seu tom de voz se altera, sugerindo que está a ponto de ter um daqueles episódios. “O problema é que, uma vez que alguém abre a porta para o primeiro, outros vão invadir e se instalar. Você abriu aquela porta, não é mesmo?”

Joe está atento a qualquer alma que possa se infiltrar pela fresta da porta. “Você poderia me ajudar a falar com meu amigo Eddie?”

“Hoje não. Tô muito ocupada. Além disso, Bernard vai vir aqui pra se encontrar contigo. Espera por ele do lado de fora.”

“Ele se mudou de volta pra cá?”

“Aqui? Nem pensar! E diz pr’aquele bastardo que é a primeira e última vez que vocês se encontram no meu quintal.”

Joe não lembra de ter visto ela usar algum telefone. “Você disse que ele não tinha um celular.”

“E não tem mesmo, mas ele sabe como me contatar. Eddie chega daqui a pouco”, ela diz por trás da porta, protegendo-se da luz. Ela agarra a maçaneta da porta, bem como o fez com o escorredor de louça na última visita de Joe. A maçaneta começa a trepidar, e ele sabe que precisa se mover rapidamente. Mal passa a soleira quando a porta bate com força atrás dele.

“Apenas uma pergunta”, ele diz para a porta na sua cara.

“Pede pro Bernard!”

Joe não entende por que seu irmão quis encontrá-lo na casa de Janet quando ele mesmo insistiu que nunca mais voltasse ali. Caminha de um lado para outro, de uma balança abandonada até a casinha de ferramentas, como um animal preso em jaula, seguidamente olhando para a porta dos fundos.

Assim como a frente da casa, o abandono do quintal é a imagem da desolação. O tronco com galhos do pé de carvalho que apoiava sua casinha na árvore ainda está ali — sem folha alguma. A grama está alta e marrom, e a cerca que dá para o vizinho, onde hortênsias azuis floresciam com todo esplendor, hoje está coberta de ervas daninhas e silvado. Tudo no quintal lembra uma foto

envelhecida que ficou marrom com o tempo. Após um tempo considerável, Joe está convencido de que tudo o que Janet fez foi uma manobra para tirá-lo da casa dela. Ele desiste da espera e decide regressar a Signal Hill, quando um sorridente Bernard rompe pelo portão lateral.

“Bernard... Janet disse que você queria me encontrar aqui.”

“Correto”, seu irmão responde, bem-humorado desta vez. Ele veste o mesmo jaleco branco bem-passado, com seu nome bordado no bolso esquerdo e algumas pequenas manchas vermelhas na parte inferior, parecendo sangue. “Eu forcei ela pra gente se encontrar aqui. Enfim, desculpe por estar tão irritado na última vez.”

“Mas por que aqui, se ela não te deixa entrar na casa?”

“Porque eu preciso de uma coisa dela. Se o truque não funcionar dessa vez, vou ter que tomar medidas mais drásticas. Vem e senta comigo por uns minutos.” Ele aponta para a balança cercada de capim crescido.

Janet está observando-os detrás da janela, seu corpo rígido como um cadáver, ameaçador ao mesmo tempo.

“Ela quer ser parte da nossa conversa”, Bernard diz e sorri, olhando para seu punho.

“Por que você fica olhando pro seu braço?”

“Você percebeu, é? Eu criei um tique nervoso. Risco ocupacional, acho. Mas tem o aspecto positivo, me lembra de que não podemos voltar no tempo.”

Joe acredita que algo não está certo com seu irmão. Bernard havia feito seu estágio com os pacientes psiquiátricos no Camarillo Mental Hospital e continuou trabalhando lá até o dia em que fecharam o estabelecimento. *Talvez o trabalho com os louquinhos afetou ele.* “Podemos falar do tio Karl?”

“Esquece aquele homem, Joey. Vamo falar dos teus pais”, Bernard sugere, espichando seus braços por cima do anteparo da balança. “Em poucas palavras, eles não são meus pais.”

Por um momento, o cérebro de Joe cria um espaço em branco. “Que você quer dizer?”

“Você saiu cedo de casa e nunca aprendeu sobre meu passado.”

A primeira ideia que atinge a cabeça de Joe é mais um pedaço se rompendo da sua vida; desta vez, deixando-o completamente sozinho no mundo, sem família para se agarrar.

“Tá dizendo que teu pessoal em Homeland não são meus pais?”

“Não. Aqueles são *teus* pais. Não meus.”

“Então te adotaram dum orfanato?”

“Não, não. Minha história é um pouquinho mais complicada. Acredite ou não, tua mãe me encontrou numa cestinha na esquina da Rosewood Avenue e a Aileen Street, bem aqui nessa vizinhança. Ela me disse que quando me viu eu estava completamente sozinho. Nenhuma alma em volta. Me falou que eu sorri como um neném olhando para sua mãe. E, porque nunca chorei, ela sabia que eu estava destinado a ser parte da família. Mais tarde, teus pais travaram muitas batalhas com o Estado para os direitos de adoção.”

Joe olha para Bernard. *Só pode ser verdade!* Não há semelhança física alguma entre os dois. Nunca houve, começando com os cabelos ruivos de Joe e os pretos de Bernard. Fortes batidas interrompem o devaneio de Joe. Ele olha para a janela, mas Janet não está mais lá. O barulho está vindo da porta.

“Cuidado!” Bernard adverte. “A qualquer momento ela vai irromper como tempestade daquela porta, como se a casa estivesse pegando fogo.”

“O que tá acontecendo aqui?”

“Ela tá com medo de que a gente esteja tramando algo contra ela.”

“Outro dia você disse que ela era capaz de ler os pensamentos das pessoas e que podia falar com os mortos.”

“É verdade, mas pra ler os pensamentos ela precisa estar fisicamente bem perto de você.”

Justo nesse momento Janet explode porta afora, como previsto, segurando um guarda-chuva enorme. No que ela corre na direção do barraco de ferramentas, sua peruca sai voando, revelando uma chocante cabeça raspada, tão branca como papel. Em poucos segundos, ruídos altos e estridentes emanam de lá, como se estivesse jogando todas as ferramentas do jardim contra a parede de uma só vez. A cacofonia para subitamente.

“Se a conheço bem, ela tá procurando algo bem pontudo e afiado. Se ela chegar perto, só não a encare diretamente.”

Tudo fica silencioso até Joe ouvir pisadas na grama aproximando-se deles por trás. Aos poucos, percebe uma sombra bloqueando a luz do sol, lentamente cobrindo a grama e a balança, como se um disco voador estivesse pairando sobre eles. Em segundos, Joe e Bernard estão inteiramente sob a vasta sombra do guarda-chuva. Joe não se move.

“Eu ouvi você falando pro Joe que veio duma família de bastardos. Soa bem correto, né?”

“Janet, queridinha, você precisa voltar para dentro de casa”, Bernard retruca calmamente. “O sol está fortinho hoje.”

“Nem pensar! Joseph veio lá das bandas de Long Beach para me encher o saco com perguntas sobre os mortos que perambulam por aí. Posso dizer a ele também que –”

“Janet, se você não parar com isso agora, eu vou voltar aqui *todo santo dia* –”

“Oh, eu nem comecei ainda”, ela o interrompe.

Bernard leva seus lábios para bem perto do ouvido de Joe e sussurra: “Nunca olhe para ela, e na hora que eu disser corre você *corre*.”

“O que tá acontecendo?”, Joe sussurra de volta, com seus olhos dardejando para todos os lados. Pelo canto do olho, vê Janet dando alguns passos para trás, e o sol reaparece. Ela fecha o guarda-chuva com um forte estalido. Joe não consegue se conter e a encara. Uma ponta do suporte do guarda-chuva se prendeu nos óculos dela, arrancado-os e revelando que não existe íris no centro de seus olhos. Os olhos são apenas uma bola branca, tão brancos quanto a sua pele. Joe se volta para Bernard, terrificado, mas o rosto do irmão está corado com um sorriso.

“O bastardo te falou que ele quer ser enterrado ao lado da mãe dele?”, Janet pergunta a Joe, que está inclinado a olhar para ela outra vez. A mulher dá mais alguns passos para trás, segurando o guarda-chuva como uma lança. Então, com a força e velocidade de um touro enfurecido, ataca na direção de Bernard, apontando a ponta do guarda-chuva no centro de sua cabeça.

“Corre!”, Bernard grita. “Corre pro carro.”

Como se fossem um, em pouco tempo os dois estão sentados dentro de Osso, com Joe rapidamente Tateando à procura da chave de ignição.

“Calma, calma. Estamos seguros aqui”, Bernard diz. “Ela já entrou na casa porque não aguenta o sol por muito tempo.”

“O que foi tudo aquilo, meu Deus?”, Joe pergunta, abalado e ofegante.

“Eu falei para ela não olhar.”

O carro se move, dá uma engasgada, mas avança. “O que há de errado com os olhos dela?”

Bernard dá uma risada, então diz: “Essa é a tua cunhada no auge da insanidade. No estado maníaco, ela pode até matar alguém, bem assim”, Bernard diz estalando dois dedos. “Pega a direita aqui e segue a Las Posas na direção do aeroporto.”

Joe acena com a cabeça, embora não lembre das ruas de Camarillo, muito menos de um aeroporto. Ainda tremendo, pisa fundo no acelerador. Osso dá uns solavancos e mais duas engasgadas. “Foi por isso que você deixou ela?”

“Sim, mas vamos falar do teu pai.”

“Podemos falar da Janet?”

“Só tem uma coisa que precisa saber dela”, Bernard adverte, enfatizando cada palavra. “Nunca mais volte para aquela casa.”

Ao longo de duas quadras, os dois caem num silêncio desconfortável. Joe ainda sente que aquele show de terror está perseguindo-o.

“De volta ao teu pai”, Bernard diz. “Nós nunca falamos sobre ele, mas tem uma coisa que lembro claramente do dia em que ele morreu.”

Joe abre a janela buscando mais ar e inspira fundo.

“Antes daquele incidente, você brilhava como ouro e vivia sem preocupação. Você adorava a vida e passava horas com ele nas plantações de limão e na casinha na árvore. De repente... tudo ruiu. Você meio que morreu também.”

As palavras de Bernard sufocam Joe.

“Abre a tua janela também, por favor?”, Joe pede, precisando de ar fresco e de uma mudança de assunto. “Você acha que o pai podia ter escrito um livro?”, pergunta, enfiando a mão no bolso para retirar o livrinho.

“Não sei. Ele bebia muito, muito mesmo. E Karl era o motivo da bebida.”

“Não tô entendendo.”

“Em primeiro lugar, Karl nunca foi teu tio. Ele era apenas um intruso — um sanguessuga que ficava rodeando a família com interesse na tua mãe. Karl teve que se livrar do teu pai, porque andava envolvido com informações privilegiadas em Wall Street, e teu pai sabia do segredo.”

“Isso significa o quê?”

“Não tenho tempo para explicar agora.”

“Por que não?”

“Porque já chegamos.”

Joe olha ao redor e vê os imponentes portões de ferro e paredes do cemitério Homeland. “Como é que chegamos aqui?”

“Tem várias maneiras de chegar ao cemitério, Joey”, Bernard diz, dando risadas. “Na verdade, todos os caminhos levam ao cemitério, eventualmente.”

“Por que estamos aqui?”

“Eu preciso falar com o Elijah antes de ver meu próximo paciente.” Bernard olha para seu punho, abre a porta do carro e sai. Elijah está parado na entrada, abanando para eles. Bernard apoia seus braços na janela aberta de Osso e diz: “Elijah está esperando a mulher dele ser enterrada aqui. No momento, ela está enterrada no cemitério errado. Ele se tornou o zelador para facilitar a transferência do corpo dela para Homeland. Nesse meio tempo, ele faz um trabalho excepcional por aqui.”

Joe tem uma dificuldade enorme de entender o que acaba de ouvir.



“Desculpe, Joey”, Bernard intercepta Joe, olhando para seu relógio invisível. “Tô numa pressa danada.” Ele dá um aceno animado e se apressa até o zelador.

Joe olha para o velho Elijah. Ele tem uma cara milenar, o bastante para ser um dos mortos vagando nos jardins de Homeland, como Janet falou mais cedo. Mas Joe está feliz por ter visto seu “irmão”. E gosta dele. Bernard parece ser livre, sereno e completamente despojado. *Mas do jeito que ele olha para o braço toda hora, aquilo não é tique nervoso, não!*

Os olhos sobrenaturais de Janet atemorizam seus pensamentos por todo o caminho de volta na Freeway 118 e 405. Em sua cabeça, Joe reproduz cada palavra que ela falou sobre os mortos que se comunicam com os vivos. *Se um dia eu abri uma porta para um espírito, o carteiro só pode ter sido o primeiro. E Eddie cruzou a porta logo atrás dele.* Seja ou não produto da sua imaginação, é uma porta que Joe quer fechar e trancar para sempre.

\*\*\*

Osso passa a ter outro ataque de soluço assim que Joe abandona a Freeway e sai pela Atlantic Avenue. Está quase em casa. Ele toma a esquerda de uma rua cujo nome não lembra, e o carro começa a engasgar seriamente. Joe busca um lugar para estacionar no caso do carro enguiçar. Não existe um só prédio nos dois lados da rua; somente um punhado de bombas de óleo gigantes, nenhuma em operação. Ele continua dirigindo até chegar a uma rua chamada Crossing Way, uma que nunca usou em suas entregas. Vira à direita, na intenção de ir em direção a Pacific Coast. Joe é um dos poucos motoristas que saberia identificar onde uma cidade começa e onde outra termina, mas a essas alturas não sabe ao certo se está em Signal Hill ou em Long Beach. Na verdade, ele não tem ideia de onde está.

A luz de verificação do motor pisca esporadicamente, mas Osso cruza ao longo satisfatoriamente. Momentos depois, a luz se apaga e seu anêmico Nissan Cherry morre. Joe olha o marcador de gasolina — ainda tem um pouco. Logo adiante, à sua direita, tem um vasto cemitério que nunca havia visto e, à esquerda, somente arbustos secos rodeando uma enorme bomba de óleo solitária — uma verdadeira besta mecânica pintada de um verde tiranossauro escuro. Não há casa alguma à vista, e ele está no meio do nada.

Quando Joe vira a chave, o painel de instrumentos de Osso se recusa a ficar iluminado. E, para sua maior frustração, vê um sinal de não estacionar ao longo de toda a calçada.

Joe escaneia o cemitério. Há postes de luz espalhados aqui e ali, lançando um brilho amarelado, e, mais para o centro, um prédio, talvez um escritório. Também enxerga um pórtico alto com duas colunas sustentando portões pe-

sados, diferentes dos de Homeland, mas a parede é tão baixa que permite que qualquer pessoa pule por cima. Os portões estão fechados, mas ele enxerga uma entrada alternativa na parte sul, e está aberta. Após tremendo esforço, empurra Osso para dentro do cemitério e o detém ali entre dois pinheiros Monterey. As manchas de tinta enferrujada vermelho-escuras se fundem bem com a semiescuridão do cemitério.

Joe permanece no carro e tranca as portas, escaneando todo o cemitério mais uma vez. Tem a aparência de qualquer outro — apenas grama e lápides. Não tem ideia de quão longe se estende ao oeste, porque tudo naquela direção está encoberto por uma nuvem escura. Pela localização, esse cemitério deveria ser o Sunnyside Cemetery, mas nada se parece com ele. Joe passou centenas de vezes pela Willow Street e pela Califórnia Avenue, mas este lugar parece estar totalmente fora do mapa. Poderia muito bem estar em Tijuana, México.

\*\*\*

O Sunnyside Cemetery não é apenas um vasto campo com ossos ressequidos que um dia pertenceram aos residentes de Long Beach. O cemitério tem uma longa história de guerras e traição — guerra que os vivos travaram contra os mortos, os verdadeiros donos daquele pedaço de chão. E tudo por causa de dinheiro. Óleo não foi somente encontrado no morro em Signal Hill. Sunnyside, junto ao Cemitério Municipal, estava também assentado sobre um enorme reservatório de petróleo — tão gigantesco que dezenas de milhões de barris podiam ser extraídos dali. Os mortos eram definitivamente mais ricos, descansando confortavelmente em seus palácios de pedra, flutuando sobre uma piscina de ouro negro. Assim que os lotes do rico óleo eram vendidos aos especuladores e perfuradores gananciosos, era só uma questão de tempo para que os lotes dos vivos fossem confundidos com os dos mortos. E a cidade de Long Beach estendeu seus longos braços e amavelmente abraçou Sunnyside para arrecadar um valor bem considerável para sua receita — tentadora demais para ser ignorada.

Essa guerra começou no início de 1920 e durou mais de uma década. Inicialmente, foi considerada a relocação para um cemitério diferente. Perfuração com tubulação inclinada também foi proposta, pois ela permitia a instalação de canos oblíquos do lado de fora do cemitério para sugar o rico ouro sem dessacralizar o local. No meio dessa batalha, ninguém sabe ao certo quantos ossinhos carpos e tarsais ficaram misturados no rico lamaçal e sugados sem cerimônia pelos canos oblíquos.

Meio século depois, Sunnyside foi profanado novamente. Em 1994, um guardião pilantra desfalcou mais de meio milhão de dólares provenientes das vendas de lotes para futuros defuntos. O vigarista usou o dinheiro para pagar

pensão alimentícia para sua ex-mulher e cobrir refeições extravagantes em restaurantes e a locação de uma Mercedes de primeira linha.

Poucos residentes de Long Beach sabem da turbulenta história de Sunnyside. Joe, ainda sentado no seu Nissan, tampouco sabe disso. Mas sabe por certo uma coisa: este cemitério não é o de Sunnyside. Este tem ao menos o dobro do tamanho. E o lado oeste está completamente envolvido em uma escuridão, como que tragado por um gigantesco buraco negro. Sequer um só carro passou pelas duas ruas desde que chegou. Mesmo assim, ele se sente excepcionalmente seguro, em paz e sem vontade alguma de caminhar de volta.

Com duas perdas em um só dia — Osso e um irmão que de repente não é seu irmão —, ele está reduzido a poucas roupas, uma escova de dente, seu livro e dezenove dias remanescentes. Envolto em total silêncio, sente-se bem protegido na terra dos silenciosos — terra de ninguém.

# Dia 12

---

## PERDER PESO PARA MORRER EM BOA FORMA

Joe acorda com uma batida brusca no para-brisa. Um homem robusto de meia idade, num blusão verde encardido, está parado ao lado da porta de Osso, com olhar furioso. Embora desorientado com a abrupta transição, as árvores e lápides do cemitério começam, devagarinho, a entrar em foco.

“O que o senhor está fazendo aqui?”, o homem pergunta com aspereza.

Joe abaixa a janela. “Desculpe, meu carro ficou sem gasolina.”

“E isso aqui tem cara de posto de gasolina?”

“Não deu para estacionar na rua acima”, Joe diz, apontando para a Crossing Way. “Se tivesse deixado lá na noite passada –”

“Saia do carro”, o homem ralha, abrindo a porta com força.

Joe sai com cautela, pisando na grama molhada. A neblina não clareou ainda. O homem tem uma faca de uns trinta centímetros num estojo de couro pendurado à cinta, mas seus olhos inchados e narinas dilatando são bem mais assustadores do que a faca.

“Dá uma olhada em volta”, o homem diz, seu braço estendendo-se por todo o cemitério, “Que te parece? Parque de estacionamento? Isso aqui é um ce-mi-té-ri-o.”

Joe acena com a cabeça respeitosamente.

“Eu sou o encarregado desse lugar, por isso leve essa sucata daqui. Agora!”

“Deixe ele ficar, Ernie”, uma voz feminina apaziguante ressoa por detrás do homem furioso. Ele se volta e fica imóvel, aparentemente abismado com a inesperada chegada da mulher.

Joe está abismado também com a sua beleza.

A mulher apareceu sem anúncio através do nevoeiro prateado, como um anjo. E ela tem o rosto de um. Radiante e gentil. É alta e veste um vestido de seda marfim translúcido que cai logo abaixo de seus joelhos e balança levemente com a brisa da manhã. Joe não consegue deixar de olhar fixamente para ela. Seus olhos são de um azul tão claro quanto um lago glacial. Ela poderia vir de qualquer órbita celestial, mas definitivamente não de Signal Hill.

“Em que posso ajudar hoje, Belinda?”, o homem pergunta, sua voz agora calma e agradável.

“Deixe este senhor ficar aqui até arrumar um mecânico.”

“Claro, claro”, o homem concorda. “A senhora sabe como são as coisas aqui. Não posso deixar qualquer um estacionar aqui em Elysian.”

Ela avança uns passos na direção de Joe. “Meu nome é Belinda”, diz ela, oferecendo sua mão branca e esguia. “Sou a zeladora aqui em Elysian Fields.” Sua voz é serena, e sua face reflete paz. Há algo nela extremamente familiar, mas Joe não consegue identificar. O sorriso dela é sincero, pois parece ser dirigido somente a ele, o que faz seu coração sorrir também. Mas ao apertar sua mão, parece estar fria e sem vida ao toque.

“Meu nome é Joseph. Obrigado por me deixar ficar. Vou tirar meu carro daqui assim que puder.”

“Ernest vai deixar você ficar até que tudo se resolva.”

“Obrigado, Belinda.” É nesse momento que Joe percebe uma fragrância encantadora emanando dela — um aroma ligeiramente próximo a amêndoas torradas. *Mas como? Faz dias que não sinto cheiro de nada!*

“De nada. Preciso ir agora. Foi bom conhecê-lo, Joseph.” Ela acena, lançando um último olhar cativo. Joe não vê nada mais do que pura beleza sorrindo para ele. “Ernie, venha me ver mais tarde no escritório.” Ela se afasta, deixando um aroma levemente diferente no ar — desta vez, amêndoas com cobertura de caramelo quente, o que serve de alimento para sua imaginação e deixa seu estômago exaltado.

“Para de se babar e vai buscar tua gasolina, seu gorducho”, Ernest ordena, indo em direção ao escritório com sua faca batendo contra a própria perna. Joe percebe que há outras três facas presas à cinta dele por trás. “Nenhuma segurança nesse maldito lugar”, o homem murmura, no que desaparece na neblina.

*Aquilo era perfume ou apenas o cheiro natural dela?* Joe pega seu livro e escova de dente no assento de Osso quando algo estala em sua mente. “Robin!”, ele diz em voz alta. “Robin Wright! Ela tem o rosto da Jenny em *Forrest Gump*.”

Joe ouve o raivoso Ernest chutar um objeto metálico a distância, acompanhado de uma cascata de palavrões reverberando pelo cemitério silencioso.

Joe marcha a Crossing Way abaixo pensando estar indo em direção à PCH. Acredita que vai passar ao lado do Sunnyside Cemetery em algum momento, mas este nunca aparece. Anda quadra após quadra, e não reconhece sequer uma rua transversal das suas entregas de pizza. Após passar Transition Lane, há uma estrada de chão chamada Serenity Place, e a próxima é Pilgrim Road. A cada bloco, a fragrância intoxicante de Belinda ainda o persegue. Com a chegada do carteiro, ele havia recuperado sua visão e perdido a sensação do olfato. Belinda acaba de trazer seu faro de volta, miraculosamente. Após várias quadras, está cercado de monótonos prédios comerciais e um tráfego barulhento. Mais duas quadras e reconhece um prédio cinza onde certa vez fez entrega, e

então, finalmente, vê a Our Daily Drug na esquina da PCH. Elysian Fields e o aroma intoxicante de amêndoas tostadas e caramelo ficam perdidos, mas Joe não consegue tirar Belinda da cabeça.

\*\*\*

Na sala, com seu nariz a apenas dois centímetros da lata de tinta cinza, Joe não consegue cheirar absolutamente nada. Apenas duas horas atrás, era capaz de sentir os delicados aromas que emanavam de Belinda. E agora, nada. *Que estranho!* Ele veste o macacão, leva as ferramentas até a área da frente e sobe a escada. Começa a pintar logo acima da porta de entrada e é interrompido por um assobio vindo da rua. “Isso é o que eu chamo de um trabalho profissional, vizinho.”

“Obrigado”, Joe responde, virando a cabeça. A pessoa de calça jeans azul parada na calçada não é ninguém mais do que a mulher que dirige o carro fúnebre.

“Eu também costumava pintar casas”, ela continua.

Com a trincha pingando tinta nos azulejos marrons da área, ele voa escada abaixo para falar com ela.

“Como a senhora sabia que eu estava atrasado para o enterro sábado passado?”, ele pergunta, agora com tinta pingando sobre a mão.

“Bom dia pra você, também. Pois bem, passei aqui para pedir desculpas por bloquear sua entrada, e seu parceiro de quarto me disse que você estava atrasado para o funeral de um amigo.”

Joe não se lembra de ter dito a Handsome sobre o funeral de Eddie. “Aquele cara não mora aqui.” A calça jeans e a camiseta branca em gola V fazem com que ela pareça uma vizinha comum e até simpática. Sem o carro fúnebre, ele não vê algo remotamente ameaçador nela.

“Ele disse que estava morando contigo há alguns meses.”

“É mesmo? Ele gosta de inventar coisas. É meu empreiteiro.”

“Ele também disse que seu nome é Joseph. Por falar nisso, meu nome é Carolyn. Eu alugo um quarto na casa ao lado, logo depois daquelas bombas de óleo incômodas. Se cuide um pouco com meu locador, sempre está armado até os dentes. Duas semanas atrás ele se deparou com um intruso.”

Joe olha sobre seus ombros para avistar a casa vizinha. O carro fúnebre está estacionado na frente, perturbador como sempre.

“Sabe, eu costumava pintar muito bem”, ela diz, com seus olhos brilhando.

“Então por que fica levando pessoas mortas por aí?”

“Boa pergunta. Mas eu posso te dizer o seguinte: nada me ensina mais sobre a vida do que levar os mortos na traseira de Nuvem.”

“Nuvem?”

“Meu carro fúnebre. E não é *ele*. Batizei ela de Nuvem. Falando nela, acabo de consertar seus freios.”

*Ela é meio doida, com certeza, mas amigável.*

“Você tá fazendo uma lambuzeira aí”, ela observa, encarando a mão dele e depois o chão. “Escuta, hoje é meu dia de folga. Deixa eu te ajudar.”

“O quê? Nem pensar, obrigado. Tenho tudo sob controle.”

“Você pinta a parede, e eu pinto os remates e guarnições, feito?” Sem ser convidada, ela entra no terreno e inspeciona as cúpulas de plástico protegendo as suculentas. Sobe até a área de entrada e examina a fita adesiva ao redor da moldura da janela. Ela solta um longo assobio. “Isto é trabalho de alguém que tem uma desordem de personalidade muito severa. Você sabia que perfeccionismo é uma doença do cérebro? Um verdadeiro distúrbio!”

“Não sei do que a senhora está falando”, diz Joe, subindo a escada.

“Eu costumava ser psicóloga. Consigo cheirar perfeccionismo a uma milha de distância.”

*Ela costumava ser um monte de coisas. Que mais? Astronauta? Fazendeira de avestruz?* Ele não responde, na esperança de que a conversa morra ali mesmo.

“Na verdade, eu tive muitas profissões na minha vida”, ela diz casualmente, como se lesse a mente de Joe. “Mas nunca me casei. Tampouco tive sexo.”

A trincha de Joe para no meio de uma pincelada.

“Você devia ter visto a sua cara”, ela diz, olhos faiscando. “Foi só brincadeira, seu bobinho.”

Joe engole em seco. Apesar de ser intrometida e cheia de opiniões, ela tem algo que o tranquiliza. “Dá licença, preciso buscar uns panos pra limpar essa lambuzeira”, ele diz, deslizando escada abaixo e seguindo caminho até a porta dos fundos. Para a sua decepção, Carolyn o segue até dentro de casa. Entrando na sala, ela fica pasma com a exposição de material para pintura disposto na lona de forma absurdamente simétrica.

“Santa Maria! Você quem fez tudo isso?”

“Não, foi o empreiteiro. São as ferramentas dele.”

A mulher pega um pincel tamanho médio e diz: “Você deveria usar esse. É melhor para o tipo de parede desta casa. Eu vou usar um menor para os remates.”

*Minha nossa, como é metida!* Mesmo assim, Joe ainda não consegue encontrar algo de errado nela. Então, para não criar desavenças com uma vizinha que transporta ataúdes, ele lhe estende uma lata de tinta destinada aos remates.

Assim que ele retoma seu trabalho na parede da área da frente, Carolyn começa a arrancar as fitas adesivas ao redor da porta. *Ih, ela tem tudo às avessas!* Mas, quando começa a pintar, ela arrasta o pincel pela moldura com precisão e rapidez. Joe a observa atentamente, impressionado. Não demora muito até que a ficha cai.

*Ela pode ser a ajudante que Eddie enviou! Mas quando? E como?*

Toda vez que mete seu pincel na bandeja, dá uma espiada de relance na direção de Carolyn. Tem algo tosco e agressivo a respeito dela — algo quase masculino. Um verdadeiro contraste comparado com Belinda, que era tão delicada e elegante. Em poucos minutos ela termina a moldura ao redor da janela e da porta da frente. Tudo o que fez até agora é limpo e preciso, extremamente profissional, e sem um pinga de tinta sequer no chão. Nenhuma mancha nas mãos dela, tampouco.

“Você tem jeito pra pintor”, ela diz. “Só que é um pouco devagar. Provavelmente por causa de todo aquele queijo gorduroso nas pizzas que come.”

“O quê?”, ele pergunta, um tanto acometido.

“Seu empreiteiro me falou que você entrega pizzas.”

*Agora chega! Ela já sabe e fala demais.* Ele desce da escada determinado a pôr um fim nessa conversa incômoda, mas, com um movimento súbito, ela agarra o pincel dele e começa a pintar a parede com longas e retas linhas, rapidamente e em silêncio, sem nunca tocar as guarnições.

“Eu tenho uma notícia ótima pra você”, ela diz, antes que ele abra sua boca. “Eu não sou somente uma motorista de táxi para os mortos, mas também uma fisioterapeuta e uma *life coach* de primeira linha. Sou especialista em ajudar pessoas como você, acima do peso normal. Rápido mesmo. Virtualmente, da noite pro dia. E estou falando de pessoas morbidamente obesas. Verdadeiros balofos que não sabem a cor de uma alface.”

*Ela pode até ser uma boa pintora, mas é bem fora das bolas.*

“Eu sei que você está pensando que sou maluca, mas tenho um índice de sucesso extremamente alto com meus clientes barrigudos. E estou orgulhosa disso!”

Ela acaba de finalizar a parede inteira da área da frente — trabalho limpo, com precisão matemática e, mais uma vez, sem um pinga no chão ou em suas mãos. Ela pega a escada e a move para o lado leste. Sobe e continua a pintar — com o mesmo critério rigoroso. Não demora muito, Joe precisa buscar mais tinta na sala.



*Pois é, ela é estranha. Mas, se for a ajudante, Eddie me mandou a pessoa certa.*

Quando ele retorna, Carolyn o espera ao pé da escada. “Me fala sobre seu amigo que morreu.”

“O que tem ele?”

“Quando foi a última vez que falou com ele?”, ela pergunta, voltando ao trabalho.

“Dois dias atrás.”

Ela para de pintar e se volta para ele.

“Quer dizer... o negócio é que ele morreu sábado, mas deixou uma mensagem no domingo. E falei com ele mais duas vezes depois.”

“Vai falando. Eu faço todo o trabalho pra você... Só fala.” Joe sabe que falou demais, mas, encarando-a, sente que há algo nela digno de confiança. “Escuta, tenho certeza de que você é um homem trabalhador e honesto, Joseph. Mas talvez seja um desses caras que se comunica com os mortos.”

“Bem”, ele começa, limpando sua garganta, “alguma vez a senhora já encontrou alguém que fala com eles?”

“Claro que sim”, ela responde com naturalidade. “Um bocado, até. Não esquece que eu passo muito tempo ao redor de pessoas que partiram. Existe um montão de espíritos solitários pairando por aí. Na maioria as vezes, errantes aflitos. Tem certeza de que foi seu amigo com quem falou?”

“Sim, era meu amigo. Eu nem sei por que tô falando isso pra senhora, mas falar com ele pareceu bem real mesmo.”

“Quando você diz *real*, quer dizer que tocou nele?”

Joe pensa seriamente. “Não.”

Carolyn já terminou metade do lado leste da casa. Ela troca de pincel para trabalhar nos remates. Ele transpira só de a olhar. *Nesse ritmo vai estar tudo pronto amanhã.* “Ei, a senhora não precisa fazer isso pra mim”, ele diz, tentando trocar de assunto. “Posso fazer isso muito bem.”

“Sei que pode.” Ela move a escada mais à frente. Joe se dá conta de que estava tão centrado na conversa que o tempo passou e quase metade da casa está pronta do lado de fora. Sente-se mais e mais confortável com a sua presença, e até mesmo começa a gostar dela. *Ela é super eficiente, mas, mesmo assim, tem algo de estranho.*

“Eu acabo de decidir que vou ajudá-lo a perder peso. Meu programa não foca tanto em comida e exercício, e sim em algo que vem antes. Técnicas de respiração.”

“Como assim?”

“Movimento e respiração em sincronia são partes integrantes do meu programa para emagrecer.” E, antes que Joe se dê conta, ela está parada logo atrás dele, pegando sua mão direita e guiando-a para cima e para baixo nas tábuas da parede. A proximidade dela o assusta e cativa ao mesmo tempo. Diferente das mãos frias de Belinda, as de Carolyn são mornas e cheias de vida. Belinda é reservada e elegante, enquanto Carolyn é direta e sem rodeio. O encontro com Belinda foi mágico. Carolyn é real e tosca. Para cima e para baixo, mão direita, mão esquerda. Com o corpo dela logo atrás, Joe sente o queixo tenso e muito suor correndo pelo rosto. Para cima e para baixo, mão direita, mão esquerda. As repetidas pinceladas continuam até que sua camiseta está encharcada de suor. É neste momento que ele percebe que Carolyn não está mais segurando a sua mão. Ela está parada ao longe, na calçada.

“Hoje, às cinco em ponto, no portão da frente”, diz ela, caminhando para casa.

“Não tenho relógio.”

“Então vai ouvir meu assobio.” Ela leva dois dedos à boca e solta um som penetrante que sacode o sistema nervoso dele como uma arma de choque, ajustado ao máximo.

Terminada a tarefa, Joe se distancia da casa e admira seu trabalho, com um sorriso satisfeito no rosto. Faz uma limpeza completa e leva todo o material para dentro. No seu último percurso, encontra Handsome debruçado sobre a lona, ajustando as ferramentas em distâncias precisas, a nível de milímetros. A manga de sua camisa está arregaçada, revelando uma tatuagem que percorre toda a extensão do braço. Uma tatuagem tribal de uma só cor, com um desenho verde de uma cascavel.

“Então é assim que as coisas funcionam por aqui, hein?!”, Handsome diz. “Cê não tinha me dito que foi você que fez toda a preparação para a pintura?”

Joe não se move. “Ela apenas ofereceu ajuda.”

“Eu não quero essa mulher por aqui.” Handsome agarra um canivete de cor preta dentre suas ferramentas e se levanta. Pressiona um botão no cabo e a lâmina se abre com um estalido. Ele repete a manobra várias vezes, com rapidez e destreza. Joe se pergunta por quanto tempo ele ficou na cadeia e qual foi o motivo. “Jurei que nunca mais faria isso, mas se ver aquela mulher tocando uma dessas ferramentas de novo, eu vou...” Handsome gira seu braço em volta e arremessa a faca na parede. Ela adere com um ruído seco. Então enfia sua mão coriácea no bolso e retira algo que Joe reconhece imediatamente — seu livro!

Assim como foi com Fuinha, Joe já consegue ver o nariz extra longo dele arrebitado e seus dentes de ouro pipocando no piso duro. Ao mesmo tempo,

sabe que existe muito mais em jogo — a pintura da casa. Joe se sente preso a esse homem tanto quanto ao carteiro.

Com calma, Handsome caminha para a cozinha e põe o livro no balcão e, sem mais uma palavra, sai pela porta dos fundos. Joe se lança sobre o livro, mas a cabeça reptiliana de Handsome reaparece no marco da porta. “Mais uma vez, não deixe aquela mulher tocar nas minhas ferramentas. Amanhã cê começa a pintá a sala.”

Mesmo com todo o sossego na casa agora, a cabeça de Joe está atulhada de pensamentos violentos. Ele arranca a faca da parede, dobra e guarda-a no bolso.

\*\*\*

Carolyn está esperando por ele no portão do quintal da frente, vestindo shorts de linho bege que revelam um par de coxas robustas e panturrilhas musculosas. Ela o escolta por uma trilha estreita até os fundos da casa. “Não se preocupe com o meu locador. Ele e a esposa não estão em casa hoje.”

Joe relaxa instantaneamente. Os dois chegam a uma porta de vidro corrediça, e Carolyn convida-o para entrar. A sala está vazia, e, quando ela fecha a porta de correr, o som das bombas fica reduzido a um fraco zumbido rítmico. A sala tem piso de madeira, e as paredes são brancas. O lugar é limpo e bem iluminado. Existe uma porta na parede, e Joe pensa que deve levar ao restante da casa. Não há nenhum móvel ou equipamento para fisioterapia — nem mesmo algum dispositivo elétrico ou lâmpada.

“Bem-vindo ao meu pequeno esconderijo”, ela diz.

“Eu pensei que a senhora vivia aqui.”

“Pensou certo. Está tudo vazio porque eu pratico Feng Shui interior.”

“O quê interior?”

“Feng Shui. É uma prática que ensina equilíbrio mental, simplicidade e silêncio em tudo o que faço.”

Joe coça seu braço em apreensão. “Eu pensei que era pra eu perder peso.”

“De novo, você está absolutamente certo. Assim sendo, vamos começar”, diz ela, pondo suas mãos nos ombros dele e parando logo atrás. Tudo acontece muito rapidamente. Com um movimento audaz, Carolyn agarra o peito de Joe e estende o outro braço por entre as pernas dele, erguendo-o, assim como um desportista de luta livre pronto para lançar o oponente ao chão. Faz tudo com tanta agilidade que ele não tem tempo de reagir. Por dois segundos, ela o segura contra seu corpo na altura dos quadris e em seguida o larga. Joe está estupefato com o fato de ela conseguir erguer um corpo tão volumoso sem mesmo alterar sua respiração.

“Joseph, você pesa cento e dezenove quilos, mais o que você carrega nas calças. Quanto peso quer perder?”

Ele não tem resposta.

“Qual é a tua meta?”, ela insiste. “Quanto peso *precisa* perder?”

“Hum... eu... um dia quero pesar setenta e cinco quilos, se é isso que a senhora tá pensando.”

“Pois bem, você tem quarenta e quatro a perder. Tem data limite?”

Sem ideia alguma aonde Carolyn quer chegar com tudo isso, ele entra no seu jogo. “Que tal o fim do mês?”

“Dito e feito. Vamos começar agora. Te livra de tudo que tem no bolso.” Contra a vontade, Joe retira o livro, as chaves e o canivete e coloca-os no canto da sala vazia. Ela o chama de volta ao centro. “Agora, feche os olhos e escute com atenção.”

Mesmo com o rosto virado para o lado oposto ao da parede, seus olhos estão grudados no livro. Leva um tempo para fechá-los.

“Você faria *qualquer coisa* para perder quarenta e quatro quilos em menos de três semanas?”

“Sim”, ele diz, mal contendo uma risada. “Qualquer coisa.”

“Então você veio para o lugar certo. Mas há um preço.”

“Qual?”

“É um preço que você vai pagar mais adiante.”

“Quanto?”, ele pergunta, abrindo os olhos.

“Não é dinheiro. Feche os olhos novamente. Desde o primeiro momento em que te vi, percebi que para de respirar várias vezes. Para consertar esse hábito terrível, vou precisar da tua completa atenção em tudo que vou dizer. É contra a natureza focar na nossa respiração, porque ela nos acontece naturalmente. Mas não mais pra você. Assim sendo, vamos começar com umas técnicas de respiração.” Os olhos de Joe estão cerrados, mas ele nota que ela está circulando-o. “Por cinco minutos”, ela continua, falando devagar, “quero que inspire e expire bem alto pra eu poder ouvir tua respiração.”

Ele não tem a mínima ideia do que ela está tentando fazer, mas segue as instruções até se sentir meio tonto e um tanto estúpido. O exercício parece continuar ao menos por meia hora, não os cinco minutos sugeridos.

“Abra os olhos”, ela comanda.

Agora ele está encarando a porta de correr, embora não se lembre de ter se movido. Joe dá uma olhadela no livro. Ainda está lá.

“Feche os olhos novamente”, ela instrui. “Desta vez, ao invés de focar na respiração, nos próximos cinco minutos foque em todos os sons ao seu redor. Pronto?”

Joe concorda com um sinal de cabeça e fecha seus olhos. Tenta focar em algum som, se perguntando o que tudo isso tem a ver com perda de peso. Tudo o que acontece são gotas de suor descendo pela sua testa. Depois de algum tempo, ela pergunta, num sussurro: “O que você ouve?”

“O som de uma bomba de óleo.”

“O que mais?”

“Duas bombas.”

“Muito bem, Joseph. O que mais?”

“Uma porta se abrindo e pessoas falando.”

“E estão falando o quê?”, ela questiona, ainda sussurrando.

Ele força os ouvidos por algum tempo, mas não entende uma palavra sequer. Mais uma vez, está parecendo mais que cinco minutos. Mais suor corre pelo seu rosto, e o ar se torna mais quente na sala. Ele foca sua atenção nas bombas de óleo, mas elas pararam de funcionar. Tudo na sala de Carolyn está num silêncio mortal. Ele apenas ouve as batidas de seu coração e, de repente, o chacoalhar de louça como se alguém, com raiva, estivesse abrindo uma gaveta de talheres. Ele ouve um leve estampido e então abre seus olhos.

“Joseph, você parou de respirar por vinte e nove segundos. Você precisa seriamente de ajuda.”

Ele enxuga o suor com sua camiseta e vê que o livro ainda está no mesmo lugar.

“Além da respiração errática, você também tem um problema na sua nuca.” Ela encosta sua mão na grossa e suada nuca dele e começa a massageá-la com ritmo. A mão dela é morna e suave. Ele também consegue sentir o bafo morno de Carolyn na nuca. Com a voz tão suave quanto o seu toque, ela pergunta: “Quando você machucou sua nuca?”

O corpo dele reage involuntariamente, e Joe pensa numa maneira rápida de terminar essa sessão e nunca mais voltar ali. *Ela não é fisioterapeuta coisa nenhuma!* “Eu tenho que ir.” Ele busca seus pertences, certo de que ela quer vender algo que ele não tem interesse. “Quanto custam as suas sessões?”

“Eu não cobro um centavo até que você veja resultados. E eu não aceito dinheiro. Primeiro, vá e cheque seu peso numa balança confiável e confirme se você, de acordo com meus cálculos, pesa cento e treze quilos agora. Se for o caso, e quiser perder mais alguns, você sabe onde moro.” Ela o leva até a porta corrediça. “Apenas um último detalhe, mandei alguém entregar uma comida

especial na sua porta dos fundos. Vai precisar de energia pra aguentar os exercícios do meu programa que virão pela frente.”

“Obrigado, mas eu tô bem.”

*Não vai ter uma próxima vez.* Ele sai do silencioso santuário da sala e entra num mundo saturado de barulho e som das monótonas bombas. *Quem é essa mulher?* Joe admite para si mesmo que se sente mais leve.

Em casa, percebe um embrulho de isopor ao pé da porta dos fundos, com comida fumegando. Tem quatro tamales dentro. Ele desembulha a palha de milho de um e dá uma mordida. É tão macio e rico em sabor que o prazer viaja direto para sua alma. E sem dificuldade de engolir. A galinha desfiada é tenra e picante. Temperos e tudo são infinitamente melhor que os pastéis de Handsome. Joe devora os quatro e anseia por mais.

Caminhando até Our Daily Drug para se pesar, não tem expectativa alguma de ter perdido um só quilo, mas, para seu espanto, a balança da drogaria revela cento e quatorze quilos. “Que diabos?” Ele tira os pertencentes do bolso e os coloca na balança para se certificar de que não está quebrada. Todos juntos pesam exatamente um quilo.

*O que tá acontecendo aqui? Nada daquela macumba toda poderia me fazer perder seis quilos num só dia.* Ele está transtornado de tanta empolgação. Sobe na balança novamente e confirma os números, mas suspeita que poderia ter perdido seis quilos com toda a sua correria e pintura. *Mesmo assim, acertou os números em cheio. Ela é muito estranha, mas acho que vou dar outra chance.*

Mais tarde, no seu quarto, sua mente corre para dois extremos. Da encantadora fragrância de Belinda até os movimentos precisos de Carolyn; do autêntico sorriso de Belinda até as técnicas bizarras de treinamento de Carolyn. *Talvez Eddie tenha me mandado dois anjos.* Joe não tem a mínima ideia de qual delas escolheria se tivesse que ficar com uma só. Mas é o rosto radiante, a voz calma e o doce aroma de Belinda que o embalam gentilmente ao sono. *Talvez Eddie tenha me mandado dois anjos.*

# Dia 13

## SIGA O LIVRO

---

Nove meses atrás, no décimo segundo dia da prisão de Joe na Los Angeles County, Eddie pegou o carro e foi para Camarillo ver a mãe de Joe, Martha, pela última vez. Naquela visita, Janet o viu sair do hospital com um pequeno pacote. Quando ela pediu para a sogra o que havia nele, Martha gesticulou para Janet se aproximar e murmurou: “Para Joseph. Meu marido vai entregar a ele pessoalmente.” Janet se deu conta de que sua sogra havia perdido sua sanidade.

Eddie mal chegara em casa quando o celular tocou. Era o hospital ligando para avisar que a mãe de Joe havia morrido. Foi até a prisão de Los Angeles para dar a trágica notícia a Joe, mas este não parecia demonstrar qualquer sentimento. O trauma de ter visto um prisioneiro ser esfaqueado nos chuveiros e logo após ver a mesma faca vindo em sua direção foi desconcertante demais. Nem a morte de sua mãe podia tornar sua vida ainda mais miserável.

Ainda esperando por uma avaliação psicológica, Joe teve que cumprir sua sentença com outros dezessete prisioneiros na GP — área destinada à população geral. Nunca presenciou tanta feiura, ouviu tanta gíria de gangue e inspirou tanto fedor humano em sua vida. Comeu comida que lembrava vômito e foi percebendo a sua cueca mudar de uma cor para outra. Ele foi agredido com todos os cheiros podres que existiam — de mijo à diarreia. Seus companheiros de cela fediam como um rebanho de cabras molhadas — nos dias bons. De noite, seus sempre atentos ouvidos ficavam afinados a uma sinfonia de barulhos, de roncosserrilhados a gemidos demoníacos, risadas ou, ainda, gritos. Nas noites mais quietas, até conseguia ouvir o rastejar de uma barata explorando seu travesseiro, a apenas centímetros de seu rosto.

Para ele, cada dia parecia uma semana, cada noite um mês, mas pelo décimo dia estava endurecido, calejado e amargurado. Seu maior medo era que este poderia se tornar seu endereço permanente.

Na sua última visita à prisão, Eddie tentou animá-lo através da janelinha da sala de visitas. “Aguenta firme aí, companheiro. Eu finalmente fiz uma conexão com alguém que vai te tirar deste lugar em pouco tempo. Ele é um homem poderoso e me deve um favor.”

Esse homem poderoso era seu “tio” Karl.

Após sua pincelada com a morte e a notícia da perda de sua mãe, Joe permaneceu em estado de letargia por dois dias. Não se movia de sua beliche, tampouco comia ou bebia. Passava horas olhando para o teto, até que teve uma

revelação significativa. Se deu conta de que beber e fumar eram vícios que ele tinha em comum com os outros detentos. Naquele momento, decidiu mudar o rumo de sua vida. Por um ano inteiro não fumaria ou beberia. Melhor ainda, resolveu perder peso. Na saída da prisão, a sua primeira experiência em liberdade foi coroada com um cigarro entre os lábios.

Eddie o esperava do lado de fora. Propôs que ele ficasse em seu apartamento até encontrar algo permanente. Também informou que Joe havia perdido o emprego na By Pizza, mas ofereceu uma chance na Fired-Up. Esse foi também o dia em que Eddie apresentou o livro pela primeira vez. Pouco antes de entrar na rampa da Freeway 110, adicionou mais uma informação espinhosa: “Tô te levando pra Camarillo no sábado que vem pro enterro da tua mãe.”

“O quê? Não!”

“Joe, ela é tua mãe.”

O ar dentro da picafe ficou tenso e logo engrossou. O coração de Joe pulsava forte. “Eu disse que não vou, e pronto!”

Com a tolerância de um pai paciente, Eddie compreendeu que Joe estava envergonhado por encerrar qualquer membro de sua família. A viagem até South Wrigley seguiu em silêncio.

Após passar quatro semanas no pombal de Eddie, Joe pôde se mudar para um chalé de dois quartos em Signal Hill com todos os seus pertencentes — caixas abarrotadas de diversas tralhas que nem mesmo a Cruz Vermelha aceitaria. E, assim como todas as outras promessas não cumpridas, o livro foi jogado em uma das caixas aninhadas nos caibros da garagem. Naquele mesmo dia, Eddie reintroduziu Joe ao seu “tio”, quem não via há trinta e cinco anos. Karl, um homem sisudo, trajando um terno preto, nunca tirou seu Ray Ban para mostrar seus olhos e tampouco estendeu sua mão ao “sobrinho”. Karl entregou um par de chaves a Eddie, juntamente com o nome e o número do agente imobiliário, e saiu dali. Karl somente reapareceu duas semanas atrás na vida de Joe.

Eddie ajudou Joe a descarregar o veículo. “Escuta, não deu tempo pro Karl fazer arranjos pra pintar a casa.”

Sentindo-se um tanto obrigado, Joe se dispôs a pintá-la.

“Tá falando sério?”

“Por que não? Já pintei antes.”

“Você pintaria a casa como se fosse tua?”

Joe prometeu que pintaria a casa bem, como se fosse a dele.

“Jure!”

“O quê?”

“Jura sobre o túmulo da tua mãe?”



Joe olhou para Eddie, cujo olhar era inflexível. “Tá bem, tá bem, tô jurando sobre o túmulo da minha mãe”. Com essa promessa, somam-se duas juramentadas e quebradas em um mês. Bem como a promessa de ler o livro, sua promessa de pintar a casa foi esquecida em poucas semanas.

\*\*\*

Eddie se encontrou com Karl pela primeira vez um dia antes da última visita a Joe na L.A. Central Jail. O encontro marcou o fim de uma longa jornada na vida de Eddie. Foi o equivalente ao Juízo Final — o dia em que ele, um anjo vingativo, meteria os pés no diabo e o atiraria num lago de fogo. E somente pôde encontrar Karl porque no pequeno pacote que a mãe de Joe deixou com Eddie durante sua última visita ao hospital havia um envelope espesso anexo ao livro e um endereço num papel. Aquele endereço levou Eddie a um restaurante francês em Irvine chamado *Table Pour Un*, Mesa Para Um.

Era aproximadamente nove da noite de uma quinta-feira quando Eddie adentrou confiante o silencioso restaurante, vestindo um terno Versace, feito sob medida e com maestria para seu corpo esguio e muscular. Informou ao *maître d'* que havia reservado uma mesa com seu Belette.

“*Privé*”, disse o *maître d'* a um serviçal, o qual orientou Eddie a uma sala com pouca iluminação, adjacente à principal área de jantar — menor, mas com uma atmosfera mais elegante do que a anterior. Havia somente seis mesas, com dois metros de distância entre elas. Cada uma com uma cadeira somente, dando de costas para as outras para demonstrar que nesse lugar tudo se trata de privacidade, individualidade e desdém ao indivíduo da mesa ao lado. O único som era um monótono canto gregoriano vindo de alto-falantes ocultos. Karl era o único na dependência, sentado em uma das mesas, com caneta-tinteiro na mão, analisando papéis.

“Senhor Belette”, Eddie se anunciou cortesmente.

Karl levantou os olhos. “E o senhor é?”

“Eduardo Martinez”, Eddie respondeu, estendendo a mão, “um amigo próximo de Joseph De Angeles.”

Karl olhou cautelosamente o intruso, mantendo uma mão na sua caneta e outra no copo de vinho.

“Se importa que eu sente na sua mesa?”

“Sim, me importo”, respondeu Karl, laconicamente, seus lábios mal se movendo.

Ignorando a resposta, Eddie buscou uma cadeira e sentou-se em frente a Karl. “O ambiente aqui é arrebatador. Tão elegante e tão... *refinado*!” Ele esfregou os dedos no linho da toalha de mesa. “Minha nossa, que textura requintada.”

“Seja o senhor quem for, por favor, se retire. Este lugar é privado e –”

“*Est-ce votre cachette privée?*”, Eddie perguntou, pronunciando um francês perfeito, se este era o canto preferido para ele se esconder.

“Como assim?”

“Você me ouviu muito bem, Karl... Joseph Edward De Angeles, filho de Martha, está na cadeia em Los Angeles. E eu preciso que você tire ele de lá.”

“Meu senhor, você está me confundindo com outro alguém. Saia daqui imediatamente!” Karl se virou, procurando um serviçal para escoltar Eddie pela porta.

Eddie se inclinou para frente. “Pois bem. Vamos deixar todo o besteirol francês de lado. Martha, objeto de seu sórdido desejo por muitos anos, acaba de morrer. Ela também sabia de seu uso de informação privilegiada em Wall Street. Ainda tem certeza de que devo sair imediatamente? Eu adoraria um copo do *Syrah* francês que você está tomando.”

A boca de Karl se contorceu quase imperceptivelmente.

“Mas aí tem outra questão. O marido dela morreu num acidente de carro. Sem contusão, apenas com a nuca retorcida. Um acidente bastante suspeito, mas, como eu disse, um acidente.”

“Não tenho a menor ideia do que você está falando.”

“Então deixa eu soletrar. Entre 1968 e 1970 o senhor esteve envolvido numa rede de informação privilegiada que gerou tremendos lucros, fazendo negócios antes de anúncios públicos que envolviam fusões corporativas, aprovações de novas drogas e rendimentos de indústrias farmacêuticas. E como eu poderia saber de tudo isso?”

Karl olhou para Eddie, paralisado.

“Tô me apaixonando por esse lugar”, Eddie irrompeu, percorrendo seus olhos por todo o ambiente.

“O que você realmente quer, senhor Martinez?”

“Eu sabia que eventualmente o senhor se interessaria.” Eddie se levantou, buscou um guardanapo na mesa ao lado e estendeu-o no seu colo.

“O senhor não vai ficar. Vá ao que interessa”, Karl falou, tomando um longo gole de vinho, olhos transbordando com animosidade.

Eddie fez um sinal discreto ao garçom. Assim que ele se aproximou, Eddie assumiu uma atitude refinada e perguntou, “Poderia me trazer um copo de vinho, por favor? Nós vamos beber juntos o ‘95 *Domaine Jamet Côte Rôtie*. Meu favorito!”

“Um momento, cavalheiro.”

Eddie voltou-se para Karl. “Eu preciso de uns favores, senhor Belette, ou seja qual diabo de nome o senhor esteja usando esses dias.”

O garçom retornou e pôs um copo de cristal na mesa. Eddie dispensou-o com um sorriso, que rapidamente tornou-se maquiavélico, servindo-se com uma pequena porção de vinho. Girou o copo, levou-o ao nariz e inspirou o aroma. Em seguida, esticou seu dedo indicador dentro do copo, molhando-o e circulando-o no aro.

Karl permaneceu quieto, mas contorceu o rosto com o som estridente. Olhou ao redor para ver se o barulho estava atraindo a atenção de algum dos serviçais. Eddie continuou contornando a borda do copo até seu ombro esquerdo começar a ter contrações. Manteve o olhar em algum ponto fixo da mesa enquanto sua mão esquerda tremia. Seus olhos reviraram-se de forma espectral para dentro da órbita e, inclinando-se para frente, valeu-se da caneta da mão de Karl. Rabiscou ASSASSINATO 1971 no guardanapo branco de linho.

Karl deu um salto da cadeira.

“Nem pense em sair daqui, seu *morceau de merde!*”, Eddie o advertiu numa voz gutural. “Senta aí se não quiser apodrecer na cadeia.”

Karl aquiesceu com relutância. Uma nova série de tremores percorreu o braço de Eddie, mas cessaram rapidamente. “Karl, meu velho Karl”, Eddie disse, numa voz mais grossa e diferente. “Por que você mudou seu sobrenome? Teu filho Joshua tentou me explicar o porquê, embora sob minha pressão, e revelou os negócios mais recentes na bolsa de valores. Um verdadeiro fracote! Mas também, né, tal pai, tal filho.”

Karl olhava para Eddie, assombrado. “Quem é você? O que quer de mim?”

“Quero quatro coisas de ti, Carlitos”, Eddie disse, estendendo seu guardanapo na mesa e escrevendo JOSEPH nele. “Primeiro, tirar Joseph da cadeia amanhã, no mais tardar pelas cinco da tarde. E quero todas as acusações contra ele liberadas. Um prisioneiro tentou esfaqueá-lo ontem, e haverá outra tentativa amanhã, precisamente às cinco e trinta e seis.”

“Você está completamente louco?!”

“Não viu o louco ainda, mas já tá chegando.” Eddie escreveu CASA logo abaixo do nome de Joseph. “Segundo, quero que compre uma casa boa para ele em Long Beach, ou, digamos, Bixby Knolls, ou mesmo Naples. Signal Hill também serve.”

A expressão de Karl endureceu. Seus olhos pararam de piscar.

Eddie então adicionou a palavra CHEQUE na lista. “Terceiro, faça um cheque de quinhentos mil dólares pagáveis a Joe e um outro do mesmo valor para Bernard, seu irmão adotivo. Neles, cite a procedência: Eduardo Martinez.”

“Aqueles dois não são meus sobrinhos!”, Karl rosnou entre seus dentes rangentes.

“Agora nós estamos na mesma página, senhor Belette. *La même page exacte!* Até você tirar Joseph da cadeia, você é o tio dele. Mais uma última coisa: quero esses cheques enviados num *overnight* nos respectivos aniversários de cada um. Isso dará a você e seu filhote crocodilo um tempinho para juntar os fundos. Se algo acontecer a você antes dos aniversários, certifique-se de que Joshua, que faz parte dessa manobra desonesta, os envie, ou ele vai pra cadeia também.”

“Quem tem tanto dinheiro para tudo isso?”

“Alguém que possui quatorze propriedades em Long Beach e que fraudava a bolsa de valores. Preciso relembrar em quais empresas houve transação e as datas com precisão? A não ser que você quer que eu ligue para a SEC. Eu faria uma ligação para seu filho para uma conversinha.”

“Preciso saber onde vou encontrar você.”

“Eu sempre vou encontrá-lo primeiro, Carlitos. Conheço sua rotina, onde mora e em que time joga.” Eddie arqueou suas sobrancelhas e escreveu a última palavra na lista: SUV. “Junto ao cheque, quero uma Lexus GX 470 novinha pro meu filho, estacionada na garagem dele no dia de seu aniversário. Bordô.”

“Diabos, quem é você?”

“Apenas um fantasma do passado. Voltei de uma longa jornada para trocar uma vida por outra.” Os olhos de Eddie penetraram os de Karl.

Karl permaneceu em silêncio, estupefato. O rosto de Eddie se transformou num sorriso. “Você se escondeu por todos esses anos bem debaixo do meu nariz, mas eu te encontrei. Na próxima vez que eu te ver, quero as chaves da casa de Joseph. Ah, e obrigado pelo vinho. *C’était délicieux!*” Levantou-se e, com uma pistola invisível, deu um tiro imaginário e saiu. Quatro semanas depois, Joe se mudou para sua casa, sem ideia alguma de que era dele mesmo.

\*\*\*

Hoje, no décimo terceiro dia após o pacto com o carteiro, Joe acorda ansioso. Sai até a calçada procurando algum sinal de Carolyn. *Essa mulher tem alguma coisa que não fecha.* O carro fúnebre não está na frente da casa. Perplexo com o bizarro método dela para perder peso, caminha nove quadras até a Our Daily Drug para se certificar de que a balança é realmente confiável.

Dentro da drogaria, ele assenta na balança seu livro, escova de dente, chaves e canivete — exatamente um quilo. E ele ainda pesa cento e treze quilos. Confia nos números apesar do aspecto sobrenatural da farmácia, pois ainda não viu um freguês sequer entrar ali.

Ao sair, do outro lado da rua um caminhão de carga está estacionado bem debaixo do exótico letreiro em azul neon que diz *Aqui & Além*. A filha de Agnos emerge da porta carregando um punhado de colchas para recheamento de móveis. Joe atravessa a rua e se aproxima do caminhão.

“Nem pensa”, Camilla brada quando o vê. “A gente tá caindo fora daqui em dois minutos. Tá tudo empacotado. Chega de brindes pra ti, seu pentelho.”

“Só dessa vez, por favor. Amanhã é dia de pagamento, e pago em dinheiro.”

“É o que todos dizem.” Ela joga as colchas na cabine do caminhão e entra. “Além disso, as cartas dele já estão embaladas.”

“Não precisa de carta nenhuma. Só quero saber de uma coisa que ele falou na última vez.”

“Ele não vai lembrar nada. Depois que faz a travessia e volta, todas as memórias se foram.”

“Talvez ele não, mas eu lembro tudo.” Nisso, ambos ouvem uma batida forte na porta da loja. Encolhido na cadeira de rodas, Agnos acena para Joe se juntar a ele.

“Papa, não!”, Camilla berra, seus lábios finos retraídos e com incisivos de ratazana aparecendo. Seus olhos disparam adagas invisíveis até Joe. Agnos sacode o sinal de *Fechado* pendurado na porta de entrada e começa a bater no vidro com fúria.

“Eu disse na última vez”, Camilla chia, pulando fora da cabine. “Qualquer contato com o além são duzentos e noventa e nove dólares. Eu não acredito nessa bosta de eu-recebo-pagamento-amanhã nem por um segundo. Nós também temos contas a pagar.”

Joe acena com a cabeça e se apressa até a porta. O lugar está abarrotado de papel, plástico e caixas vazias pelo chão. Agnos empurra sua cadeira pelas cortinas de veludo e Joe o segue até a porta dos fundos. Quando a roda passa pela soleira, Agnos larga um grunhido. No quintal, para sob a sombra de uma exuberante árvore de palo verde. “Por que você veio aqui hoje?”, ele pergunta naturalmente.

“Outro dia o senhor disse que duas mulheres viriam pedir ajuda.”

“Não lembro de ter dito isso.”

“E falou de um homem fazendo entrega de envelope”.

Agnos pensa seriamente e move a cabeça, negando.

“O senhor também disse que as cartas nunca mentem. E não mentiram mesmo!”

Agnos aperta os lábios. Tenta erguer a cabeça, como se a corcunda e a nuca fossem um bloco sólido, incapaz de girar mais um grau. Ele estica o braço, agarra

um galho fino suspenso e o estica ao nível dos olhos. “Segura o ramo e não solta”, ele diz com sua voz rouca carcomida de fumante. “Agora feche seus olhos. E não os abra até segunda ordem.”

Joe segue as instruções.

“O que é que você quer saber de verdade?”

“O senhor disse que viu um monte de dinheiro.”

“Eu disse?”

Joe ouve o chiado da cadeira de rodas e percebe que Agnos está dando a volta por detrás dele. Ele toca Joe de leve logo abaixo das escápulas, lançando um arrepio pela coluna.

“Escuta”, Joe apela, segurando firme no ramo. “Se o senhor conseguir me conectar com meu amigo novamente –”

“Não conheço nenhum amigo seu.”

“Lembra aquele que falou do livro?”, Joe pergunta, segurando o ramo com firmeza.

“Um livro, é?” Agnos começa a entoar um canto em voz baixa. Quando para, diz: “Livro que fala do quê?”

“É sobre... sobre disciplina. Também ensina a achar um propósito na vida. Coisas desse tipo.” Joe acumulou um pouco de suor na testa só de segurar no pequeno galho.

“Não larga”, Agnos o alerta, quase lendo seus pensamentos. “Segure-se nele como se estivesse agarrando sua própria vida.”

Joe sente a mão de Agnos tocando levemente suas costas, coçando-as.

“Me diga mais sobre esse livro tão espetacular”, fala uma voz diferente, mas familiar.

“Eddie!”, Joe exclama exultante, explodindo de alegria e com uma dúzia de perguntas na cabeça. “Eddie, é você mesmo?”

“Tô bem aqui, gordito, mas não por muito tempo.” A voz dele é tão nítida e clara que Joe quase consegue ver as palavras saindo de sua boca.

“Por favor, não vai embora dessa vez sem responder todas as minhas perguntas.”

“Tá lendo o livro?”

“Tô. Mas aquelas decisões finais são brutais.”

“Verdade, Zezinho. O que as torna brutais é a *finalidade* delas. Comece com coisas pequenas, como um mês sem sorvete. Depois você ataca de frente outros maus hábitos. Cada vez que você anotar uma decisão final e levar ela a

cabo, vai ficar mais forte e construir uma sólida autoestima. O livro é um atalho para encontrar o que realmente quer na vida. É só segui-lo.”

Agnos tem uma súbita crise de tosse e parece estar se asfixiando. Após um tempo, o ataque abranda.

“Agora, por favor, não volta mais pra ver Agnos. Uma hora dessas ele pode não voltar mais.”

“Eddie, eu preciso de ajuda, uma verdadeira ajuda.”

“Eu já te mandei ajuda.”

“A Carolyn sabe pintar bem, mas a mulher é bem maluquinha.”

“Eu nunca te mandei uma mulher que pinta, *cabrón*. Por que eu faria isso?”

“Eddie, chega de tretas. Então quem tá me ajudando a pintar a casa? Onde cê tá agora?”

“Em casa.”

“Mas isso é impossível!”

Agnos faz um esforço para controlar sua respiração, evitando outro ataque de tosse. Parece ter algo trancado em sua garganta, sufocando-o.

“Tá matando ele”, Eddie declara. “Precisamos parar.”

“Espera, espera... pelo menos mais uma pergunta.”

“Ligeiro.”

“Helena me disse que você também gosta de homens. Isso é verdade?”

Joe espera por uma resposta enquanto Agnos continua lutando por ar. Eddie quebra o longo silêncio caindo numa gargalhada tão forte que parece que *ele* está sufocando, e não Agnos.

“O que tem de tão engraçado?”, Joe questiona, irritado. Nenhuma resposta vem, e, após um momento de silêncio, ele simplesmente abre os olhos. Olha para o galho da árvore em suas mãos. Quebrou. Ele se vira para ver Agnos, que está rijo na cadeira de rodas, afundado nela mais do que o normal. Joe se agacha para examinar seus olhos. Estão bem abertos, mas olhando para um espaço vazio, parecendo não registrar sua presença.

“Ei...”, Joe diz, tocando o braço de Agnos. Não existe qualquer movimento, tampouco saliva no colo dele. Sacode mais e tenta escutar qualquer som de respiração — nada, exceto o barulhento zumbido eletrônico da porta da loja. Encharcado de suor, Joe olha ao redor para achar a melhor maneira de escapar, mas Camilla já está aparecendo pela porta dos fundos. Ele se sente num barco afundando com um remo quebrado na mão.

“Obrigada por arruinar nossos planos, caloteiro”, ela diz, acariciando os cabelos de seu pai.

“Eu realmente sinto muito. Eu –”

“Você o quê? Vai me compensar, assim como da última vez?” ela chia, seus olhos relampejando. “Vai demorar pelo menos dois dias pra ele voltar ao normal. E você deveria pagar também pelo caminhão. Eles cobram por diárias, sabia?”

“Eu prometo... amanhã. Eu moro na –”

“Eu sei onde você mora, idiota.” Ela empurra a cadeira de rodas de volta para a casa vazia. “Te manda daqui.”

De volta à rua, Joe percebe que o sol está no lado errado do céu. Já é fim da tarde, e pela segunda vez não tem ideia de como essas horas todas se evaporaram com uma conversa tão curta com Eddie.

\*\*\*

Joe se esgueira escada acima até a porta do condomínio de Eddie, esperando qualquer sinal dele, uma vez que falou que estaria em casa. Espia pela janela, mas tudo está escuro. Ele puxa a janelinha do banheiro para fora.

“A porta não está trancada”, diz o cego, parado na sacada vizinha.

Joe quase salta para fora de sua pele. Era como se o homem tivesse se teletransportado para a sacada. A sua palidez mais parece pó de maquiagem espalhado pelo rosto. Seus óculos escuros são como os de um exterminador, cego e sem emoção — um exterminador com um enorme gato preto em seus braços. Joe enfia sua mão no bolso e agarra firme o canivete.

“Nervosinho?”, Darksy pergunta, acariciando seu gato distraidamente. “Relaxa, Joseph. Eu e você fomos ludibriados por Helena, só isso.”

“Eu fui roubado, não você.”

Darksy dá de ombros. “Como queira. Mas aquele teu bilhete não vale dez centavos na mão dela.”

“Ah, é mesmo? Tá me chamando de retardado?”, Joe detona, segurando firme no canivete. “Eu chequei a data e os números várias vezes.”

“Com certeza você fez isso. E com certeza tá furioso. Primeiro, a única razão pela qual Helena queria o bilhete era se vingar de Eddie, não de você. Segundo, ela sabia que você tava desesperado atrás de um livro. Qual a estratégia dela? Me contratou para impedir você de vir aqui. Depois contratou aquele mexicano safado da Fired-Up para impedir você de andar pelos arredores da pizzaria. Ainda, contratou O.B. para ajudar a localizar o bilhete.”

Demora um tempo para Joe conectar toda essa informação. Nunca ocorreu que Carlos e O.B. fossem parte de um esquema mais elaborado, mas tudo começa a fazer sentido. *De fato, Carlos me queria longe da Fired-Up.* Joe está inteiramente atento à explicação de Darksy.



“Aquele situação toda na mortuária foi forjada. Ela contratou alguém pra colar um livro nas mãos de um defunto qualquer e até achou uma velhinha penelha para simular que atacava Helena, só pra você não perceber que aquele não era o Eddie.”

“Se tudo isso é verdade, onde O.B. tá se escondendo?”

“Onde cê pensa, gênio? Na loja de conveniência.”

“Onde vive o Carlos?”

“Mesma coisa. Fired-Up, na PCH.”

“Ninguém vive na Fired-Up.”

“Quando cê precisa se esconder da imigração americana, vive em qualquer lugar.”

*Agora tudo faz ainda mais sentido.*

O gato acorda da soneca e boceja, enrolando sua longa língua rosa e contorcendo sua cabeça. Ele se esquivava dos braços de Darksy e salta para o chão. Dali, pula até o corrimão e avança até a sacada de Eddie. Joe salta para trás alarmado, pronto para usar o canivete. Por um segundo, o gato olha diretamente nos olhos dele, e então dispara até a parede, se empoleirando na janela do banheiro. Dali, continua mirando Joe.

“Homer tem muita saudade de Eddie”, Darksy diz. “Graças a Deus ele ainda consegue falar com ele.”

Joe olha para Darksy, incrédulo. “O quê?”

“Meu gato faz contato com Eddie todos os dias. Eles ainda estão intimamente conectados. Homer é um meia-meia.”

“O que é um meia-meia?”

“Apenas um outro nome para um médium. Eles se chamam meia-meias porque conseguem estar metade nesse mundo e metade no outro. Homer não é um gato qualquer. Ele se comunica com os vivos e os mortos de modo igual. Incluindo os espíritos malignos perambulando por aí fora.”

*Um gato que fala com os mortos?* Joe dá uma olhada rápida para a janela do banheiro. O gato com a cara achatada ainda está sentado no peitoril, com seus olhos fixos em si.

“Que conversa fiada!”

“Como queira. Mas se um dia precisar falar com Eddie, Homer é tua linha direta. De qualquer modo, nenhum de nós quatro ganhou coisa alguma, e Helena não pôde redimir o bilhete de loteria, porque tem uma assinatura no verso.”

Joe fica sem palavras.

“Se precisar de um contacto com Eddie, tem uma etiqueta de preço atrelado. Minha oferta expira em dois dias, porque tô me mudando.”

Joe dá uma última olhadela no gato, que o encara intensamente, como uma besta guardiã bloqueando qualquer intruso. Com esses enormes olhos dilatados, não tem dúvida de que a besta é capaz de lançar uma praga, falar com mortos, talvez até matar algum espírito errante.

\*\*\*

Quando chega em casa, ao pé da porta dos fundos encontra uma sacola de papel com comida, ainda quente ao toque — espaguete e almôndegas, tudo salpicado com salsa, orégano e queijo parmesão. Ao entrar na cozinha, logo percebe que algo está errado. A luz vinda da sala está mais clara. Joe dá um suspiro ao ver o que encontra à sua frente. Tinha intenção de lixar as paredes e passar o fundo hoje, mas o trabalho está completamente terminado. A sala foi pintada profissionalmente do piso ao teto, com nada a ser feito, a não ser remover a fita adesiva que está ao redor das molduras e dispositivos elétricos. Ele toca a parede para confirmar que não está sonhando. Ainda está molhada.

*Agora sei que foi Carolyn.* Vai até a casa dela com a intenção de chamá-la da rua, mas quando vê a porta da frente totalmente aberta, para e volta para sua casa. Mais tarde, enquanto escova seus dentes, ouve um forte estrondo seguido por um grito macabro, como o lamento de um homem sendo torturado, a caminho da morte. O barulho todo parece vir da casa de Carolyn. Justo quando fica na ponta dos pés diante da janela do banheiro para ver o que está acontecendo, ouve o estilhaçar dos vidros da janela do quarto. Se joga no chão e fica ali por um longo tempo. O gemido para e tudo fica quieto na vizinhança. *Este lugar não é mais seguro!*

Joe junta todos os seus trapos, enrola tudo numa coberta e sai para a rua para tomar o longo caminho até Elysian Fields e dormir entre os mortos — um lugar mais sossegado.

Quando chega na Our Daily Drug, toma a direção norte, o rumo mais provável para levá-lo até Osso. Sente-se como um mendigo carregando todos os seus bens. Fica atento a todos os prédios da vizinhança, e tudo parece rotineiro em ambos os lados da rua — árvores, tráfego, dois indigentes dormindo na calçada e os mesmos prédios velhos até chegar na Cross Road, onde uma sinaleira enguiçada pisca uma contínua luz amarela. Quando acende, tudo ao redor se ilumina — asfalto, prédios e árvores. Quando apaga, uma escuridão total. Não existe tráfego em direção alguma. Ele atravessa a rua. O latido de um cão é o último sinal de civilização antes que a vida da cidade desapareça. Na altura de Serenity Place, seu mundo velho já ficou para trás. Quando atravessa Transition

Lane, vê Elysian com seus postes lançando uma luz pálida sobre as lápides, o pequeno escritório, e Osso ainda estacionado entre os dois pinheiros.

Joe toma um momento para estudar o cemitério. Existem monólitos imponentes, cruzes ornamentadas, placas no chão, lápides empenadas, pedestais apoiando anjos e formações nunca vistas em outro cemitério. Seus olhos capturam algo se movendo longe de si — talvez um gambá, mas maior. Está imóvel. Joe fica vigiando-o até que enxerga outro movimento, como se o animal estivesse se escondendo atrás da lápide.

Sai do carro, olha ao redor com cautela e procura algo para atirar na direção do animal, mas ao redor só tem grama. Começa a andar até o túmulo quando vê um menino disparando na direção do muro. Salta por cima e corre Crossing Way abaixo. Perplexo, Joe o vê desaparecendo pela rua escura. Voltando para Osso, se depara com um chafariz à sua direita. Vai até lá, toca a água que jorra uns centímetros para cima e prova. É potável. Nesse lugar, Joe começa uma vida nova. Escova seus dentes e lava uma camiseta e um par de cuecas. Pendura-os no assento de trás e cai exausto no banco da direção. O lugar está começando a se parecer com um acampamento. Ele está oficialmente sem casa, num cemitério.

Passar a noite neste lugar remoto e sem vida não o assusta. Na verdade, ele se sente bastante vivo aqui. Gira a chave da ignição. Nem mesmo o som de um clique.

No silêncio da noite e com o mundo de Signal Hill deixado para trás, as memórias do dia que ainda ressoam com nitidez são as que ouviu de Eddie. *Atacar maus hábitos com decisões finais, e o livro é como um atalho para encontrar o que quero na vida.*

Devagar, as palavras de Eddie, mescladas com o silêncio absoluto que o rodeia, ensinam que, se Joe morrer no fim do mês, não vai haver sequer um sorvete, ou cerveja, ou cigarro — nenhum mesmo! Junto ao silêncio, ele toma as palavras de Eddie em seu coração. Sua mão busca o livro no bolso e escreve: “Se eu viver além do final do mês, nunca mais ponho a mão em álcool nesta vida.” Ele vira as páginas em branco e chega ao próximo capítulo, intitulado “Verdadeiro altruísmo”.

## VERDADEIRO ALTRUÍSMO

---

Caridade, na maioria das vezes, é feita por obrigações morais, por aparências, para aliviar culpa, ou ainda como interesse para alcançar salvação eterna. Nada disso é o “verdadeiro altruísmo”. Meu filho, a maneira mais fácil de medir o seu nível de autoconfiança e verdadeira grandeza é doar sem esperar nada em retorno. Para fazer um presente verdadeiramente poderoso, *nunca* diga a ninguém a respeito. Imagine enviar um envelope com dinheiro a alguém em necessidade, sem endereço de retorno.

Verdadeira caridade é um ato humilde, porque é feito sem o desejo de reconhecimento. Zezinho, sempre doe algo com o firme intento de fazê-lo em segredo completo. Se doar algo com a necessidade de deixar o mundo inteiro saber da sua intenção, haverá pouca diferença entre você e aquele que não doa coisa alguma. Faça uma decisão final para dar algo a alguém agora, e desta vez não escreva nada — faça-o em segredo. E, se não tiver nada para dar, doa seu tempo àquele que realmente precisa.

Não existe mais dúvida alguma na mente de Joe de que foi Eddie quem escreveu isso tudo. De forma invisível, Eddie costumava viver essas palavras todos os dias de sua vida. *Apenas siga o livro, ele disse hoje.* Joe, de fato, se sente mais forte com a nova decisão, embora esteja a anos-luz de encontrar o que quer da vida, ainda mais tendo somente dezessete dias pela frente. Ele ajusta sua decisão final ao silêncio sepulcral do cemitério, feliz, sabendo que neste lugar o carteiro nunca vai encontrá-lo.

# Dia 14

---

## UM DESFILE DE MONSTROS

Debruçado sobre o volante, Joe acorda ao leve som de pés caminhando sobre a grama e se aproximando do carro. Ele olha para a esquerda, para a direita, e em todas as direções — nada senão grama, lápides e folhas de árvores cintilando na luz da manhã. Ele se acomoda no assento, mas logo percebe um vulto pairando sobre a janela. É o carteiro parado ao lado da porta. O próprio!

“Joseph Edward De Angeles, se importaria de baixar o vidro?”

Paralisado de medo, sabe que seria inútil desafiar seu inimigo. O homem poderia facilmente esticar seu braço pelo vidro quebrado e agarrar seu pescoço.

“Se escondendo de mim no meu elemento mais natural? Quão estúpido alguém precisa ser?”, o carteiro pergunta com um sorriso cínico. “Já esqueceu de novo que estou em todo lugar e que você está preso a mim?”

“Eu... eu não tô me escondendo do senhor”, Joe gagueja, olhos no painel, pensando numa saída.

“Quero que você me olhe nos olhos quando falo com você, Joseph. E quero que saia do carro agora.”

De início, Joe hesita em abrir a porta, mas decide destrancá-la. Segurando firme na maçaneta, ele bate a porta com toda força contra o carteiro. Se lança para fora, estala o canivete elevando-o à altura do peito, pronto para a mãe de todas as batalhas. Mas, ao invés do carteiro, Joe apenas enxerga o zelador estendido na grama molhada.

“Perdão, perdão!”, exclama. “Pensei que o senhor fosse o carteiro.”

“Carteiro? Cê tá completamente maluco?” Ernest se senta, saca uma de suas facas e aponta-a na direção de Joe. “Vai querer competir com isso?”

Meneando sua cabeça, Joe dobra seu canivete enquanto o mal-humorado zelador se levanta do chão. Hoje, olhando para ele mais atentamente, parece ainda mais robusto do que dois dias atrás. Seu rosto largo e nariz chato são tão inexpressivos quanto uma velha geladeira, contudo seus olhos queimam como fogo ardente. Mas logo guarda a faca na bainha de couro.

“O senhor disse meu nome inteiro”, Joe explica. “Então pensei que era o carteiro.”

“Dá uma olhada ao redor, seu imbecil!”, Ernest ruge, sua voz grave cortando o ar frio e quieto do cemitério. “Que tipo de carteiro entregaria cartas para os mortos?”

“Eu disse *sinto muito*.”

“E o que essa lata velha ainda tá fazendo aqui?”

“Ainda não encontrei um mecânico.”

“Mas você tá dormindo aqui.”

“Escuta, eu posso pagar. Quanto o senhor quer por algumas noites?”

“Isso aqui não é um cortiço para vagabundos. A não ser que... Espera aí. Cê andou falando com a Belinda?”

“Não! Como poderia? Nunca mais a vi.”

“Ela tá sempre por aqui contando umas histórias estúpidas pra um monte de gente. Só pro teu conhecimento, ela trabalha pra mim.”

Três fortes pancadas vêm da direção do escritório, e ambos voltam suas cabeças para lá. Tem uma mulher golpeando a porta.

“Já tô indo!”, Ernest berra e se volta para Joe mais uma vez. “Mais uma noite aqui e eu transformo esse monte de sucata em cinza.” Ernest retira um cutelo do estojo e sai andando, girando a faca no ar num movimento lento e estudado, como se estivesse desenhando letras alfabéticas num quadro imaginário.

*Quem são todos esses lunáticos?* Aliviado, Joe sabe que o carteiro é apenas uma invenção da sua cabeça. Com isso em mente, ele desce pela Crossing Way, seguro de que após o dia 30 de abril irá procurar um emprego e viver a vida normal de um homem comum — só que sem fumar e beber.

\*\*\*

Joe junta as ferramentas e se joga no trabalho. Primeiramente, move a cama e a cômoda para o centro do quarto, depois estende uma lona de plástico no chão. Remove as maçanetas e começa a lixar as paredes. Finalmente, anexa a fita azul nas guarnições e molduras. Mas, quando vai para a sala buscar tinta de fundo, não há sequer *uma* lata.

Está confirmado. Joe está preso a Handsome tanto quanto ao carteiro. Este pode até ser fruto da sua imaginação, mas está “preso” de qualquer modo. Joe vai até a garagem e bate suavemente na porta lateral. “Seu Handsome, o senhor tá aí? Eu preciso de base para continuar meu trabalho.” Não obtendo resposta, vai para o portão e pressiona o ouvido nela. Tudo quieto. Atento a qualquer som ou movimento, somente ouve a fraca batida do próprio coração. Nesse momento, como se o carteiro estivesse parado no outro lado do portão, Joe lembra, nítida e claramente, de algo que ele lhe disse duas semanas atrás e que havia esquecido. Nenhum ser humano escolheria ficar preso a ele, pois só veria trevas. No único interesse de estender sua vida por trinta dias, Joe escolheu trinta dias de trevas ao invés da morte.

O que interrompe o seu *insight* é o bater da porta do carro fúnebre de Carolyn estacionado na entrada. Ela vem carregando uma sacola de supermercado e vestindo calça jeans e sandálias sem tiras, com um sorriso largo em seu rosto sem maquiagem.

“Como vão as coisas por aqui?”, ela pergunta.

“Muito bom ver a senhora.”

“A partir de hoje, me chame de você, por favor.”

“A senhora... você pintou minha sala ontem?”

“Por que faria isso? Nem poderia, porque acabo de retornar do Brasil.”

“Brasil? Em um dia? Não é longe?”

“Sim, muito longe, do ladinho da Polônia. Eu precisei ajudar um escritor por lá.”

“Mais uma das muitas profissões?”

“Apenas uma delas”, ela responde, apontando para a sacola. “Comida apropriada que vai encaixar perfeitamente com o seu programa de perda de peso. Se estiver pronto para perder mais alguns quilos, posso te ver em meia hora. Aproveita que meu locador não está em casa.”

“Escuta, Carolyn, vamos ser honestos. Ninguém pode perder seis quilos só fechando os olhos por alguns minutos.”

“Então me dá uma chance de provar o contrário.”

“Me dá um tempo, Carolyn. Obrigado pela comida.”

Em segundos, ela desaparece de vista. No próximo minuto, ele se lança sobre a comida. Encontra cinco *taquitos* recheados com batata, duas caudas de lagosta refogadas e meio abacate fatiado. Sua primeira mordida no taquito crocante demonstra o quanto Carolyn se preocupa com ele. E também o quanto ele gosta dela. Joe está estarecido com a sua generosidade. Havia decidido nunca mais pôr os pés naquela casa, mas sua cabeça dá uma guinada de cento e oitenta graus em segundos.

\*\*\*

Assim que entra na sala vazia de Carolyn, percebe que ela trocou de roupa. Está vestindo agora um par de shorts de linho e uma blusa verde de seda pura.

“Vamos começar imediatamente”, ela diz.

“Onde você guarda as suas coisas?”

“Bem aqui.”

“Ninguém vive numa sala vazia.”

“Como eu já disse, pratico equilíbrio, simplicidade e silêncio.”

“Legal, mas onde você guarda as roupas enquanto pratica essas coisas todas?”

“Você não veio aqui para perder peso?”

“Sim, mas eu me pergunto –”

“Então vamos ao trabalho.”

“Pra dizer a verdade, acho que perdi seis quilos por causa do meu trabalho, e não contigo.”

“Vamos descobrir isso logo”, ela diz. “Meu método é único e começa com técnicas de respiração.”

“Não há nada de errado com minha respiração.”

“Um monte! E aprender a respirar de forma correta requer humildade, paciência e disciplina. Você não tem nenhuma delas.” Ela para atrás de Joe e sussurra: “Oxigênio é a chave para *tudo*, incluindo perda de peso. Deixa eu provar meu ponto de vista.” Carolyn envolve seu braço ao redor do peito dele, colocando-o numa posição impossível de se esquivar. Joe pensa que ela vai erguê-lo novamente para checar o peso, mas apenas cobre a boca dele com uma mão e o nariz com a outra, enquanto os braços dela o prendem firmemente. Joe não consegue se mover um milímetro sequer, tampouco respirar. Logo começa a se debater com violência, lutando por ar.

*Que diabos! Ela tá me sufocando!* Carolyn o solta, e Joe fica tragando ar freneticamente. Ele crava o olhar nela com o rosto avermelhado. “Pra que tudo isso?”

“Para provar meu ponto de vista”, ela diz naturalmente. “Oxigênio é *tu-do*!”

“Eu respiro muito bem, obrigado.”

“Não! Você para de respirar toda hora, e por um longo tempo. Desculpe, às vezes sou um pouco tosca.”

“Um pouco? Eu quase perdi meu lanche.”

“Ora, se você quiser perder mais uns quilos, teremos que trabalhar com a respiração primeiro.”

Joe pega seu livro, chaves e canivete e se apressa até a saída na intenção de fugir, quando a porta que leva aos outros aposentos da casa se abre num estrondo e uma caixa marrom voa ao centro da sala de Carolyn. Ele se volta para ver quem está na porta, mas ela o detém, cobrindo a boca dele com uma mão e a outra sinalizando silêncio com seu dedo indicador sobre os lábios. Com gestos silenciosos, Carolyn pede para ele se sentar no chão, costas contra a parede. Ela vai até a porta e joga a caixa de volta de onde veio. Chuta a porta com violência e depois se senta ao lado dele. “A briga não acabou ainda”, ela sussurra. “Não se mexa.”



Os dois ficam sentados em silêncio. Justo quando Joe começa a se acalmar, explode um tiro, furando a parede logo acima de sua cabeça. Num segundo, ambos estão atirados no chão.

“Aguenta aí”, ela diz. “Apenas respire fundo e fique calmo.”

O corpo dele permanece rígido, e sua respiração é curta e rasa. Ele limpa o pó do gesso que caiu no seu braço e se prepara para fugir do lugar.

“Nem pense nisso”, ela sussurra. “Ele tá te esperando lá na frente.”

“O que diabo tá acontecendo aqui?”

“Pare de choramingar como um menino e lide com a situação. Outro dia você disse que faria qualquer coisa para perder peso.” Carolyn se levanta, irritantemente calma, considerando a situação. “Te levo para casa em um minuto.”

“Eu *nunca* mais volto aqui!”

“Você quem sabe. Eu nunca disse que perder peso seria fácil. Além disso, estou adicionando um novo exercício, começando hoje. Daqui em diante, faça *tudo* usando a mão esquerda. Entendido?”

“O quê?”

“Shhh... Eu quero que você use a mão esquerda para todas as funções do dia.”

“Você tá completamente maluca? Teu locador quase enfiou uma bala na minha cabeça e você quer –”

“Eu sei, eu sei. Mesmo assim, começando hoje, e por um dia inteiro, use a mão esquerda.”

“Mas eu sou destro”, ele protesta, claramente irritado.

“Por isso mesmo. Use a mão esquerda pra comer, escovar os dentes e até limpar o traseiro. Tudo com a esquerda.”

“E o que isso tem a ver com perder peso?”

“Apenas faça o que digo, e prometo que terá perdido vários quilos até amanhã à noite.

“Isso é ridículo!”

“Pegue uma balança e cheque o peso. Meu plano com você hoje era perder ao menos quatro quilos, mas, como viu, Seu Park voltou mais cedo, e ele não gosta de pessoas falando alto na casa dele. Ele é um tanto... *sensível*.” Carolyn vai até a parede para ver o estrago. Dá uma espiada pelo furo da bala, depois vai até a porta de onde a caixa saiu voando, abre-a e bate nela com violência. Espera em silêncio para detectar algum som. “Podemos falar normalmente agora.”

“O que tá acontecendo entre vocês dois?”

“Seu Park tem seus momentos difíceis, especialmente problemas com barulho. Mas, voltando ao nosso exercício, assim que descobrir que perdeu vários quilos, gostaria de receber meu primeiro pagamento pelos serviços.”

“E que pagamento é esse?”, ele questiona, se levantando.

“Eu quero um contato com seu amigo, Eddie.”

“O quê?”

“Você disse que falou com ele. Procure Eddie novamente para fazer uma pergunta bem específica. Isso vai pagar meu serviço.”

“Que tipo de pergunta?”

“Primeiro cheque o peso, e daí passo instruções específicas amanhã. Como te falei antes, eu sempre cobro depois. E meu preço é bastante razoável.” Ela vai até a porta de correr e checa as redondezas. “Estamos protegidos agora. Podemos ir.”

“Espera aí. Você tá dizendo pra eu checar o peso hoje, então usar a mão esquerda por um dia inteiro pra ver se perdi um quilo?”

“Exatamente. Se fizer direito, poderá perder até seis ou sete. Você pediu uma prova, lembra?”

“Desculpe, Carolyn. Nada disso faz sentido. E por que o interesse no Eddie?”

“Tem alguns mortos que *sabem* coisas.”

“Olha, eu falei com ele, sim, através de um vidente, mas não posso voltar lá.”

“Então ache outro meia-meia”, ela diz, deslizando a porta de vidro para o lado.

“Você também sabe o que é um meia-meia?”

“Lógico! Eu transporte defuntos, esqueceu? Por que não saberia? Pode ir para casa agora.”

Carolyn o escolta para a rua. No portão, Joe se vira para se despedir, mas ela já desapareceu de vista. *Perder peso somente usando a mão esquerda? Ela parece acreditar nisso.* Ele vai direto para a drogaria. A balança na Our Daily Drug ainda mostra os mesmos cento e treze quilos. Não perdeu nada com o trabalho de pintura ou caminhando as milhas por Long Beach.

\*\*\*

Armado de seu canivete, Joe faz o caminho até a Spirits. Já a distância ele vê O.B. saindo da loja de conveniência e caminhando em direção oposta. Joe segue-o. Após meia quadra, O.B. para e se vira, como se soubesse que está sendo seguido. Com um sinal de cabeça, sugere que Joe continue seguindo-o.

Caminha por uma quadra inteira, depois entra num beco escuro e estreito entre um mercado de frutas e uma loja de roupas usadas chamada Paris Fashion. Joe o segue pelo beco até que O.B. para ao lado de um enorme contêiner de lixo. Ele calmamente remove a tira de gaze da cabeça, revelando um profundo buraco logo acima da temporal esquerda.

“Eu sei por que você tá no meu pé”, O.B. diz. “Eu te trouxe aqui porque este é o lugar onde meu primo deu um tiro em mim. Tudo por causa daquele bilhete de loteria. E não parou de sangrar desde então.”

Com a ferida exposta, O.B. enfia o dedo indicador para dentro do buraco pelo menos um centímetro. Sangue novo escorre da ferida. Joe engole em seco com o show de horror ao vivo bem à sua frente. O.B. aponta para as manchas de sangue salpicadas no contêiner. Com a luz fraca, parece mais tinta preta. Joe olha para todos os lados do beco. Não é difícil acreditar que alguém possa levar um tiro neste lugar.

“Isso não é desculpa”, Joe protesta. “Vocês me roubaram e merecem apodrecer na prisão.”

“Nós já estamos presos, se isso te faz sentir melhor. Helena nem pôde resgatar o bilhete.”

“Então por que não devolvem ele pra mim?”

“Eventualmente ela vai. E só pro teu conhecimento, você não jogou na loteria naquela sexta-feira. Teu amigo Eddie foi o jogador e ganhador.”

“Você tá com um pé na cova e ainda quer me enrolar, O.B? Eddie nunca acreditou na loteria.”

“Foi ele, sim. Quem mais andaria por aqui de picape cor-de-rosa? Ele veio até a Spirits por algum outro motivo. Ainda lembro dos olhos dele. Pareciam vitrificados e estavam encarando tudo, como se procurando algo. Ele disse que queria te surpreender no teu aniversário, mas podia ter comprado o bilhete em qualquer outro lugar.”

Joe olha para ele, incrédulo, mas avalia cada palavra com precipitação. “Cê tá dizendo que eu nunca comprei aquele bilhete?”

“Correto. Quando ele quis jogar, ofereci a Surpresinha, mas ele não sabia o que era. Ele me disse para escolher os números que eu quisesse, então joguei os teus de sempre, porque sabia eles de memória. Mais tarde, naquela noite, logo depois que meu primo me baleou, Helena veio até a loja e me encontrou metade morto. Para proteger meus dez por cento, eu disse a ela que tu tinha ganhado. Vi nos olhos dela que ela queria aquele bilhete tanto quanto nós dois. Ela prometeu enviar meus dez por cento pra minha família se eu morresse, mas não tínhamos ideia de onde o bilhete estava.”

Joe o escuta atentamente enquanto O.B. joga o curativo velho no lixo e retira uma nova compressa de gaze da sua jaqueta. “Acreditar nela foi um erro”, O.B. diz em seu cadenciado sotaque iraquiano. “O sangramento me faz lembrar disso dia e noite. Mas acredite no que vou dizer, amigo. Depois que cê leva um tiro na cabeça, nada mais é a mesma coisa.”

“Onde posso encontrar Helena?”

“Por tudo. Na maioria das vezes correndo atrás de Eddie. Sinto muito mesmo, Joe”, O.B. diz angustiado, com sangue novo começando a sair da ferida.

Joe olha-o diretamente nos olhos. Ele parece ser sincero, mas seus olhos não têm brilho e estão embaciados como o último pargo-vermelho de um peixeiro num dia quente.

\*\*\*

“*Lembre-se de usar a mão esquerda*”, diz uma notinha dentro de um pequeno pacote na porta dos fundos. Dentro, Joe encontra um gigantesco cheeseburger. Ainda está quente, como se tivesse sido feito minutos antes. Tem todos os ingredientes de seu favorito *double-double* do In-N-Out, mas é maior em tamanho e mais leve em peso. O sabor simplesmente transforma Joe. A suculenta carne está tostada por fora e um pouco rosada por dentro. É a perfeita combinação de pão, carne, pickles e queijo cheddar — tão perfeito quanto as pizzas que ele mesmo fazia.

Ele joga o saco de papel no lixo usando a mão esquerda e escova os dentes, também usando a esquerda. Desde o ato de tirar as calças até o de se ensaboar no chuveiro, faz tudo com a esquerda. Dali segue para Elysian, sua cabeça abarrotada com os fenômenos do dia, todos deixando um rastro em sua mente. Joe havia visto muitos filmes, mas nenhum sobre ganhar na loteria sem ter jogado. Nenhum com uma mulher morando numa sala vazia ou um homem enfiando seu dedo numa ferida. Mais estranho ainda, um homem destro que vai usar a mão esquerda por um dia. Tudo marcado por um carteiro sádico vivendo em sua cabeça. As imagens caóticas são tão vívidas e densas que ele quase pode tocá-las.

Após passar a sinaleira que pisca a incessante luz amarela na Cross Road, Joe é recebido pelo mesmo cenário de ontem. Aos poucos, cada episódio bizarro do dia começa a reprisar como um pacato filme do canal de TV da Hallmark. Afinal, viver numa sala vazia não deve ser tão diferente do que viver num cemitério vazio de viventes. Gradualmente, o rastro deixado em sua cabeça começa a atenuar, e quando Elysian emerge lá adiante sua mente já se encontra num mundo mais habitável, onde todos se dão bem e dormem em paz.

Leva tempo para Joe chegar ao estado de quietude que permeia Elysian, mas eventualmente o silêncio começa a prevalecer. Embora esteja em parte

convencido de que o carteiro apenas reside em sua cabeça, ele sonda as moradas dos vizinhos para se certificar de que nenhum deles, muito menos o carteiro, venha acordá-lo como hoje de manhã.

Seus vizinhos, um metro abaixo da grama, já não movem seus ossos. Os ossos de Joe ainda têm o privilégio de descansar acima do nível da grama. Seus vizinhos moram em túmulos com lápides, enquanto ele mora sob uma arquitetura japonesa — seu Osso da Nissan. Um privilégio que poderá expirar em duas semanas.

# Dia 15

---

## O GATO MÉDIUM DE DARKSY

É cedo de manhã quando Joe sai de Elysian Fields sob uma camada branca de névoa suspensa sobre todo o cemitério parecendo uma nuvem achatada. Somente após atravessar a Cross Road começa a sentir o barulho do incessante tráfego e a poluição de Long Beach. Fica rapidamente consumido pelos incoerentes acontecimentos de ontem, como se tivessem sido mantidos a distância pelas ruas e esquinas da cidade.

Handsome se encontra no topo da garagem, usando um colete de segurança e uma cinta de ferramentas enquanto enterra pregos nas telhas. Pelo estrondo das marteladas, parece mais estar demolindo o telhado ao invés de repará-lo.

Joe se esgueira pela porta dos fundos sem ser visto. No quarto, abre a última gaveta para esconder seu livro. Ao se virar, Handsome está prontamente parado na porta, reclinado contra o marco, com seus braços cruzados e um palito entre seus finos lábios ressecados.

“Eu preciso de mais tinta pra terminar o trabalho”, Joe diz.

“Ah, é? A gente pode negociá isso”, Handsome fala, com sua voz anasalada. “Eu tenho que admitir que você fez um trabalho de pintura fantástico na sala. Ou foi aquela taxista que leva defuntos?”

“Não... Fui eu.”

“Claro, claro. Então vamo falá um pouco sobre aquele teu livro. Ouvi um rumor interessante sobre ele. Outro dia, quando o devolvi, não tinha ideia de que valia doze milhões de dólares. No momento, tô muito interessado nele.” Handsome move o palito pela boca e estala os lábios. “Na verdade, tô tão interessado que eu gostaria de ficá com ele pra mim agora!”

Não encontrando ferramenta alguma para destruir um lagarto de um metro e meio de altura, Joe cerra os punhos. No peito, pancadas de martelo. Nas veias, adrenalina percorrendo como se fosse vidro estilhaçado. Imagens do Fuinha, o freguês golpeado por Joe e que o levou para a cadeia, vêm à sua mente. “Eu paguei pelo livro uma vez, não pago duas.”

Handsome dá um passo na direção de Joe.

“Nunca pensei que eu ia tirar a pele dum lagarto um dia, mas vai ser hoje”, Joe diz e, para sua surpresa, também dá um passo à frente. Com a força e velocidade que não sabia que possuía, seu punho direito golpeia Handsome no queixo,

lançando-o ao chão. Após sentir uma dormência na mão, tem a sensação de que seus dedos estão pegando fogo. Mas à sua frente vê que algo está muito errado. Handsome já está de pé, fugindo pela porta com o livro. Não é o momento para explicar o bizarro lapso de tempo que acaba de ocorrer.

*Meu livro não!*

Joe o encontra parado na calçada, imóvel, como que petrificado. Carolyn, de braços nos quadris e um olhar estarecedor, impede-o de fugir.

“Eu notei que tinha algo errado com esse monte de esterco. Ele estava no telhado se esforçando demais, quando na verdade *nunca* trabalha. Tudo bem com você, Joseph?”, ela pergunta.

“Ele tá com meu livro!”, Joe grita, sem fôlego, esfregando sua mão para aliviar a dor.

Carolyn olha direto nos olhos negros de Handsome. “Dá. O. Livro. Para. Ele.”

“Essa vai te custá caro”, Handsome diz friamente. “Eu sei onde te encontrá.”

“Já me encontrou, bafo de brejo!” Ela se vira para Joe novamente. “Tem outra coisa que esse espertalhão aqui te deve?”

“Trezentos dólares pelo trabalho da semana, e não tenho mais tinta.”

“Quando pretende pagar ele?”, Carolyn pergunta para Handsome.

“Amanhã.”

“Que tal agora?”

Handsome hesita, mas acaba enfiando sua mão no bolso e retira uma carteira marrom feita de pele de cobra. Arranca três notas novinhas de cem, insere-as no livro e entrega tudo a Joe. Este não vê marca alguma no queixo de Handsome, enquanto sua mão tem a sensação de ter partido a armadura de um crocodilo.

Handsome se dirige a Carolyn. “Se eu te ver pela casa de novo”, ele ruge, “*te parto la madre.*”

“Que jeito de falar com uma dama!”, ela adverte. “Agora, quando vai trazer a tinta?”

“Assim que eu tiver dinheiro.”

Carolyn se inclina sobre ele. “Escuta bem, seu merdinha. Se eu ouvir mais uma queixa, volto aqui para dinamitar aquela garagem. Eu também sei onde você mora. Quero aquela tinta aqui às oito da noite, no mais tardar.” Ela se afasta para o lado para deixá-lo seguir caminho. “Se quiser fazer uma visitinha, só cuida com o Seu Park. Ele tem uma paixão doentia por facas e armas. Um verdadeiro encantador de serpentes, só que armado com uma Mossberg.”

Handsome escapa dali olhando para trás duas vezes, a fim de se certificar de que não está sendo seguido. Com uma risada cínica, ela se volta para Joe. “Tenho um leve pressentimento de que ele vai me procurar hoje à noite.”

“Obrigado pela grande ajuda”, Joe diz, colocando o livro e o dinheiro em seu bolso.

“De nada. Mas notei que você não tava usando a mão esquerda para segurar o livro.” Ela chega mais perto e examina a mão dele minuciosamente, procurando alguma contusão. “Se tivesse acertado ele com a esquerda, teria perdido cinco quilos bem no ato.”

“Você realmente acredita que usando a mão esquerda dá pra perder peso, é?”

“Tenta e vem me contar às cinco da tarde.”

“Eu não posso mais voltar lá”, Joe diz, esfregando sua mão dolorida.

“Mudou de ideia sobre perder peso? Se é por causa do proprietário da casa, estou lá para te proteger.”

“Das balas?”

“E do teu empreiteiro. Você precisa sair deste lugar. Não tem proteção aqui.”

“Gostaria, mas tenho um trabalho pra terminar.”

“Então me faz um favor. Antes da tinta chegar, continue usando a esquerda com tudo o que precisa fazer. Lá pelas cinco da tarde, terá perdido pelo menos três quilos. Te vejo depois.” Ela acena com um adeus, deixando Joe ali tentando entender o que sua mão esquerda tem a ver com perder peso. *Essa mulher deve ser de outro mundo!*

\*\*\*

Joe esvazia a cozinha e banheiros, levando tudo para a sala. Certifica-se de que está removendo as luminárias com a esquerda, usando a chave de fenda com a esquerda e carregando todo o material com a esquerda. E sente-se bem estúpido. Desde a massa corrida e o uso de espátula até a lixação, apenas mão esquerda. Não consegue entender como poderia perder uma só grama de graxa com esse exercício idiota. No começo da tarde, tudo está pronto para a pintura. No chuveiro, usa a esquerda para se ensaboar e enxugar. Também para se vestir.

Ao chegar na Aqui & Além para acertar as contas com Agnos, o caminhão não se encontra mais. Quatro homens se esforçam para remover o pesado sinal luminoso do topo do prédio. Joe vai até a vitrine para espiar pelo vidro. A sala está vazia e limpa. Assim que atravessa a rua para se pesar na drogaria, o letreiro em neon despenca no chão. Cacos de plástico voam para todos os lados



enquanto os trabalhadores gritam alvoroçados numa língua estrangeira, como marinheiros endiabrados ao se darem conta de que acabou o rum.

A leitura na balança da drogaria registra cento e dez quilos. Joe está atônito por ter perdido três quilos num só dia, quando nos últimos três não havia perdido *um sequer*. Ele havia prometido que jamais voltaria à casa de Carolyn, mas agora se precipita para chegar lá, desatento às armas do Seu Park.

Carolyn está esperando por ele no portão. Ela veste uma blusa folgada e uma bermuda cor caqui. Sorri com boas-vindas e o conduz à sala de treino. Ele esvazia os bolsos mesmo antes de ela pedir.

“A gente poderia falar sobre esse negócio de usar a *mão esquerda*?”

“Agora não. O dono da casa volta lá pelas sete da noite, então temos que começar imediatamente. Vamos ao trabalho. A lição de hoje é sobre simplicidade.”

“Simplicidade?”, ele repete, lembrando-se do capítulo do livro.

“Simplicidade e silêncio, junto com técnicas de respiração, são os pilares do meu programa. Eu até consegui que a Signal Hill Petroleum parasse todas as bombas de óleo na vizinhança por algumas horas para eu provar meu ponto de vista.”

Joe força os ouvidos e, por estranho que pareça, não ouve nada. *Apenas uma coincidência?*

“Agora, olhe ao redor”, ela diz, estendendo seu braço e virando-o num semicírculo. “Consegue ver alguma coisa além dessas paredes? Esta sala está vazia, limpa e silenciosa. Nada aqui poderia ficar mais simples. Agora feche seus olhos por um momento.”

Ele fecha os olhos.

“O que você vê?”

“Nada.”

“Fechar os olhos para o mundo sem nenhum som ou distração visual é outra forma de criar silêncio e simplicidade.”

Joe mantém seus olhos fechados, tentando relacionar o capítulo do livro com o que ela acaba de dizer. Ela o posiciona no centro da sala, fazendo-o estender seus braços horizontalmente. “Pode abrir os olhos. Nos próximos quinze minutos você vai se mover para a frente colocando um pé na frente do outro e encostando o calcanhar no dedão do outro pé, um passo de cada vez. Vai andar em linha reta, movendo um pé para cada respiração. Uma vez que chegar na parede, repita o mesmo processo caminhando para trás. Entendeu?”

Joe confirma com a cabeça. A técnica dela de movimento e respiração lhe dá a sensação de que ela está treinando-o num tipo de *Karate Kid*. Sente-se

inepto e ridículo seguindo as instruções, já de saída perdendo seu equilíbrio. *Quinze minutos disso?*

Ela estala seus dedos perto do seu ouvido. “Presta atenção. Sei quando sua cabeça tá em outro lugar. Tá pensando em quanto tempo isso vai durar?”

Ele quer dizer *sim*, mas responde *não*. Seus braços balançam como um avião pequeno passando por uma forte turbulência.

“Agora a mesma coisa para trás.”

Com movimentos desajeitados, caminha para trás devagar, sem tropeçar nos seus próprios pés. Repete o exercício caminhando para frente e para trás novamente. Cada vez que divaga, Carolyn estala os dedos, como se estivesse lendo seus pensamentos. Devagarinho, os movimentos se tornam mais precisos e seus braços oscilam menos e menos. Depois do que parece ser mais que uma hora ao invés de quinze minutos, ela o para. “Vamos fazer algo diferente agora. Se fizer isso de forma correta, vai perder cinco quilos instantaneamente.”

“Muito engraçadinha!”

“Agora vai se movimentar no escuro.”

Carolyn retira um pano preto do seu bolso e cobre os olhos de Joe. O tecido acetinado bloqueia toda a luz. Ela o instrui em repetir a mesma técnica, uma inspirada e uma expirada para cada passo. Joe dá alguns passos hesitantes, tropeça e cai, mas se levanta com a ajuda dela. O exercício é exaustivo e sua camiseta logo está encharcada de suor. Repete os passos várias vezes até perceber que Carolyn não está mais próxima a ele. E quando finalmente consegue sincronizar cada passo com a respiração, algo peculiar acontece. Se dá conta de que, por um breve momento, parou de pensar. Ela remove a venda, e Joe se encontra na mesma posição em que começou, lavado de suor. Carolyn está parada ao seu lado oferecendo uma garrafa de água gelada. Ele a toma sem perguntar de onde veio e a esvazia em largos goles.

“Você foi muito bem hoje.”

“Obrigado, mas qual o objetivo disso tudo?”, ele pergunta, sentando-se no chão, exaurido.

“Essa prática tem o objetivo de levar você ao silêncio absoluto.”

“E esse tal de silêncio é pra ajudar a perder peso?”

“Também. Mais ainda para esvaziar a cabeça”, diz ela, batendo de leve na testa dele. “O que tem ali dentro faz mais barulho do que todas as bombas de óleo do morro de Signal Hill. E você acabou de perder uns quatro quilos. Portanto, chegou a hora de cobrar pelo meu serviço. Eu quero que contate seu amigo Eddie.”

“O quê?”

“Isso mesmo.”

“Olha, reconheço tudo o que você tem feito para me ajudar, mas vou ser honesto contigo. Talvez essa história de falar com o Eddie tenha sido coisa da minha imaginação.”

“Então você prefere acreditar que está ficando louco? Nesse mundo, muitas pessoas se comunicam com espíritos. Você é apenas uma delas.”

“Escuta, agora tenho dinheiro e posso te pagar.”

“Eu não quero dinheiro. Preciso que pergunte ao Eddie sobre a *travessia*.”

“Que *travessia*?”

“Apenas pergunte a ele como é feita a *travessia*”, ela diz, agora com voz enfática.

“Então você tá dizendo que, se eu conseguir falar com o Eddie, só preciso perguntar isso?”

“Apenas isso. Se quiser continuar perdendo peso, me traga uma resposta concreta.” Carolyn vai até a parede e encosta seu ouvido nela. “Eles voltaram.” Ela o acompanha até a rua. Está escuro, e as bombas estão operando a todo volume. “Tenho certeza de que teu empreiteiro não vai trazer a tinta até às oito”, ela acrescenta ao se despedir. “Mas eu sempre tenho um plano B.”

“Obrigado pela ajuda e proteção, Carolyn. Vou fazer o possível pra encontrar o Eddie.”

Joe volta para casa se sentindo mais leve. *Eddie, onde posso te encontrar?*

Quando sai do chuveiro, ouve um longo gemido vindo da casa de Carolyn, seguido de dois gritos agudos e uma forte pancada — tão forte que bem poderia ser o colapso de uma das bombas de óleo. Sai da casa sorrateiro e caminha na direção da drogaria.

A balança marca cento e sete quilos. Isso são seis em um só dia. Joe entende agora por que se sente menos pesado. *Essa mulher é mágica! Se é Eddie que ela quer, é Eddie que ela vai ter.*

\*\*\*

Darksy está plantado na frente da porta de Eddie como se fosse seu próprio apartamento.

“Você disse que seu gato era um ‘meia-meia’. Eu gostaria de falar com o Eddie.”

“Naturalmente”, Darksy responde, “mas você está pronto para pagar o preço pela gentileza de Homer?”

“O que você quer em troca?”

“Uma pequena entrega. Para um amigo. Só isso!” Os longos dedos azulados de Darksy se movem para a maçaneta, como se ele enxergasse perfeitamente. Como sempre, a porta está destrancada. Algumas coisas na sala mudaram novamente. Tem um uniforme da By Pizza dobrado sobre o sofá e um par de meias no chão, como se alguém da pizzeria estivesse agora morando ali. Homer, estirado na mesinha de centro, salta direto para os braços de Darksy. O gato olha para o cego com ternura. Darksy remove seus óculos escuros, expondo suas profundas cavidades oculares. Os pontos que Joe havia visto duas semanas atrás no olho esquerdo sumiram, mas as pálpebras ainda estão fechadas.

“Vamos ver a disposição de Homer hoje.”

“Esse gato pertence ao Eddie?”, Joe pergunta.

“Homer é meu... de corpo e espírito.”

“Como é que ele fala com Eddie?”

“É simples. Eu converso com Homer e ele se comunica com Eddie”, diz Darksy, elevando a besta gigante ao nível do rosto, encarando-o direto nos olhos. “Tô achando que Homer não tá no astral certo hoje.”

“Eu tenho só *uma* pergunta”, Joe insiste.

“Somente uma pergunta”, Darksy cochicha na orelha de Homer. “Em troca, esse cavalheiro vai levar uma importantíssima mensagem a um amigo.” Após alguns estranhos segundos de silêncio entre os dois, o gato curva a cabeça. “Homer acaba de concordar, mas uma pergunta somente, ele disse.” Ele larga Homer no chão, e o gato vai direto para o quarto de Eddie. Darksy segue-o e acena para Joe acompanhá-los.

“Nós teremos a nossa sessão no escuro do quarto. Entra pra eu chavar a porta.”

“Chavar a porta? Pra quê?”

“Você faz perguntas demais. Se quiser falar com Eddie, apenas faça o que digo.”

Com relutância, Joe atravessa a soleira da porta, e Darksy a tranca. A luz que vem da janela do quarto é fraca, e o gato fica invisível. Tateando a prateleira, Joe vai na direção da janela, mas tropeça numa pilha de livros que estão no chão. Aos poucos, ele se ajusta ao escuro e consegue ver o gato se movendo de um lado para o outro pela soleira da porta, mas sempre olhando para a fina fresta de luz que vem dela.

“Nenhuma palavra a partir de agora”, Darksy adverte. “Senta na cama.”

O irrequieto gato andando pela porta é enervante. Ele emite grunhidos que soam mais como espirros ou soluços. Tudo se aquieta por um longo tempo, até que Homer solta um silvo agudo que quebra o silêncio.

“Ele tá aqui”, Darksy diz em voz baixa.

Joe ouve ruídos abafados vindos do outro lado da porta, e o gato larga um longo e lamentoso miado que dura até que a maçaneta da porta chacoalhe.

“Eddie, é você?”, Joe chama em voz alta.

“Shhh!” Darksy agarra o braço de Joe, puxando-o de volta para a cama com força. “Se não ficar quieto, vai quebrar a conexão. Além disso, Eddie não consegue te ouvir, mas algum outro espírito perdido pode.” O gato salta para o colo de Darksy e se esconde no suéter, miando sem parar. “Sim, querido, Eddie está aqui. Que maravilha, né?”

O quarto escuro se tornou abafado e asfixiante.

“Ele vai estar pronto em um minuto”, Darksy sussurra no ouvido de Joe. “Fica pronto com a pergunta.”

A porta chacoalha novamente. “Diabos, eu nunca tranco essa porta!” Vem uma voz do outro lado. Joe não sabe ao certo se é a de Eddie.

“Eu tenho Joseph aqui comigo”, Darksy fala para o gato. Homer contorce sua nuca como uma naja e produz um profundo gemido como se estivesse sendo enforcado.

Joe ouve uma série de espirros vindos do outro lado.

“Será que aquele gato filha da puta tava por aqui de novo?” Eddie diz, claramente a voz dele agora.

Joe está pronto para responder, mas a mão de Darksy grampeia sua boca. “Ele só consegue ouvir Homer”, Darksy protesta entre dentes. “Qual é a porra da pergunta?”

“Pede a ele como a *travessia* é feita.”

“O quê?”

“Só pede isso.”

Darksy sussurra palavras ininteligíveis no ouvido do gato. Homer arqueia sua nuca para trás e produz outro ruído sinistro. Um momento depois, vem a voz de Eddie dizendo: “A *travessia* é simples e sem dor.”

Joe tampouco entende o que significa essa *travessia*, mas memoriza as palavras *simples* e *sem dor*.

“Quando eu voltar, arrombo essa porta”, Eddie continua. “E aí, se eu encontrar aquele peludo nojento aí dentro...” Depois disso, mais nenhuma palavra.

“Eddie, é verdade que você comprou aquele bilhete do –”

Homer salta no colo de Joe e arranha o seu braço. Joe ameaça bater no gato, mas ele rapidamente pula de volta para o colo seguro de Darksy. “Nunca

ouse pôr um dedo em Homer!", Darksy exclama, ligando a chave da luz. O gato corre para a porta, apalpando-a com a pata e miando para ser solto.

"Eu tinha mais perguntas", Joe diz.

"Você disse uma", Darksy responde secamente, abrindo a porta e soltando o gato. Depois retira um pequeno envelope do bolso e entrega a Joe. "Leve isso pro mexicano na Fired-Up. Ficou impossível pra mim viajar até lá, especialmente de dia. Carlos se esconde por lá. Se não encontrar ele, vai pelo beco dos fundos e prende isso na porta. Ali tem todas as informações pra ele vir aqui no apartamento buscar o *green card* dele sem Helena saber de nada."

Darksy sai do quarto com o gato correndo à frente. Os dois saem marchando pela porta de entrada, deixando-a aberta. No apartamento, nenhum sinal de Eddie. *Como pode um gato falar com um homem morto?* Na cozinha encontra uma caixa de pizza vegetariana aberta, faltando uma fatia.

*A favorita de Eddie.*

Joe pega uma fatia, ainda quente ao toque. Dá uma mordida, mas está dura demais para mastigá-la e impossível de engolir. Na saída, percebe que alguém ajuntou o uniforme e as meias do chão.

*Tá mais parecendo que o próprio Eddie esteve aqui.*

# Dia 16

---

## MATAR PARA SIMPLIFICAR

Joe encontra Carolyn polindo o para-choque cromado do carro fúnebre, usando um pano de camurça e, ao mesmo tempo, cantando “Crazy”, da Patsy Cline. Ela está vestindo um traje preto, sapatos de couro elegantes e brincos suspensos reluzentes. O seu cabelo marrom natural foi pintado de loiro platinado.

“Bom dia, Joseph”, ela diz com entusiasmo, distanciando-se do veículo e admirando-o com orgulho. “Minha Nuvem não te parece translúcida?”

“Sim, a ponto de ofuscar os olhos. Bom dia! Eu tenho umas perguntas sobre minha perda de peso.”

“Claro, mas antes temos que dar uma voltinha.”

“Que voltinha? Não posso. Tenho que terminar meu trabalho.”

“Você não tem tinta, esqueceu? Na verdade, vamos buscar tinta neste exato momento. Vai saltando no carro.”

Joe hesita por um instante. Até o acabamento lustroso do carro o inquieta.

“Não tenha medo”, ela diz. “Não é nada mais do que um carro que leva pressões de um lado para o outro. Raramente temos a honra de carregar alguém dentro do caixão que ainda respira.”

“Não tô com medo”, ele responde, sem convicção.

“Então entra, seu molenga. Temos coisas a fazer esta manhã.”

Joe entra com cautela. O assento é surpreendentemente confortável para um veículo tão lúgubre. Ao sentar, parece estar afundando numa colcha forrada de plumas. A temperatura interna é perfeita. O couro, de alta qualidade, está impecavelmente limpo. Nenhum risco ou mancha. Assim como no exterior, o painel varia do preto ao prateado em elegantes linhas gradientes. Joe estica seu pescoço para trás e enxerga um caixão branco com sólidas alças prateadas assentado sob um reluzente assoalho cromado — tão desconcertante como o próprio veículo. Embora o carro seja espaçoso, sente-se claustrofóbico e um tanto contrafeito com a imposição de Carolyn.

“Antes de pegarmos tinta, preciso da sua ajuda com esse aí”, Carolyn diz, apontando seu polegar na direção do caixão.

“Minha ajuda pra quê?”

Ela não responde. Mais estranho ainda, liga o carro com a mão esquerda e move a perna esquerda por cima da direita para usá-la como freio e acelerador.

Mas, quando o carro começa a se mover, Joe fica maravilhado com o silêncio e a suavidade. A suspensão amortece os buracos e lombas no caminho, como se não existissem — assim como um aerodeslizador flutuando em baixa velocidade.

*Nuvem foi uma ótima escolha pra essa coisa.* “Por que o pé esquerdo tá no acelerador?”

Carolyn o ignora novamente. Após dirigir dois blocos na direção sul da Atlantic Avenue, ela entra num *drive-thru* da Betterbucks Coffee.

“Eu me pesei ontem e falei com —”

“Não agora, Joseph.”

Uma menina com cabelos verdes e um caso infeliz de acne estica o rosto pela janelinha. “Bem-vindos ao Betterbucks. Em que posso servi-los hoje?”

“Um triplo expresso para meu companheiro, por favor.”

“Gostaria de adicionar —”

“Não!”

“O total vai ser três dólares e oitenta e cinco centavos”, ela diz, sorrindo. Quando estende o braço para pegar o dinheiro, inclina-se ainda mais à frente para ver se tem um caixão na parte traseira. “Só por curiosidade, tem alguém ali atrás?”

“Sim, coração. Aquilo não é só para uma mostra. Mas hoje, quando fui buscar o homem, me parecia mais vivo do que morto. Quer dar uma olhadinha?”, Carolyn pergunta levemente.

A garota sacode a cabeça e ri nervosamente, mas seu rosto contrai subitamente quando ouve um alto ruído vindo da parte de trás do veículo.

“Não te falei?” Carolyn sorri.

Joe agarra a maçaneta da porta, mas Carolyn mete o pé no acelerador e em segundos estão voando avenida abaixo.

“Sinto muito, querido. Vai ficar sem café.”

“Tem alguém vivo ali atrás?”

Carolyn acelera na direção de Ocean Boulevard, cruzando um sinal vermelho, e por pouco escapa de colidir com um caminhão de lixo.

“Você perdeu o juízo? Para essa bosta de carro... agora!”

“Só mais tarde.”

Carolyn queima outro sinal vermelho, e o rosto de Joe fica branco de terror. “Aquilo tava vermelho também. Bem vermelho! Tem alguém vivo ali atrás de verdade?”

“Sim. Aquele teu empreiteiro nojentinho.”



Joe tenta a maçaneta novamente.

“Está trancada, Josefina. E eu não vou parar.” Carolyn começa a acelerar ainda mais.

“Que diabo tá acontecendo aqui, Carolyn?”

“O que você esperava? Que amarrasse ele na minha sala de treino?”, ela pergunta com sarcasmo. “Ontem à noite ele apareceu sem um galão de tinta sequer, então eu o tranquei para que pudesse meditar sobre os mais recentes erros de sua vida. Deixado com seus artifícios, ele vai pôr a mão no seu livro novamente.” Carolyn faz uma curva fechada à direita na Ocean Boulevard, mas no assento confortável da Nuvem Joe mal percebe.

“Eu ouvi uns gemidos estranhos ontem à noite. Ele tá trancado lá dentro desde então?”

“Sim”, ela responde naturalmente. “É assim que a gente faz com animais selvagens.”

Joe joga os braços para cima, exasperado. “Isso aí tá cheirando a homicídio.”

“Não seja tão pessimista, Joe. Nas condições ideais, pessoas sobrevivem em caixões por dias. Acontece toda hora.”

“Não acredito que isso tá acontecendo”, ele reclama.

“Apenas lembre-se de que estou fazendo isso por você, querido. Assim sendo, curta o passeio sobre a ponte Vincent Thomas. Eu, pessoalmente, acho ela muito mais bonita que a Golden Gate. Mais alta, também. E menos pessoas se jogam desta aqui. Às vezes me pergunto o porquê.”

“Por que a ponte?”

“Para chegar em San Pedro”, ela diz, de forma solícita.

“O que tem em San Pedro?”

“Um penhasco majestoso. Magnificante.”

“Por favor, para o carro”, Joe implora.

Ela continua dirigindo.

“Pelo amor de Deus, para agora!”, ele grita. “Ou eu nunca vou dizer o que Eddie disse ontem à noite.”

Os pneus de Nuvem chiam a poucos metros da ponte. Joe ouve uma pancada abafada, seguida de um longo *ouch* vindo de trás. Mais uma vez, Carolyn usou o pé esquerdo para frear, e agora desliga o motor com a mão esquerda.

“Pra que dirigir só com a mão e o pé esquerdo?”

“Ignição, câmbio automático e pedais estão todos no lado errado.” É a única resposta dela. “Agora, o que Eddie disse?”

“Me leve pra casa primeiro.”

“Não posso. Precisamos apanhar tinta em San Pedro.”

Joe bate na sua testa. Suas têmporas estão latejando. Ele sabe que não pode ganhar dela. “Tudo o que Eddie disse é que ‘é *simples* e *sem dor*’, seja lá o que diabos isso quer dizer.”

“O que mais?”

“Foi tudo. Aquele gato estúpido só me deixou fazer uma pergunta.”

“Gato?”

“O meia-meia foi um gato dessa vez. Um pretão bem grande e feio.”

“Tem certeza de que foi com Eddie que falou?”

“Absoluta.”

“E não disse nada sobre o primeiro respiro?”

“Que respiro? Do que você tá falando?”

“Esquece... Vamos buscar nossa tinta, querido”, ela diz, cruzando a perna por cima novamente e pressionando o acelerador com o pé esquerdo.

“Para de me chamar dessa bosta de *querido*!”

Carolyn mete fundo o pé no acelerador e atravessa a ponte. Joe, contrariado com a indiferença dela, se remói no assento, em silêncio. Ela dirige em alta velocidade, passando veículos pela esquerda e pela direita. Joe olha para as águas escuras abaixo e empalidece. É *uma longa viagem até lá embaixo*. Após passarem a ponte, Handsome começa a bater na tampa do caixão.

“Aguenta aí, lábios de lagarto”, ela exclama com alegria. “A gente vai te tirar da miséria logo logo.” Ela solta um sorriso cínico e aperta um botão no painel. Uma divisória de vidro atrás deles se ergue suavemente, abafando os protestos fúteis de Handsome. Carolyn navega pela Gaffey Street e acaba num portão com corrente e cadeado e uma placa de “*Proibida a entrada*”. Ela sai do veículo e retira um pé de cabra detrás do assento do motorista. Com uma torcida rápida, rompe a corrente enferrujada. Dá um chute nos dois portões e volta para a direção de Nuvem. Para o terror de Joe, ela acelera e vai direto na direção do penhasco. Antes que ele possa dizer uma só palavra, Carolyn freia o carro a trinta centímetros da beira do precipício. Joe está de olhos arregalados. Somente um céu azul acima e o frio Oceano Pacífico abaixo. Carolyn desliga o motor e se vira para ele com um olhar mortal.

“Pois bem, senhor De Angeles. O senhor só tem uma opção aqui: arrasta aquele caixão até a beira e diga para aquele escroto que você quer tinta. Se não fizer isso, nunca vai terminar teu trabalho. Se não é o que precisa, empurre aquela criatura de couro curtido no oceano pra fazer companhia aos tubarões.”

Nada faria Joe mais feliz do que ver aquela caixa voando penhasco abaixo, mas não foi assim que o capítulo “simplificar” o ensinou a se livrar de pessoas tóxicas. Joe se volta para ela.

“Então matar alguém é mais uma das suas muitas profissões?”

“Somente quando necessário.”

Joe sai do carro e percebe que os pneus dianteiros estão de fato a poucos centímetros do precipício. Caminha de um lado para o outro e olha novamente para as ondas do Pacífico quebrando nas rochas. Uma visão vertiginosa.

“Existe ao menos uma parte de você que não é pura loucura?”

“De que outra maneira você vai parar aquele cretino?”, Carolyn pergunta, juntando-se a ele fora do carro. Ela abre a porta traseira da Nuvem e dá um puxão violento no caixão, fazendo-o voar para o chão. Outro alto *ouch* de dor vem de dentro. “Tenha uma conversinha com ele”, ela sugere.

“Pra dizer o quê?”

“Então esquece, vamos para casa.”

“E vai deixar o cara aqui?”

“Por que não? Eventualmente, os coiotes vão descobrir uma maneira de abrir o caixão.” Ela volta para a Nuvem, sentando-se no assento do passageiro.

Joe se sente encurralado. Não consegue ir embora e não consegue empurrar Handsome penhasco abaixo, nem andar mais uma milha sequer com essa mulher maluca. Ele se agacha ao lado do caixão e bate na tampa. “Consegue me ouvir, seu Handsome? Sou eu, Joe.”

“Me tira daqui!”, Handsome berra, como se sua boca escamosa estivesse grudada bem na tampa.

“Escuta, preciso de mais tinta pra pintar o resto da casa. Promete conseguir?”

Uma longa pausa. “Sim.”

“Hoje?”

“Sim.”

“Ótimo. Vou te livrar daí já.”

Carolyn sai do carro novamente e se senta no caixão. “Eu e Joe vamos fazer umas comprinhas em San Pedro. A gente te pega na volta.”

As palavras “cadela!” e “pentelha!” saem abafadas, mas claras o suficiente para serem entendidas. Com um movimento preciso, Carolyn agarra nas alças e vira o caixão de cabeça para baixo. Joe ouve um gemido. Ela então atira a chave de Nuvem para Joe. “De agora em diante, você dirige.”

“O quê? Não! Não tenho carteira. Foi roubada.”

“E eu com isso? Eu também não tenho. A minha expirou anos atrás. Vamos para casa, e esse reles vai ficar aqui mesmo.”

Joe pensa em fazer um acordo com ela, mas sabe que é inútil. Assim que vai para a direção, enxerga três homens na entrada do portão, olhando para ele. Um deles vem em sua direção. Joe se apressa para ligar o motor, mas, quando tenta enfiar a chave na ignição, Carolyn põe sua mão sobre a dele.

“Tudo com a mão esquerda e pé esquerdo.”

“Pelo amor de Deus”, ele explode, “vamos sair daqui!”

“Tudo com a esquerda!”, ela repete.

“O carro não foi feito desse jeito. Nós estamos na América.”

“Não tem nada de errado com minha Nuvem. Justo agora, é a tua respiração que está errada. Irregular e superficial.”

Joe nem a ouve mais. Pelo espelho retrovisor vê um homem de rosto endurecido se aproximando da porta, mas é tarde demais para dar ré. O homem bate no vidro. Carolyn salta para fora, se coloca ao lado dele e mete o joelho em sua virilha. Ele cai direto no chão, se contorcendo e gemendo de dor.

*Handsome estava certo.*

“Agora vire a chave com a mão esquerda”, ela manda assim que entra no carro fúnebre.

Ele torce seu braço desajeitadamente sobre a direção e gira a chave com a mão esquerda. Depois desvia o pé esquerdo até o acelerador.

“Por que tô dirigindo todo ao contrário?”

“Vai te ajudar a focar na direção e na tua respiração.”

“E o que minha respiração tem a ver com o meu lado esquerdo?”

Carolyn ignora a pergunta. Ele engata marcha a ré e prudentemente se afasta da beira do precipício. Após uns solavancos com freadas e avanços, ele maneja a direção até os portões e as primeiras ruas de San Pedro. Logo se sente como se estivesse velejando pela Gaffey Street num elegante catamarã em oceano vítreo como capitão, usando sua mão e pé esquerdo. Indo na direção da ponte, percebe como as pessoas olham para o carro fúnebre e ligeiramente desviam o olhar.

“Não se preocupe com eles”, ela diz. “Este veículo esplêndido tem a tendência de mortificar as pessoas.”

Somente após longas quadras Joe pega o jeito, acelerando e freando com sua esquerda, mas pilotar esse veículo “mortificante” não é nada desagradável. Nuvem se deixa guiar suavemente. Joe não consegue descrever o que sente. Admite a si mesmo que está gostando de dirigi-la. Já na entrada da ponte gigan-

te, está completamente à vontade e quase esqueceu de Handsome trancafiado num ataúde. A sensação de pilotar este veículo formidável exalta-o.

“Eu vejo que você se afeiçoou à Nuvem.”

“Por que você acabou dirigindo um carro fúnebre pra ganhar dinheiro?”

“Eu já te falei. Nada ensina mais na vida do que carregar um morto para o cemitério.”

“Ensina o quê, exatamente?”

“Fazer a cama e limpar a casa antes que seja tarde.”

Joe concorda com um leve aceno de cabeça. Tem certeza de que Carolyn deu o nome certo para o carro. Chegando na crista da ponte, sente que está flutuando no alto de uma nuvem plácida. Lá de cima, com a sensação de puro desapego, observa a cidade de Long Beach com seus infindáveis problemas — uma ferida purulenta. Ser um piloto dos céus ultrapassa tudo!

“Joseph, eu gostaria que ficasse com a Nuvem.”

“O quê?”

“Eu quero que você a dirija por um tempo.”

“Por que eu guiaria um carro desses?”

“Porque, se você a dirigir, ela poderá te ensinar muitas coisas, como paciência, humildade...”

Joe está seduzido. Durante todo o caminho para casa, mal ouve o que ela fala. De volta na Hillside Drive, estaciona Nuvem na frente da casa de Carolyn.

“Tenho certeza de que a tinta já está a caminho”, ela diz.

“Por que você queria que eu matasse o empreiteiro?”

“Aquilo foi apenas um teste. Eu só queria saber o quão longe você iria por um galão de tinta. Tenho que admitir que você é um homem clemente, que perdoa fácil.” Ela sai do carro e rodeia Nuvem. Pede para ele baixar o vidro e se inclina para a frente. “Nós temos vários desses veículos, então Nuvem é um empréstimo. Ela prefere ser estacionada em um lugar escuro e silencioso. Mas tenha uma coisa em mente: ela tem uma personalidade bem própria. O dia em que usar o pé ou a mão direita, ela vai se virar contra você. Acredite em mim!”

“Mas eu não quero seu carro, Carolyn.”

“Recusando uma Mercedes? Muitos matariam por um carro desses.” Ela lhe lança um olhar mais amistoso, baixando a guarda por um momento, e aponta para um pequeno botão no painel. “Aperta.”

Ele aciona o botão e um pequeno compartimento se abre no painel central.

“É o lugar perfeito para esconder seu livro”, ela diz. “Deixei dois pares de jeans atrás do assento do passageiro e um cinto novo para a tua nova barriga. Tuas calças mostram a bunda toda hora. Uma cena nada agradável aos olhos.”

Ele tem vontade de abraçá-la, mas permanece na direção com um visível sorriso nos lábios.

“Mais uma coisinha”, ela acrescenta. “Quando eu voltar do Brasil, preciso de outra conexão com Eddie.”

“Você tá fazendo tudo isso só pra eu falar com ele?”

“Absolutamente!” Ela se vira para ir embora, mas ele a chama de volta.

“Obrigado por tudo! Admito que você é, de fato, uma pentelha”, ele diz em voz alta.

“Não tenha dúvida!”

Por um tempo, Joe permanece sentado na Nuvem, absorvendo a ideia de poder dirigir um veículo supremamente confortável para qualquer lugar da Califórnia. *E eu com isso se as pessoas têm medo de carros fúnebres?* Ele olha para o enorme espaço vazio atrás da divisão de vidro. Já sabe que vai dormir ali hoje à noite. Ele checa o registro de gasolina — quase cheio. Nuvem pode fazê-lo sentir que está pilotando um avião, mas com um painel de instrumentos bem mais simples. Quando liga o motor, com a mão esquerda, o relógio marca indica que são onze e quinze da manhã.

Ele dirige Nuvem por algumas quadras com um largo sorriso colado em seu rosto. Duas semanas atrás, enquanto procurava Miojo na vizinhança, ficou aterrorizado só de ver o carro se movendo pela rua. Semana passada, quando Carolyn queria dar uma carona a ele até Heavenly Hills para o enterro de Eddie, declarou que nunca poria seus pés num carro desses. Esta manhã, estava relutante para entrar no veículo. Mas agora, andando sem esforço pelas ruas de Signal Hill, quer dirigi-la o dia todo e até dormir dentro dela. Joe é definitivamente um homem mais feliz do que era duas semanas atrás. Em dado momento, se dá conta de que está dirigindo perdido no tempo.

Quando estaciona na entrada de sua casa, fica perplexo ao ver Handsome carregando galões de tinta da garagem para a casa, quando deveria estar ainda em San Pedro. Mais estranho ainda, Handsome não está vestindo o macacão laranja. Veste calça de algodão, passada com capricho, camisa de manga comprida e sapatos pretos lustrados. Uma vez que é domingo, Joe conclui que o homem deve estar a caminho da igreja. Sentado na Nuvem, Joe observa as idas e vindas da garagem para a casa. Quando o outro finalmente permanece na garagem, Joe volta ao quarto, junta duas camisetas e algumas cuecas e logo está a caminho de Elysian. O relógio de Nuvem ainda marca o mesmo horário, onze e quinze da manhã.

*Talvez o carro não seja tão perfeito como pensei.*

\*\*\*

Nuvem desliza silenciosamente pelos portões de Elysian. Joe estaciona perto de Osso e nota que as luzes do escritório estão acesas. Transfere todos os seus pertences de Osso para seu novo lar. Enquanto escova seus dentes no chafariz, ao longe avista um casal ajoelhado diante de uma sepultura. *A esta hora da noite?* Também distante, à sua esquerda, uma presença radiante ilumina o cemitério inteiro como um farol numa ilha com névoa perene. Seus olhos se enchem de luz ao ver Belinda vindo em sua direção. Ela veste o mesmo vestido de seda cor marfim que usou quatro dias atrás, e caminha sem calçados sobre a grama úmida. Existe algo etéreo nela, algo sobrenatural, mas Joe não sabe precisar.

“O que você faz aqui a essa hora da noite, Belinda?”

“Boa noite, Joseph. Estou aqui para o meu turno. Você lembrou meu nome!”

“Como poderia esquecer?” ... *Você*, ele quis acrescentar.

“Vem comigo”, ela diz. “Tire seus sapatos e sinta a umidade da grama.”

Ele tira seu tênis e a acompanha. Ela envolve seu delgado braço ao redor da cintura dele e guia-o para o centro de Elysian Fields. Joe não se lembra de alguma mulher tocando-o tão gentil e docemente.

“Nunca pensei que esse lugar existia”, ele diz. “Eu estava somente familiarizado com Sunnyside Cemetery.”

“Oh, Elysian é o outro lado de Sunnyside.” Ela continua caminhando. “Nos meus turnos, tomo o tempo para aprender sobre as vidas de várias pessoas que já partiram. Algumas delas aqui têm histórias fascinantes, como o homem enterrado ali adiante, por exemplo.” Ela aponta para uma laje de granito do tamanho de um colchão King. “Ele tem uma história muito interessante.”

“Era parente seu?”

“Ah, não. Eu apenas conto as histórias deles como resultado dos meus estudos. Gostaria de ouvir a dele?”

“Claro.”

Belinda toma o braço de Joe, mas sua mão está gelada como da primeira vez que ela o cumprimentou. Ela senta no granito, dobrando cuidadosamente seu vestido debaixo de suas longas pernas. Toca o granito, convidando-o para sentar ao seu lado. “O homem enterrado aqui era dono de uma funerária que tinha herdado do pai, um típico negócio de família. Andrew nunca teve um filho, somente uma filha. Sua esposa faleceu logo depois de dar à luz a ela, e a filha se tornou o universo dele. Simplesmente a adorava. Mas ele tinha uma

obsessão: esperava que um dia ela seguisse o negócio da família, mas esse dia nunca chegou.”

Joe tem dificuldade em focar na história, distraído com sua proximidade e fisgado pela voz cativante de Belinda.

“Naquele tempo”, Belinda continua, “ser um agente funerário ou conduzir um carro fúnebre era considerado uma profissão indesejável para uma mulher. E ficar ao redor de pessoas mortas, dia após dia, era algo que nem remotamente atraía a filha dele.”

Joe reflete no quão natural é para Carolyn dirigir aquele veículo hoje em dia. Ele olha para o nome na lápide. “Esse homem morreu quarenta anos atrás. Como sabe de tudo isso?”

“Como eu disse antes, estudo a vida deles, especialmente aqueles que estão *trancados* lá fora.” Ela ergue seu braço e aponta para a escuridão no lado oeste do cemitério. Joe não consegue ver nada além do escuro véu que se estende como uma cortina. Tampouco enxerga onde começa ou onde termina. E, longe acima, nenhuma estrela.

*Atlantic Avenue deve estar logo atrás daquela escuridão.* “O que quer dizer com *trancado*?”

“Vou explicar isso daqui a pouco. A filha, então, se rebelou contra o pai e foi se esconder num convento. Se tornou freira. Seu pai nunca a perdoou, e até se recusou a participar da cerimônia da profissão dos votos perpétuos dela no convento das Irmãs de Saint Joseph. Nunca foi visitá-la, e inclusive perdeu sua fé. Enquanto isso, sua filha se tornou uma freira devota, abnegada ao serviço dos pobres, dos doentes e dos de coração partido.” Belinda se vira abruptamente para o escritório, como se tivesse visto ou ouvido alguém.

“Alguns anos depois”, ela continua, calmamente, “foi transferida para um hospital em Santa Mônica, onde seu trabalho aos doentes terminais foi um exemplo de humilde serviço. Ali ela limpava o vômito dos doentes e lavava os incontinentes sem uma reclamação sequer. Contudo, algo estava a corroendo por dentro, uma implacável culpa e arrependimento tinham-na infestado com sarcoma uterina. Ela conseguiu esconder sua doença por algum tempo, até que um dia entrou em colapso e morreu em pouco tempo. Está enterrada no convento onde professou seus votos, mas o seu espírito também está entre os trancados. E este é o fim da minha história”, ela diz, com certo ar de tristeza.

Ela põe suas mãos nas de Joe, e ele nota que são mais frias do que o bloco de granito em que está sentado. Ainda assim, macias e amáveis. Para ele, uma mulher contando tal história no meio da noite, num cemitério, é algo bizarro demais, porém está sendo uma noite perfeita. Graça e beleza estão segurando suas mãos.



“A moral da história é que seu pai nunca soube perdoá-la. O orgulho dele nunca conseguiu dobrar seus joelhos, a morte conseguiu.”

“Por que está me contando essa história?”

Belinda sacode seus ombros. “Na verdade é uma história para todos, Joseph. Andrew pensou que tinha um suprimento infinito de ‘amanhãs’, até que um dia não havia mais nenhum para perdoar.”

Joe está familiarizado o suficiente com a noção de “*não ter mais amanhã*” para entender o que ela está falando.

“É uma história sobre desapego, Joseph. A morte é algo humilhante. Ela nunca lhe avisa *quando* ou *qual* porta vai entrar.” Os olhos de Belinda parecem melancólicos, como se vinculados a uma memória distante. “O espírito de Andrew vagueia sem descanso entre mundos. Pessoas assim nós chamamos de *errantes*, ou *trancados*. Ele está trancado, porque gostaria de voltar a viver, mas não pode. Tampouco pode seguir adiante.” Apesar das mãos frias de Belinda, sua história tem um coração. Calor humano irradia dela. E então, ali está. Tão leve e tão sutil — uma fragrância cítrica, talvez botões de flores de laranja. Ele inspira mais fundo para absorver o perfume dela e ter certeza de que nada se perca.

“Todas as pessoas aqui”, ela continua, estendendo seu braço ao redor de Elysian, “esperavam que houvesse outro amanhã. E agora alguns deles não conseguem descansar, porque estão presos entre dois mundos. Andrew é um deles, bem como sua filha.”

“Por que a filha também está trancada?”

“O sonho dela era casar e ter filhos, não ser freira. Ela fez os votos em grande parte por raiva. Mas foi o ódio e a culpa que a puniram e, como resultado, criaram a doença dela. Agora ela está trancada e quer retornar à vida para corrigir seus erros. Bem como seu pai, ela não pode.” Belinda se levanta e olha na direção do escritório novamente. “Preciso ir agora, mas quando te ver novamente, vou ter outra história para você. Uma sobre um homem que se cansou de esperar um ‘amanhã mais feliz’ e decidiu mudar sua vida.”

“Algum problema se eu ficar por aqui mais alguns dias?”

“Claro que não.” Um sorriso encantador abre seus lábios, revelando seus dentes perfeitos. Ela se afasta, mas seu perfume ainda paira no ar. “Te vejo por aí”, diz com um aceno de mão. Os graciosos movimentos de seu corpo o paralisam por completo. Seus olhos a seguem até ela fechar os portões e caminhar até o escritório.

\*\*\*

Joe não consegue pensar em nada senão Belinda. Ela o agraciou com seu tempo, dando-lhe atenção e partilhando seu perfume. Ele escova seus dentes o dobro do tempo — para ela. Ele está dirigindo um carro novo, Handsome parece estar sob controle, e Joe está perdendo peso num ritmo veloz. Por duas semanas andava perdendo tudo, pouco a pouco — Eddie, Miojo, Osso, o bilhete de loteria e muito mais. Agora ele tem Carolyn e Belinda ao seu lado e está feliz em sua nova casa, num cemitério perdido em algum lugar.

Joe se reclina no confortável assento de Nuvem ainda inalando o perfume celestial de Belinda. Ele leva sua manga até o nariz, dá longas inspiradas e rapidamente fecha os vidros para que nada se perca no ar. Sentado na direção, sente que está afundando numa enorme nuvem insuflada, enquanto Belinda impregna sua mente até que adormeça.

## O ENVELOPE DO CARTEIRO

Quando acorda, Joe encontra-se hermeticamente enrolado no seu cobertor — deitado no compartimento posterior de Nuvem onde se assentam os caixões. *Quando e como* ele baixou o vidro para se mover até ali, não tem ideia. E se dá conta de que nunca dormira tão bem, embora a noite pareça ter sido extremamente curta. Nenhum pesadelo ou sonho, apenas um vazio, um nada. A tarefa de fazer a cama foi reduzida a dobrar a coberta meticulosamente e guardá-la atrás do assento.

Perto do escritório, Ernest pratica sua bizarra arte marcial usando duas facas, uma forma de Tai Chi, como se estivesse escrevendo no ar letras alfabéticas enormes.

Já é metade da manhã quando Joe ajusta a escada num canto da cozinha para o trabalho. Ele sobe para iniciar a base na moldura do teto. Depois de algumas pinceladas, sua atenção é interrompida pelo som de passos se aproximando pelos fundos. Fica imóvel no topo da escada, contendo sua respiração. Os passos param, e a cabeça de Handsome aparece silenciosamente no vão da porta.

As pernas de Joe enrijecem, mais pela aparência de Handsome do que outra coisa. O homem ainda tem o mesmo nariz proeminente e queixo miúdo, mas a sua pele está consideravelmente mais branca e as rugas do couro de lagarto retrocederam admiravelmente. Até parece mais novo. Usando uma camisa branca de manga comprida e jeans, ele entra na cozinha com um envelope tamanho ofício com o logotipo dos correios e telégrafos dos EUA estampado e coloca-o na pia.

“Pertence a você”, Handsome diz. “Esconda bem do teu tio Karl.” Seu tom de voz também mudou. Ficou mais suave, mais amigável. Ele acena “adeus” e parece ser sincero. Intrigado, Joe desce a escada e pega o envelope. Está selado e endereçado a ele. Abre e retira um cheque com um valor de fazer os olhos saltarem das órbitas: quinhentos mil dólares. O cheque parece real e seu nome está digitado como beneficiário.

*Que diabo é isso?* Fica parado ali olhando fixamente, quase sem respirar. A confusão rapidamente se torna entusiasmo, e do entusiasmo volta para a confusão. Seu rosto, então, é invadido por um autêntico sorriso. *Este é o envelope que o carteiro tava acenando pra mim, o mesmo que Karl queria.* Ontem, Joe mostrava

alegria dirigindo a Nuvem. Hoje, seu sorriso se alargou. E sorri como alguém que finalmente ficou rico, alguém que se *sente* rico.

Joe está eufórico, como se mãos invisíveis estivessem erguendo-o triunfante no ar. Além de Carolyn e Belinda, agora tem um motivo ainda maior para estender sua vida além do fim do mês. Ele guarda o cheque dentro do envelope e corre para a Nuvem, trancando-se dentro. Quase sem fôlego, receia que esteja sonhando. Retira o cheque novamente e corre seus dedos sobre ele, sentindo a rica textura do papel. Segura-o contra o sol para examiná-lo de perto. É real. *Não tô sonhando! E Agnos tava certo.*

Ele vira a chave com a mão esquerda e foge da casa com rapidez na direção de Hilltop Park. O espaçoso carro fúnebre mal tem lugar para conter sua empolgação. Estaciona defronte às torres de celular para examinar o cheque mais uma vez. Não para de se perguntar o que esse cheque descomunal tem a ver com o carteiro, que a princípio era amigável e rapidamente se voltou contra ele. Nenhuma resposta aparece. Ele guarda o cheque dentro do livro e esconde-o no compartimento secreto do console da Nuvem. Joe está feliz, mas ainda perplexo. Começa a planejar um futuro brilhante, um que pode ter somente treze dias. Em sua extenuada mente, agora fica cada vez mais claro que o sinistro carteiro com seu sotaque estranho, aquele que veio reivindicar sua vida, nada mais é do que uma ridícula criação da sua mente. Joe De Angeles ganhou na loteria duas vezes em um só mês e tem em mente um magnífico plano, caso a morte vier clamar sua vida em duas semanas.

*Ao menos vou poder pagar pelo meu funeral.*

\*\*\*

Joe dirige triunfante até Home Perpetual, como se fosse dono de todos os prédios ao longo da Pacific Coast. Mas dentro da casa funerária, tudo mudou. A luz ficou mais clara, e há uma nova linha de ataúdes em exibição, organizados num semicírculo — um cor-de-rosa ornado com esculturas douradas, dois em madeira negra africana esculpidos com complexos arabescos, e vários em cor marfim, todos elegantes e imponentes.

“Dirigindo um carro novo?”, pergunta Andy enquanto caminha até Joe, vestindo o mesmo terno azul-marinho. “Temos dúzias deles em nosso lote. Máquinas maravilhosas! Como vão as coisas, Joseph?”

“Indo bem, obrigado. Hoje vim aqui comprar um caixão.”

“Claro! Deixa eu mostrar os últimos modelos de madeira simulada que acabaram de chegar da China. Nossa linha *Amerike* também adicionou alguns modelos.” Com uma mão trêmula, Andy aponta para a parede que comporta três ataúdes. Parece inquieto e pigarreia seguidamente. “Aqueles pertencem à

linha Platinum. Vão de vinte e quatro a trinta e seis mil dólares, dependendo do forro e revestimento.”

“Não posso bancar nenhum daqueles. Tudo que preciso é de um tamanho médio, daqueles simples que você me falou semana passada.”

“Aquele era o modelo *Poor & Standard*, parte de linha *Eternum*. Infelizmente está agora no preço de quatrocentos e noventa e nove.” Andy esfrega seus braços, aproxima-se de Joe e se inclina. “Escuta, se for em espécie, eu poderia descontar os impostos. No momento, estou muito chateado com o Leão Americano, se você entende o que quero dizer.”

Joe saca os trezentos dólares do trabalho semanal. Num movimento furtivo, Andy olha para todos os lados para ver se alguém o enxerga, sempre esfregando seus braços. “Me siga.” Leva Joe ao depósito. Prateleiras de pelo menos seis metros de altura se alinham nos dois lados de um galpão gigante que armazena centenas, se não milhares, de caixões, todos perfeitamente empilhados nas elevadas prateleiras. É o Home Depot dos caixões, mas sem as irritantes luzes fluorescentes e a multidão de compradores para materiais de construção.

As três primeiras prateleiras contêm dúzias de caixões em miniatura, aparentemente para bebês recém-nascidos. São, na maioria, brancos, porém uma delas contém caixotes pretos. Do lado direito de Joe há uma seção de caixões coloridos para adultos, que vão desde verde-abacate e azul elétrico até vermelho flamejante. Joe está impressionado pelo tamanho dessa operação, e de quanto comércio é dedicado aos mortos. Parece que qualquer caixão do mundo pode ser encontrado ali — qualquer cor, formato, tamanho, material ou qualidade.

Assim que ultrapassam a seção de caixões de plástico, Andy para numa área sem prateleira alguma. Espalhado por sobre um lustroso assoalho preto há um depósito de caixões quebrados com pedaços de madeira e materiais que nem consegue identificar. Alguns estão montados em desalinho, com madeira de cores diferentes, todos no processo de serem reaproveitados. Andy aponta para uma caixa de aparência paupérrima, com uma rachadura bem visível de cima a baixo. Nada mais é do que uma caixa retangular, de pinho e sem pintura, juntada às pressas.

“Aquele”, Andy diz. “Apesar de um pequeno racho, nenhuma luz ou ar consegue passar por ele. O caixão era parte da linha *Memoriam*. Ainda tem um cheiro peculiar, do dono anterior que sofria de um severo estresse intestinal, mas está orçado exatamente ao que você me ofereceu, Joseph.”

A aparência da “caixa” é aterradora. Joe não consegue se ver enterrado nele, embora seu peso atual corresponda ao seu tamanho. É humilhante demais. Belinda mesmo disse ontem à noite. Quando se dá conta de que ninguém além de Carolyn apareceria para seu funeral, Joe tira o dinheiro do bolso e o estende a Andy, que, após um rápido olhar ao redor, embolsa o dinheiro. Em

seguida, estala seus dedos duas vezes. Um homem grotesco, com mais de dois metros, aparece detrás de uma prateleira e vem ao encontro deles. O primeiro pensamento de Joe é *Frankenstein na versão de Boris Karloff*.

“Arnold, leve aquele até o veículo desse cavalheiro.”

O gigante se inclina para frente e levanta o caixão, coloca-o debaixo de um só braço e cambaleia na direção de onde os dois haviam entrado.

“Use a porta dos fundos, Arnold”, Andy dispara nervosamente. “Os fundos!”

O homem solta um grunhido, se vira e caminha obedientemente em outra direção como um zumbi. Quando Andy leva Joe de volta ao mostuário, lança os olhos a uma das docas de carregamento que se encontra aberta. Lá fora, há dúzias de carros fúnebres estacionados em linha reta, todos de forma, cor e tamanho idênticos de Nuvem. O que antes parecia apenas uma casa funerária de alto requinte que serve somente os ricos é, de fato, uma corporação descomunal.

\*\*\*

A esta altura, não é nem mais um espanto. Mas os olhos de Joe se precipitam para todos os lados. Na cozinha da casa, quer entender como esse ajudante invisível enviado por Eddie podia ter pintado a cozinha, os dois banheiros e o segundo quarto, tudo após deixar a casa esta manhã. E, novamente, a mão de obra e o acabamento são eminentemente profissionais. Cada item que ele havia removido com a mão esquerda foi posto de volta em seu lugar original. Curiosamente, não consegue cheirar tinta alguma, mas ainda está úmida ao toque.

Na mesa da cozinha, Carolyn deixou uma sacola com três sanduíches feitos de croissant. São folheados, crocantes e macios ao toque. O sabor é amanteigado, mas o queijo e o presunto não têm o gosto original. Mesmo assim, Joe devora-os em dois tempos.

*Então ela nem chegou a ir ao Brasil.*

\*\*\*

Joe chega a Elysian com um só pensamento em mente. E esse um pensamento já se materializou assim que os faróis de Nuvem captam Belinda vindo ao seu encontro — mesmo vestido de verão e sem calçados nos pés. Os olhos de Joe brilham mais que os feixes de luz de Nuvem. Ela para por um momento e olha para o céu escuro, como se procurasse por algo. Depois, a poucos metros dele, olha para cima novamente.

“É tão bom ver você novamente, Joseph. Infelizmente, não posso te levar para um passeio hoje à noite. Vai chover logo.”

Joe olha para o céu sem nuvem. “A senhora disse *chover*?”

“Sim, vamos ficar no carro até que a chuva passe. E, por favor, comece a me chamar de você.”

Joe se apressa para abrir a porta a ela, e Belinda se acomoda no assento do passageiro. Ela cantarola uma melodia suave, aparentemente indiferente ao fato de sentar num carro fúnebre. Ele senta na direção, invadido por um raro sentimento de alegria. Sobe todos os vidros com a intenção de prender qualquer aroma que possa emanar dela.

“Tenho mais uma história”, diz ela, passando seus dedos pelo cabelo com ambas as mãos, revelando seu longo e perfeito pescoço.

“Outra história sobre os mortos?”

“São mais histórias sobre desapego.”

“Você é professora de alguma universidade?”

“Não mais”, ela diz, olhando através do para-brisa para a negritude do céu novamente. Joe estica seu pescoço, mas nada vê.

“Não acho que vá chover hoje à noite.”

“Vai, sim. Se abaixar o vidro, sentirá que o ar é mais seco e que o vento muda de direção rapidamente. Outra, as flores têm cheiro mais forte, e os pássaros ficam bem quietos antes da chuva.”

Ele não havia escutado o piado de um só pássaro ou visto algum voando sobre Elysian desde que chegou, mas podia estar errado. Ela abaixa o vidro completamente e estende seu braço para fora. Ar seco, refrescante, úmido, ou seja o que for. Ele espera que chova a noite toda para ela ficar presa consigo na Nuvem.

“Tem um homem enterrado a umas cinco fileiras daqui”, ela diz, mudando de assunto, “e seu nome era Chuck. Ele levou uma vida monótona, como todas as pessoas que nunca encontraram o que realmente queriam da vida. Trabalhava oito horas por dia, cinco dias por semana, e todo o resto de seu tempo passava em frente à televisão. Dia após dia, noite após noite, desperdiçava seu tempo, até que um dia se deu conta de que havia sido anestesiado por distrações sem fim e que não iria a lugar algum. Ele havia criado uma opinião sobre tudo, mas não sabia nada.”

“Está falando de mim?”, Joe pergunta, forçando uma risada.

“Não. É a história de um Joe qualquer perdido no mundo cuja direção foi desviada. Mas um dia Chuck se cansou de trabalhar pelo pão de cada dia, se cansou de se contentar com entretenimento barato e de sonhar com um amanhã melhor. Ele queria encontrar algo que fizesse sentido, verdadeiro sentido. E teve êxito na sua busca. Encontrou um propósito antes de morrer.”

“Esse morreu feliz, então?”, Joe questiona.

“Infelizmente não. Também está trancado lá fora como os dois da primeira história.”

“Mas por quê?”

“Ele não soube aceitar a morte. Justo quando tinha encontrado o que mais queria na vida, achou que ia viver para sempre.” Belinda silencia-se e olha distraidamente o vácuo da noite quando um relâmpago rasga o céu escuro. “Existe um poder lá fora que corta as nossas vidas, e não há nada que possamos fazer a respeito. *Nada!*” Um trovão ensurdecedor pontua sua declaração enfática.

Joe enfia a cabeça para fora da janela, mas está escuro demais para ver qualquer nuvem acima ou longe. Então, inesperada e sutilmente, uma delicada fragrância sopra em sua direção — uma fragrância que não sabe discernir. Lembra uma flor — doce, madura e indescritível. *Talvez só porque ela mencionou flores.* Ele levanta o vidro para testar se o aroma é real ou apenas imaginação. Outro trovão, mais forte, quebra sua linha de pensamento.

“Em sua nova busca”, ela prossegue, “Chuck descobriu que o único tempo que era completamente feliz era quando ajudava seu pai, um mecânico. Ele corria da escola para casa e fazia o tema com pressa, pois assim podia ficar mais tempo na oficina olhando e aprendendo sobre mecânica. Ao contrário da mulher que escolheu o convento para escapar do controle de seu pai, Chuck fez o oposto. Ele seguiu os passos de seu pai para então se tornar um mecânico profissional. Sua descoberta aconteceu uma noite quando se encontrava em silêncio completo. Ele lembrou que quando menino *sempre* quis ser mecânico.”

O primeiro pingo de chuva se espatifa com força no para-brisa. Outros seguem, salpicando sobre o carro como erráticos tiros de artilharia. Logo pesadas gotas de chuva tamborilam com ritmo sobre toda a Nuvem. Belinda fecha a janela um pouco.

“Ahhhh, o cheiro da chuva”, diz ela, sorrindo. “Embora eu tenha perdido o sentido do olfato, a memória dela está gravada em minha mente.” Ela estende o braço e toma a mão de Joe entre as suas. Outra vez, estão excepcionalmente frias. Ele inspira profundamente, mas não consegue sentir o cheiro da chuva, e agora tampouco o de uma flor. Através da fraca luz entrando pelo para-brisa, ele vê as sombras dos pingos da chuva brincando no rosto dela. Se parecem bastante com lágrimas, e o seu olhar é inefavelmente triste. Joe quer perguntar se o homem da história era irmão dela, mas apenas olha fixamente para seu rosto angélico e seus lábios perfeitos. Quase não parece real para ele. *Quem é o sortudo que consegue beijar uma mulher assim?*

“Tem mais chuva vindo e tem mais sobre a história dele”, ela declara quando a chuva se acalma por um momento. “Assim, Chuck comprou uns manuais de ensino básico sobre automóveis modernos e dedicou todo o tempo livre para estudar o assunto. Dali em diante, tudo mudou. Achou um trabalho noturno



em uma loja de conveniência, e em dois anos fez todos os cursos práticos, com mão na massa, para obter a certificação necessária. Tudo deu-lhe a confiança e experiência para abrir sua própria oficina.”

“E o que aconteceu em seguida?”

“No mesmo dia em que abriu a oficina, houve uma monstruosa tempestade. Chovia aos cântaros, muito mais do que minutos atrás. Quando a primeira picape foi rebocada para dentro da oficina, no seu rosto tudo sorria. Bem na hora em que abriu a capota do veículo...” Ela espera passar uma série de trovões, até que um inesperado explode tão forte que Joe salta de susto. “A tempestade trouxe um avião Cessna abaixo, caindo sobre a oficina. Ele foi morto instantaneamente.”

Tudo fica em silêncio... e sem chuva. Nenhuma fragrância. Joe ficou perturbado com o final abrupto e deprimente, não entendendo como ela poderia saber tanto sobre a vida desse homem. “Encontrar um propósito é a ideia central da história?”, ele pergunta, pensando em seu livro e em suas decisões finais.

“Não. É sobre humildade. Embora Chuck tenha encontrado um motivo para viver, existe algo na vida muito mais poderoso do que encontrar um propósito. Nossa morte. Porque ela termina com nossa jornada, na maioria das vezes sem aviso prévio. Como disse ontem, ela não nos diz *quando* e *como* vamos morrer. Simplesmente acontece um dia, estamos preparados ou não.”

Suas palavras são arrepiantes, porque Joe sabe exatamente do que ela está falando. “Não sei o que dizer.”

“Não precisa dizer nada. Saiba apenas que, por outro lado, a morte é o que traz sentido para a vida.”

“O quê? Isso é impossível de entender.”

“Você quer dizer *difícil de aceitar*”, ela diz, abrindo inteiramente a janela e deleitando-se com o ar fresco.

“Segundo a história do mecânico, então nem vale a pena encontrar um propósito na vida.”

“Pelo contrário. É trágico passar pela vida sem um objetivo. A maioria daquelas pessoas”, ela diz, correndo sua mão sobre o cemitério, “nunca olhou mesmo para dentro de si para encontrar um propósito. Ficaram procurando lá fora, esperando que algum dia encontrassem um. Mas esse dia nunca chegou.”

*Até parece que ela leu o livro do Eddie.*

“Para a maioria das pessoas, encontrar um propósito é uma jornada longa e solitária, porque ninguém pode fazê-lo por você. Cada um está completamente por conta.”

“Apenas um detalhe, as histórias que você conta não têm final feliz.”

“Isso porque conto as histórias dos espíritos errantes, os que estão trancados.” Belinda aponta novamente para o lado escuro, que fecha o lado oeste como uma cortina negra. Ela abre a porta e sai do carro quando começa a chover novamente.

“Tenha uma noite tranquila, Joseph”, ela diz.

“Você também. Boa noite.”

Belinda o deixa com um leve aceno e um sorriso sincero. Nenhum aroma permanece. Ele a contempla caminhando descalça na chuva até desaparecer. Então olha para o lado oeste do cemitério, para o qual ela havia apontado repetidamente. Ele não sabe se aquilo é uma área não desenvolvida pela cidade de Long Beach ou um lugar onde de fato alguns espíritos trancados ficam perambulando. Não arriscaria se aventurar naquela escuridão por nada desse mundo. O contínuo tamborilar da chuva e a memória da fragrância de Belinda lhe fazem companhia e o fazem sorrir.

Joe se sente excepcionalmente afortunado por ter duas mulheres maravilhosas em sua vida, mas elas não podiam ser mais diferentes uma da outra. Belinda, com suas mãos frias, aquece sua alma à noite, e Carolyn, com seu coração frio, toma conta dos assuntos do dia a dia. Embora sejam totalmente opostas, as duas o completam. Seu cheque e seu livro com suas decisões finais não ocupam sua mente. Contudo, Belinda poderia facilmente ser seu propósito de vida.

# Dia 18

---

## VERDADEIRO ALTRUÍSMO

Gradualmente, Joe acorda de um sono excepcionalmente profundo. Seus olhos estão bem abertos, mas tudo está escuro. Ele estende seu braço para frente e bate numa superfície dura, apenas para se dar conta de que dormiu na parte traseira de Nuvem mais uma vez, dentro do seu próprio caixão, e sem memória de ter se movido para trás durante a noite ou estendido seu cobertor no “chão”. O que o intriga mais é que dormiu profundamente, e a noite parece ter sido tão curta quanto um piscar de olhos. Ele se livra do cobertor e se levanta.

Fora do carro, o forte reflexo da luz do sol o faz semicerrar os olhos. Acima, um céu de azul intenso. À sua frente, um cemitério mortalmente silencioso. Belinda parece ter sido apenas parte de um sonho.

Descer a Crossing Way numa Mercedes com um cheque de quinhentos mil dólares pedindo para ser creditado em conta faz Joe se sentir um magnata na cidade de Signal Hill.

Vestindo seu macacão e armado de um raspador Stanley, sobe a escada para começar a trabalhar na garagem. As tábuas e o telhado se encontram em estado deplorável. A calha entupida de sujeira se tornou um lugar perfeito para ninho de ratos. Parado na escada e olhando por cima do teto, fica pasmo com todo o musgo escorregadio e fungos crescendo sobre o telhado. Ele percebe que mais ao alto faltam algumas telhas, e imediatamente vê uma oportunidade de sondar o esconderijo de Handsome sob o pretexto de trabalho. De modo furtivo, desce rapidamente e retorna com um pé de cabra para remover telhas e usá-las como apoio para o pé. Após deslocar a primeira e firmar seu pé, a mão rugosa de Handsome agarra o seu punho, torcendo o braço por trás de suas costas. Joe solta o pé de cabra, e, antes de conseguir se virar, outra mão agarra seu pescoço, pressionando seu rosto contra o telhado.

Sua primeira reação é gritar por Carolyn, mas quando tenta falar, sua boca é pressionada com mais força contra as telhas gosmentas. *Ca-ro-lyn!* Joe tenta em vão.

“Chamando a mamãezinha?”

*Não é Handsome.*

Joe tenta virar seu pescoço para ver quem é. Outra tentativa em vão.

“Dirigindo um carro fúnebre? Se escondendo num cemitério? E até dormindo num caixão?”, pergunta a voz com um sotaque forte. “Nada vai ajudar

a se esconder de mim. Eu te falei, estou em todo lugar, e sempre. Assim sendo, não me tome por trouxa.”

Joe já estava certo de que o carteiro era fruto de sua imaginação, mas a pressão em seu pescoço é *bem real*.

“As pessoas podem não me entender por causa do meu sotaque ou dos meus métodos nada ortodoxos, mas todos entendem a linguagem da humildade.” O carteiro pressiona mais ainda a nuca de Joe, comprimindo até a garganta. “Joseph, tentei te ensinar um pouquinho de humildade, mas você se recusa aceitar minhas lições. Você até planeja um futuro brilhante com aquele dinheiro que Eddie te deixou. Agora só existe uma maneira de parar essa tua estupidez: endosse aquele cheque para qualquer indigente, do contrário vou recrutar um espírito rapace para surrupiar aquele dinheiro num instante. É uma lição de humildade, porque em doze dias você ficará sem nada do mesmo. Assim pode praticar um pouco daquele *verdadeiro altruísmo*, uma vez que virou tão entusiasta daquele compêndio.”

A pressão no pescoço de Joe alivia a ponto de ele conseguir afastar seu rosto das telhas. Retoma o fôlego e senta-se devagarinho, certificando-se de que seu pé está seguro. Semicerrando os olhos, olha ao redor para procurar o carteiro. Seu atormentador sumiu. É como se um fantasma saído da garagem tivesse se materializado e novamente evaporado em ar rarefeito. *Não é um fantasma. Ele é bem real.*

Seu rosto, braços e macacão estão completamente imundos com o limo pegajoso. No chuveiro, esfrega a sujeira como se fosse transmissora de uma doença mortal que penetra até na carne. O carteiro é a doença dele — um câncer maligno que se espalha cada dia mais, roubando outro pedaço de sua vida. E a cada esfregada da esponja Joe repete seu novo mantra: “Aquele dinheiro é meu! Aquele dinheiro é meu!”

Na Nuvem, sai sem direção específica em mente, mas seus pensamentos ficam saltitando como em uma pipoqueira. Acaba rodando em círculos, dirigindo ao redor de sua própria quadra, perdido em sua própria vizinhança. Endossar aquele cheque para um estranho qualquer só para praticar altruísmo não faz sentido para Joe, e é uma decisão que ele não consegue tomar. Tenta organizar seus pensamentos embaralhados de forma mais lógica, mas tem uma nuvem negra pairando sobre si — mais negra que a sinistra nuvem de Elysian.

Ele estaciona no meio-fio e retira o livro para reler o capítulo “Verdadeiro altruísmo”.

*Verdadeira caridade é um ato humilde, porque é feito sem o desejo de reconhecimento. Zezinho, sempre doe algo com o firme intento de fazê-lo em segredo completo.*

Não encontrando auxílio, Joe relê suas recentes decisões finais. Se eu viver além do fim do mês, nunca mais vou fumar nesta vida e Se eu viver além do fim do mês, nunca mais ponho a mão em álcool nesta vida. Hoje, essas anotações não são nada lógicas, uma vez que nunca encontrou alguém que tenha feito decisões tão radicais na vida. Ninguém! Joe volta para o capítulo “Simplificar”.

*Certifique-se de que em sua vida sempre tenha um sólido investimento material. Mas lembre-se de que, não importa quanta segurança você vai encontrar nos números, a morte nos ensina que depois do último suspiro ficamos sem nada.*

*Nenhuma ajuda aqui também.* Para ele, está parecendo que Eddie e o carteiro usam o mesmo consultor financeiro. As palavras de Belinda tampouco ajudam, embora soem assustadoramente verdadeiras. “*Existe um poder lá fora que corta as nossas vidas, e não há nada que possamos fazer a respeito. Nada!*”

Uma vez que o carteiro é real e não fruto da sua imaginação, tudo indica que Joe está sendo conduzido para um beco sem saída e só tem doze dias pela frente. Morto, o cheque e tudo que ainda resta em sua vida, incluindo o livro, nada valem. Sem hesitação, escreve no topo da próxima página em branco: *Se eu viver depois do fim do mês, vou doar todo o meu dinheiro, sem dizer nada a ninguém.* Bem como o livro pediu.

\*\*\*

Carolyn o espera no portão da frente, vestida em seu elegante traje preto de trabalho. Ela esboça um sorriso, mas Joe logo reconhece que é forçado.

“O que houve?”

“O dono da casa me quer fora daqui”, diz assim que entra na sala de treino. Ela pressiona seu ouvido contra a parede, checando se há algum som. “De qualquer modo, vamos ao trabalho. Na nossa última sessão, nosso foco estava em *simplicidade*. Hoje, vai ser sobre *silêncio*. Quero ver se consegue atrair Eddie através do silêncio absoluto, sem um meia-meia. Preciso de umas respostas bem sérias dele!” Com uma voz fria e amarga, ela pede que Joe se sente com as costas contra a parede e o instrui a fechar seus olhos e focar em qualquer som perceptível.

“Vou perder peso com isso?”

“Quieto. Apenas foque em algum som.”

Joe fecha os olhos e tenta distinguir os diferentes sons, mas parece não haver nenhum. Nem mesmo o zunido das bombas ou algum passo perdido do proprietário da casa. Embora os pensamentos confinados em sua cabeça sejam erráticos e barulhentos como o motor de um jatinho bobinando para decolar, tudo ao seu redor conduz a um silêncio opressivo. Sua mente está fixada no

drástico ultimato do carteiro. Ele espia pelo olho esquerdo para ver se Carolyn ainda está ao seu lado.

“Começa tudo de novo”, ela diz olhando para ele, visivelmente irritada.

“Não consigo ouvir som nenhum.”

“Então focaliza na respiração.”

Após um longo tempo, finalmente consegue focar na própria respiração, mas é interrompido pelo som de um homem e uma mulher discutindo do outro lado da parede, tudo em sussurros. Às vezes, a voz da irritada mulher se sobressai, mas o homem a contém com rigor. A certa altura, ela se torna mais belicosa: “A casa vai pra venda hoje. E não se fala mais nisso!”

Joe ouve alguns passos, seguidos do estalo de uma porta sendo trancada. Então, silêncio.

“Eu ouvi seu –”

“Tô vendo que isso não está funcionando”, Carolyn diz, interrompendo-o. “Continue respirando uniformemente e traga Eddie para a tua mente. Focalize em algo que conecte vocês dois, grude nessa imagem e atraia ele para ti.”

Joe segue a dica. A princípio tenta visualizar o rosto de Eddie — seu cabelo ondulado, suas covinhas, seus dentes brancos. Consegue ver seu rosto, mas não ouve nada. Foca no que ainda os conecta — o livro. Mas a mente permanece vazia, e nada da voz de Eddie. Joe então focaliza em algumas linhas do livro, como *propósito na vida* ou *verdadeiro altruísmo*. A ideia de altruísmo o leva para a temerosa advertência do carteiro. Os olhos de Joe se abrem, e encontra-se ofegante.

“Já vi que hoje você não presta para nada”, Carolyn diz. “Tudo o que fez foi parar de respirar de novo.”

“Você disse que o proprietário não tava aqui. Eu ouvi a voz dele.”

“O que?”, ela diz, levantando-se. “Tem certeza?”

“Claro que sim! Ouvi a mulher dizer que a casa vai à venda hoje.”

Carolyn vai até a porta que conecta a sala à casa e pressiona o ouvido. “Ela quer pôr a casa à venda? Vai ter meu apoio total. Não te falei que eles me queriam fora daqui?” Ela abre a porta e desaparece adentro. Não muito tempo depois, Joe ouve um ruído de xícaras e pratinhos se batendo, seguidos de talheres e copos de vidro espatifando-se no chão. Há um momento de silêncio, e então uma verdadeira cascata de louça estilhaçando no chão. Após alguns minutos, ela retorna para a sala num traje completamente diferente, agindo como se nada de anormal tivesse acontecido. Seu espírito animador está de volta. Rodeia graciosamente pela sala e faz um pivô em seus sapatos altos, sorrindo. Seus olhos brilham como esmeraldas roubadas. “Agora me sinto melhor!” Ela

veste uma blusa marfim e vestido de brim. “Imagina só! Todas as roupas dela me servem perfeitamente. Quanto a você, mal perdeu um quarto de quilo hoje”, ela constata, alisando a blusa. “Isso quer dizer que está na hora de procurar um meia-meia.”

“Um quarto de quilo? Eu podia ter perdido isso só de subir e descer escadas. Tô começando a achar que você tá me usando só pra ter acesso ao Eddie.”

Ela o olha franzindo a testa, carrancuda.

“Eu sei que foi você quem pintou a casa”, ele continua, “e que nunca foi pro Brasil. É impossível viajar tão longe e voltar em um dia.”

Carolyn vai até a porta e a abre. “Primeiro, você precisa relaxar, Joseph, ou vou te colocar numa chave de braço. Segundo, eu nunca disse que viajava até o Brasil. Apenas inspiro um escritor, instigando a imaginação dele para seu livro. Coincidentemente, ele é brasileiro. Como te falei outro dia, comunicação acontece de muitas formas.”

“Que monte de asneira!”

“Terceiro, quem tá pintando a casa é aquele teu empreiteiro sinistro, não eu.”

“Ah, sim. Não faltava mais nada.” Joe mexe a cabeça para os lados e sai.

Ela corre atrás dele. “Só para você saber, conheço uma maneira de você perder muitos quilos numa só tacada. No momento, só preciso de um contato.”

“Vamos ser francos. Eu não tenho mais um meia-meia!”, ele diz elevando sua voz.

“Você falou que sua cunhada era uma e que achou um gato por aí.”

Parece-lhe que Carolyn sempre acha uma maneira de convencê-lo. Pior, se sente comprometido com ela por tudo que ela já lhe fez. Ela emprestou Nuvem, lhe manda a comida dos deuses e quer genuinamente ajudá-lo a perder peso. Procurar Eddie, seja onde ele estiver, é o mínimo que pode fazer por ela. “O que você quer dele dessa vez?”

“Eu preciso saber se a gente esquece tudo na hora da travessia.”

“O quê?”

“Apenas pergunte o que acabei de dizer.”

“Se a gente esquece tudo na travessia?”, ele repete.

“Bem assim. Aí se prepare para perder muitos quilos dessa barriga pelancuda.”

\*\*\*

Em Camarillo, a porta da casa de Janet se abre após uma só batida. Para a surpresa de Joe, ela o convida para entrar instantaneamente. Sem qualquer

luz ligada na sala, mal consegue ver a silhueta dela. Janet senta no sofá e, num surpreendente tom cordial, convida-o a fazer o mesmo.

“Perdão pela minha rudez da última vez, Joseph. Não ando muito bem depois que Bernard me deixou. Em que posso te ajudar?”

*Isso não tá parecendo normal.* “Eu vim aqui pra saber se você pode me fazer uma conexão com Eddie, um amigo meu que morreu esses dias.”

“Hmm...” Janet fica quieta por um momento. Levanta-se, caminha de um lado para outro e então se volta para ele. “Seguinte... faço contato com o teu amigo, mas quero algo em troca.”

“Tipo o quê?”, ele pergunta, levantando-se também.

“Convencer Bernard a voltar pra cá.”

“Mas você disse que nunca mais queria vê-lo aqui.”

“Mudei de ideia”, ela diz. “Tá na hora de me reconciliar com ele.”

“Acho que nunca vou conseguir convencê-lo.”

Janet vai até a porta de entrada. “Então tá na hora de voltar pro lugar de onde veio.”

“Espera, Janet. Não tenho nem ideia de onde ele mora.”

“Você pode encontrá-lo facilmente em Homeland. Bernie é morbidamente apegado à sua mãe. Chega a me dar arrepios.”

Faz sentido para Joe, porque encontrou-o por lá e levou-o ao cemitério. “Como vou convencê-lo a voltar?”

“Tenho certeza de que se você pedir ele vai concordar”, ela diz, voltando ao sofá e sentando-se mais perto dele. Joe ainda não se acostumou com escuridão o suficiente para enxergar as feições dela. “O que você não sabe é que ele te idolatrava. Era Deus no céu e você na Terra, Joseph. Na verdade, ele tem ciúme de você, porque nunca teve o que você tinha, um pai. Teu irmão sempre te adorou, mas nunca teve os sentimentos correspondidos.” Janet se move para mais perto dele ainda. “Bernard me deixou porque nunca pôde aceitar o fato de que eu podia falar com os mortos.” O rosto de Janet agora está bem próximo ao de Joe, mas ele ainda não consegue ver o aglomerado de vesículas vermelhas ao redor do pescoço dela. Mesmo com os óculos de sol, sabe que o olhar dela está cravado no dele. “Joseph, tem uma só coisa que ele nunca vai te falar. Ele sabe que teu pai deixou um livro com tua mãe, escrito somente pra ti. Por puro respeito, ele nunca ousou tocá-lo. Se pedir a respeito, ele vai dizer que nunca ouviu falar disso.”

Joe está quase em prantos. Tudo o que ela falou faz sentido, exceto que nunca soube que o irmão o admirava. Sempre se julgou o irmão mais jovem, fracassado em tudo. “Prometo que vou trazê-lo de volta.”



Janet para em pé, com seu humor completamente alterado. “Então, o que precisa do teu amigo?”

“Quer dizer, aqui e agora?”

“Não, eu levo as perguntas escada acima, para uma sala escura. Quando tiver a resposta, trago elas pra você.”

“Você tá dizendo que não posso perguntar a ele pessoalmente? Como vou saber se está me dizendo a verdade?”

Mesmo com a pouca luz, Joe a vê dar de ombros. “Não vai saber”, ela responde francamente. “A essa altura você deveria saber que todos os meia-meias são diferentes. Meu método é usar a escuridão, onde converso com o espírito sozinha.”

“Pois bem, então. Tenho duas perguntas. A primeira é se nós esquecemos de tudo na travessia.”

“Caramba, que pergunta! O que mais?”

“Gostaria de saber onde o corpo dele está enterrado.”

Janet concorda e sobe os primeiros degraus. “Nem pense em subir aqui.”

Joe espera no sofá, inquieto. Após algum tempo, fica tão habituado com a escuridão que quase consegue ver tudo na sala. Tudo ao seu redor indica desolação. Até o silencioso relógio de parede, permanentemente com o ponteiro trancado às onze e quinze, mostra que o tempo parou ali. Não demora muito, sua impaciência cresce e começa a andar de um lado para o outro. Tenta lembrar onde estão todas as chaves de luz, mas não encontra. Olha para o teto. Nenhuma lâmpada. E escada acima, escuridão total. Uma hora inteira deve ter se passado. Vem-lhe a ideia de que Janet simplesmente poderia ser um fantasma vivendo nessa casa sem vida.

*Um espírito que fala com outros espíritos? Mas Bernard teria me avisado.*

As badaladas penetrantes do relógio o paralisam de súbito. Os sinos batem vinte e quatro vezes, mas os braços não se moveram um só minuto. Ainda nenhum sinal de Janet. Joe olha para as escadas que levam a um escuro total.

“Janet?”

Joe não suporta a espera nem mais um minuto. Sobe um degrau. “Janet?” Sobe mais um. Após o terceiro degrau, ouve Janet conversando com alguém, mas não consegue captar o que falam. Sobe mais um passo vacilante para ouvir a conversa.

“O que é que te falei?” Vem uma voz aborrecida de cima.

Com o susto da inesperada presença dela, se agarra no corrimão.

“Tava duvidando de mim, é?”, ela chia no escuro, seu rosto quase invisível.

“Tava demorando demais.”

Janet põe a peruca na cabeça e começa a descer as escadas. “Eddie disse que uma mulher, cujo nome é Carolyn, deve ler o capítulo chamado “Verdadeiro altruísmo” dez vezes por dia antes de pensar em fazer a travessia. Enquanto não fizer isso, ele se recusa a responder qualquer pergunta.”

Joe não está apenas convencido de que ela falou com Eddie, mas também impressionado por ela ter chamado Carolyn pelo nome.

“Você sabe o que fazer”, Janet diz friamente, indo para a porta da frente. Vai direto para a maçaneta, como se estivesse mandando um vendedor inconveniente embora, seu temperamento completamente diferente daquele cordial de quando ele chegou.

“E sobre minha outra pergunta?”

“Ele não tá enterrado.”

“Como assim?”

“Eu tava tentando localizar ele, mas você me interrompeu. Visitei o condomínio dele num bairro bem podre e vi um rapaz novo de feição meio escura se escondendo no quarto dele, num estado de pânico. Do lado de fora tinha um homem cego com uma sacola de pimentas altamente tóxicas esperando por ele. Daí eu vi uma poça de sangue, e foi só isso.”

Joe sabe que era Carlos. “O que mais você viu?”

“Nada. Você interrompeu minha conexão. Não te falei pra não subir as escadas?” Ela abre a porta o suficiente para ele se espremer para fora.

“Obrigado, Janet. Vou trazer Bernard de volta sem falta.” Joe deixa a casa com a certeza de que ela *não* é uma dessas mortas atormentadas — apenas uma viva atormentada.

\*\*\*

Muito além da meia-noite, do lado de fora do apartamento de Eddie, Joe não encontra nenhum cego com um saco de pimenta esperando, como Janet previu. Ele gira a maçaneta com cuidado e entra na sala. “Carlos?”, ele diz em voz baixa, indo na direção do quarto.

O quarto está vazio. *Nessa a Janet errou feio.*

Assim que Nuvem flutua pelo portão de Elysian, Joe tem a feliz sensação de estar voltando para sua casa. Seus olhos procuram Belinda, mas não há sinal de alguma alma viva no cemitério. Os possantes portões na frente do escritório estão fechados, e o cemitério está em silêncio mortal, exatamente como quando o deixou esta manhã.

Mas Joe está definitivamente em casa. Se desloca para a traseira de Nuvem e decide dormir no caixão, para outro sono sepulcral.

# Dia 19

---

## O PERFUME DA MULHER PERFEITA

Nenhuma surpresa ao acordar. Apenas outra noite que pareceu não durar mais que um piscar de olhos. Quando Joe se move para a cabine, o inesperado se encontra ao seu lado. A porta do passageiro de Nuvem está entreaberta. Joe se lança no compartimento onde guarda o livro. Ainda está ali. Mas, ao folhear as páginas, nota que o cheque não está. Pânico total.

É obra do carteiro! Ele havia alertado Joe de que mandaria um espírito rapace surrupiar o cheque.

Nuvem desce voando pela Crossing Way, com seu motorista buscando a ajuda de Carolyn. Somente no caminho até a casa lembra que Handsome havia alertado Joe para escondê-lo bem de Karl. Corre até os fundos da casa, e armas de fogo são a última de suas preocupações. Carolyn não se encontra. Mesmo que estivesse, não saberia explicar como um dos carteiros de Signal Hill estaria por trás do roubo.

Joe caminha para a casa de Karl e bate violentamente na porta da garagem. Nada. Durante o resto da manhã, sente-se frustrado e completamente estúpido. Durante a tarde, perdido e miserável. Ao anoitecer, entende que o cheque deve ter sido o último fragmento do que era real em sua vida. Seus únicos bens remanescentes são um livro, uma escova de dente e um caixão medíocre guardado atrás de Nuvem — muito provável o mesmo que vai acompanhá-lo para debaixo da terra.

\*\*\*

Os portões de entrada de Elysian estão abertos. Eles marcam a presença de Belinda pelo cemitério. Ele estaciona Nuvem e, ao escovar os dentes no chariz, ouve uma voz suave chamando seu nome.

“Aqui”, Belinda chama de algum lugar mais distante. Ele a localiza meio escondida entre galhos e folhas de uma árvore de carvalho negro. Está sentada em cima do muro que marca a divisão do cemitério na parte norte de Elysian, abanando para ele se juntar a ela.

“O que você está fazendo aí em cima?”, ele pergunta, se aproximando e subindo no muro com dificuldade.

“Usufruindo um momento de solidude longe de Ernest, aquela pobre alma”, ela diz, parecendo completamente à vontade. “Ao mesmo tempo, ainda posso vigiar os portões daqui.”

Daquele ângulo, o cemitério parece mais extenso, e a parede dos portões se estende até a escuridão no lado oeste, parecendo uma nuvem acumulada, pronta para derramar sua carga e inundar o cemitério inteiro. Dali, ele também percebe que as árvores que circundam a enorme árvore de carvalho estão secas.

“Aqueles árvores estão mortas?”

“Sim, todas elas. Magnólias. Você precisava ter visto elas em seu esplendor, mas isso foi há muito tempo. Foram destruídas por um dos espíritos presos naquele lugar escuro onde eles gostam de se esconder.” Joe está prestes a perguntar sobre o misterioso lado obscuro quando ela o interrompe: “Você parece muito tenso hoje, Joseph. Aconteceu algo errado?”

“Eu tive um dia terrível.”

“O que fez ele ser tão horrível?”

“Alguém roubou meu dinheiro. Todo!”

Belinda emite um sorriso acolhedor. “Pois bem, eu tinha uma história em mente, mas vou te contar outra, a história de alguém que perdeu muito mais que dinheiro”, ela diz apontando em certa direção com seu dedo fino e pálido. “Consegue enxergar aquela lápide oval preta um pouco a leste do chafariz?”, ela pergunta.

“Sim.”

“Tem um homem enterrado ali que quer voltar para o mundo dos vivos para viver com a mulher de seus sonhos, mas não consegue. Assim sendo, ele está atolado num lamaçal, se remoendo em ódio. Depois de ouvir minha história, me diga quem teve a maior perda, ele ou você.”

“Essas histórias são tão depressivas! Pra que estudar a vida dessas pessoas, Belinda?”

“Porque elas nos ensinam lições valiosas. Acredite, quando morrer você não vai querer ficar preso a nada, especialmente algo destrutivo como o ódio. O homem enterrado ali era um açougueiro. O talento dele como tal era incomparável. Quando um freguês queria servir um elegante medalhão de carne ou uma simples carne assada, ele providenciava o corte perfeito e os clientes sempre voltavam. Ele era um entusiasta e perfeccionista na sua profissão, sobretudo com as mulheres.” Repentinamente, Belinda põe seu dedo indicador sobre seus lábios e gesticula com a cabeça para Joe olhar na direção do escritório.

Ernest está atravessando os portões e, quando chega na rua, olha ligeiramente para todos os lados. Logo retorna, mas caminha de um lado para outro, claramente agitado.

“Pois bem, esse açougueiro morreu dois minutos depois de encontrar a mulher de seus sonhos. Como perfeccionista que era, nunca havia encontrado

a mulher ideal, porque sua mente tinha produzido a mulher perfeita. Ele não se importava que ela fosse gentil, inteligente, ou que tivesse um bom senso de humor. Sua ideia de perfeição só abrangia o corpo físico, o que somente existia em sua mente.”

Joe discorda totalmente. A mulher perfeita existe de fato e está sentada ao seu lado. Naquele momento ele detecta a tênue fragrância de eucalipto, talvez pinho. *Talvez seja* só o perfume que ela usa. Assim que inspira o aroma mais profundamente, o cheque roubado começa a temporariamente retroceder a um canto remoto de sua mente. “Mas o que essa história tem a ver com o que aconteceu comigo hoje?”

“Antes de eu responder, escute bem o que aconteceu depois”, ela diz, voltando para sua história. “Como um verdadeiro profissional, o açougueiro havia dominado a arte de cortar carnes. Mantinha suas facas extremamente afiadas, assim como as de um cirurgião. Passava horas afiando a sua coleção para que cada faca deslizesse sem esforço.”

Joe está atento para captar qual parte da história conecta-se com sua perda, mas continua irremediavelmente distraído com os olhos azuis de Belinda e sua beleza. O que a faz ser especial é a forma como suas palavras se dirigem a ele. E, quando ela sorri, o faz somente para ele.

“Um dia, uma jovem entrou no açougue e pediu meio quilo de filé mignon. Ela não correspondia exatamente à ambiciosa ideia de perfeição do açougueiro, mas sua beleza era tão arrebatadora que o deixou nervoso. Para impressioná-la, fez uma manobra ardilosa com a faca, para se certificar de que ela estava consciente de sua maestria. E estava. Ele viu que ela estava. E, para impressioná-la ainda mais, fez algo fora de seu caráter. Foi ao balcão e perguntou se ela o acompanharia numa janta caso a balança mostrasse meio quilo de filé, nenhuma grama a mais, nenhuma a menos. A mulher não respondeu, o que o fez sentir que tinha perdido a razão. Chegou até a sentir um tremor que percorreu seu braço do ombro até a mão direita. Mas, para a sua surpresa, pouco depois ela concordou com um sorriso.”

Ernest emerge do escritório e caminha até os portões novamente, interrompendo a história de Belinda. Ele fecha os portões de entrada com violência e tranca-os. Chuta um deles e volta carrancudo para o escritório. Seja pelo ataque de raiva de Ernest ou pela história de Belinda, a tensão de Joe cresce a cada segundo.

“Assim que o açougueiro fez o primeiro corte, não se conteve de conferir, de relance, se captaria outro sorriso dela. Mas, quando olhou para o pedaço de carne pendurado na alça, viu que tinha sangue escorrendo até o chão, formando uma pequena poça. Primeiro, pensou que não haviam drenado o sangue do animal o suficiente, mas não era o caso. Quando foi até a balança com o filé, se

deu conta de que tinha acidentalmente cortado uma artéria do pulso esquerdo.” Cravado em cada palavra, Joe se pergunta se Belinda não está inventando tudo isso para ele se sentir melhor. Afinal de contas, como ela poderia saber tantos detalhes sobre esse homem? Seu pensamento é desfeito assim que Ernest se encontra de volta ao portão, chutando-o violentamente. O barulho da algazarra ressoa por toda Elysian e muito além. Belinda olha para Joe. “Descreve bem o ódio que o açougueiro sentiu quando morreu.”

“Por que o açougueiro está trancado como os outros?”

“Ódio. Não aceitou morrer quando a mulher com as qualificações físicas mais perfeitas que já tinha visto apareceu em sua vida. Nada incomum, pois meus estudos indicam que a maioria dos espíritos errantes e trancados está repleta de ódio.”

“Sabe por que *Ernest* é tão revoltado?”

“Sim. Ele esteve aqui antes de eu chegar. Quando vim para Elysian, teve medo de perder sua posição como zelador, pois era tudo o que possuía. Comecei a estudar a vida dos que estavam trancados e construí os portões como uma espécie de farol para atraí-los para fora daquela escuridão. Ernest fica aterrorizado com eles, então insiste em trancar os portões o tempo todo.”

“Mas tem uma entrada na outra ponta onde entrei e as paredes são bem baixas.”

“Aquela entrada é para o público em geral. Os portões são apenas para os espíritos errantes.”

Joe está perplexo. *Como pode um portão ser um convite para um espírito passar?*

“Pois bem, a mulher dos sonhos dele nunca se materializou”, Belinda conclui, mas a morte certamente conseguiu. “Seu espírito se recusa a sossegar, e assim ele continua perpetuamente procurando pela mulher perfeita.”

“Eu ainda não entendo por que você compara a história dele com o que aconteceu comigo.”

“Você pode ter sofrido uma grande perda hoje, mas não é nada comparado com perder a vida. Largar coisas requer muita humildade, mas largar *tudo* requer muito mais.”

“Eu não tenho esse tipo de humildade.”

“Cedo ou tarde, todos teremos que nos prostrar diante desse poder infinito ali fora. Nas minhas histórias, morte e humildade andam de mãos dadas. Uma vez que entende que a morte põe um fim a tudo, você aprende a largar certas coisas com mais facilidade.”

“Pra mim, essas histórias me parecem mais histórias de horror.”

“Verdade. As histórias dos espíritos presos chegam a ser aterrorizantes, mas não são mais do que uma verdadeira representação dos vivos que estão trancados com suas obsessões.”

“Como assim?”

“Pense numa obsessão: ganância, perfeccionismo, maus hábitos e vícios, ou qualquer comportamento compulsivo. Somente quando você está próximo da morte pode ver quão insignificante uma obsessão realmente é.” Belinda começa a se mover do lugar. “Eu preciso ir. Tenho muito trabalho pela frente.”

Joe acredita que encontrou a mulher dos sonhos da vida *dele*.

“Espero te ver logo, logo”, ela diz, já longe. “Boa noite.”

“Boa noite e obrigado pela história.”

Joe sabe que o açougueiro estava certo. A mulher perfeita existe.

\*\*\*

De volta na Nuvem, Joe é tomado por surpresa ao ver novamente o mesmo menino da primeira noite correndo do cemitério. Desta vez, corre ao redor do mesmo túmulo, como se estivesse brincando com um amiguinho invisível. Os risos dele ecoam através do local, enchendo o ar de uma alegria contagiante.

Joe se volta para procurar Belinda, mas ela não está mais à vista, e as luzes do escritório estão apagadas. Quando o menino vê Joe observando-o, para de correr. Joe acena, e o menino acena de volta. Bem devagar, Joe arrisca alguns passos na direção dele, que desta vez não foge. Pelo contrário, se senta no túmulo de mármore, com suas costas contra a lápide.

“Oi”, Joe diz, ao se aproximar.

“Oi”, o menino responde, abanando sua mão pequenina.

Joe calcula que deve ter uns sete anos — a idade dele quando seu pai morreu. “Está muito tarde.”

“Eu sei”, o menino diz, movendo a cabeça. “Eu tenho saudade da mamãe.” Seus olhos parecem os de alguém que perdeu sua mãe numa grande multidão — medrosos e tristes. Joe avança mais um passo, e o menino tenciona fugir, mas sua perna acidentalmente acerta um vaso de flores, estilhaçando-o no mármore.

“Qual é seu nome?”

“Henry.”

“Henry, seu pai sabe que você tá aqui?”

O menino move a cabeça para os lados. “Ele nunca me traz aqui.”

“Posso te levar pra casa?”, Joe oferece, estendendo sua mão. Henry se levanta com ímpeto e começa a correr, virando-se somente uma vez para se

assegurar de que Joe não está vindo atrás dele. Salta por cima do muro e dispara Crossing Way abaixo.

*Belinda precisa saber disso.*

Sentado na Nuvem, Joe se reclina no assento e medita sobre a história de Belinda. *Concordo que o açougueiro perdeu muito mais.* Ele ainda tem Belinda, Carolyn, um livro e a própria vida. Mas nenhum sinal de propósito de vida para os dias que restam.

Nenhum!



# Dia 20

---

## O LADO MALIGNO DE CAROLYN

Aconteceu novamente. No meio da noite, Joe se moveu para trás e dormiu no ataúde. Desta vez, coberto pela tampa, com apenas uma fresta para a entrada de ar. E, novamente, o sono foi curto, mas profundo como a morte. Usa seus braços e joelhos para mover o tampão para o lado. *Vou me desfazer dessa caixa hoje mesmo!* Mesmo assim, sente-se atraído pelo caixão e gostaria de dormir ali dentro o dia inteiro.

Olhando para o sol nascente iluminando a grama, árvores e lápides, tudo faz de Elysian um quadro paradisíaco. Olhando para o oeste de dia, a familiar nuvem obscura nada mais é do que um cenário desolador com grama ressequida, arbustos secos e árvores sem folhas que se estendem além dos limites de sua visão, como se todos os habitantes do sul da Califórnia tivessem sido enterrados ali. As lápides, em todos os tamanhos e formatos, parecem ter resistido séculos de implacáveis intempéries. As maiores se parecem com mausoléus ou capelas destruídas com o tempo. A maior de todas as estruturas é um anjo gigantesco que empunha uma espada dourada, cintilando ao sol nascente.

\*\*\*

Em casa, Joe entra de ré com Nuvem e estaciona perto da garagem. Olhando o trabalho a ser feito nela, com todas as superfícies rugosas e tábuas apodrecidas, sente-se diante de um Everest a ser escalado.

“Encontrou Eddie?”, ecoa a voz de Carolyn logo atrás dele.

Joe se volta para ela. “Sim... você nem vai acreditar. Ele até mencionou seu nome.”

“E o que ele disse?”, ela pergunta, aproximando-se dele com olhar irrequieto.

“Ele disse pra você ler o capítulo ‘Verdadeiro altruísmo’ dez vezes por dia. Do contrário, ele se recusa a responder qualquer pergunta. Parecia até que você tinha uma cópia do meu livro.”

Carolyn silencia. Seu olhar se torna vago, olhando para lugar nenhum, pensativa. Volta-se para a mangueira do jardim enrolada ao lado da parede, anexa-a numa torneira e abre o espigão. Antes mesmo de descobrir qual sua intenção, Joe está sendo encharcado com um forte jato de água por todo o corpo.

“Para com isso!” O clamor dele não tem efeito.

“Você vai precisar de água”, ela prossegue, apontando a mangueira até ele, como um bombeiro combatendo uma chama feroz.

“Carolyn, para com isso!”, ele grita, com o macacão ensopado.

Ela larga a mangueira. “Eu disse que você vai precisar de um monte de água.”

“Pra quê, diabos?”

“Tô te levando pro deserto.”

“Deserto? Que deserto?” Ele se livra do macacão, com as roupas de baixo também encharcadas.

“Sim, é um lugar bem árido. Tórrido, aliás. Eu te aconselharia a começar a beber muita água, porque vai precisar demais dela.”

“Não tô indo a lugar nenhum contigo desta vez. Tenho que terminar a garagem.”

Ela lança um olhar devastador até ele. “Deixa o empreiteiro terminar o serviço pra você. Agora você vai pro deserto encontrar seu amiguinho.” Ela vai até a traseira de Nuvem, abre a porta e puxa o caixão um pouco para fora. Joe empalidece. Sabe exatamente o que ela tem em mente. E ficar aprisionado ali dentro para encontrar Eddie é infinitamente mais aterrorizante do que o carteiro trancando-o num caixão durante o pesadelo duas semanas atrás.

“Não vou deixar você sair dessa caixa fedorenta enquanto não tiver uma resposta, Joe. Entendido?”

“Você tá brincando, né?”

Calmamente, Carolyn desliza a tampa para o lado. “Veja o lado positivo disso. Vai ter uma oportunidade de praticar *silêncio* ali dentro.”

Tremendo levemente, a única esperança de Joe é comprar mais tempo. “Olha, eu não te falei ainda, alguém roubou todo o meu dinheiro.”

Ela ignora sua fraca tentativa de distração e para ao seu lado. Põe um braço sobre os ombros dele e com firmeza pressiona-o para o chão, sentando-o perto da mangueira ainda jorrando água. “Eu sugiro três galões se quiser sobreviver no deserto.”

Joe se sente completamente indefeso. Sabe que ela vai forçá-lo para dentro do caixão se não se render. “Você é maluca a tal ponto?”

Ela acena levemente com a cabeça e então o restringe com um braço. Com a outra mão, enfia a mangueira em sua boca. “E não me faça executar uma colonoscopia!”

Joe logo se engasga, mas também engole muita água. Cada vez que intenciona arrancar a mangueira, ela a enfia de volta em sua boca. “Confie em mim, vai precisar de muito mais. O deserto é um lugar muito seco.”

Os olhos de Joe se tornam selvagens, e seu corpo começa a criar espasmos. Ele consegue arrancar a mangueira e implora: “Vamos falar sobre isso um minutinho.”

“Não vou mais negociar contigo *ou* com teu amigo. Ele me deve, pronto!”

“Eddie te deve? Pelo amor de Deus, o cara tá morto.” Ela força ainda mais água na garganta de Joe, mas dessa vez ele extrai a mangueira com uma força que não imaginava ter. “O que você ganha com toda essa merda louca?”, ele questiona furioso, mas impotente diante da força dela.

“Uma resposta apropriada do teu amigo”, ela diz, se levantando. “Uma vez ali dentro, apenas se lembre de duas coisas: silêncio e Eddie. Na última vez você se queixou por ter perdido só meio quilo. Hoje vai perder dúzias deles numa só tacada.”

A mente de Joe se esforça para encontrar uma saída para o horror que o espera. Ela o cutuca até o caixão de uma maneira mais gentil que a do carteiro no pesadelo. “É um lugar silencioso, Joseph, e você vai perder a noção do tempo logo, logo.”

“Espera um pouco. Eu faço qualquer coisa pra você, só não –”

“Você *está* fazendo o que eu quero. Apenas sugiro que seja ávido por oxigênio.” Antes que Joe consiga dizer mais uma palavra, ela o tem deitado em seu próprio caixão, completamente molhado. Os olhos dela nunca pareceram tão impiedosos.

“Quando eu tiver uma resposta, abro a tampa.”

Com isso, o topo desce sobre ele, e Joe fica na escuridão total. Ele ouve o raspar de roscas entrando na madeira, depois... silêncio sepulcral. Tenta empurrar a tampa, mas nada se move. Apesar da aparência frágil, Andy de fato vendeu um caixão que nenhuma luz perpassa. Nem duas horas atrás ele acordou nele sentindo-se confortável e aquecido, querendo ficar ali o dia inteiro, mas agora se sente frio e encurralado. Tudo *está* escuro como breu. Joe sabe que um ataque de pânico só diminuiria suas chances de sobrevivência.

*Pelo amor de Deus, Eddie, onde você tá?*

\*\*\*

Deitado ali, ele se concentra somente na respiração, sem saber quando tudo isso vai terminar. Duas semanas atrás, o carteiro arrastou-o a uma situação semelhante, mas aquilo era apenas um pesadelo. Agora é real. Por dias, ele tem encontrado paz e silêncio refugiado-se em Elysian, mas *este* silêncio extremo é desesperador; tem evitado a luminosidade do sol, mas *esta* escuridão absoluta é aterradora. E *está* ficando quente.

Assim que os minutos passam, Joe se esforça para aquietar seus pensamentos, mas estes também estão confinados no caixão. Nenhum deles ficou do lado de fora. Ele gostaria que Andy tivesse vendido um caixão mais fraco — ao menos com uma rachadura. Aos poucos, começa a perder o comando sobre os movimentos das mãos. Seu suor parece um cobertor que fica comichando, como se estivesse sendo grelhado em brasas incandescentes. Sua garganta está tão seca que não tem mais saliva para engolir. Quer enxugar o suor que corre pela testa e pelos olhos, mas o espaço é restrito, e seus braços pesados demais para mover. A situação é pior do que esperava. Bem como Belinda mencionou ontem, perder dinheiro foi nada comparado com perder a vida. Ele se agarra na remota esperança de que Eddie venha resgatá-lo logo.

Aos poucos, sua respiração está reduzida a intermitentes arfadas. A espera é longa — longa demais. Ao menos duas horas já devem ter passado. *Vamos lá, Eddie!*

“Pegando o jeito da coisa?”

As pálpebras de Joe se abrem, e não está mais tão escuro. É como se o topo tivesse sido removido, revelando um céu escuro acima, salpicado com algumas estrelas. Mas não há ninguém à vista. Uma breve brisa sopra sua face. *Devo estar alucinando, porque isso não tem cara de céu.* Pergunta a si mesmo se desmaiou e se um dia inteiro já não passou.

Bem quando pensa que estava ouvindo vozes na cabeça, logo acima aparece uma silhueta, mas inerte. “Como se sente aí dentro, Joseph?”, o homem pergunta, naquele já sotaque familiar.

O carteiro estende seus braços para o alto e boceja. Vapor escapa de sua boca, revelando que a noite lá fora é fria, enquanto dentro do caixão Joe se sente abafado. No entender de Joe, o carteiro está esperando por seu último suspiro. O próprio demônio esperando para dar as boas-vindas na porta de entrada do inferno.

“Me permita dizer, Joseph, todos têm dificuldade para entender o verdadeiro significado de humildade. Mas nós já falamos sobre isso da outra vez. Lembra da minha primeira lição? Eu estou em *todo* lugar. Sempre! Segundo, eu sou o poder mais democrático do mundo, e ninguém pode enganar a morte. Ninguém! Minha terceira lição chama-se humildade. Humildade absoluta.” O carteiro se senta na borda do caixão, onde estão os pés de Joe, que pensa em agarrá-lo pelo uniforme do serviço postal e golpeá-lo brutalmente. Mas seus pensamentos não se traduzem em nenhuma ação. O demônio simplesmente está esperando ele morrer, como um caçador espera a presa sangrar até a morte.

Impotente e humilhado, Joe se resigna pacientemente ao poder desse homem estranho sentado logo acima. A cada pouco, o carteiro olha para o alto, como se examinasse a imensidão do universo. Boceja novamente e estala os nós

de seus dedos, sua nuca e sua espinha dorsal. Mas, quando olha para baixo, Joe vislumbra seus olhos ociosos, vazios. Não há luz neles, e parecem não ter fundo. *Quem é esse homem?*

“Ainda se perguntando quem eu sou? Falo uma linguagem diferente, Joseph. Meu sotaque pode ser estranho, mas minha linguagem é simples, direta e *fi-nal*. Minha matemática é precisa: depois do seu último suspiro, tudo vira zero.” A cabeça do carteiro vira para o lado repentinamente, parecendo escutar algo. “Me dê licença por um momento. É meu dever cívico e sagrado servir toda a comunidade. Chegou a hora de liberar uma mulher de sua miséria. Apenas lembre-se, estou em todo lugar, sempre.” Num instante, o carteiro some como uma nuvem escura que foi soprada por um vento forte.

*Definitivamente eu tô alucinando.*

Joe fecha seus olhos e respira devagar e superficialmente. Sua mente permeia por instantes de memória, como se tivesse toda a eternidade para lembrar de acontecimentos passados, bons e ruins. Deitado no opressivo caixão, revive um dos traumas que experienciou, seguido do funeral de seu pai. Recorda o pungente cheiro de formol que perdurou por semanas. Aquele cheiro havia penetrado em sua pele após tocar seu pai na casa mortuária. E por semanas escovou as mãos com sabão, cloro, vinagre e até alho, mas o cheiro nunca o deixava. Num certo ponto, desconfiou que o cheiro vinha do seu cabelo, então pediu para a mãe raspar sua cabeça. Mais tarde, desenvolveu dores de cabeça latejantes, devido à miopia. Em menos de seis meses, usava óculos. Agora, atalhado em seu próprio caixão, não consegue cheirar ou ver coisa alguma. É como se já estivesse morto. E assim as memórias vão emergindo, uma após outra, algumas doloridas demais para reviver.

Sente que um dia inteiro deve ter se passado.

Finalmente, a memória de um tempo mais feliz. A imagem da casinha na árvore aparece como ar fresco dentro de sua sufocante prisão de madeira. Aquela casa resplandecia do alto de uma maciça árvore de carvalho no fundo do quintal. Vista de baixo, assemelhava-se a uma fortaleza inatacável – um castelo no céu. Durante esse tempo feliz, seu pai também dormia lá em cima, mas com uma garrafa ao lado. Alcoólatra ou não, foi seu protetor, seu herói e seu melhor amigo. Depois de sua morte, a casa na árvore se tornou o único lugar onde podia esconder seus sentimentos de solidão e inutilidade. Bernard estava certo. Após aquele dia, o espírito de Joe se quebrou, e ele meio que morreu também, como se tivesse se arrastado para dentro do caixão de seu pai e se aninhado ao seu lado.

Agora que tudo está chegando ao fim, inspirando as últimas moléculas de oxigênio que restam, Joe reconhece que nunca teve um propósito na vida, e nunca vai ter. Assim, não resta motivo algum para viver. No entanto, não quer

morrer. Ainda não. E, por ainda sentir o suor correndo pela testa, sabe que não está morto. Só espera que algum anjo solidário do além tenha piedade e gentilmente feche as portas da morte. Se não, que o tal Deus o ajude a fazer uma suave transição do mundo dos vivos para o dos mortos. Então, num simples abrir dos olhos, seu coração explode de alegria ao ver um rosto sorridente acima. Contra um céu brilhante e azul, vê Eddie sorrindo para ele, com suas covinhas brilhando como dois diamantes em seu rosto.

*Eddie!* Joe exclama, embora nenhum som provenha da sua boca. Seu coração, como um carvão frio e preto, sente-se aceso, em chamas. *Você finalmente chegou!*

Eddie acena, colocando suas mãos na borda do caixão, tão perto que Joe quase consegue tocá-las. *Você parece tão vivo*, Joe tem intenção de dizer.

“Ora... eu tô bem vivo. Obrigado por perceber.”

*Eddie, por favor, me tira daqui.*

“Zezinho”, Eddie diz, sorrindo com benevolência. “Somente Carolyn pode fazer isso. Ela vive no teu mundo, num contínuo espaço-tempo diferente. Aguenta aí, irmão.”

*Não entendo nada do que você disse. Carolyn quer saber –*

“Eu sei o que ela quer. Diga a ela que vai lembrar de uma só coisa quando fizer a travessia de volta. Mas também diga a ela que, se continuar te usando, vou achar outro alguém para te ajudar.”

*Então ela é a ajudante de que você falava.*

“Uma delas.”

*Eddie, me tira daqui*, Joe intenciona dizer, olhos suplicando. Você precisa saber a respeito daquele cheque.

“Agora não é hora pra falar sobre dinheiro, *gordito*.”

“Não!”, Joe exclama em voz alta, surpreso por ouvir sua própria voz.

“Foca no livro”, Eddie diz, olhando severamente para Joe. “Dinheiro não vai comprar nenhuma daquelas coisas que escrevi no livro. Não compra disciplina, paciência ou perdão. Não compra simplicidade, humildade, muito menos outro dia da tua vida.” Os olhos de Eddie então se tornam distantes e inatingíveis.

*Então foi você quem escreveu aquele livro, não meu pai.*

Eddie se inclina para baixo. Por um instante, ambos trocam um olhar longo, insondável, e Joe confunde-o com outra pessoa, mas não sabe quem.

“A essas alturas você deveria saber quem sou”, Eddie diz. “Teu pai, o livro e eu somos um.” Ele se afasta, deixando um céu azul acima e uma garganta agonizante por água.

“Eddie, eu tô morrendo”, Joe diz num lamento. *Eu preciso de água*. Se pergunta quando Carolyn vai tirá-lo do inferno. É tão quente que tem a sensação de que está sendo cremado vivo. Joe espera e espera o rosto dela aparecer logo acima, até que finalmente fecha seus olhos e se resigna à morte.

A morte não chega... ainda.

\*\*\*

As pálpebras de Joe se abrem aos poucos. Outro rosto aparece, um bem menor. Imediatamente reconhece o menino. O mesmo que apareceu duas semanas atrás quando o carteiro trancou-o no caixão. Desta vez, Joe vê um brilho nos olhos dele. Na verdade, todo o rosto brilha como um pôr do sol — o adorável rosto da alegre infância, o olhar de pura inocência e simplicidade. Joe reconhece aquela face. Assim se sentia outrora — um menino com o rosto e o coração de um anjo.

*Eu nunca quis me tornar assim*, Joe intenciona dizer a ele, repetindo as palavras da Sra. Whalen. *Falo do meu peso*.

“Não importa. Eu ainda estou vivo dentro de você”, o menino diz, com seus olhos reluzindo. “Bem vivo. Você ainda me faz feliz toda vez que faz aquelas pizzas na Fired-Up. São de morrer.”

Joe se sente revigorado, como se uma brisa refrescante estivesse soprando ao seu redor numa tarde escaldante. Até sente seu coração palpitando novamente. O menino continua sorrindo e olhando dentro de seus olhos.

“Você se lembra do nosso propósito de vida?”, o menino pergunta.

Antes de Joe conseguir dizer *não*, ou mesmo mover sua cabeça, o menino olha sobre seus ombros. “Tem uma senhora vindo ali. Escuta, me faz um favorzinho. Eu nunca gostei do meu nome Joseph. Dá pra trocar?” O menino se vira e desaparece de vista rapidamente.

Os olhos de Joe se enchem de lágrimas, que se misturam ao suor e juntam-se ao resíduo pegajoso no fundo do caixão. Algo se reavivou nele, e sente-o em todo o seu corpo. Ouve o barulho abafado de Carolyn removendo a tampa. Ele ainda está vivo.

Com o topo removido, percebe que é noite. Carolyn examina o corpo inteiro dele, como se estivesse procurando por sinais de vida. Ele inspira uma grande porção de ar, então outra... e mais outra. Assim que ela borrifava alguns pingos de água fria sobre o rosto dele, seus dedos começam a se mexer levemente. Ela então encharca o corpo inteiro com a mangueira, lavando-o como uma mãe banha seu neném. Joe se sente nadando numa piscina de refrigerante. Ela começa a lavar seu rosto.

“Água”, ele sussurra.

“Ainda não. Primeiro estabilize a respiração.”

Joe está delirante e quer estrangular a mulher. Carolyn rola o caixão para fora, apoiando a peseira no chão. Continua respingando água no rosto dele, mas nada chega à sua boca. Está tão sedento que tenta arrancar a mangueira dela, mas seus braços ainda não se movem.

“Água... por favor”, ele repete, numa voz áspera.

“Você ainda está muito fraco.” Ela abre a camisa dele e começa a encharcar seu peito.

“Por que você fez isso comigo?”

Carolyn move a cabeça de Joe o suficiente para ele ver o lodo escurecido que cobre seus pés. “Tudo aquilo é banha que espremi de você. Você tá chegando perto do seu peso ideal. Quando chegar aos setenta e cinco quilos, vai se tornar verdadeiramente bonito, Joseph.” Carolyn coloca o braço dele sobre seus ombros para carregá-lo até a parede da casa. A respiração de Joe melhora a cada segundo, mas seu estado mental ainda é confuso. “Minha nossa, você fede mesmo!”

Joe agarra a mangueira e, afoito, começa a engolir água. Após alguns goles, Carolyn arranca a mangueira.

“Chega agora. Senão vai ficar doente.”

“Quando me sentir melhor”, Joe diz, ainda grogue, “vou acabar com a sua raça.”

Ela vai até Nuvem e retorna com um par de jeans e uma camisa. “Tem outro par no assento do passageiro.”

“Por que você fez isso?”

“Para encontrar teu amigo no deserto”, ela responde com naturalidade, começando a limpar a gosma do caixão com a mangueira. “Veja o lado positivo de tudo. Te garanto que perdeu quinze quilos numa só tacada.”

Ele dá um riso zombeteiro, mas quando olha para seus braços e toca seu estômago, sente que é a mesma pessoa, mas num corpo diferente. Levanta devagar e caminha até o banheiro, usando a parede para evitar cair.

No espelho, ele mal reconhece seu próprio rosto. Com seus dedos, percorre o queixo, o nariz e o resto do corpo. Está estupefato, e ao mesmo tempo não consegue deixar de sorrir. No chuveiro, até o peso da água o desequilibra. Abre sua boca e engole mais água. Cambaleia para fora e veste seus jeans novo. De volta ao espelho, nota que suas bochechas encolheram e seu nariz está mais definido, do jeito que sempre quis. Até o queixo perdeu o arredondamento. Ele toca a pelanca do estômago que está pendurada por cima do cinto. Se pergunta se de fato ele é outro alguém. Sente-se um homem completamente diferente.



A triste memória da Sra. Whalen retorna. Agora, Joe tem sentimentos contraditórios a respeito de Carolyn. Minutos atrás, quis estrangulá-la, agora nem tanto. Quando retorna para a cozinha, encontra-a parada na porta impedindo a sua passagem.

“Então, encontrou teu amigo?”

Joe não responde. Vai até a pia e bebe mais água da torneira. “Quanto tempo fiquei lá dentro?”

“Eu meio que perdi a conta”, ela diz casualmente. “Sabe, tive que pôr gasolina na Nuvem e comprar umas roupas e comida para você. Eu diria que uns dois dias.”

“Para de me enrolar, Carolyn! Você tem ideia do que você acabou de fazer?”

“Você disse que faria *qualquer coisa* para pesar setenta e cinco quilos, então toma um pouco de responsabilidade pela tua decisão, tá? Agora, de novo, o que ele disse?”

“Ele disse que você só vai se lembrar de *uma* coisa. Também disse que, se você continuar me usando, ele vai mandar outro ajudante pra mim.”

Em três semanas, Joe não chegou a ver o rosto de Carolyn virar tão sombrio em tão pouco tempo.

“Ele realmente disse isso?”

“Foi o que ele disse.”

“Foi um prazer te conhecer”, ela diz, apática, saindo da porta. “Boa sorte com a perda de peso.”

Ele retorna à pia para beber mais água, depois arrasta seu corpo exausto até Nuvem. Encontra o caixão de pé contra a parede ao lado da garagem, completamente lavado e deixado para secar. Senta na direção, sentindo que está num assento diferente. No assento do passageiro tem uma sacola com um pote de comida fumegante. Se tranca na Nuvem e devora o apimentado arroz, refogado com cogumelo e guisado. Sem energia para comer mais, reclina-se no assento e cai num sono profundo.

Quando acorda, olha para seu corpo a fim de se certificar de que não estava sonhando. Com um pouco de energia recuperada, ataca a comida novamente e retorna a dormir.

Noite adentro, acorda revigorado e dirige até Our Daily Drug para checar seu peso. Na balança, mal consegue se equilibrar, mas quando vê seu peso atual de noventa quilos, seu corpo enrijece.

*Inacreditável! Depois de todas as ridículas dietas durante uma vida inteira, agora isso!*

Na saída da drogaria, pergunta à atendente que dia é. A jovem com cabelo platinado diz que é sexta-feira, 22 de abril. “Caso tenha usado alguma droga”, diz ela com sarcasmo, “são três da manhã.”

Na volta até Elysian, Joe se olha repetidamente no espelho retrovisor.

Tudo está calmo e quieto no cemitério. Perdeu dois dias sem a presença de Belinda e suas histórias. Escova os dentes no chafariz e volta a sentar-se na direção. Sente-se fraco, mas existe algo bem vivo dentro dele. O menino. Ele reascendeu o espírito debilitado de Joe — e tem um propósito de vida.

# Dia 22

## OS ESPÍRITOS DE KARL E HANDSOME

Joe se sente leve, quase rarefeito, em seu novo corpo. O espelho em seu quarto revela o quanto ele gosta do que vê. Mira-se como um Narciso fixado na sua própria imagem e aprisionado nela. Em parte, deve esse milagre a Carolyn e, em outra, ao caixão que agora está inclinado contra a parede da garagem, secando ao sol. Desliza a mão sobre o interior do caixão e se pergunta como esse pedaço sólido de madeira inferior, que o manteve preso por quase dois dias, foi capaz de levá-lo à infância e, ao mesmo tempo, roubar o pouco tempo que ainda lhe resta.

*Era isso que Warlow fazia dormindo no caixão do mostruário da Home Perpetual?*

Carolyn interrompe seu devaneio, chamando-o da rua. Espera Joe na calçada, em seu traje profissional de trabalho.

“Eu preciso de uma carona hoje.”

“Precisa ser agora?”, ele pergunta.

“O que preciso requer duas pessoas, e tem que ser agora”, ela insiste.

“Mudou de ideia sobre o meu programa de perder peso?”

“Na verdade, sim. Mas agora eu realmente preciso que seja meu motorista.”

Ele hesita e indaga se Carolyn carrega algum truque na manga. Com relutância, acaba pegando a direção de Nuvem. E, para sua surpresa, após algumas orientações dela, eles acabam em frente a Home Perpetual. Ela pede que ele estacione no fio da calçada, perto do enorme portão de metal. Como que do nada, o portão começa a subir e quatro homens saem, cada um carregando um canto de um ataúde de alto brilho e ornamentos de metal. Os quatro estão vestidos em ternos pretos e andam na direção de Nuvem. Carolyn sai para abrir a porta traseira enquanto Joe observa o movimento deles. Sem trocar palavra alguma, eles empurram o caixão para dentro da Nuvem e voltam em silêncio para o portão, que já começa a descer. Pelo modo furtivo como essa operação foi conduzida, Joe tem o pressentimento de que Carolyn trabalha ali. Uma vez de volta ao assento do passageiro, ela ordena que ele pegue a direção norte da Freeway 405.

“Você conhece o Andy?”, ele pergunta.

Ela não responde, apenas sugere que ele continue dirigindo.

“Aquele prédio não estava ali até recentemente. Você trabalha na Perpetual?” Mais uma vez, nenhuma resposta. Após algumas quadras, Joe tenta outro assunto. “Por que você disse que o empreiteiro tava pintando a casa?” Sem resposta. “Pelo amor de Deus, onde é que a gente tá indo?”

“Camarillo.”

“Camarillo?”, ele pergunta, surpreso. “O que tem em Camarillo?”

“O destino final do cara ali atrás”, ela responde, apontando o dedão na direção do caixão.

*Tem coisa errada aí.* “Que coincidência, minha família é daquelas bandas.”

“Que bom, mas não vai dar tempo para visitar ninguém. Nós vamos para o Homeland Cemetery.”

Joe tem uma sensação de mal-estar. “Você conhece aquele cemitério?”

“Mas é claro. Eu conheço todos os cemitérios da Califórnia. Afinal, dirijo carro fúnebre por décadas.”

“Por que essa viagem requer duas pessoas? E por que eu?”, ele pergunta assim que entra na rampa da Freeway que os leva para o norte. Ela aperta o botão que faz descer a repartição de vidro, se inclina para trás e estica o braço direito até o caixão. Carolyn dá umas batidas na tampa. Em resposta, Joe escuta umas pancadas abafadas em retorno. As mãos dele na direção se tornam rígidas. “Não acredito. De novo?”

“Você devia estar empolgado, Joseph. Não disse que alguém roubou seu dinheiro? Acontece que foi seu titio.”

Saber que Karl está trancado lá dentro lhe causa uma onda de felicidade, mas suas mãos já estão suando. “Como... Como você sabia? Como achou ele?”

“Tenho meus métodos.”

“Por que levar ele pra Homeland?”, ele pergunta, contente e suspeito ao mesmo tempo.

“É o destino final dele.”

“Vai fazer o que com ele?”

“Quer dizer o que você vai fazer com ele?”, ela diz friamente. “Vai enterrá-lo vivo.”

A primeira gota de suor se forma em seu lábio superior. Liga a seta e sai da Freeway pela Long Beach Boulevard. Carolyn dá um longo suspiro. Joe estaciona num posto da Arco. “Chega de surpresas. Qual é o seu plano *exatamente?*”, ele pergunta, levantando a voz e olhando-a direto nos olhos.

“Shhh”, ela sussurra, inclinando-se até ele. “Teu tio tem ouvidos sensíveis, mas a verdade é que você precisa eliminar ele da sua vida.”

“Eu nunca falei que ele era meu tio. O que você sabe sobre ele?”

“Eu explico isso depois que o caixão estiver bem fundinho na terra e o canalha estiver no seu sono profundo. Agora, de volta para a Freeway.”

*Eu não vou enterrar ninguém vivo.* Mas Joe se dá conta de que, se Karl está em posseção do cheque, terá uma chance de negociá-lo em troca da liberdade. Sem demora, Nuvem está novamente na 405 Freeway, rumo a Camarillo. Fica engendrando um plano simples, e está certo de que, quando uma pá com terra úmida bater na tampa, o cheque virá à tona rapidamente.

“Você voltaria ao deserto para perder outros quinze quilos?”, Carolyn pergunta, do nada.

“Por nada deste mundo. Escuta, que tipo de negócio você tinha com Eddie antes de ele morrer?” Ele espera por uma resposta, mas nada vem. Dispara a próxima: “De onde vem toda aquela comida gourmet?” Novamente, nenhuma resposta.

“Falaremos de todas essas coisas mais tarde, Joseph”, ela diz, mexendo-se no assento como um gato pronto para uma longa soneca.

“Por que eu ainda tô dirigindo esse carro com minha mão esquerda e pé esquerdo?”

Sem resposta.

“Sabe, tem essa cliente da Fired-Up que deve pesar uns duzentos e trinta quilos. Me pergunto se você poderia ajudar –”

“Depois de enterrar teu tio, a gente conversa.” Eles viajam em silêncio até chegarem ao Homeland Cemetery, aninhado numa das verdes colinas de Camarillo.

\*\*\*

Nuvem atravessa os portões de Homeland, e os olhos de Joe imediatamente avistam o anjo próximo ao lugar onde descansa sua mãe. Ainda reluz ao sol como prata sólida. Não vê Elijah em lugar algum, e, além deles, nenhuma pessoa viva se encontra no cemitério. Apenas o sopro de um vento solitário entre as árvores e os túmulos.

“Por que as paredes aqui são tão altas?”

“Pra impedir a imigração.”

“O quê?”

“Para impedir o tráfego das pessoas vivas de entrar e os mortos de sair.”

“Caramba, isso não faz sentido algum!”

Carolyn pede que ele tome o caminho estreito da direita e dirija até o local onde há uma cova recentemente aberta. Há vários pássaros brancos empoleira-

dos em lápides e, por mais estranho que pareça, corvos vasculhando por comida no meio do caminho pavimentado. A não ser o silêncio absoluto, Homeland e Elysian não têm nada em comum.

Carolyn aponta para a cova adiante, a nem dez metros da lápide de seu pai.

*Tem algo que não bate certo aqui.* Joe estaciona na grama ao longo da cova aberta, e Carolyn salta para fora num instante. Ela escancara a porta traseira, insere uma manivela num pequeno furo na peseira do caixão e gira-a várias vezes. Depois, com um simples puxão, rola o caixão para fora deixando-o cair no chão. Arrasta-o para a beira da cova e o manda voando para o buraco com um sólido chute. Resultam alguns gemidos abafados, mas o caixão aterriza com a tampa para cima.

“Falando sério, você não vai fazer isso, vai?”, Joe pergunta, sabendo que ela o faria.

“Claro que não... você vai.”

Com o auxílio de uma pá, ela joga uma porção de terra úmida no topo do novo caixão de mogno. Joe escuta um longo gemido aterrorizador.

“Agora é sua vez”, ela diz, jogando-lhe a pá.

“Quanto tempo ele vai conseguir respirar lá embaixo?”, Joe pergunta, tentando ganhar tempo.

Ela mostra indiferença.

“Escuta, passei por isso com Handsome, e não vou matar ninguém. Só quero meu dinheiro de volta.”

“Então vá lá e peça para ele retornar teu dinheiro. Uma vez enterrado, o dinheiro se foi para sempre, mas o salafrário nunca mais vai te importunar.”

Joe olha ao redor, procurando por uma possível testemunha.

“Não se preocupe, Joseph. Ninguém vai saber o que se passou aqui”, ela assegura com naturalidade.

Por mais que Joe quisesse enterrar o homem que roubou o dinheiro e supostamente destruiu a vida de seu pai, não consegue imaginar o canalha enterrado a poucos metros dele. Mas o que realmente o detém de enterrá-lo vivo é o que Eddie falou ontem durante a sessão com Agnos: *“Foca no livro, dinheiro não vai comprar nenhuma daquelas coisas que escrevi no livro”*. Joe salta dentro da cova e procura, aflito, uma maneira de abrir o caixão.

“A tampa não está selada ao caixão”, ela diz. “É só abrir a cabeceira.”

Com extremo cuidado, Joe levanta a cabeceira ligeiramente e enfia uma pedra entre ela e a tampa. Para em pé no tampão, checando todo o cemitério novamente. As únicas testemunhas são um bando de corvos famintos ansiando por qualquer esmola.

“Karl, consegue me ouvir?”, Joe pergunta.

Não há resposta.

“Escuta, quero te deixar livre, mas pra isso quero meu dinheiro de volta.” Joe olha para Carolyn para se certificar de que ela vai dar toda a cobertura. Ele desce da tampa e num gesto rápido escancara a cabeceira. Um bando de corvos na proximidade levanta voo em êxito. O som ecoa sobre Homeland como uma rajada de tiros numa floresta silenciosa. Mas o que mais assusta Joe é o fato de o caixão estar vazio.

“Onde está ele?”, Joe brada, olhando para Carolyn. Possesso, ele escala cova acima como se um espírito estivesse agarrando seu calcanhar.

“Onde. Está. Ele?”, Joe demanda, lutando para tomar fôlego.

“Não tinha *ele* ali dentro”, Carolyn responde.

Por um momento, a cabeça de Joe está destituída de pensamentos. “O que você quer dizer com ‘não tinha *ele*’? Não vai me dizer que me trouxe até Camarillo me fazendo acreditar que Karl estava lá dentro?”

“Não ouviu ele batendo na tampa?”

“O que que está acontecendo?” Sua voz alterada assusta outro bando de aves empoleiradas nas lápides em volta. Disparam para o alto e desaparecem. “Escuta, tenho ouvido e visto muita merda nesses dias, mas isso aqui é de enlouquecer.” Ele inspeciona todos os cantos da cova e o cemitério inteiro. Homeland ainda está deserto.

“Sei que você anda ouvindo muita coisa nesses dias, Joseph”, ela diz, as-sentindo em simpatia com a cabeça. “Sente-se e escute o que vou te dizer agora. Teu tio *estava* naquele caixão, mas por algum motivo você o deixou ir embora, livre.”

Joe não consegue sentar. Anda de um lado para outro como se mover-se aliviasse a crescente pressão na sua cabeça.

“Teu tio é apenas um homem fantasma. Um espírito errante.”

“Do que diabos você tá falando?”

“Todo esse tempo você andou lidando com um homem morto.”

“Espera aí. Eu vi ele e falei com ele duas vezes de um mês pra cá.”

“Acredite em mim, você não tem a mínima ideia do tipo de confusão que um morto desse tipo é capaz de criar”, ela diz calmamente. “Além do mais, você andou falando com Eddie, por que não Karl?”

A mente de Joe entra em órbita. “Espera aí. Se ele tá morto, por que viria atrás do meu dinheiro?”

“Já te falei antes, você não tem ideia do que eles são capazes. Nenhuma ideia! Além de fazer barulho, eles podem mover coisas. Por que não dinheiro? Talvez tudo o que ele quisesse *era* o teu dinheiro. Está na hora de aceitar o fato de que você *vê e fala* com pessoas mortas.”

Joe se lembra do alerta do carteiro dizendo que mandaria um espírito rapace para tirar o dinheiro caso não endossasse o cheque para outra pessoa. “E como você sabe de tudo isso?”, ele pergunta, suando intensamente.

“Porque eu vejo e falo com eles também.”

A língua dele se transforma em pedra.

“Verdade”, ela diz. “Você e eu somos aves da mesma plumagem. Lembra o dia quando te ajudei a pintar e você me pediu se eu já tinha encontrado alguém que falava com os mortos?”

“Lembro.”

“Foi ali que descobri que você também via ou falava com eles.”

“Mas como pode trancar um espírito num caixão?”

“Com muita paciência e a experiência de uma vida inteira. Não se esqueça de que enterrar os mortos é meu negócio. É minha profissão.”

Joe olha para ela, estupefato. “Se você pode fazer isso, por que não pode falar com Eddie diretamente?”

“Eu quero, mas não consigo. Eis a ironia. Alguns você pode somente ver, e outros somente ouvir. Depende do que eles querem.”

Joe inspira profundamente e olha em volta. Até o silêncio ao redor se tornou enervante. Senta-se na tentativa de organizar suas ideias.

“Veja, por exemplo, os espíritos vivendo na minha casa. Você consegue ver e ouvir eles. Raramente consigo ouvir um deles, mas nunca ver.”

Os braços e as pernas de Joe amolecem, e sua cabeça se sente como se um rinoceronte estivesse sentando em cima. “Teu locador é um deles?”

“Aham. Mesmo com toda a minha experiência, não consigo vê-los. Quando me mudei para aquela casa três semanas atrás, a agência imobiliária não me alertou de que havia um casal de fantasmas vivendo ali. Tampouco saberiam. Só me informaram que a casa não havia sido alugada por muito tempo. Quando descobri o problema, eu já havia assinado a locação. Já lidei com toda espécie de fantasmas na minha profissão, mas nenhum tão agressivo e mal-humorado como aquele casal. Extremamente sensíveis ao barulho. E são mais aterrorizantes ainda por terem aprendido a usar armas de fogo. Mas os tiros são aleatórios, porque não conseguem nos ver.”

Joe entende agora. Lembra-se de ter visto o homem duas vezes — uma empunhando um rifle e outra atirando. “Como conseguem mover objetos?”



“Alguns já estiveram vagando por aí por tanto tempo que conseguem desenvolver talentos mentais e físicos.”

“E o que eles querem de ti?”

“Que eu me mude daquela casa. Eles *tiveram* que me deixar naquela sala vazia, porque estou sempre retaliando. Todas as minhas coisas estão do outro lado daquela porta conectada à sala que você treina. Lembra quando saí vestindo roupas diferentes? Aquelas eram as minhas. Tive que fazer um barulho enorme pra me certificar de que não estavam presentes. Você ouviu eles saírem da casa aquele dia, assim tive tempo para mudar de roupa. Hoje, vejo o lado positivo. Ainda tenho um quarto sem mobília.”

“Se eles estão mortos, por que você disse que voltariam às sete da noite?”

“Boa pergunta. Eles criam a rotina de uma vida normal. Isso os faz se sentirem mais reais e pertencentes a este mundo.”

Tudo faz sentido para Joe agora.

“Lembra o dia em que uma caixa entrou voando na sala? Eles sabiam que estávamos lá. Sorte a minha ter você ali, porque consegue ver e ouvir eles. A esposa dele não disse que queria pôr a casa à venda? Todas as mensagens estão direcionadas para me ver fora dali.”

Joe nunca sentiu tanta simpatia por Carolyn. Ele entende agora que estão juntos nisso tudo, e é perfeitamente compreensível que ela esteja pedindo ajuda para se conectar com Eddie. “Eu apenas não consigo entender como um espírito pode querer roubar dinheiro.”

“Do mesmo modo como teu empreiteiro pode pintar aquela casa. Simples assim.”

Joe é todo confusão novamente.

“Poxa, você está devagar hoje. Claro que Handsome está morto também, mas aquele é fácil de avistar e lidar. Ridiculamente óbvio.”

Joe nunca percebeu nada, porque Handsome sempre pareceu tão real. Organizava utensílios de pintura, chutou-o da escada e até saiu correndo com o livro dele. “Espera aí. Eu dei um soco nele e doeu.”

“Não tinha um corpo concreto ali. Apenas ódio acumulado da tua parte.”

Joe é incapaz de entender o que ela quer dizer. “Então explica por que ele tá pintando a casa pra mim?”

“Na noite que tranquei Handsome no caixão”, Carolyn continua, “ele confessou que queria atrair você para dentro da garagem e usar teu corpo em estado vulnerável para poder voltar ao mundo.”

“O quê? Usar meu corpo? Como?”

“Para voltar pro nosso mundo.”

Para Joe, tudo está ficando mais e mais estranho. Pensamentos e perguntas vêm como um enxame de abelhas desordenadas em uma mente já em frangalhos, implorando por espaço e respostas. Somente uma coisa é certa: Karl e Handsome são espíritos errantes, ambos trancados, bem como os das histórias de Belinda.

“Há quanto tempo ele tá morando na garagem?”

“Nem ideia. Provavelmente desde o dia em que morreu. Handsome confessou que tanto ele como Karl estiveram na prisão e que morreram quase no mesmo minuto. Pelo que entendi, Handsome foi apenas dano colateral num tiroteio que ocorreu durante uma fuga na prisão onde Karl tinha morrido. Ele deixa Handsome ficar na garagem como uma espécie de expiação. Aquela garagem deve estar completamente abandonada para ele ocupá-la ainda hoje.”

Joe respira fundo. Novamente se lembra do filme *O sexto sentido*, mais especificamente da parte em que o menino diz ao ator Bruce Willis que “Eles estão por toda a parte.” Mas, desta vez, não em Philadelphia. Estão em Signal Hill, e são bem reais.

A essas alturas, Joe presume que, depois de tudo, o carteiro está morto, uma vez que os mortos conseguem mover coisas e até espremer sua cabeça nas telhas da garagem.

“Como posso pará-lo?”

“Parar quem?”

“Quero dizer, todos eles.”

“Olha, se te faz sentir melhor, hoje você se livrou de um brutal. Te falei outro dia, assim como aconteceu com Handsome, algo em você os liberou. Duvido que um deles ainda mostre a cara naquela casa ou na garagem.”

“Karl morava na garagem também?”

“Talvez. Alguém me falou que tinha uma senhora absurdamente enorme andando por lá também, fingindo que trabalhava para o correio e telégrafos.”

*Minha nossa, aquela mulher também?* Mas a notícia chega com grande alívio. Se aquela mulher está morta, o carteiro também está. Joe se sente grato e em dívida com Carolyn. “Obrigado, Carolyn. Você é um verdadeiro presente na minha vida.”

“Minha sugestão é você nunca mais chegar nem perto da garagem. Agora está na hora de pegarmos o trem de volta. Chega por hoje.”

Em pouco tempo, Joe coloca o carro em marcha e segue para o portão de Homeland. O tremendo alívio de saber que Karl está fora de sua vida faz ele sentir que perdeu mais dez quilos. Olha de relance para Carolyn e sorri. *Uma verdadeira amiga!* Eles compartilham o mesmo fardo, algo como uma praga ou

maldição que lhes dá um vínculo sólido que nem Karl ou Handsome podem quebrar.

Assim que Nuvem desliza pelo portão de Homeland, Joe procura por Elijah. Não há sinal dele no escritório. “Tenho que te mostrar uma coisa”, Joe diz ao sair dos portões. Sem mais explicação, dirige as milhas que o levam até a casa de Janet. Chegando lá, ele desliga o motor e se vira para Carolyn. “Como você distingue os vivos dos mortos?”

“Isso é algo que todos temos que aprender. Para começo de conversa, eles mudam de ideia rapidamente.”

*Janet mudou de ideia a respeito de Bernard.* “O que mais?”

“Eles aparecem e desaparecem subitamente. Se precisam de algo de você, nunca vão dizer que estão mortos. Só querem nossa ajuda e não têm nada para oferecer em troca. Eles tendem a morar em casas vazias ou lugares há muito desocupados. Um dia você vai saber quem é quem.”

Uma BMW preta estaciona na frente da casa, e Janet sai dela usando os mesmos óculos escuros de sempre. Está um claro dia de sol, no entanto ela está envolvida numa capa de chuva preta que vai até seus joelhos. Ela abre um guarda-chuva para se proteger durante os poucos passos que a levam até a porta de entrada. Quando vê Joe e Carolyn sentados na Nuvem, fica paralisada.

“Janet, sou eu”, Joe chama do carro fúnebre. Ela corre até a porta, procurando freneticamente pelas chaves. Parece ter dificuldade em destrancar a porta, mas por fim consegue abri-la e desaparece lá dentro.

Joe vai até lá e dá umas batidas. “Janet, por favor, abra a porta.”

“Você prometeu trazer Bernard, não uma mulher estranha.”

“É minha amiga, Carolyn. Ela não é estranha, não. Pode abrir.”

Ele espera por uma resposta, mas tudo fica em silêncio. “Janet, consegue me ouvir?” Joe está prestes a pressionar o ouvido na porta quando um estrondo o impele para trás. Um machado acaba de romper a madeira da porta ao nível dos olhos. O machado rapidamente retrocede, mas a porta é golpeada novamente com mais força ainda. Uma lasca de madeira se desprende, quase acertando os olhos de Joe. Ele corre até Nuvem e encontra Carolyn rindo histericamente. Joe se tranca e rapidamente fecha as janelas.

“Gente, essa viagem está ficando muito divertida”, Carolyn diz.

“Pois bem, aquela é minha cunhada”, Joe diz a título de explicação, mas abalado. “Eu te trouxe aqui por uma razão somente. Agora me diga honestamente, ela está morta ou não?”

“Não, seu bobinho. Para de se obcecar com esse negócio de falar com os mortos. Não tem nada de extraordinário nisso.”

“Então, você tá dizendo que ela tá viva?”

“E bem vivinha. Ela é apenas um tipo psicótico capaz de oscilar de um extremo a outro em segundos, sempre pronta para quebrar coisas ou matar alguém. Precisa de prova? Olha aquela porta.” Carolyn se acomoda de volta no assento, e com um pequeno sinal de mão sugere que ele comece a dirigir até a Ventura Highway e dali até a calma Signal Hill.

“Apenas uma pergunta”, ele diz. “Por que escolheu Camarillo quando poderia ter jogado o caixão em qualquer canto de Long Beach?”

“Eu sempre quis conhecer tua família.”

*Típico.* Em sua mente, ele recria cada instante que passou com Handsome e Karl. Fica perplexo de saber o quão real eles pareciam.

“Se você ainda está se questionando sobre a diferença”, ela diz despreocupadamente, “os mortos não conseguem sentir cheiro e não têm sentimentos. Por exemplo, te garanto que você não consegue sentir o odor do teu corpo. É terrível!”

Ele dá uma risada forçada. “Que tal você? Ontem à noite desistiu do meu programa de perder peso, e esta manhã mudou de ideia.” Joe a olha de relance, e ela está olhando para ele com um riso falso.

“Oh, esqueci de um detalhe. Alguns deles dirigem carros fúnebres”, ela adiciona. Fica em silêncio e em seguida explode numa gargalhada.

É a segunda vez que ele sente vontade de dar um abraço nela, mas fica na dele. Quando chegam em Signal Hill, ela o adverte para não voltar à casa de Karl.

“E você precisa se livrar daquele caixão. Nunca ouse entrar nele sem eu estar por perto.”

“Por que não?”

“Falamos sobre isso quando eu voltar do Brasil.” Ela salta fora da Nuvem e se apressa até o portão.

Joe entra de ré pelo caminho até a garagem para carregar o caixão. Somente quando sai da Nuvem se dá conta de que a garagem foi inteiramente pintada. Tudo foi reparado e pintado com perfeição num tempo que ele levaria dias. Verifica o trabalho mais de perto. Lembrando-se da severa advertência de Carolyn sobre a garagem, nem ousa tocar a tinta. Assim como tudo que foi feito anteriormente, o acabamento é deslumbrante. Mais espantoso ainda é o fato de um espírito desenvolver um talento tão magnífico. *Por que ele tá fazendo isso pra mim?*

O caixão fica molhado e pesado demais para ser movido.

\*\*\*

Elysian está adormecido. Um véu de neblina desce sobre o cemitério, dando a ele uma atmosfera sinistra. Ao escovar seus dentes no chafariz, Joe ouve um farfalhar seco e um sussurro à sua esquerda. Fica atento. Em seguida ouve o som de um murmúrio contido. Enxágua sua boca e fica quieto por um momento. O som abafado de um soluço chega até ele, mas não sabe de onde e tampouco enxerga alguém em volta. Quando os soluços se tornam um gemido de alguma alma atormentada, ele se apressa para a proteção de Nuvem. Espera quieto por um longo tempo. Trancado seguramente no carro, olha-se no espelho retrovisor. Claramente, não é mais o costureiro Joe De Angeles. Acredita que se parece mais com um outro alguém qualquer, por dentro e por fora. E agora é oficial... ele fala com os mortos, enxerga-os e ouve seus gemidos. Está em contato com espíritos que movem objetos, roubam dinheiro e pintam casas. Todos querem algo dele, mas tudo o que fizeram foi distraí-lo daquilo que o livro quer que se concentre mais: achar algo pelo qual valha a pena viver, um propósito.

O menino de olhos puros e transparentes que se inclinou sobre o caixão ainda está vivo dentro dele e guarda um segredo. Sabe de um propósito. Joe ainda consegue ouvir sua voz fina e inocente implorando que ele troque de nome. Num instante, Joe retira o livro e escreve uma nova decisão final: *Se eu sobreviver no fim do mês, vou mudar meu nome para Edward De Angeles.*

# Dia 23

---

## UMA PASSAGEM PARA O OUTRO MUNDO

No meio da manhã, sob um sol brilhante de abril na Califórnia, o caixão ainda está inclinado verticalmente contra a garagem, secando. Joe bate na madeira, sólida como pedra. Percebe como agora ele parece enorme após sua drástica perda de peso. Três dias atrás, tinha dificuldade até de mover seus braços ali dentro.

Desatento à advertência de Carolyn, pisa no interior do caixão para ter uma ideia melhor do seu novo corpo físico. Nota que é espaçoso e acolhedor, e imediatamente percebe uma mudança de luz e som, como se a tampa estivesse selada. O alto zunido das oleiras fica reduzido a um calmo e hipnótico murmúrio — um silêncio semelhante à sala de treino de Carolyn. A luz do dia praticamente se transformou em noite. Ele pisa fora do caixão. Brilho do sol e barulho da rua imediatamente retornam ao normal. Mas é o mesmo que Andy, da Home Perpetual, lhe vendeu.

Entra nele novamente e bate de leve em lugares diferentes, cativado pelo som que ressoa da madeira — não o esperado som oco, mas um tinido encantador, como delicados carrilhões. Tocando na cabeceira e nos lados, fica extasiado com as diferentes vibrações melódicas. Mas quando começa a se sentir confortável demais ali dentro, salta para fora, não querendo passar mais dois dias no deserto.

*Isso é loucura! Como posso me sentir tão bem ali dentro?*

Joe está a ponto de carregar a caixa pesada até Nuvem, mas se sente atraído para passar mais um instante no seu interior. De novo, tudo se torna escuro, sereno e silencioso. Ali, tudo o faz lembrar da perfeita calma e tranquilidade de Homeland ou Elysian. “O que é isso?” se pergunta, mal ouvindo a própria voz. Joe continua tocando a madeira aquecida pelo calor do sol em vários lugares. Aos poucos, se dá conta de que esse duro pedaço de madeira tem o poder de dar a ele um estado de espírito diferente — um lugar onde ele se sente completamente diferente, distante do mundo. O que é mais paradoxal é o fato de não se sentir confinado. Na verdade, sente-se curiosamente livre. Está rapidamente desenvolvendo um carinho por esse ataúde do qual é dono agora. Sente-se tão à vontade dentro dele que poderia facilmente ficar ali a manhã inteira e até dormir de pé. Joe se entrega à sensação que o invade.

Sem demora, encontra-se nos fundos da velha casa em Camarillo, uma muito diferente da que Janet vive hoje. Tampouco é alguma memória foto-

gráfica do passado que lhe vem à mente. Ele está de pé no pátio dos fundos, revivendo cada aspecto e detalhe do lugar. Está ciente de que foi transportado para o passado e, ao mesmo tempo, de que ainda está parado dentro do caixão.

À sua esquerda, enxerga o verde desbotado da janela de seu velho quarto, e à sua direita, ao longo da cerca, as hortênsias azuis de sua mãe. Sob seus pés, a grama suave e verde com seu cheiro doce e revigorante. Acima, um céu azul vívido. A confortável simplicidade de sua infância retornou, juntamente com o olfato, recentemente perdido. Joe se agarra com afínco a cada fragmento de som, cheiro e cor ao seu redor. Tudo em volta está extraordinariamente nítido. Apesar da emoção de reviver uma experiência do passado, num canto de sua mente tem um mau pressentimento. Carolyn tinha razão. Existe algo sinistro a respeito do caixão, um poder oculto sobre o qual não tem controle, uma vez que não consegue e não quer interromper o encanto dessa experiência.

Enquanto explora seu velho quintal, Joe acaba diante da majestosa árvore de carvalho que sustentava sua casinha. Hoje, a árvore voltou a ter vida e seu esplendor quase tira seu fôlego. Os galhos superiores balançam levemente com a brisa enquanto os inferiores amparam seu castelo de infância — o castelo onde ele era rei. E da sua fortaleza celestial vem a descontraída risada de um menino. Atraído pelo som, Joe caminha até a escada de corda e puxa-a com força para ver se ela consegue sustentar seu peso. Começa a subi-la, degrau por degrau. Quando alcança o topo, escancara a porta-alçapão, dobradiças rangendo como nos velhos tempos. Ele estica a cabeça pela brecha e enxerga um homem estirado no chão.

É seu pai.

Joe não consegue tirar os olhos do homem a alguns passos dali. Há uma garrafa de Jim Beam quase vazia ao seu lado, junto a uma pilha de livros. Joe tinha esquecido completamente deles e dos confrontos sem fim com a biblioteca pública. Está mesmerizado com os traços ásperos e cabelos grisalhos de seu pai, além da testa com rugas e mãos calosas, testemunhas de anos de trabalho duro. Aos poucos, a esquecida memória de passar o tempo sossegado ali começa a emergir. Nesse momento, o corpo de seu pai estremece, despertando de um profundo torpor, ofegante por ar. Joe desce dois degraus para evitar ser visto.

“Pai, cê tá bem?”, Joe ouve uma voz e reconhece que é a sua. Quer ver o rosto do menino, mas deve estar sentado com as costas contra parede lendo um gibi do Capitão América, e, como sempre, preocupado com o pai.

“Agora estou bem, Zezinho. Foi apenas o sonho mais bizarro que já tive.” Aos poucos o homem se estabiliza e se reclina contra a parede. Ele pega a garrafa do *bourbon* e fixa o olhar nela por um instante, horrorizado. “No pesadelo, eu estava preso dentro dessa garrafa. Alguém fechou o topo dela, e comecei a

sufocar. Era uma morte longa e agonizante, mas, antes do meu último suspiro, vi teu rosto na forma de um homem adulto.”

“Não se preocupe, pai. Foi só um sonho mau.”

“Tem razão... aterrador o suficiente para nunca mais pôr a mão numa garrafa.”

“O que você quer dizer, pai?”

“Filho, minha decisão é final.” Seu pai põe a garrafa no chão, mete a mão no bolso e tira um pequeno livrinho com capa de couro — igual àquele que Eddie havia dado a Joe. Pega uma caneta, abre o livro e começa a escrever. Retorna o livro ao bolso, retoma a garrafa e arremessa-a com toda a força pela porta, bem na direção da cabeça de Joe, que se esquivava e se debate para sumir escada abaixo, mas tudo o que realmente faz é sacudir seu corpo o suficiente para se lançar para fora do caixão encostado na garagem. Agora é ele quem está ofegante por ar. A transição abrupta de uma antiga memória até o momento presente é tão traumática que fica lutando por oxigênio por um longo tempo.

*Minha nossa, eu parei de respirar de novo!*

Tudo tinha chegado a uma paralização total — as bombas de óleo, o pulmão e o coração. Somente quando sua respiração volta ao normal, percebe que tudo em volta está completamente escuro. O que parecia alguns minutos revivendo o passado lhe consumiu um dia inteiro. Inspecciona o caixão de madeira, procurando por algum sinal físico ou qualquer coisa que explique o que acabou de acontecer. Não encontra nada, mas o cérebro exige uma explicação lógica. Como poderia um caixão de defunto se tornar uma máquina do tempo — uma que traz de volta memórias esquecidas e, ao mesmo tempo, devora o pouco tempo precioso que ainda lhe resta?

Hoje o preço foi um dia inteiro.

Joe consegue arrastar o maciço caixão até Nuvem, mas precisa parar duas vezes para recuperar o fôlego. Parece tão pesado como se ele mesmo estivesse deitado dentro. Também percebe que o novo par de jeans que Carolyn lhe deu dois dias atrás está escorregando pelos quadris. Fica óbvio que perdeu mais peso, embora não tenha derramado um pinga de suor.

Primeiro, estava encantado com a confortável Nuvem. Agora, está fascinado com um ataúde.

Para eliminar qualquer dúvida sobre seu peso, Joe passa na Our Daily Drug. A balança mostra um número impossível. Não é por nada que suas calças estavam caindo tantas vezes. Perdeu sete quilos numa tacada e sem uma gota de suor. *Então o segredo está no caixão!* Agora ele tem certeza de que descobriu o Santo Gral para perda de peso. *Apenas quinze pela frente!* Acredita agora que esse método poderia também acabar com o sofrimento da Sra. Whalen. Olha-



se no espelho ao lado da balança e sorri para a versão mais jovem e esbelta de Joseph Edward de Angeles. Saindo da farmácia, se pergunta se os mortos, com tanto tempo pela frente, podem voltar no tempo e reviver memórias passadas.

*Talvez por isso o Warlow na Home Perpetual estava sesteando no caixão. São verdadeiras máquinas do tempo!*

\*\*\*

Bloco após bloco, a mudança do mundo ordinário de Signal Hill para o mundo magnífico de Elysian não é diferente do que aconteceu hoje. É um cruzar de passado para presente e vice-versa. Mas a premente necessidade de explicação lógica vai diminuindo a cada quadra que se aproxima de Elysian.

Assim que entra no cemitério, vê que os portões estão escancarados. E não demora muito para avistar Belinda ao longe, perto do túmulo onde tinha visto Henry outra noite. Ambos se encontram a meio caminho. Joe mal consegue se manter calmo, entusiasmado para ver a reação dela ao seu novo corpo, mas tudo o que ela diz é “Estava te esperando pra contar outra história”.

Nem mesmo uma pequena observação ou um sorriso, quando Joe esperava um caloroso “Você mudou tanto!” Tudo o que ela faz é envolver seu braço na cintura dele e escoltá-lo ao lado mais escuro do cemitério. Fisicamente, ele não poderia estar mais próximo a ela, mas por algum motivo a distância emocional entre os dois parece ser maior do que Elysian. No entanto, junto ao silêncio e à proximidade, Joe sente um ligeiro toque de perfume — a simples fragrância de um cravo.

*Agora tenho certeza de que é o perfume dela!*

Ambos chegam a uma área de Elysian com uma luz tênue alaranjada. Passam por uma estrutura ornamentada, uma espécie de capela há muito tempo esquecida. É tão alta quanto um dos pés de magnólia ressequidos, e tem um vitral colorido com o desenho de um santo debruçado sobre um cajado. Logo atrás da capela, Joe se espanta ao ver um cenário completamente inesperado à sua frente. Há um cobertor branco estendido sobre a grama com vários itens arranjados de forma elegante. Numa ponta tem um prato branco e talheres de prata. Ao lado, uma tigela ornamentada fumegando. No centro, um vaso abarrotado de cravos brancos. *Então não era o perfume dela.* E ainda, para dar um toque final mais romântico, uma vela acesa. Com todos os itens brancos em volta da escuridão do lugar, a atmosfera parece mais uma cerimônia para um culto macabro.

“Um piquenique num cemitério?”

“Um ambiente especial para uma história especial”, ela responde.

“Você quer dizer outra história sobre algum infeliz trancado nas trevas?”

Belinda acena com a cabeça indulgentemente e sorri. “Uma mulher, na verdade.”

“Uma vez que os portões estão abertos, assumo que Ernest não está por aqui.”

“Ele está fora por alguns dias.” Ela faz um gesto para Joe se sentar em frente ao prato vazio e logo se junta a ele. “Desse ângulo ainda consigo enxergar os portões caso alguém apareça.”

“Por que alguém viria ao cemitério a esta hora?”

Ela move os ombros levemente e diz: “Isso é como perguntar o que você está fazendo aqui a esta hora.”

Por um momento Joe fica sem palavras. A vasta escuridão logo atrás de si o incomoda. “Pois bem, tô aqui porque não tenho um lugar onde cair morto. Meu patrão morreu e fiquei sem emprego. Depois, meu carro quebrou justo do outro lado daquela cerca. O resto você já sabe.”

Calmamente, Belinda remove a tampa da tigela, toma o prato dele e serve o que parece ser um risoto salpicado com salsicha. Joe tenta cheirar, mas não consegue identificar. Experimenta um pouco, e sua boca leva-o a um mundo que nunca havia adentrado. A comida é celestial. Tudo a respeito de Belinda o faz feliz neste momento. Mesmo assim, não consegue deixar de olhar para aquela maciça parede escura atrás de si.

“Fique tranquilo, Joseph. A mulher da minha história não está perambulando naquela escuridão.”

Um tanto tranquilizado, ele retorna ao requintado risoto. “Que é isso?”, pergunta, elevando seu garfo. “Não vai comer também?”

“Eu fiz isso especialmente para você.” Belinda cobre a tigela. “Vamos para a minha história. É sobre uma mulher de Newport Beach, logo ao sul de onde estamos agora. Ela viveu ali seus últimos cinquenta anos, e seu nome era Eileen. Ela completou setenta e cinco anos segunda-feira passada, o dia em que morreu. Naquele dia, ela foi ver um especialista em Beverly Hills para uma pequena cirurgia plástica. No caminho de volta, sofreu um acidente na Freeway 405 perto de Signal Hill. Três carros colidiram, e tudo o que ela ouviu foi o som de metal esmagando metal. O chofer de Eileen, Carter, que estava sem ferimentos, olhou para trás para ver se ela estava bem. Eileen estava sentada no Cadillac Escalade, o lado esquerdo do rosto inteiramente coberto de sangue, uma cena de filme de terror. Carter não podia entender por que ela estava sangrando tanto, uma vez que o tráfego estava lento no instante da colisão.” Belinda olha na direção dos portões, depois continua. “O chofer disse a ela que estavam em Long Beach, que era para ela permanecer calma e que tudo iria ficar bem. Mas Eileen gritou ‘não’ e exigiu ser levada para casa imediatamente. ‘Eu me recuso a ficar um só minuto

nesta bosta de código postal', ela gritou. Carter falou a ela que precisavam esperar os paramédicos chegarem, mas Eileen não quis ouvir. 'Dirija, Carter!', ela gritou com olhos repletos de horror. 'Me leve pra fora desse cu de mundo agora!' foram suas últimas palavras antes de desfalecer no assento e morrer." Belinda interrompe sua história e fica em silêncio.

"E então...", Joe diz, raspando os restos de comida do prato, "o que aconteceu?"

"A história segue", ela continua. "O corpo dela se debateu para permanecer vivo, recusando-se a morrer no lugar que ela chamava de 'bosta de código postal', mas foi ali que ela morreu, e é por isso que está trancada agora. Essa foi a história de hoje."

"Mas a família dela não ia a enterrar na própria cidade dela?"

"Eles enterraram. Mas a questão é que ela se recusou a morrer aqui, e é aqui que ela está trancada."

Joe se sente apreensivo. Acredita estar ouvindo o som de um tique-taque de sapatos de salto alto num piso de mármore, misturados com o choro de uma mulher.

"Você ouviu algo?", Belinda pergunta.

"Pensei que sim. Quando você diz *aqui*, quer dizer que ela está ali fora?", ele pergunta, virando-se para trás.

"A mulher da qual falo não está se escondendo ali. Ela foi vista vagueando por Elysian perto do seu carro, procurando ajuda." Belinda serve mais risoto no prato de Joe, uma porção menor desta vez. "O primeiro erro da mulher foi pensar que era imortal, que tinha tempo, como todos nós pensamos. Ela não esperava uma visita da morte fora de sua cidade, e pensava que a morte teria uma hora mais adequada, um plano mais conveniente para os ricos, uma vez que residia num bairro exclusivo. O orgulho dela simplesmente não a permitia morrer neste código postal. Ela não quis se humilhar, então a morte a pôs de joelhos e quebrou seu espírito."

Joe detecta um tom de tristeza na voz de Belinda. Ele se dá conta de que isso acontece toda vez que ela conta uma história. O rosto dela fica tenso e seus olhos distantes, olhando para além dos portões de Elysian. O sorriso sereno que ela sempre teve para ele dissipou-se, e hoje ela parece uma mulher inteiramente diferente.

"Acho que não entendi. Com o que ela está trancada?"

"Com a imagem que criou de si mesma, mas não é o caso agora. Ela ainda está esperando o chofer dela aparecer para levá-la para casa. Mas não existe mais casa."

Joe ainda não entende bem o que ela quer dizer. “Todos os trancados querem voltar pra casa?”, pergunta, pensando em Karl e Handsome.

“É mais correto dizer que todos precisam aprender sobre desapego. Por exemplo, me disseram que meu avô estava preso num cemitério ao norte daqui porque não consegue aceitar que a mulher dele foi sepultada num cemitério diferente. A mulher de Newport Beach é outro exemplo de alguém que se agarra a uma ideia e não consegue desapegar. A morte tem algo a ensiná-los.”

As palavras de Belinda o levam direto ao carteiro. “Você disse que a morte tem algo a ensinar?”

“Sim. Ela nos ensina verdadeiras lições para a vida. Uma delas é a ilusão de que a morte nunca vai chegar. Todos nós nos iludimos com isso. Esse é um dos motivos pelo qual muitos ficam trancados. São pegos de surpresa e resistem.” Belinda se inclina em sua direção e olha diretamente para ele. “Falando em trancados, eu sei que você anda falando com alguns deles.”

Joe para com o garfo a caminho da boca. “O que você disse?”, pergunta, engolindo em seco e colocando o prato no cobertor.

“Outro dia vi você num túmulo falando com alguém que eu não conseguia ver.”

Joe sente-se exposto e dá um profundo suspiro. “Você também fala com eles?”

Ela hesita por um momento e nega com a cabeça. “Não falo e nem os vejo, Joseph. Mas como este é um lugar silencioso, ouvi tua voz dizendo ‘eu te levo pra casa’ quando não havia ninguém ali.”

“Admito que encontrei vários deles, mas não aqui em Elysian. O menino com quem falei outro dia está vivo. Eu tinha intenção de falar com você a respeito dele. Ele sai de casa às escondidas pra visitar o túmulo da mãe, e disse que o pai não quer trazê-lo aqui.”

“Um menino? Como sabe que ele veio ver a mãe dele?”, ela pergunta, movendo-se mais perto dele e gentilmente colocando a mão no seu braço. O rosto dela nunca esteve tão próximo ao dele. Ele sente o hálito dela e seus olhos parecem acetinados.

“Ele me disse que tem muita saudades da mãe, por isso escapa pela janela do quarto e vem aqui à noite. Seu nome é Henry, e eu me ofereci para levá-lo pra casa, mas se amedrontou e fugiu.”

Os olhos de Belinda contêm um brilho estranho. Parecem tristes e vazios, como poços profundos que a qualquer momento poderiam transbordar de lágrimas. “Aquele menino está morto, Joseph.”

Sem demora, a mente de Joe é remetida ao menino do filme *O sexto sentido*, mas dessa vez é o menino de Long Beach quem está morto.

“Então você quer dizer que o menino está morto e não a mãe dele?”

Ela acena com a cabeça. “Ele está enterrado aqui. O pobrezinho provavelmente foge para casa para ver sua mãe. Bem como a mulher na história de hoje, não sabem que estão mortos. E, por favor, nunca diga a ele que está. Agora você entende melhor o tipo de trabalho que faço aqui.” Ela estende as mãos frias e envolve-as no rosto dele. Ele vê e sente a súplica nos olhos dela. “Quando ver ele de novo, diga que a mãe dele está bem.”

“Tenho certeza de que vai fugir novamente.”

“Se ele correr, apenas diga que *Flor de Azevinha* tem muita saudade dele. Ele vai esperar e te ouvir. Ou diga para ele que a mãe se esqueceu de como as ostras produzem pérolas.”

“Flor de Azevinha? Como conhece ele tão bem?”

“Sou amiga íntima da mãe dele. Ele era muito inteligente e adorava livros e beisebol.”

Joe tem vontade de abraçar Belinda, mas tudo a respeito dela é diferente demais hoje. Se não fosse pela aflição expressa em seus olhos e rosto, poderia pensar que ela não era real.

“Se Henry está trancado, então está trancado com o quê?”

“Talvez você possa descobrir e ajudá-lo. Você veio a este lugar como uma benção. Um verdadeiro presente para a mãe dele.”

“Por que você acha que esses trancados todos começaram a entrar na minha vida?”

“Para pedir ajuda. Uma vez que descubrem que você pode vê-los ou falar com eles, procuram sua ajuda.”

Pela primeira vez Joe consegue ver o lado positivo de falar com os mortos. E ajudar Belinda lhe dá um senso de propósito.

“Você tem um dom, Joseph. Pode ajudar Henry e finalmente trazer paz para ele. Se ele corre para casa é porque quer se reconectar com sua mãe. Apenas pergunte o que ele precisa dela.” Belinda se vira repentinamente em outra direção e se levanta. “Temos que encerrar o nosso piquenique agora.”

“Algum problema?”

“Tem uma família inteira buscando um lugar para ficar.”

Joe vê quatro pessoas — um casal e duas crianças esperando bem na entrada dos portões abertos de Elysian.

“Deixe tudo ali no chão”, ela diz. “Cuido disso mais tarde.”

Joe queria falar sobre os outros mortos, mas Belinda se apressa na direção dos portões. Ele entende que, além de zeladora, ela também se envolve ajudando os pobres. *Mas a essa hora? Quem é aquela gente?* Ele se inclina para frente e enfia seu nariz no vaso repleto de cravos. Não há sinal algum de qualquer aroma. *Era o perfume dela!*

\*\*\*

Com cautela, Joe vai até o chafariz para escovar os dentes, pensando na mulher da história de Belinda, que foi vista perto de Nuvem. E também Henry. *Talvez todos eles estejam perambulando aqui como eu, perdidos e procurando um lugar para descansar em paz.*

De volta ao conforto de Nuvem, Joe se olha no espelho retrovisor, tentando ver o que Belinda não conseguiu. Não mencionou uma palavra sequer sobre seu novo corpo físico, nem mesmo um sorriso em seus lábios.

Joe retira o livro e o compara com aquele que viu nas mãos de seu pai. Parecem iguais. Fica difícil imaginar que o homem grisalho, curvado no chão e envelhecido pelas provações da vida poderia ter escrito essas linhas no livro — palavras normalmente escritas por homens de barba com diplomas universitários. Mas ele viu seu pai anotando uma decisão final, a mesma que ele mesmo fez duas semanas atrás. Joe abre o livro e, sem mais qualquer pensamento, escreve sua decisão final de hoje: *Vou ajudar Henry a encontrar paz de espírito.*

Começa a ler o próximo capítulo, intitulado “Silêncio”.

## SILÊNCIO

---

Caro filho,

Barulho e distração moveram os humanos anos-luz longe do silêncio. Somente em momentos de silêncio você vai encontrar paz interior. Esse silêncio se encontra no interior e é alcançado através do controle sobre o incessante pensar — nunca no mundo exterior.

Silêncio carrega em si um paradoxo no sentido de que a mente que produz pensamentos erráticos sem fim é a mesma que precisa ser treinada e silenciada. A prática de silêncio é nada mais que o aquietar da mente.

Joseph, uma vez que alcançar aquele lugar quieto e invisível que chamamos de paz interior, você ouvirá uma voz interior — tua verdadeira voz. Ali encontrará conhecimento e sabedoria. Naquele silêncio, não existe tempo — somente você, aqui e agora. Naquele lugar escuro onde reina perfeita quietude e o nada, você descobrirá que o silêncio nos ensina muito mais do que o barulho. Nos ensina quem realmente somos.

Joe reconhece que vive num mundo governado por barulho e distração. Ele está num cemitério silencioso, dentro de um veículo à prova de som, mas não existe silêncio em sua cabeça. Agora, silêncio absoluto está localizado logo atrás dele, dentro de um caixão retangular de madeira. Ele resiste à tentação de dormir nele, uma tentação que cresce a cada segundo. Ele quer ver aquele menino novamente. Tem certeza de que o menino da casinha na árvore sabe de algo extremamente importante — algo que ele esqueceu muito tempo atrás.

# Dia 24

---

## QUÃO REAL É O CARTEIRO?

Assim que Joe vira a esquina da Hillside Drive, enxerga uma mulher na frente da casa de Carolyn com uma marreta e uma placa de *Vende-se*. Ele estaciona Nuvem a certa distância e observa a esposa do intruso. Ela é bem mais jovem do que ele imaginava, talvez nos seus trinta anos, e não há nada assombroso na sua aparência. Para um fantasma, aparenta ser ágil e estar bem viva. Ela está para fixar a placa no solo quando uma força violenta e ensurdecedora empurra Nuvem para a frente, jogando a cabeça de Joe para trás. Antes mesmo de virar-se para ver o que o golpeou, é surpreendido pela segunda vez. Do espelho retrovisor, vê o veículo do carteiro colidindo com Nuvem uma terceira vez, empurrando-a morro acima com um forte rangido de metal. Confuso com o inesperado ataque, vira a chave da ignição para uma fuga rápida.

“Joeeeey”, Carolyn grita de longe. Ele estica a cabeça pela janela e a vê correndo em seu socorro. “Salta para fora já!”

Joe tateia a maçaneta da porta e se joga no duro asfalto da rua. Mas o carteiro já deu ré, agora acelerando o veículo para fazer a sua própria fuga. Carolyn salta dentro da Nuvem e sai rasgando atrás do carteiro. Joe ainda consegue enxergar a porta traseira e o para-choque do veículo seriamente danificado.

“Mata aquele filha da mãe!”, Joe grita com toda a voz, dentes rangendo. “Mata ele!”

Ambos os veículos somem morro acima, e a mulher com a placa de *Vende-se* também desapareceu. Somente agora Joe começa a tremer, preocupado com seu livro e o possível estrago feito no seu caixão. Espera na calçada com crescente apreensão. Nenhum sinal de Carolyn. Muito tempo passa antes de ver Nuvem dobrando a esquina na direção oposta. Ela estaciona e sai.

“Ele é um dos mortos ou não?”

“Ele simplesmente sumiu”, ela diz dirigindo-se para a traseira de Nuvem, parecendo exausta. “O cara desapareceu em pleno ar.” Ela desliza a mão sobre a parte do metal mais atingida, como se a acariciasse.

Joe abre a porta do passageiro, embolsa seu livro e se arrasta para trás através da partição de vidro. O caixão parece estar intacto.

“Nuvem vai para tratamento. Volte aqui pelas sete para apanhá-la.”

“E como fica o meu caixão?”

“O que tem ele?”



“Posso ficar com ele aqui?”

“Onde?”

“Na casa.”

Carolyn se levanta e olha para ele com severidade. “Quantas vezes preciso te dizer que nada é seguro naquela casa e que nada é estável com aquele caixão? Tá me ouvindo? *Nada!*” Ao invés de pegar na direção, Carolyn vai até a placa de *Vende-se*, arranca-a do solo, dá uma girada como um lançador em Olimpíadas e arremessa-a direto na bomba de óleo mais próxima. Um sonoro estrondo vem do motor, enquanto um bando de corvos levanta voo.

“Sabe, às vezes não entendo você.”

“O que foi agora?”, ela pergunta, virando-se para ele.

“Você troca de ideia toda hora. Dias atrás, queria que os intrusos desaparecessem da casa. Agora, joga fora a placa de venda. Um dia, me tranca naquele caixão, agora diz que nada é seguro perto dele. Um dia me deseja boa sorte com minha perda de peso, no próximo muda de ideia novamente.”

Carolyn estreita seus olhos. “Aonde quer chegar?”

“Foi você quem disse que os mortos mudam de ideia e sentimentos rapidamente. Como vou saber que você não é um deles?”

“Ah! Acho que só tem uma forma de responder tua pergunta.” Ela o agarra pelo braço e o leva até o lugar onde estava a placa cravada. Sente a mão dela firme, morna e real. “Está vendo aquela planta ali?”, ela pergunta, apontando para a cerca. Joe não sabe se ela está se referindo ao pé de cerejeira ou a um cacto espinhento ao lado, mas, antes de ter tempo para perguntar, já está abraçando o cacto. Dúzias de pequenos espinhos penetram sua barriga e braços. Ele quer gritar, mas cerra os dentes e silencia.

“Agora me diz, sou real o suficiente? Escuta, Joseph, estou aqui para te proteger deles, assim sendo, pare de fazer perguntas idiotas. Hoje às sete da noite venha pegar Nuvem, se ainda quiser dirigi-la.”

Cautelosamente, Joe recua do cacto enquanto Carolyn já está dirigindo morro acima. Um por um, ele extrai os espinhos. A pele queima, e pequenos pontos de sangue marcam a camiseta.

Sem carro, sem caixão, sem casa.

\*\*\*

Perambulando pelas ruas de Signal Hill como um zumbi andarilho e sentindo-se como um homem condenado à morte, Joe vai até a Spirits, mas encontra a loja de conveniência fechada. Não longe dali, Home Perpetual e Our Daily Drug também estão fechadas. Sem algum outro lugar para ir, acaba na frente do condomínio de Eddie. Sobe as escadas que levam ao apartamento de Darksy.

Espreitando através da janela, vê que o lugar está vazio, como se aquele ogro nunca tivesse morado ali.

“Darksy se foi pra sempre”, Helena diz despreocupadamente, da porta de entrada de Eddie. Ela joga um pequeno objeto que cai perto dos pés de Joe. “Tá aí o que você tanto queria.”

Joe ignora o maço de Marlboros e mantém seus olhos fixos nela.

“Não consigo fazer nada com teu bilhete, Joe”, ela diz.

Joe apanha o pacote e retira o bilhete de loteria debaixo do celofane. Checa os números e a data.

“Serve como pagamento de entrada”, ela diz. “Tudo o que quero em retorno é uma só coisa.”

Ele olha para o bilhete novamente, tempo suficiente para ter sentimentos ambíguos.

“Preciso de uma conexão com Eddie.”

*Já tá parecendo a Carolyn.* “O que faz você pensar que posso me conectar com Eddie?”

“Não inventa frescura, Joseph. Eu ouço as fofocas. Sei que você falou com o gato psicótico do meu marido. Tentei todos os cartomantes estúpidos de Long Beach e nenhum consegue achar o espírito de Eddie.”

Joe desliza o bilhete debaixo do celofane e joga o maço de volta até a sacada de Eddie. “Em primeiro lugar, o gato pertence a Darksy. Segundo, O.B. já me disse que o bilhete não é válido.”

“O.B. tá certo. O bilhete não vale pra ninguém porque tem uma assinatura no verso. Dá uma olhada”, ela diz, jogando o maço de volta. “Tem a tua assinatura.”

Joe o examina, e de fato há a sua assinatura, mas tem absoluta certeza de que não foi ele quem assinou.

“Pensei que o roubando de você eu ganharia a atenção de Eddie, mas o bastardo não tá reagindo. Tudo o que quero é uma conexão. Use o bilhete como entrada. Mais tarde, te passo o local do corpo dele.”

“O que você quer dele?”

“Eu só quero ver ou falar com ele. Uma visitinha, digamos.”

“E se ele não quiser te ver?”

“Por você ele faz qualquer coisa”, ela diz com convicção. “Apenas uma pequena conexão.”

“E por que não usa o gato de Darksy?”

“Tô achando que você tá meio mal-informado, Joseph. Não viu as notícias ultimamente?”

“Por quê?”

“Darksy tá morto. E, antes de morrer, deu cabo no Carlos naquela sala logo atrás de você.”

“O quê? Quando?”

“A autópsia diz que Carlos morreu com seu traseiro em chamas — quase literalmente. Darksy encurralou ele no apartamento e enfiou uma porção de pimenta Trinidad Moruga no rabo dele. De acordo com o relatório da polícia, ambos morreram quase ao mesmo tempo. Um dos policiais calcula que Carlos estava morrendo, mas conseguiu rasgar o estômago de Draksy com os dentes e arrancar as tripas dele fora.”

Joe sabe que não pode acreditar nessa mulher, mas se lembra bem do que Janet viu naquela noite quando a consultou: pimenta e uma poça de sangue.

“Você é minha última esperança, Joseph. Apenas uma conexão, e nossa ligação encerra aqui.”

Só então fica claro para ele que Helena deve ser um deles. Sua cabeça começa a bobinar. De acordo com Carolyn, os espíritos errantes mudam de ideia rapidamente, aparecem e desaparecem rapidamente, nunca dizem que estão mortos e não têm nada a oferecer em troca para o que precisam. Contudo, nesse caso, Helena está oferecendo o bilhete de loteria, e a prova concreta está em suas mãos.

“Vou ter que encontrar Eddie primeiro e pedir se ele quer contato contigo.”

Helena abaixa sua cabeça, parecendo resignada, e desaparece no apartamento de Eddie. Joe desce as escadas segurando o bilhete firmemente, mas com certo sentimento de desapego. O bilhete não tocou o coração dele ainda. Não sente a emoção que sentiu antes, e não se sente nem um pouco mais rico. Ele aperta o maço de cigarros para ver se é real. Parece bem real. Vai até a loja de conveniência mais próxima que vende bilhetes de loteria e enfia o bilhete debaixo do scanner. O visor mostra “*Ganhador*”, seguido por outra linha “*Registre seu bilhete*”. Agora, sabe com certeza que é real. A prova de que está rico está em suas mãos, mas não se sente como um deles.

\*\*\*

Tem dois carros fúnebres idênticos estacionados em frente à casa de Carolyn. Sob o sombrio crepúsculo do fim da tarde, a cor prateada e lustrosa dos dois veículos faz com que pareçam sinistros, quase vivos — como jaguares gêmeos no meio da noite prontos a saltar sobre qualquer coisa que esteja no ca-

minho deles. É difícil acreditar que a lataria de Nuvem pudesse ser consertada em um só dia, mas Nuvem parece nova.

“Seja lá onde for que você vai estacionar a Nuvem, em condição nenhuma pode cair no sono.”

“Você quer dizer nada de dormir a noite inteira?”

“Bem isso aí. Vai precisar estar vigilante. Se aquele carteiro sinistro te pegar de surpresa, ele vai fazer fiapo de Nuvem e um guisado com você dentro.”

“Eu garanto que –”

“Tá vendo aquilo?”, Carolyn o interrompe, apontando para uma placa nova de *Vende-se* colocada no jardim da frente. “Eles são persistentes. Notei que também estão gradualmente aprendendo a ver. Isso significa que logo vão usar armas com precisão na pontaria. Pior, descobri que estão de conluio com o carteiro. Tô maquinando um plano para expulsá-los, mas preciso da tua ajuda. Você pode estar aqui amanhã de manhã cedo?”

“O que quer que eu faça?”

“Apenas esteja aqui.” Ela senta no assento do passageiro do outro carro fúnebre. Joe ouve um som abafado do motor ligando e devagarinho começando a subir o morro. Não sabia que tinha um motorista na direção. Ele checa cada polegada do caixão, procurando por rachas, amassos ou qualquer marca. Está intacto. Sabe que é o mesmo veículo, porque o relógio no painel mostra onze e dezesseis. Moveu apenas um minuto no tempo, mas é a mesma Nuvem a que ele se afeiçoou. E, como uma nuvem, ela flutua Elysian adentro.

\*\*\*

Os portões de Elysian estão trancados. Não há sinal de Belinda, Ernest ou Henry. Joe estaciona Nuvem virada para a Crossing Way, assim pode ter uma boa visão caso o carteiro se aproxime. Após escovar os dentes, se tranca no carro e permanece alerta a qualquer movimento ou som. Elysian Cemetery é suficientemente quieto para se ouvir um pequeno galho caindo ou até os passos de um espírito perdido na noite pisando na grama macia.

Joe checa seu bilhete de loteria novamente. Tem a sensação de seus dedos tocando um papel qualquer, e está longe de se sentir o milionário que sempre sonhou ser. Na verdade, acha engraçado o fato de ser rico e morar num cemitério ao mesmo tempo.

Aos poucos, sua mente tenta encontrar todas as razões pelas quais não deveria deitar no caixão, mesmo com o risco de perder algumas horas ou um dia inteiro. Não demora meia hora e se encontra baixando a partição de vidro e se locomovendo para trás. Em segundos, já se encontra deitado ali dentro. Tenta recriar a mesma atmosfera de ontem, tocando e batendo levemente na madeira,

à procura de sons fora do habitual. Busca de todas as maneiras reproduzir os sons encantadores, mas nada acontece. Joe procura focar na casinha da árvore ou no rosto do menino. Nada. A única mudança que percebe é uma sensação de formigamento ao redor dos pés, como se alguém estivesse massageando-os com uma toalha úmida. Aos poucos a sensação se move para a barriga da perna, penetrando os músculos. Quando percebe que a dormência chega aos joelhos, sente que está penetrando nos ossos, e ficando desagradável. *Tem alguma coisa errada!*

Joe se ergue e, sob a fraca luz do cemitério, vê uma multidão de vermes subindo pelas pernas. Começa a espernear desesperadamente e corre até o chafariz para borrifar água por tudo. Chegando lá, não encontra verme algum. Se pergunta se de fato tinha algum ou foi apenas imaginação. Tudo vem com uma certeza. Ele sabe que existe algo muito macabro a respeito desse caixão. Retorna para Nuvem e se senta na direção por um longo tempo, olhos vigilantes no carteiro que nunca aparece. Mas Joe pressente que o carteiro espera por ele em algum lugar. Não só por ele, mas por todos.

# Dia 25

---

## O LIVRO *VERSUS* A LOTERIA

Tudo mudou no quarto de Carolyn. A então sala vazia de treino está agora entulhada até o teto com móveis, caixas e vestuário. Joe segue-a por uma estreita passagem até um sofá empilhado de roupas. Ela libera um espaço e convida-o para sentar-se ao seu lado.

“Estas são todas as minhas coisas”, ela diz, tamborilando seus dedos ritmicamente na perna. “Eles ficaram completamente fora de controle nos últimos dias.”

“Eles fizeram tudo isso?”

Carolyn confirma com um aceno e se levanta. Ela pressiona seu ouvido contra a parede por um momento e senta novamente. “Eles aprimoraram seus talentos como espíritos e decidiram ficar aqui, pois espíritos desse tipo têm uma mórbida atração por casas vazias. O que vem depois? Uma bala na minha cabeça?”

“Mas se esses espíritos querem se livrar de você, por que vender a casa?”

“Boa pergunta. Uma vez que essa gente muda de ideia no impulso, eles definitivamente devem ter uma estratégia diabólica em mente. Eis o meu plano pra parar esses intrusos.”

Antes que ela possa explicar, Joe percebe que a porta que conecta à casa se abre lentamente. O mesmo homem que apareceu semanas atrás na porta da frente está parado ali com uma arma de cano longo nas mãos.

Carolyn se inclina até Joe e sussurra. “Consegue ver eles?”

Joe apenas move a cabeça e cochicha de volta. “Só ele.”

“Está armado?”

Outro aceno.

“Lembra o que te falei: não conseguem nos ver bem ainda. Vou distraí-lo, e, quando eu der o sinal, saímos correndo daqui.” Ela vai até a cômoda na ponta dos pés. Os olhos do homem inspecionam todos os cantos da sala de treino. Carolyn levanta uma caixa e joga-a no canto oposto da sala. O homem dispara na direção do barulho, dando a eles a chance de escapar. Mal se equivam pela porta corrediça e Joe ouve outro disparo com cacos de vidro se espatifando por todos os lados. Fazem uma corrida frenética até Nuvem e se aconchegam dentro dela.

“Estamos a salvo aqui”, ela diz. “Nuvem é à prova de balas.”

“Você precisa se mudar *hoje!*”

“Com certeza. Mas preciso da tua ajuda.”

“Qualquer coisa. Em que posso –”

“Vai ter que voltar a Camarillo.”

“Camarillo?”, ele pergunta, ainda ofegante. “Pra quê?”

“Para ver tua cunhada.”

“Janet? Depois de plantar um machado a centímetros da minha cabeça?” Ele espera que ela reaja, mas Carolyn não diz nada. *Ela tá falando sério.* Joe não consegue entender o que Eddie tem a ver com o perigo ocorrido, mas tampouco pode ignorar o pedido dela. Carolyn esteve ao seu lado todo esse tempo. Precisa ajudá-la. “E se eu usasse o caixão para encontrar Eddie?”

“Não! Tem algo sinistro imbuído nele. Minha equipe não foi capaz de removê-lo da Nuvem ontem. Cinco dias atrás, quando te mandei pro deserto, tive dificuldade em abrir a tampa para te tirar dele. Ajuda do Eddie é a nossa única saída.”

*Ela tem razão.* O caixão já roubou três dias, e a ideia de outra multidão de vermes se alastrando por suas pernas chega a revirar seu estômago. “O que você precisa de Eddie desta vez?”

“Esse é o espírito! Pergunte a ele se podemos escolher nossos pais.”

Joe se vira para ela com uma cara sem expressão. “O quê? O que isso tem a ver com –”

“Escuta, para de tentar entender tudo sobre o mundo dos espíritos. Confie em mim. Lido com aqueles tresloucados toda hora. Preciso saber se os pais desse casal também moraram aqui. Eddie vai saber do que tô falando. Promete esse favor?”

“Claro.”

Carolyn sai do carro e retorna para a casa, pulando por cima do portão para evitar que o Sr. Park ouça qualquer ranger de dobradiças.

\*\*\*

Decidido a se apresentar como o ganhador oficial da loteria, Joe toma o primeiro passo para resgatar seu bilhete de loteria, antecipando que este também pode desaparecer sem deixar rastro. Nos últimos quatro anos, Joe e O.B. sonhavam em ganhar na loteria tendo em vista um plano bem prático. Eles iriam permanecer anônimos, contratar um consultor jurídico, reivindicar o prêmio e cavalgar na direção de um futuro glorioso. Mas o desfecho foi outro. O bilhete veio acompanhado de uma sentença de morte e um bando de ladrões. Por fim, após várias circunstâncias, o bilhete roubado caiu intacto em suas mãos, e com

sua assinatura. Joe estaciona Nuvem em frente à Spirits e, antes mesmo de desligar o motor, vê uma mão batendo na janela do passageiro. Em seguida, aparece o rosto moreno de O.B.

Com relutância, Joe baixa o vidro. “Oi... você tá bem?”

O.B. enxuga seu rosto suado e apoia seus braços na porta. “Ando muito doente, irmão. Nenhum médico consegue parar o sangramento.”

“Sinto muito que tudo tenha acabado assim, O.B.” Joe pega o maço de cigarros e retira o bilhete debaixo do celofane. “Helena me devolveu.” Joe mostra a assinatura no verso. “Você viu o Eddie assinar ele?”

O.B. parece pensar seriamente, então nega com a cabeça.

“Você disse que foi Eddie quem jogou, mas eu nunca assinei ele, e essa é minha assinatura.”

“Sinto muito por não poder ajudar.”

“Por que você acha que Helena devolveu?”

“Ela queria atormentar o espírito do ex-marido fazendo você sofrer, mas não funcionou. É o espírito *dela* que tá quebrado. Vim aqui apenas pra te dizer uma coisa: não consigo perdoar a mim mesmo pelo que fiz pra você. Talvez você consiga. Mas aprendi isto: verdadeiro perdão só vem quando a morte te olha diretamente nos olhos e diz ‘vim te buscar’.”

Joe vê a angústia nos olhos de O.B., o olhar de alguém que sabe que vai morrer logo, talvez hoje, para depois se deitar na parte traseira do carro fúnebre. “Sinto muito que tudo tenha acabado desse jeito”, Joe diz, levantando o vidro. Sai dali, esquecendo completamente de reivindicar o bilhete.

\*\*\*

No Elysian Cemetery, Joe se sente mais e mais em casa. As lápides se tornaram suas casas vizinhas, e os moradores como bons vizinhos, que nunca se queixam de nada. Assim que caminha até o chafariz para escovar os dentes, ouve um uivo sobrenatural seguido de fortes batidas. Não sabe de onde vêm, então se dirige ao escritório, esperando encontrar um dos zeladores.

Para sua surpresa, encontra Belinda sentada na mesa do escritório, que imediatamente o convida para entrar. Mas, antes de dar mais um passo, ouve outras batidas misturadas com gemidos. Olha ao redor do cemitério, mas nada vê de anormal.

“Ouvii alguma coisa?”, ela pergunta, preocupada.

“Pensei que tinha ouvido algo.” Ele entra no escritório, impressionado com o tamanho do recinto e com a magnífica decoração. Desde a moldura cromada da escrivaninha até as luminárias, tudo brilha com requinte. À sua esquerda, uma sala de estar com um sofá e uma mesinha de café ao centro. O contraste



entre o imaculado tecido branco e a parede logo atrás pintada em preto é alar-mante. Não existe outra porta, nem armários ou banheiro. Somente Belinda, sem o menor sinal de um sorriso. Logo atrás dele, outra surpresa: uma porta-ja-nela que se estende do chão ao teto, em face aos portões de Elysian.

“Ninguém pode nos ver de fora”, Belinda diz, em tom mais frio do que o usual. “Tem visto Henry?”

“Ainda não. E se ele não voltar nunca mais?”

“Volta sim. Espíritos errantes anseiam por conexão humana, e você é o único por aí que consegue vê-los.”

Embora o local esteja excepcionalmente quieto, Joe tem a sensação de ouvir um lamento, mas longínquo. “Tô achando que ouvi alguém. Onde está Ernest?”

“Ainda não voltou. Qualquer barulho que ouvir pode estar vindo dali”, ela diz, apontando para a parede pintada de preto. Ele se vira para a direita, e instintivamente dá um salto para trás. Não havia percebido que a parede também é uma janela que vai do chão ao teto. Joe espia pela impenetrável escuridão além do vidro. É como se a cidade de Long Beach tivesse tido uma falha na rede elétrica ou estivesse sendo devorada pela escuridão. Sente que existe algo vivo ali fora, e que está sendo sugando para dentro daquilo.

“Eu poderia te contar histórias sem fim dos espíritos perambulando naquele mundo de trevas.” Ela o toma pela mão e gentilmente pede que se sente no sofá. “Minha maior preocupação no momento é uma mulher enterrada neste cemitério que morreu de câncer”, Belinda começa. “Quero dizer, seus pulmões pretos estão enterrados aqui, mas seu espírito está perambulando lá fora.” Novamente, ela aponta para a escuridão. “A mulher era uma fumante inveterada. Três maços por dia. Uma dia o médico falou que as artérias dela estavam completamente entupidas com placa. Após uma tomografia, mostrou uma imagem com pequenas bolhas em seu pulmão. Prescreveu oxigênio em cilindro e comprimidos para dor só para tornar os seus últimos dias mais confortáveis. Deu-lhe trinta dias.”

No momento que Belinda diz as palavras “trinta dias”, o corpo de Joe fica tenso involuntariamente.

“A mulher se recusou a arrastar um cilindro de oxigênio por aí, não querendo ser vista como doente. Retornou para casa e decidiu combater sua infeliz condição com seus próprios métodos. Ela sempre foi fraca em ir até o fim com qualquer decisão, mas naquele dia ela tomou uma decisão final.”

*Obviamente ela leu o mesmo livro que eu tô lendo.*

“A decisão dela foi acabar com o vício dentro de um mês, esperando provar que o médico estava errado. Ao invés de desistir repentinamente, no segundo

dia fumaria vinte-nove cigarros e então cada dia um a menos, até que chegaria a um só, e então nenhum. Restando apenas um cigarro, ela proclamou, com orgulho, 'Amanhã vai ser o dia que vou parar de fumar pro resto da minha vida'."

A temperatura da sala está agradável, contudo Joe sente suor formando na testa. "O que aconteceu então?"

"Apenas um dia antes de parar, e antes mesmo de fumar o último cigarro, o coração dela simplesmente parou." Belinda para por um momento. "Ela morreu nunca aprendendo uma das lições mais importantes que a morte pode nos ensinar: o amanhã nunca é uma garantia."

Joe se levanta, agitado. Bem como ontem, Belinda está tirando as palavras diretamente da boca do carteiro — que a morte ensina lições valiosas para nós. Lições finais.

"Por favor, sente-se, Joseph. Não há motivo para ficar assustado."

Joe senta-se novamente, enxugando o suor frio do rosto. "Em que ela tá trancada?"

"Raiva. Puro ódio. Não consegue aceitar que a morte pôde, um dia antes, interromper seu formidável plano para voltar a uma vida plena. Assim, ela passa o tempo amaldiçoando e acusando Philip Morris, o governo e as companhias de seguro por adicionar químicos aos cigarros, prontamente disponíveis."

"Como ela vai acusar se está morta?"

"Boa pergunta. Esse é um dos aspectos para estar trancada. Outro é que ela realmente quer fumar aquele último cigarro. Ela ameaça pôr fogo em Elysian se isso não acontecer. Assim sendo, aqui vai uma pergunta melhor: com todos os químicos no cigarro que ajudam a viciar, quem é o culpado?"

Joe não diz nada.

"Ela!" Belinda diz. "Ela nunca tomou responsabilidade pela sua saúde. Sua vida."

Joe se levanta novamente. "Essas histórias que você me conta são baseadas em algum livro?"

"Essas histórias podem ser encontradas em centenas de livros, porque eles refletem a natureza humana."

Não é a resposta que procurava. Tão próximo a ela numa sala bem iluminada, ele percebe algumas rugas ao redor dos seus olhos e muitas outras ao redor do pescoço. Claramente, ela é bem mais velha do que ele imaginava, mas ainda é a mulher com aquela voz suave com quem gostaria de passar noites ouvindo histórias.

"Contei a história dela porque é possível que você a veja por aí e talvez possa ajudá-la." A cabeça de Belinda vira abruptamente na direção dos portões.

Ele vê a mesma família de anteontem à noite, com duas crianças, esperando nos portões, todos bem-vestidos. Mesmo com a luz fraca, Joe consegue discernir os ombros caídos do homem, rosto cabisbaixo e pele amarelada.

“Eles estão aqui porque o homem está doente?”

“Que homem?”, Belinda pergunta.

“O homem parado junto a eles.”

“Não vejo homem algum.” Ela olha estreitamente pela janela e de volta para Joe. “A mulher e as crianças vieram aqui procurando por ajuda. Tenho que ir agora. Vamos falar sobre aquele homem mais tarde. E fique de olho em Henry, por favor.”

Completamente confuso, caminha até Nuvem. Não consegue entender que tipo de ajuda essa gente vem buscar aqui. Não existe cozinha ou cama para ficar. Chegando mais perto de Nuvem, ouve uma série de pancadas que se tornam cada vez mais fortes. Quando abre a porta, fica claro que tem alguém trancado dentro do caixão dele.

Com cuidado, entra pela porta traseira e bate na tampa. Em resposta, ouve um alto estrondo seguido de uma voz masculina que uiva mais que um animal ferido e aprisionado.

“Quem tá aí dentro?”

A resposta é abafada demais para entender. Um por um, os parafusos voam, até que a tampa arrebenta, quase acertando o rosto de Joe, que se encontra olhando para Ernest, perplexo.

“Quem te trancou ali?”

“Belinda, obviamente!” Ernest cospe as palavras com furor ao sair do caixão.

“Você tá completamente maluco?”

“Ah, é? Continua por perto daquela filha da mãe pra ver do que ela é capaz.”

“Estive com ela desde o momento em que cheguei aqui hoje”, Joe grita.

“Acorda pro mundo dela, querido. Ela vai te atrair com aquelas histórias estúpidas e te levar a um buraco negro sem fundo em um instante.” Os olhos de Ernest lampejam ódio puro.

“E por que ela iria te trancar ali?”

“Ela me quer fora daqui pra ter controle absoluto sobre Elysian.”

“Você tá completamente louco? Quem vai querer controle sobre um cambada de mortos? Cai fora do meu carro!”

“Vai acordar logo, logo.” Ernest ajusta sua cinta com suas facas cintilantes e se dirige até o escritório, resmungando e blasfemando.

Intrigado, Joe se tranca na Nuvem e senta na direção por um longo tempo, olhando para o nada, não encontrando um só motivo para Belinda ter segundas intenções.

Ele retira o maço de cigarros com seu bilhete, abre-o e cheira os cigarros que ali restam. Cheiro nenhum. Aparentemente, agora está perdendo seu olfato inteiramente. Toma o livro nas mãos e o segura ao lado do bilhete. Restando apenas cinco dias e considerando o lugar onde está sentado, num cemitério com um caixão atrás de si, nenhum deles vale um centavo. Mas, quando abre o livro e olha para suas decisões de nunca mais fumar, um senso de orgulho o invade. Não precisou de trinta dias para largar o cigarro como a mulher da história, porém se dá conta de que a morte tem a palavra final. E, sendo assim, Joe entende que não há tempo a perder.

“Eddie, preciso de ajuda! E tem que ser agora.” Essa ajuda terá que vir do caixão de madeira atrás de si. Para evitar ser trancado no caixão como Ernest, Joe retira a tampa e arrasta-a para debaixo de Nuvem. Imediatamente começa um elaborado ritual para manifestar a presença de Eddie. Espera por sons vibrantes, tilintar de sinos ou qualquer outro som encantador, mas tudo o que sente é uma confortável sensação, um convite para dormir longa e profundamente.

“Eddie, preciso da sua ajuda”, Joe repete continuamente, mas no fundo de sua mente apenas ouve a voz de Carolyn ecoando *“Tem algo macabro imbuído nele. Nunca mais arrisque entrar ali sem minha presença”*. No escuro, ele consegue ver os marcantes olhos verdes dela suspensos no ar, sem o rosto. Apenas os seus insistentes e radiantes olhos verdes. A luta para encontrar Eddie no vasto mundo dos mortos continua por muito tempo, e os olhos brilhantes de Carolyn pairam logo acima, continuamente. A certa altura, Joe não tem mais certeza de quem são aqueles olhos, até que repentinamente uma voz familiar se anexa aos olhos dela:

“Diz pra Carolyn procurar uma família.”

Joe se levanta repentinamente e bate a cabeça no teto.

*Eddie!*

# Dia 26

---

## A RESSURREIÇÃO DE EDDIE

Leva tempo para Joe reconhecer que a mulher sentada na área da casa de Karl é, de fato, Carolyn. O pé esquerdo dela está engessado, e seu rosto pálido está sem maquiagem. Ao lado dela há uma pequena sacola, que ela lhe entrega quando ele se aproxima.

“O que aconteceu?”

“Os intrusos me expulsaram de vez ontem à noite. Um deles atirou no meu pé, mas só de raspão. Pode me levar pro trabalho?”

“Claro.” Joe ajuda-a a caminhar até Nuvem, embora ela não esteja mancando. “Ali dentro tem um par de jeans novo, já que você continua perdendo peso.”

Joe entende que está na hora de se posicionar a favor dela. “É o seguinte, consigo ver eles. Como faço pra me livrar deles?”

“Por hora, só me leve pro trabalho, por favor.”

Nuvem segue rua acima em silêncio. Ao passar em frente à casa dela, Joe percebe que a placa de *Vende-se* foi substituída por uma que diz *Vendido*.

“Também bloquearam a porta dos fundos. Não tenho mais acesso a nada”, ela adiciona.

Quando chegam a Home Perpetual, Carolyn aponta para o portão largo, que imediatamente sobe, como se o dedo dela fosse um controle remoto. Ele conduz Nuvem pela entrada, pasmo pelo tamanho do empreendimento. O pátio de estacionamento, envolto em paredes de tijolos, se estende pelo menos por uma quadra inteira. Deve ter cerca de cem carros fúnebres zero quilômetros, todas Mercedes idênticas à Nuvem, e todas estacionadas em perfeita simetria, brilhando sob um sol ofuscante. Uma verdadeira concessionária de automóveis, mas que vende carros fúnebres de cor preta e linhas esguias prateadas.

*Quantas pessoas morrem em Long Beach num só dia?*

“Pode estacionar no lugar do diretor.”

“É você que administra este –”

“Sou a proprietária do lugar”, ela diz com naturalidade, enquanto abre a porta. “Se quer mesmo ajudar, encontre Eddie para mim.”

Antes de ela fechar a porta, ele desembucha: “Dormi naquele caixão ontem à noite.”

Como o virar de uma chave, os olhos dela se tornam labaredas. “Eu não te disse –”

“Você tinha razão. Tem uma força estranha naquele caixão. Ele consome tempo. Mas descobri que tô perdendo peso bem rápido, e consigo lembrar de coisas importantes do passado.”

“Não tenho tempo para falar disso agora.”

“Foi assim que me conectei com Eddie ontem.”

Como o virar a mesma chave, seus olhos agora brilham de empolgação. Ela se acomoda ligeiramente no assento. “E o que ele disse?”

“Pra você procurar uma família. Foi tudo o que disse.”

Carolyn não consegue esconder o sorriso. “Isso significa que só resta uma última conexão com ele.”

As mãos de Joe começam a estrangular o volante, juntamente com um grunhido de frustração. “Eu não acabei de dizer que o caixão rouba tempo e –”

“É assim que você me agradece por te proteger daqueles espíritos peçonhentos?”

Fica um longo e desconfortável silêncio no ar. “Certo, você tem razão, mas quero saber que tipo de negócio você tinha com Eddie.”

Carolyn apoia a cabeça no encosto do banco e olha pela janela. “Nós trocamos favores.”

“Que tipo de favores?”

“Eu tô envolvida numa busca bem pessoal, e ele me ajuda. Em troca, devo dois favores a ele.” Calmamente, Carolyn aperta o botão do compartimento secreto e retira o livro de Joe. “Primeiro, ele quer que eu vá infundir as mesmas ideias desse livro na mente de um escritor. Numa das viagens dele, Eddie encontrou um escritor brasileiro, um cara meio devagar como você, mas com a capacidade de publicar essas ideias para qualquer Joe mundo afora que procura uma mudança radical na vida. O compêndio original foi escrito pelo teu pai, somente para você, mas aparentemente você nunca se importou com ele.”

Ela tem razão novamente. Ele nunca quis ler o livro. “Eu sei quem escreveu ele, mas como você poderia saber que foi meu pai?”

“Porque conheci Eddie e tive que memorizar todas as frases que ele escreveu nesse compêndio.”

Joe olha bem para ela. “Você acaba de dizer que veio do meu pai, agora tá dizendo que foi Eddie.”

“Eles são a mesma pessoa. Você ainda não entende?”

“Não faltava mais nada!” Joe abre a porta e salta fora da Nuvem. Olha por toda a extensão do enorme lote, como se aquele universo de carros fúnebres pudesse oferecer uma explicação melhor para o absurdo que Carolyn revelou. A poucos metros de distância, Joe percebe um carro fúnebre encostando de ré num dos inúmeros portões. A manobra é feita tão silenciosa e suavemente que mais parece um veleiro atracando na sua doca. O portão se ergue, e um homem aparece carregando um pequenino caixão branco em seus braços, demonstrando reverência.

“É para um bebê”, Carolyn diz em alta voz. “Foi estrangulado pela mãe esta manhã.”

Joe finge que não está ouvindo, mas acaba enfiando sua cabeça pela janela de Nuvem. “O que você acaba de dizer a respeito de meu pai e Eddie não existe. É impossível!”

“Nada é impossível nesse mundo”, Carolyn diz.

“Então por que não me explica isso numa linguagem bem simples?”

“Às vezes os mortos conseguem voltar e assumir uma nova identidade. Eu não te falei outro dia que Handsome queria usar teu corpo pra voltar? Eddie é teu pai, goste ou não.”

*Impossível! Impossível!* Mas quando Joe começa a pensar nas características que os dois tinham em comum, a ideia não é mais tão absurda, especialmente o que conecta ambos — o livro. Justo neste momento, outro carro fúnebre estaciona numa outra estação de carregamento. O portão sobe e os mesmos quatro homens que carregaram o caixão com Karl dias atrás saem carregando um ataúde de cor verde brilhante. Joe não consegue acreditar que alguém queira ser enterrado naquilo. Após transferirem o caixão cuidadosamente para o carro fúnebre, os homens retornam e o portão abaixa enquanto o carro desliza adiante.

Joe volta para Nuvem, incapaz de olhar Carolyn nos olhos.

“Segundo favor, Eddie me pediu para te ajudar.”

“Me ajudar com o quê?”

“A perder peso.”

Joe dá uma risada zombeteira. “Por que será que tenho a impressão de que você anda me enrolando desde o dia em que te conheci? Você pensa que sou tão idiota assim? Te conheci depois que Eddie morreu.”

“Correto. E você conheceu alguém que afetou tua respiração.”

Ele olha para Carolyn sem expressão. “O que você quer dizer com isso?”

Ela retorna o livro no console. “Teu problema com respiração está ligado àquele carteiro, estou certa?”

*Ela sabe!*

“De agora em diante, pode usar ambos os pés e mãos para dirigir Nuvem.” Ela fecha a porta atrás de si e caminha prontamente para o escritório. Joe expira profundamente e deita sua cabeça e braços sobre a direção, perdido.

Outro carro fúnebre encosta na frente do primeiro portão. Desta vez, somente dois homens carregam um pequeno caixão vermelho, assentando-o no veículo. Ao lado do portão, Joe vê uma menina de cabelos ruivos num vestido vermelho flamejante e com uma bandana rosa. Deve ter uns dez anos, e seus olhos estão travados nos de Joe. A pele da menina é tão branca, como se um vampiro tivesse sugado todo o sangue do seu corpo. Com seus pequenos punhos cerrados, cospe na direção de Joe, que zarpa dali rapidamente, sabendo que ela está morta e diabolicamente furiosa.

Após passar na Cross Road, ele lembra o que Janet falou três semanas atrás — que quando Eddie visitou a mãe dele no hospital antes de morrer ela confundiu Eddie com seu pai. Por causa disso, o laudo do médico havia sido elementar: delirante.

\*\*\*

A entrada alternativa de Elysian está bloqueada por vários carros e um pequeno grupo reunido para um enterro, a apenas alguns metros de seu abandonado Osso. Joe dirige Nuvem através dos portões da Transition Lane e estaciona perto do escritório. Ele olha mais atentamente o árido terreno do lado oeste. Visto de dia, não há nada fantasmagórico a respeito da área. Acredita que a cidade de Long Beach deve ter cortado o abastecimento de água e luz há muito tempo. Tudo está pardo e seco, como se uma tempestade de areia tivesse varrido a área e sugado a vida de todas as árvores, arbustos e folhas da grama. Se de fato existe uma mulher revoltada atrás do último cigarro e ela decidir jogar um toco por ali, o fogo vai até fazer sopa da espada do anjo.

Na direção oposta, além do pequeno grupo de enlutados, Joe vê Ernest ocupado com a limpeza de um túmulo, mas rapidamente empalidece chocado ao reconhecer que é de Handsome.

“Encontrô meu endereço, então?” Handsome diz, de modo natural. A inscrição na lápide mostra *Juan Guapo, Dezembro de 1955 – Dezembro 2005*.

“Guapo é o seu sobrenome verdadeiro?”

Handsome assente com a cabeça. “Significa ‘bonito’ em espanhol.” O túmulo, construído com desleixo há nem cinco meses, tem três blocos de pedra grés mal-cortados e deitados sobre a base, enquanto os túmulos ao redor estão cobertos com mármore ou granito polido.

“Carolyn me falou sobre você e Karl. Sabe onde ele anda?”



“Ninguém sabe”, Handsome responde. “Ele tem túmulos em diferentes cemitérios e cidades, todos sob nomes diferentes.”

“Nomes diferentes em vários túmulos?”

“Na vida, ele foi a quintessência de um explorador. Operava sob vários nomes e não tinha escrúpulos em roubá dos ricos ou pobres. Ele acumulô fortunas, sempre tirando e nunca dando nada a ninguém, nunca. Assim sendo, é ali que ele tá trancado, ganância perpétua.”

“Por que você pintou a casa dele por mim?”

Handsome apenas move os ombros. “Sempre fui pintor. Que outra coisa faria com meu tempo? Golfe?”

Handsome pega uma latinha de tiner e derrama um pouco numa ponta da cruz. Ele esfrega e limpa o local com o mesmo zelo com que pintou a casa. O homem que então era seu atormentador hoje parece domado e até mesmo humilhado. Apesar de sua pálida pele reptiliana e barba malfeita, parece bem mais jovem.

“Escuta, eu realmente preciso das chaves da garagem. Tenho um –”

Uma sedosa voz de soprano flutua através do cemitério, interrompendo-o. Joe havia esquecido o enterro em progresso. Uma sublime *a cappella* se junta harmoniosamente à voz solo, assim que o caixão vermelho desce para a terra — o mesmo que Joe viu mais cedo. A menina de cabelos ruivos e vestido vermelho que também viu na Home Perpetual está sentada no muro observando a cerimônia, com a mesma expressão funesta.

“É uma novata bem agressiva”, Handsome diz.

“Ela pode ferir alguém?”

“Tá verde demais pra isso.” Handsome junta as ferramentas, jogando tudo num balde. “Ela tá apenas dando uma pequena espreitada pro mundo dos mortos, embora não esteja morta ainda.”

“Ainda?”

“O nome dela é Emily. Ela tá em estado de coma, numa experiência de quase-morte. Tá numa cama no Cedars Sinai, Long Beach, mas o cérebro já tá ocupado criando um universo onde vai ficá trancada sabe-se lá por quanto tempo. Na cabeça dela, tá nesse inferno faz dias, mas é um caso de quase-morte, talvez menos que um minuto.”

“Como assim?”

“Você não pode explicá essas coisas logicamente. O relógio dela e o relógio dos enlutados vibram em tempos diferentes. Simples assim.”

“Aquele tiner é real?”, Joe pergunta, completamente confuso.

“Só pra mim, você e Emily.”

“Parece que ela tá furiosa comigo.”

“Espera até ela começá a mover objetos por aí. Ouvi falá que ela se recusa a morrê antes de recebê uma última transfusão de sangue.”

“Não entendi.”

“Ela tá buscando tudo o que se assemelha à cor de sangue, até mesmo as roupas. Sofre dum tipo raro de anemia, então precisa de um tipo de sangue raro pra transfusão, mas o banco de sangue não tem mais estoque.”

Joe sente uma intensa corrente elétrica percorrer seu corpo, dos pés aos cabelos. Se lembra do carteiro dizendo que o recipiente do sangue raro dele era para uma menina. Ele até disse que o nome dela era Emily e que ela era apenas um dano colateral. *Coincidência demais?* Mas quando vê a menina, de súbito, parada agora a poucos metros de distância, sua presença o atinge como uma marreta no estômago.

“Oi, Emily”, Handsome diz em voz gentil. “Este é Joseph, e eu sou Juan Guapo.”

Ela olha para Handsome fazendo um esforço para conter uma risada. Seu rosto ameaçador se evaporou. “Você, *guapo?*” ela pergunta, explodindo numa gargalhada. O som espontâneo e alegre da risada ecoa por todo o cemitério. Joe olha para os enlutados que agora estão se dispersando, mas nenhum parece ter ouvido a zombaria. Eles estão tomando seus carros, e Emily ligeiramente corre atrás de um Echo vermelho da Toyota. Handsome também começa a se deslocar, mas para e se vira.

“Para respondê tua pergunta de antes, pintei a casa por causa do livro de Eddie. Explico isso outra hora.”

*Outro que leu o livro de Eddie?*

Joe esfrega os dedos na lápide e leva-os ao nariz. Não consegue detectar cheiro algum.

A caminho do escritório, vê Ernest junto aos portões, duro como estátua. Se não estivesse tamborilando os dedos em suas facas na cintura, poderia facilmente ser confundido com uma aparição. Parece tão hostil quanto Emily. Ao longe, Joe enxerga Belinda recostada contra o capô de Osso, aparentemente esperando por ele.

“Vi dois deles hoje”, Joe desembucha ao se aproximar. “E os dois neste cemitério.”

“Henry?”

“Nenhum sinal. Mas vi Juan Guapo e uma menina que não morreu ainda.”

“Tenha paciência, Joseph. Com o tempo –”

Ambos são interrompidos pela eclosão de uma verdadeira guerra junto aos portões de Elysian. Ernest sacode os portões violentamente, criando uma sinfonia de sons caóticos semelhante ao bater de painéis e frigideiras, algo que somente um demente preso numa cela poderia causar.

“É verdade que você trancou ele no caixão ontem à noite?”

Belinda olha para ele completamente estupefata. “Joseph, ele apenas está furioso porque dispensei seus serviços na intenção de recrutar você.”

“Me recrutar? Pra fazer o quê?”

“Algum trabalho físico, assistir os espíritos que precisam de ajuda, mas principalmente ficar sempre atento à presença de Henry.”

Os olhos de Joe se tornam candentes. “Eu adoraria trabalhar com você”, ele diz, mal contendo sua alegria.

“Maravilhoso! Se puder começar imediatamente, siga-me.” Curiosamente, a voz dela soa um tanto mecânica e afastada. Nada de dar as mãos, e Belinda até caminha bem à frente dele, como se estivesse com pressa. Não longe da cerca norte, para e aponta para um túmulo com dente-de-leão e musgo crescendo ao redor da base de concreto. “Na maioria das vezes, o trabalho é apenas físico, mas alguns túmulos precisam de limpeza que vai além do que os olhos enxergam. Como este aqui.” Ela se aproxima dele e começa a arrancar inço. “A mulher enterrada aqui não encontrou paz ainda.”

“E como você poderia saber disso?”

“Conheço a história dela. Ainda não chegou a bons termos com a vida. Vai ser parte do teu trabalho encontrá-los e ajudá-los da melhor maneira possível.”

Ele se agacha e começa a ajudá-la. “Você tá dizendo que ela é um daqueles espíritos trancados?”

“Exatamente. Esta mulher tinha vinte e um anos quando se apaixonou pelo homem errado. Ele tinha somente dezesseis. Ela estava tão encantada com a beleza física dele que nenhuma outra coisa importava, tanto que nunca descobriu quem ele realmente era. Desde o primeiro dia, ela o tomou sob sua proteção — achou trabalho para ele, abriu todas as portas, e até foram casados por quinze anos, mas nunca tiveram filhos e nunca foram íntimos.”

Joe olha para ela boquiaberto. “Que tipo de casamento foi esse?”

“Como eu disse, ela casou com ele por causa do seu aspecto físico. A tragédia foi que ela nunca teve seu amor correspondido. Um dia, ela desapareceu. Foi brutalmente assassinada, e quando acordou para a morte pensou que *ele* tinha desaparecido. Ela procura por ele até hoje. Na verdade, nunca conseguiu perdô-lo por não ter correspondido ao seu amor e desaparecer assim de sua vida. Esteve aprisionado a ele em vida, e agora, na morte, talvez mais ainda.”

“Ela sabe que está enterrada aqui?”

“Não. Seu marido encontrou o corpo dela em algum lugar em Chiapas, México, e trouxe-a para ser enterrada aqui apropriadamente.”

Por um momento, ambos ficam sentados em silêncio. A história soa um tanto improvável para ele. Belinda aponta para o anjo que se sobressai entre os incontáveis túmulos do lado oeste. “Tá vendo aquele anjo? O marido desta mulher erigiu a estátua como um farol, para que ela possa encontrar seu corpo e então cicatrizar. Mas, ao invés disso, ela está ali fora procurando por ele. Então é esse o tipo de trabalho que preciso que faça. Só neste cemitério tem gente demais carregado de ódio. No caso dela, vai se sentir livre no dia em que descobrir que seu marido a trouxe aqui e que, na verdade, ele tinha a alma de um anjo.” Belinda se levanta. “Joseph, me ajude a transformar esse lugar num verdadeiro paraíso. Às vezes os mortos precisam de ajuda tanto quanto os vivos. Tua missão será limpar este lugar, uma alma de cada vez. Se não enxergar nenhum deles, arranque algum inço, pode as cercas do lado norte, corte a grama. Faça isso por eles.” Os olhos dela viram repentinamente em outra direção. Joe vê um senhor idoso nos portões.

“E, por favor, sempre fique de olho em Henry!”

*Belinda mudou. Se tornou mais fria e calculista.* Joe percebe que é uma frieza que vai além das suas mãos frias. Sente-se negligenciado e incerto quanto às novas responsabilidades.

Uma senhora idosa, numa longa camisola branca, se dirige até ele lentamente, arrastando seus pés, inclinada sobre um andador. Seus cabelos são longos e trançados, brancos como a sua roupa. Quando está próxima de Joe, diz: “Quando falar com os mortos, meu senhor, use um tom mais suave. Eles valorizam o silêncio. Flores brancas também vão bem.”

Joe fica atordoado com a aparência espectral dela, mas acena com a cabeça, sabendo que é a primeira de muitos que virão. Não saberia como ajudá-la.

“Ela teve um final infeliz”, a mulher diz, elevando a mão lentamente e apontando para o túmulo do qual Belinda falava. “Seu corpo foi profanado. Cortado em pedaços. Uma vergonha!” A mulher se vira e começa a empurrar o andador vagarosamente pela grama. Ele olha para o nome gravado na lápide.

Helena Martinez.

Joe se esforça para conectar a história de Belinda à vida de Eddie. Helena é a mesma mulher que quis o bilhete de loteria e que quer uma conexão com Eddie. O golpe final se dá quando Joe faz a conexão dela com Carlos, O.B., e Darksy.

*Todos mortos. Cada um deles!*

Sente suas pernas tão pesadas quanto quando pesava cento e vinte quilos. Senta-se na base de um túmulo em estado de letargia. Fraco e estonteado, tenta ficar de pé e arrastar seu corpo até Nuvem, mal conseguindo sentir as pernas. Seus ouvidos estão tão desligados do mundo que mal consegue ouvir seus próprios passos. Procura Belinda, Handsome, Henry, a menina, um alguém qualquer, mas o cemitério está deserto.

*São apenas um bando de ladrões mortos.*

\*\*\*

Joe bate com urgência na porta do apartamento de Eddie e, não tendo resposta, entra.

“Tô aqui”, Helena chama da cozinha, dobrando um uniforme da pizzaria. Ela traz a camisa até o nariz e respira fundo. “Tenho o sentimento de que Eddie está aqui todos os dias. Sempre tem rúcula, suco de maçã e ovos na geladeira. Coisas que ele costumava comprar.”

Helena parece menos agressiva e ardilosa em comparação às outras vezes. Não detectando nenhum aspecto de assombro ou aparição, Joe apenas fica atento, observando-a. Remove uma pilha de livros da cadeira e senta-se no outro lado da mesa, como se os dois se preparassem para uma sessão espírita.

“Vou te ajudar a se conectar com Eddie”, Joe diz. “Mas antes terá que responder umas perguntas. Sei que você já morreu, mas se mentir uma só vez nunca mais quero ver a tua cara. Comece com O.B.”

“O que quer saber dele? Ele costumava trabalhar pra mim na Spirits enquanto vivo e –”

“Eu sei tudo isso. Quando ele morreu?”

“Nem uma hora depois que soube que você tinha ganhado na loteria.”

“Como?”

“Ele se encontrou com um primo num beco aqui perto, e os dois entraram numa discussão sobre religião. O primo dele começou a balbuciar coisas como matar um infiel não ser crime, e não tardou para ir com toda fúria pra cima dele, dando um tiro na cabeça dele. A última coisa que o pobre O.B. fez antes de sangrar até morrer foi cambalear até minha loja de conveniência. Uma vez lá, gritou pro caixa chamar a emergência, mas o auxiliar parecia não o ouvir, mesmo parado a dois passos de distância. Foi ali que O.B. se deu conta de que estava morto. E foi ali que entrei na história.”

“Quem te falou a respeito do bilhete?”

“Ele mesmo. Também me falou do sonho de enviar dinheiro para o Iraque e o arranjo dos dez por cento com você. Eu sabia que não podia fazer nada com aquele bilhete, mas vi minha chance de vingança com Eddie fazendo você so-

frer. Menti para O.B. prometendo que enviaria dinheiro pra mãe dele, e para provar do que era capaz sacudi uma prateleira de bebidas alcoólicas tão violentamente que o caixa saiu correndo pela porta dos fundos, pensando que era um terremoto. Isso convenceu o desesperado O.B. de que eu poderia mover qualquer coisa, mesmo dinheiro para a mãe dele no exterior, contanto que ele me ajudasse a encontrar o bilhete. Ele sabia que Eddie havia comprado o bilhete, mas precisávamos de uma pequena ajuda de tua parte.”

Joe está estupefato com a ganância, as mentiras e ódio que ela tem por Eddie. E com o fato de que no mundo dos espíritos trancados existe tanta malícia quanto no mundo dos vivos. Joe ouve um suave arranhão vindo da porta do quarto de Eddie, seguido de alguém falando baixinho no celular. Segue um alto bocejo e tudo silêncio.

“Por que você envolveu Darksy e Carlos nessa trama maluca?”

“Contratei Darksy para impedir você de entrar nessa pocilga aqui e ver se eu mesma podia achar o bilhete. A mesma coisa com Carlos, para minimizar a chance de você encontrar Eddie por lá. Fiz ele te demitir e te convencer de que Eddie estava morto, mas aquilo foi uma perda de tempo, porque ele morreu de verdade naquele fim de semana. Em troca de sua ajuda, prometi dar continuidade à legalidade dele no país para depois ver a sua *mamacita* em Zacatecas. Também uma mentira.”

“Mas ele tá morto!”

“Tô achando que você ainda não entende o que significa ficar trancado depois de morrer, não é mesmo?”

Joe não sabe. “Quando Carlos morreu?”

“Logo depois que foi demitido da Fired-Up. A briga dele com aquele cego vai anos pra trás. Darksy tá trancado com uma vingança velha. Ele sempre vai encontrar outro babaca como você para atrair Carlos de volta pra ele. Ambos operam com puro ódio e ficam perpetuamente repetindo a tragédia de matar um ao outro.”

*Belinda estava correta. A maioria deles está saturada em ódio.* Joe ouve outro som, o de passos provindos do quarto de Eddie. Helena levanta da cadeira e, ao invés de caminhar até o quarto de Eddie, vai até a janela e puxa a persiana para o lado. “Desde que Darksy se mudou, ando esperando por um novo inquilino. Os espíritos trancados andam desesperados por espaços vazios de longa duração.”

Helena mergulha num canto do sofá da sala, e Joe se junta a ela no canto oposto.

“Por que você se casou com Eddie, de verdade?”

“Te falei, pro *green card* dele e para ficar legal no país.”

“Quero dizer a verdadeira razão.”

Helena engole em seco e evita o olhar direto dele. “Porque me apaixonei por ele. Me apaixonei no momento em que o vi.”

“O que ele fez pra você o odiar tanto?”

“Ele mentiu pra mim. Mentiu desde o primeiro dia em que o vi”, ela diz, arranhando o estofado com suas unhas. “Mentiu pra mim por quinze anos. Um dia eu disse *chega*.”

Joe escuta pacientemente, olhando para a situação em mãos como parte de seu novo trabalho como ajudante dos trancados. “Mentiu sobre o quê?”

“Para encurtar a história, encontrei ele no rancho da minha tia em Mazatán. Ele era apenas um peão, limpando esterco nos estábulos. Implorou para vir comigo pro norte. Disse que o filho do capataz ia pra estrebaria todas as noites molestá-lo. Então começou a chorar. Mas aquela foi apenas a primeira mentira.”

Mais ruído vem do quarto de Eddie, em forma de uma pilha de livros tombando. Novamente, Helena estende a mão até a persiana, movendo-a para o lado. Ninguém.

“Fugi com ele até a fronteira dos EUA, tomando o risco de contrabandeá-lo via Tijuana.”

Joe nem chega a piscar. Está hipnotizado com a presença de um espírito falando sobre a vida de Eddie, coisa que ele nunca revelou sobre seu passado. Escuta atentamente cada palavra, sempre pronto para detectar uma mentira.

“Mais adiante, casei com ele para conseguir a legalidade dele. Na noite do casamento, tentei desabotoar o cinto para fazermos uma pequena celebração. Ele saltou para trás como um gato eletrocutado. Eu disse que ele não precisava ficar preocupado, e bem naquela hora ele me aplicou outra mentira épica. Disse que a ferramenta dele não funcionava, que um raio havia o mutilado quando tinha treze anos e que mal podia mijar. Kelly, aquela pestinha que trabalhou como interna na Fired-Up, me disse que ele paquerava meninas e rapazes. Eddie era nada mais que um mentiroso de merda!” Com a palavra *mentiroso*, Joe ouve um *click* da porta, como se o próprio Eddie saísse do túmulo e viesse confrontar Helena com suas mentiras. Mas a porta nunca se abre.

*Será que Belinda sabe dessa parte sobre Eddie?* “Mentiroso nada!”, Joe a refuta. “Você apenas tá repetindo as fofocas daqueles idiotas da Fired-Up.”

As narinas dela se movem ligeiramente. “Você não sabe bosta nenhuma sobre Eddie, Joseph. De qualquer modo, tive que morar aqui neste lixo para fazer o casamento dele parecer legítimo, tudo porque ele queria viver uma vida *simples*. Apenas uma coisa deu certo trazendo ele para a América. O negócio do

meu pai cresceu exponencialmente por causa de Eddie. Não demorou quatro anos, ele já podia administrar três pizzarias, engordando os cofres da família.”

Joe está inteiramente envolvido no relato de Helena, chegando a ignorar outros ruídos, provavelmente vindos do quarto.

“Quatro anos atrás ele te encontrou e teve a audácia de dizer que você era o filho dele, de uma vida anterior. Gostaria de saber como se produz um filho mais velho que ele, gordo e otário. Ele também começou a viajar pra Camarillo todos os sábados para se encontrar com sua esposa, também da vida *anterior*. Foi aí que vi que ele perdeu as estribeiras. Decidi finalmente visitar a família dele em Chiapas para checar seu passado.” Helena faz uma pausa e parece ter dificuldade para encontrar palavras. “As coisas ficaram confusas na minha mente, e depois não me lembro de mais nada. Preciso mesmo encontrá-lo. Ele sempre sorriu e ajudou todos que o procuravam, mas nunca retornou o amor que senti por ele. Sinto que ele está aqui todo o tempo, mas não consigo vê-lo.”

*Belinda tinha razão.* Helena pode não estar viva, mas a dor dela é real. Ao som de uma porta se abrindo do lado de fora, Helena se levanta e abre a porta da frente. Olha na direção da sacada de Darksy. “Eles estão aqui.”

“Espera”, ele diz, antes de ela sair. “Vem comigo até Elysian.”

“Pra quê?”

“Você queria ver Eddie, não é mesmo?”

Os olhos dela revelam um leve cintilar. “Agora não posso.”

“Você acabou de dizer que precisava falar com ele, retornou um bilhete que vale doze milhões de dólares só pra vê-lo e agora diz que não pode?”

“Ele não tá morto num cemitério por aí, Joseph. Ele tá bem vivo.”

“Ele tá bem morto, e eu vou te esperar no Elysian pra te conectar com ele.”

Helena sacode a cabeça e sai pela porta. Joe *sabe* que algo não bate certo com ela. Se apressa até o quarto de Eddie, encontra a janela aberta e vários livros espalhados pelo chão. Em cima da cama desfeita, um par de cuecas e o uniforme dobrado e bem-passado.

\*\*\*

Da Nuvem, Joe avista Henry entrando no cemitério, cuidadosamente procurando chegar ao túmulo onde está enterrado. Uma vez que chega ali, se deita no bloco de mármore e estende seus braços, abraçando o túmulo. Joe se aproxima com cuidado. Quando o menino o vê, se encolhe no canto da lápide, com suas pequeninas mãos envolvendo as pernas.

“Tenho uma mensagem da tua mãe. Ela precisa de algo de ti.”

Os olhos negros do menino se alargam.



“Escuta, Henry. Nunca encontrei tua mãe, mas a zeladora daqui me disse que ela está muito bem, só que meio que esqueceu da história do molusco. Ela não consegue mais se lembrar de como produz pérolas”, Joe diz, repetindo as palavras de Belinda.

Os olhos do menino estão fixos nos de Joe. *Ele parece tão vivo.*

“É o grão de areia.”

“Grão do quê?”

Henry se estreita e levanta. “Grão de areia. A areia entra e irrita o estômago do molusco e começa a se agitar para expulsar o grão intruso.”

Henry faz uma pausa.

“Só isso?” Joe pergunta.

“Então”, ele continua, gesticulando com as mãos, “o molusco solta um químico. Se você encontrar mamãe, diga a ela que é carbonato de cálcio que cobre o grão de areia. É assim que se forma a pérola.”

Joe olha para ele admirado. “Como sabe tudo isso?”

“Eu leio livros.”

“Tô vendo. Não tem medo de correr de volta pra casa no meio da noite?”

Henry sacode a cabeça. Nesse momento, com o barulho dos portões chacoalhando violentamente, o menino recua um passo.

“Não se preocupe”, Joe diz. “É apenas um velho ranzinza. Ele está brabo todo o tempo, mas não pode machucar ninguém.” O assustado menino foge da mesma maneira que fugiu dias atrás. Joe quer chamá-lo de volta e convencê-lo de que este é o novo lar dele, mas Henry não olha para trás.

*Poxa, tentei ajudar esse também.*

A nova contagem de quatro pessoas mortas, todos trancados por motivos diferentes, é motivo suficiente para não dormir por um ano. Ultrapassa todos os incidentes malucos dos últimos vinte e seis dias — ou melhor, de toda a vida. Joe olha ao redor para verificar se ainda está seguro em Elysian. Não há carteiro à vista, mas sabe que ele está ali fora em algum lugar, esperando por ele. Bem como espera por todos.

# Dia 27

---

## O CEMITÉRIO ERRADO

Mergulhado no silêncio da noite, Joe se encontra refletindo sobre todos os espíritos que já cruzaram com ele nas últimas semanas. Sua mente não suscita resposta, apenas tenta compreender o comportamento e a intenção de cada um, quando uma voz distante chama seu nome.

*Handsome? Ernest?* Ele abre uma fresta da janela e olha ao redor. Mas só vê Elysian envolvido no seu silêncio absoluto. Ouve seu nome pela segunda vez, mais parecendo a voz de Bernard, mas este está em Camarillo.

“Joseph...”

Desta vez a voz parece soar centímetros do ouvido. Seus olhos ficam dardejando todo o cemitério. *Talvez seja coisa da minha cabeça?* Mas Joe sabe instintivamente que há algo errado, e com Bernard.

*Ele é um deles! E Janet sabia o tempo todo.* Ela havia falado que os mortos podem ser vistos em cemitérios e que Bernard estava preso demais à sua mãe. Joe checa o indicador de gasolina e sai noite adentro com Nuvem flutuando em direção norte, devorando as setenta milhas entre Long Beach e Camarillo.

Está amanhecendo quando Joe estaciona o veículo na frente do cemitério, embolsa seu livro com o bilhete de loteria e caminha até os portões. O ar é revigorante, e ele parece ser o único ali. Veio para encontrar o espírito errante de Bernard, mas, ao se dirigir ao túmulo de sua mãe, verifica o nome de cada placa ou lápide, para ver se um dos nomes poderia apontar para os ossos de seu irmão.

O pé de hortênsia logo abaixo do pedestal que segura o anjo cintila com o orvalho matutino. Em apenas três semanas, cresceu e adquiriu um porte espantoso, cobrindo não só a placa de sua mãe mas também as placas vizinhas. Os vigilantes olhos de concreto do anjo logo acima ainda o inquietam.

“Mãe”, ele diz, retirando o livro do bolso, “tive um pressentimento de que o Bernard tava me chamando, pedindo minha ajuda. Já que tô aqui, quero agradecer por zelar pelo livrinho todos esses anos. Ele me aproximou do pai novamente e tá mudando minha vida. A única coisa de que me arrependo é que nós dois nunca tivemos um relacionamento de verdade. E eu deveria ter visitado a senhora mais vezes. Me perdoe por isso. Mas fico feliz que você tinha o Bernard.” Põe o livro de volta no bolso e sai dali, dando uma última olhada para o anjo. Joe podia jurar que os olhos esculpidos dele estão olhando para o lado — para ele.

No céu aparecem fortes listras vermelhas e rosas. Apenas a um metro da lápide de seu pai, Joe encontra uma cova recentemente aberta, quando há três semanas Elijah havia afirmado que a área tinha um solo rochoso demais para escavação. O mais estranho de tudo é que o buraco onde Carolyn jogou Karl está perfeitamente coberto de grama, como se nunca tivesse existido. Joe se ajoelha diante da lápide marrom de seu pai e começa a arrancar inço do entorno.

“Obrigado pelo livro, pai”, Joe sussurra, como se não quisesse acordá-lo. “Eu ainda não encontrei aquela *uma* coisa que me dê motivo ou razão pra viver, mas ao menos aprendi o que uma decisão final é capaz de fazer na vida da gente. Por falar nisso, parei de beber, bem como o senhor. Se hoje eu tivesse a chance de voltar no tempo, tudo seria muito diferente.” Joe se senta na grama molhada e fixa os olhos na inscrição da lápide por um longo tempo, o nome quase ilegível. “Minha amiga, Carolyn, me diz que o senhor e Eddie são a mesma pessoa. É impossível para mim entender isso, mas tenho que admitir que vocês dois são parecidos em muitas coisas. Agora, se um dia você realmente voltou como Eddie, então perdi o senhor duas vezes.”

Joe percebe o sol envolvendo o topo dos altos muros de Homeland com seu brilho dourado. Levanta-se e toca o topo da lápide. “Só mais uma coisa. Tudo indica que vou morrer no fim do mês, mas, se eu sobreviver, vou honrar teu livro e teu nome, trocando o meu para Edward, ou talvez Eddie.”

Como se tivesse desenvolvido um sexto sentido, e mesmo não ouvindo passos, Joe está ciente de que tem alguém vindo em sua direção. Antes de se virar, sabe que é Elijah, e sabe que ele vem pedir ajuda.

“Te ouvi do escritório”, Elijah diz, curvando-se ligeiramente e removendo o chapéu.

“Só tava aqui conversando com o meu velho.”

“Ele foi um homem extraordinário. Simples, serviçal e, no entanto, considerado uma *persona non grata* por muitos em Camarillo.” Os dedos ossudos de Elijah são muito longos e frágeis, parecendo que o chapéu vai escapar dos seus dedos a qualquer momento. “Era um homem de ideias nada ortodoxas sobre a vida e a morte, por isso os membros da diretoria de Homeland decidiram enterrá-lo longe dos cidadãos mais “respeitáveis” de Camarillo. O mistério que permanece é que ninguém pôde abrir uma cova até recentemente. Agora, poderemos trazer sua mãe aqui também, e talvez Bernard, mais adiante.”

Joe olha para Elijah cheio de admiração. “Como sabe de tudo isso sobre meu pai?”

“Eu estava aqui bem antes de ele chegar. Ele perambulou por Homeland por um dia só, e então desapareceu. Em nosso curto encontro, disse-me que tinha que voltar para criar seus dois meninos.”

“Onde posso encontrar o corpo de Bernard?”, Joe pergunta.

“Enterrado em algum lugar em Oxnard. Antes de você ir, Joseph, gostaria de pedir um favor. Infelizmente não tenho nada para dar em troca.”

“Sim?”

“Sei que você tem a capacidade de falar com os vivos e os mortos. Também ouvi dizer que está acampando pelas redondezas de Elysian. Meu tataraneto foi visto por lá algumas vezes.”

“Henry?”

“Ele mesmo!”

“Tenho visto ele por lá, sim.”

“Se for vê-lo novamente, apenas diga a ele que seu tataravô gostaria de ter sua esposa enterrada em Homeland. Apenas isso.”

Joe não entende como um menino morto pode tornar realidade uma tarefa dessas, mas concorda mesmo assim. “Se eu ver Henry novamente, vou dizer exatamente isso.”

Elijah sorri e se curva mais uma vez em reverência, então aponta para o anjo, onde Bernard o espera com seu jaleco branco.

A luz do sol agora cobre a cidade dos mortos inteiramente. Ao se aproximar de seu irmão, Joe percebe certa transparência no rosto de Bernard. Não há mancha de sangue em sua roupa de laboratório hoje.

“Você ouviu meu chamado”, diz Bernard.

“Sim. Elijah acaba de me dizer que você não está enterrado aqui.”

“É verdade. Além de roubar minha vida, Janet levou meu corpo pra Oxnard sabendo que ele pertence a Homeland tanto quanto o corpo da esposa de Elijah. No caso dele, a esposa foi enterrada em Signal Hill pela neta dele.” Bernard se inclina e move um galho de hortênsias para o lado. A placa ao lado de sua mãe diz *Bernard De Angeles*. “Comprei este lote anos atrás. Eu e Elijah estamos numa missão. Nosso destino final é Homeland. Assim sendo, eu também tenho um pedido a fazer.”

“O que você quiser.”

“Se puder me ajudar a transferir meu corpo para o lado de mamãe, depois que ela for transferida para o lado de papai, é tudo o que quero.”

“Claro que sim”, Joe concorda, se perguntando como vai realizar tal milagre em três dias.

“Muito obrigado. Você é um verdadeiro irmão”, Bernard diz, num sorriso acolhedor. “Se conseguir fazer isso por mim, não preciso mais voltar pra casa da Janet e implorar para ela.”

Joe tem vontade de abraçá-lo. “Quer que eu a entregue para a polícia?”

“Oh, não. Tudo do que ela precisa agora é meu perdão.”

“Por matar você?”

“Perdão é algo que somente a morte pode ensinar. Um dia você vai entender.”

Joe toma um passo na direção dele para abraçá-lo, mas fica instantaneamente estático ao ver seu irmão parado a alguns metros de distância. Acaba de testemunhar um espírito se mover no espaço em tempo nenhum.

“Adeus, Joseph. Eu e Elijah retornaremos o favor um dia.” Ele acena com uma alegria contagiante e sai caminhando.

Pela última vez, Joe olha para a placa de sua mãe no chão. “Vou fazer de tudo para trazê-lo de volta para junto da senhora. É o mínimo que posso fazer.”

Joe tinha vindo para ajudar o espírito trancado de Bernard e acabou com a árdua tarefa de ir atrás dos ossos dele. Sai de Homeland espantado com o crescente número de espíritos trancados em sua vida, todos pedindo ajuda.

\*\*\*

A exposição de caixões no mostruário de Home Perpetual está novamente transformada. Há somente quatro deles expostos para um cliente selecionar. As luzes fixadas no teto que davam a cada ataúde um brilho único foram substituídas por lâmpadas fluorescentes. E nenhum sinal de qualquer recepcionista. Tudo o que Joe escuta são estalidos metálicos vindos do escritório. Vai até lá e vê pilhas de caixões amontoados uns sobre os outros. Emily, a menina de cabelos ruivos e vestido vermelho, está parada diante de um caixão avermelhado, batendo as alças contra a madeira.

“Oi, Emily”, Joe diz, batendo no vidro.

A menina solta um suspiro quando o vê e imediatamente se aproxima dele irritada. Os cabelos dela estão numa bagunça tão grande que pode facilmente ser confundido com um ninho de passarinho. O senso de estilo da menina é um desastre. Está usando batom vermelho, sapatos vermelhos, e até suas unhas estão pintadas de vermelho — tudo num contraste gritante com sua pálida compleição.

“Procuro a Carolyn.”

“Nenhuma Carolyn por aqui”, ela responde friamente, girando um dedinho pelos seus cachos de cabelo.

“Posso falar com o chefe?”

“Espera aqui”, diz ela, correndo para o depósito. Desaparece por dois segundos e já volta. “Meu chefe disse pra você deixar as chaves do carro aqui e voltar amanhã.”

“Se a Carolyn esta aí, eu realmente preciso falar com ela.”

“Você é surdo ou completamente estúpido?”

Joe se move na direção do depósito, mas ela se atravessa na frente com um olhar tóxico e estende a mão. “As chaves!”

Fica claro que ela não está brincando. Joe corre até Nuvem para escapar dela, mas a menina já o espera na porta do motorista. “Preciso recolher minhas coisas, seu camarãozinho”, ele resmunga entre dentes, esquivando-se dela. Ele recolhe o livro, o bilhete e a escova de dente. Assim que sai do veículo, Emily arranca as chaves e dá um pontapé na canela dele.

“Bastardo!”

“Pentelha!”, ele grita para ela, agarrando sua perna dolorida. “Pra que isso?” Mas ela já desapareceu para dentro do prédio.

*Nem sequer morreu e já tá assim?*

\*\*\*

Joe é acolhido por Handsome na entrada alternativa de Elysian, vestindo uma camisa de manga curta com estampas de meninas surfando. A tatuagem tribal que percorre todo o braço termina nas alturas do punho, com a cabeça de uma serpente em 3D parecendo devorar sua mão. “Ficou sem rodas?”

“Encontrei aquele foguinho de artifício de novo, e ela me forçou a entregar as chaves.”

“Não viu nada ainda... Espera ela morrê pra ver do que aquele tipo é capaz.”

“Capaz do quê?”

“Na verdade, depende. A maioria das pessoas que passam por uma experiência de quase-morte alcança um estado mental bem pacífico. Pessoas religiosas tendem a acreditar que estão flutuando por um túnel iluminado para se encontrá com uma entidade divina. Outros seguem uma ordem conforme a crença deles. É apenas o cérebro deles, não mais vinculado aos efeitos de tempo e espaço, tentando criá um novo universo sob os ditames da razão. Quando, e se, os médicos conseguem reavivá-los, juram que estiveram num plano celestial por dias, semanas, e até meses. Não no caso dela, no entanto... Por causa do rancor, tá aprisionada num limbo, se encontrando com outros espíritos trancados.” Handsome olha na direção do escritório e de volta para Joe. “Tem tempo pra uma voltinha em Signal Hill?”

“Eu pensei que estávamos em Signal Hill.”

“Geograficamente, Elysian pertence a Long Beach. Deixa eu te levá pra uma casa em Signal Hill que você conhece bem, só pra reavivá uma memória e possivelmente criá uma nova, uma inesquecível.”

Não representando nenhuma ameaça, Joe prontamente segue Handsome atravessando Crossing Lane e caminhando para dentro de uma área desolada, onde somente prosperam arbustos e cactos. É difícil para Joe acreditar que em Long Beach ainda exista uma área tão abandonada. Handsome toma uma trilha pequena e começa a andar num ritmo acelerado que Joe mal consegue acompanhar.

“Então você também conhecia Eddie”, diz Joe, um pouco ofegante.

Handsome apenas acena com a cabeça. “Ele me contratou pra te ajudá.”

A novidade está longe de ser um choque. “Te contratou pra quê?”

“Pra garantir que aquele cheque chegasse em ti antes que Karl colocasse as mãos nele.”

“Espera, espera! Antes ou depois que Eddie morreu?”

Handsome para e se volta. “Depois de eu morrer!” Começa a caminhar novamente, e mais ligeiro. Eles passam na frente de uma casa sem luz, cercada por grama murcha e árvores com galhos ressecados.

“Pelo amor de Deus, onde estamos?”, Joe protesta, perdido no tempo e incapaz de acompanhar o passo de Handsome.

“Você tá um pouco perdido no espaço agora, mas logo vai encontrá um local familiar.”

“O Eddie te pagou pra me ajudar?”

“Não. Mas me ofereceu uma chance de voltá ao mundo dos vivos.”

Além de completamente confuso, Joe está *perdido*. “Mas ele morreu quatro semanas atrás!”

“Você tá perdido no tempo. Eddie viaja entre mundos, se isso te ajuda a entendê.”

A vista ao redor é opressiva, e o que Handsome está dizendo não faz sentido algum. “Então só me explica isso: quando você morreu?”

“No teu tempo ou no *meu*?”

“Para, para, para.” A respiração se tornou fatigante. Joe se inclina para frente e apoia as mãos nos joelhos, olhando para Handsome. “Há quanto tempo você tá vivendo naquela garagem?”

“No teu tempo, pouco menos de oito meses. No meu tempo, parecem décadas. Eu e Karl estávamos na prisão em Wasco, encarcerados em divisões diferentes. Morremos por segundos de diferença, por motivos diferentes, mas

de repente nos encontramos próximos um do outro fora do portão principal. Sabíamos que tínhamos morrido.”

“O que aconteceu, então?”

“Bem, como eu disse, eu sabia que tinha morrido e que nunca tinha realizado meu sonho de fazê um milhão de dólares. Era o meu propósito na vida, e me recusei a morrer sem alcançá meu objetivo. Quando disse a Karl a minha frustração, ele ofereceu um trabalho que me traria cem mil dólares se eu interceptasse teu cheque.”

Para Joe, a história dele soa assustadoramente similar daquilo que Helena fez com O.B. logo depois que ele morreu. “E por que se preocupar com dinheiro depois de morrer?”

“Ficá trancado significa justamente isso. Eu ainda quis realizá minha meta. Karl pediu pra eu me instalá naquela garagem desocupada e deter um cheque que chegaria por volta do teu aniversário, quase um mês atrás. Era pro filho dele, Joshua, emitir o cheque e enviá num *overnight* pra chegar no dia 1º de abril. Do contrário, estaria em águas quentes com os agentes federais.”

Joe está estupefato e suando profusamente. “É verdade que você queria usar meu corpo como anfitrião para voltar à vida?”

“Isso foi antes da proposta de Eddie.”

“Como é que o Eddie pode prometer para alguém voltar à vida? Isso é absurdo.”

“Oferecendo uma cópia daquele compêndio, o mesmo que você tem. Só agora vejo que vale mais do que um milhão de dólares. No início, pensei que aquelas ideias eram abstratas e irreais, mas agora vejo que são cem por cento práticas, se acompanhadas por uma decisão *final*.”

Joe olha ao redor tentando entender a situação toda.

“Chegamos na Memory Lane”, Handsome diz, apontando adiante. “Nosso destino final.”

A trilha os levou até uma rua sem saída, mas iluminada, com casas modestas e vários carros. Joe imediatamente reconhece a vizinhança, o que lhe dá certo alívio. Apenas três casas abaixo à sua esquerda fica a casa de Javier Gutierrez — o destino de sua última entrega para a Fired-Up. Joe se lembra claramente de que chovia aos cântaros, das etiquetas nas pizzas e da parada que fez para correr até a garagem de Karl. Mas não lembra para quê.

“Se, por acaso, um dia voltá para essa rua, quero que se lembre disto: Eddie ameaçou Karl de fazê ele passá a vida na prisão se não entregasse aquele cheque pra você no dia do teu aniversário. Ele também fez Karl passá aquela casa em Signal Hill pro teu nome e deixá um carro zero quilômetros naquela garagem.”



“O quê?” Joe olha primeiro ao redor, depois para Handsome, perplexo. “Tudo isso que você tá dizendo é real?”

A porta da casa ao lado do Sr. Gutierrez rompe, e um homem aparece sob a fraca luz da sacada. Seu rosto não pode ser visto. “Dá pra baixar as bolas aí?”, o homem grita. “Tô tentando dormir aqui.”

“Não se preocupe”, Handsome diz para Joe. “Ele tá morto e ocupa aquela casa porque tá vazia. Mas, voltando ao assunto, Karl não teve outra escolha senão concordá, porque Eddie tinha provas concretas sobre fraudes que o levariam pra cadeia. Depois de passá a casa pro teu nome, Eddie entregou Karl a um procurador público e ele foi preso de imediato. Teve que orientá seu filho, Joshua, a enviá aquele cheque e o carro, ou ele também estaria em maus lençóis. Eddie sabia que Karl, mesmo morto, faria de tudo para se vingá e interceptá o cheque. Foi por isso que ele me contratou.”

A cabeça de Joe está tomada por confusão. A luz da sacada do Sr. Gutierrez se acende. Joe tem vontade de correr até ele e pedir desculpas pela falha na entrega, mas é pego de surpresa ao ver Alejandro, um entregador de pizza do turno da noite, saindo pela porta. Ele abraça o Sr. Gutierrez com entusiasmo e se dirige para o carro.

*Que diabos?*

O vizinho do Sr. Gutierrez sai fumegando pela porta da frente novamente. Desta vez com uma frigideira na mão.

“Temos que sair daqui. Aquele cretino vai acabá criando a maior bagunça.” Handsome toma uma rota diferente para retornar a Elysian. Após um curto trajeto pelo subúrbio, Joe se encontra perdido novamente, como se Signal Hill parasse de existir.

“Ei, mais devagar, por favor. Podemos falar sobre a casa? Ou o carro?”

Sem resposta. Handsome já se encontra bem adiante e continua andando a passos largos. Joe se esforça para recuperar a distância, com medo de ficar perdido. Sua camiseta está encharcada de suor. A respiração somente alivia quando reconhece Passenger Lane, quase em casa.

“Joseph, te vejo por aí. Fique tranquilo”, é tudo o que Handsome diz antes de se dirigir até a Crossing Way, deixando Joe completamente esgotado e com uma cabeça cheia de ideias que prometem um venturoso futuro. Senta na direção de Osso e começa a ruminar sobre a casa e o Lexus estacionado na garagem. Nada faz muito sentido, exceto uma pequena memória de Eddie. Logo depois de se mudar para a casa de Karl e prometer pintá-la, Eddie perguntou: “*Você pintaria a casa como se fosse tua?*”

“Diabos!”, Joe resmunga, batendo na direção de Osso. “Se isso tudo é verdade, não posso nem viver na minha própria casa!” Bate na sua cara uma vez,

duas vezes, três vezes, apenas para se certificar de que está vivo, e não morto no mundo dos trancados. Só então percebe que Henry está parado a alguns passos de Osso, com um olhar confuso. *E aqui está mais um deles!*

“O senhor tá bem?”, o menino pergunta.

“Eu tô bem, sim. Apenas foi um dia horrível e minha cabeça dói.”

“Chegou a falar com a mamãe?”

“Hum... Eu nunca falei com tua mãe, Henry. Só falei com uma senhora que a conhece.” Joe tem vontade de dizer que nunca mais vai ver a mãe dele. E não vê sentido algum em falar sobre o pedido de seu tataravô em Homeland. Sai de Osso e diz: “Vem comigo, Henry. Vamos falar com a zeladora. Talvez ela possa nos ajudar.”

O rosto do menino se ilumina, e ele caminha animadamente ao lado de Joe.

Joe não consegue entender por que uma criança tão inocente pode ficar trancada junto aos outros espíritos andarilhos. O escritório está fechado.

“Se você precisar de algo de sua mãe, vou transmitir o recado. Qual é o nome dela?”

“Belinda.”

O queixo de Joe cede visivelmente. “Qual é o sobrenome dela?”

“O mesmo que o meu.”

“Henry, onde ela está enterrada?”

O menino aponta na direção onde Joe o viu das outras vezes.

“Pode me mostrar onde, exatamente?”, ele pede, com seus joelhos enfraquecendo. Henry acena e toma a liderança na direção do túmulo de sua mãe. Assim que Joe se aproxima do lugar, uma sensação de pavor o toma. Quando vê o nome *Belinda Fields, 1969–2004* na lápide, sente o planeta inteiro rolando sobre seu corpo. Não apenas rolando. Rolou e ficou ali. Sua boca está seca, e mal consegue formular outra palavra. Começa a se sentir tonto e se senta no túmulo mais próximo. “Como... como era o rosto da sua mãe?”

“Ela era bonita.” Henry se apressa em dizer. Enfia sua mãozinha no bolso e retira uma pequena flor vermelha. “A última vez que a vi, o vestido tinha desenho de azevinhos”, ele diz, colocando a flor no túmulo.

É a Belinda de Joe. A própria. Henry é a única pessoa real na vida de Joe no momento. Sua garganta começa a se contrair, parecendo que vai sufocar. Henry olha para ele com olhar de pânico. “O senhor tá bem?”

Joe acena com a cabeça, mas mal consegue se recuperar do choque. Só agora entende por que Elijah pediu ajuda de Henry e não de Belinda. “Onde você mora?”

“Perto. Mas quero mesmo é falar com a mamãe.”

“Escuta, Henry. Vou pedir a ela quando vai poder te ver.”

“Eu posso ficar aqui hoje de noite. Meu pai nunca nota quando fujo de casa.”

“O escritório tá fechado, e você não pode dormir aqui. Vamos tentar amanhã.”

O menino faz um leve aceno com a cabeça e sai correndo do cemitério.

*Meu Deus! Ele é o único real e verdadeiro neste lugar. Agora é fato. Joe está vivendo mais no mundo dos mortos do que no dos vivos. Se pergunta novamente se ele mesmo não está morto e ficou trancado em Elysian, topando com espíritos aprisionados. Levanta com o amargo sabor de traição na sua língua. Belinda mentiu pra mim. E foi ela quem enterrou a esposa de Elijah num cemitério diferente.*

Bem como Carolyn explicou, eles nunca dizem que estão mortos, e todos querem algo em troca. Belinda também o usou. Seu perfume e histórias eram apenas artifícios para prendê-lo, enganá-lo e então conseguir ajuda. *Ernest está morto também. E foi ela quem o trancou no caixão.* Uma sombra obscura sobrevoa a mente de Joe, e algo frio começa a crescer em seu coração. Em Elysian, nada resta para ele. Será a última noite que passará aqui — uma longa, e com certeza a mais fria.

Com toda a força, Joe bate no capô de Osso, mas somente sente a dor da traição. A memória de cada história e fragrância de Belinda o magoa mais e mais, secando todo o afeto que tinha construído por dentro. Tenta suavizar a dor pensando na casa e no carro novo que aparentemente possui, mas esses pensamentos não lhe dão consolo. Senta-se no carro, sentindo-se quase tão morto quanto Osso. No completo desespero, e antes que seja tarde, ele toma o livro e lê o próximo capítulo, coincidentemente sobre “Perdão”.

## PERDÃO

---

A prática do perdão e a prática de humildade caminham de mãos dadas. Ambas são enaltecidas pelas religiões tradicionais, mas não suficientemente praticadas pelos seus seguidores. Somente a morte tem o poder de nos humilhar completamente e nos ensinar o perdão. E, quando nos ensina a perdoar, a morte ensina a perdoar todos — amigos, inimigos e, por fim, a si mesmo. Perdoar alguém ou você próprio requer humildade, a humildade de abrir mão de seu precioso orgulho, o orgulho que te diz dia e noite “eu estou certo e o outro está errado”.

Joseph, sentir a necessidade de estar certo sobre algo só faz com que fiquemos trancados com uma ideia, às vezes a vida inteira. Deixe que os outros estejam certos, assim você pode seguir a caminhada livremente.

Penitência não cura. Perdão retifica e te faz mais forte. Perdão cura as feridas que levam a doenças e cânceres.

Zeinho, de todos os presentes, o maior é o perdão. Perdão é o ato de dar liberdade a alguém, principalmente a você. Escreva o nome de uma pessoa que você vai liberar hoje, a não ser que queira passar o último suspiro se prendendo a “eles estão errados”.

Joe se lembra de Bernard dizendo a mesma coisa esta manhã — que somente a morte tem o poder de perdoar. Dois dias atrás, O.B. disse que o verdadeiro perdão chega quando a morte te encara nos olhos. Todos falam a mesma linguagem da morte — assim como o carteiro. *Mas como perdoar Belinda?* Tudo a respeito dela falava de esperança, verdade e confiança. Joe encontra pouco motivo para viver mais três dias. Sente que tudo dentro dele está morto.

# Dia 28

---

## E ELES CONTINUAM VINDO...

Não longe de Osso, uma senhora idosa caminha de um lado para o outro numa laje de mármore polida sobre um túmulo. Ela usa um chapéu de organza que combina com seu elegante vestido midi bege. Da lápide até a outra ponta, ela dá três passos e se volta para dar outros três, marchando como um soldado diante de um monumento. O clicar oco dos seus sapatos de salto alto repercute muito além do silencioso cemitério. De vez em quando ela olha de relance até Osso, mas o estalido sobre o mármore cinza nunca cessa.

Quando Joe sai do carro, ela rapidamente olha em outra direção, fingindo desinteresse. Começando a se acostumar com todos esses espíritos errantes, Joe sabe que ela é inofensiva. “Posso ajudar em alguma coisa?”

Ela cautelosamente pisa fora do mármore e toma uns passos hesitantes na direção dele. Olhando-a de perto, ele percebe uma grossa camada de maquiagem cobrindo as muitas rugas em seu rosto. A pele de seu pescoço está flácida, e as raízes grisalhas de seu cabelo pintado de preto revelam seus muitos anos.

“Dirigir aquela coisa deve ser muito deprimente”, ela diz, abanando a cabeça na direção de Osso. “Mas eu não me importaria com uma carona até minha casa.”

“Meu carro está quebrado.”

“Posso pagar um mecânico e recompensá-lo bem se me levar para casa logo depois.”

“A senhora vive por perto?”

“Newport Beach. Não pode ser muito longe daqui.”

“Eu posso –”

“Por favor, eu lhe peço *por favor*”, ela diz, esfregando as mãos nervosamente.

“E se eu chamasse um táxi pra senhora?”

“Olha aqui”, ela diz, vasculhando sua bolsa Hermes. Retira um pequeno rolo de notas de cem e depois abre uma mini *necessaire*, da qual tira um exótico colar de pérolas. Ela estende o dinheiro e o colar a ele. “Por favor!”

“Qual é o seu nome, minha senhora?”

“Eileen.”

“Eileen, meu nome é Joe. Pode ficar com tudo isso. Volto daqui a pouco com outro carro, e se ainda estiver por aqui eu a levo pra casa”, ele promete.

Julgando pela expressão dela, fica claro que não é o que ela buscava, mas concorda com um sinal de cabeça.

\*\*\*

Hoje não tem nenhuma menina de vestido vermelho e nenhum caixão no mostruário de Home Perpetual, apenas um homem consertando a parede com gesso. Brados e gritos frenéticos provêm do depósito, seguidos por entusiásticos aplausos. “Pegamos ele, pegamos ele!”, a voz de um homem se destaca em meio às outras. Joe se apressa na direção do tumulto. Dois homens estão segurando um caixão de aço enorme, um em cada ponta, enquanto Carolyn opera uma armação eletrônica que comprime duas correntes ao redor do ataúde. Um dos homens, que usa um macacão azul marinho e luvas pesadas, se cobre com uma máscara de soldador e começa a chumbar o ataúde. Joe os observa perplexo. Quando a tampa do caixão está completamente soldada na base, o outro leva o caixão para longe deles num carrinho de rodas. Joe também percebe que há poucos caixões nas prateleiras, quando semanas atrás estas estavam cheias.

“Joga ele num lugar bem depressivo”, Carolyn ordena, enquanto caminha até Joe. “A cidade de Hemet serve de punição no momento.”

“Oi, Carolyn. O que tá acontecendo?”

“Trancamos mais um”, ela diz. “É o terceiro fugitivo dessa semana.” Ela escolta Joe pelos fundos do depósito até o enorme lote onde estacionam os carros fúnebres. Hoje restam apenas alguns.

“Por que tá tudo mudando por aqui?”

“Encerrando a corporação.” Ela o leva até Nuvem e, ao invés do seu caixão, ele vê um de cor cinza com acabamento luxuoso em seu lugar, do tipo que Joe reconhece que somente os ricos podem comprar.

“Onde está o meu caixão?”

“Vai ter ele de volta assim que fizer um servicinho para mim. Aquele ali na Nuvem é para uma fugitiva que foi vista recentemente num cemitério local, uma esnobe de Orange County que fugiu recentemente de Long Beach Memorial. Preciso que você a leve, atravessando a fronteira do condado de Los Angeles. O nome dela é Eileen.”

“Que coincidência! Eu a conheço. Ela acaba de me pedir pra ser levada pra Newport Beach.”

“Sincronia perfeita! Mas tem uma ressalva. Ela precisa fazer a viagem deitada dentro desse lindo modelo Slika.”

“O quê?”

“Aquele mulher morreu no condado de Los Angeles. Existem leis bem rigorosas quanto aos mortos atravessarem condados. Ela é uma típica cadela de

Newport Beach. Você sabe o tipo. Range Rover, AmEx Centurion e sem alma. É tua tarefa convencê-la a deitar no caixão se ela quiser voltar para casa.”

“Mas ela tá morta!”

“Sim, ela está. E daí?”, Carolyn responde com naturalidade, “O que você acabou de presenciar ali dentro foi a prisão de um fugitivo no caixão. Eu só consigo rastrear alguns, mas você consegue falar com muitos. Então te vira! O registro com endereço e outras informações estão no assento do passageiro.” Carolyn abre a traseira de Nuvem e puxa o caixão para fora. Ela abre a cabeceira e retira uma manivela. Na peseira, ela desenrosca uma capinha e insere a manivela. “Gire até que todo o topo fique inteiramente desbloqueado.”

“Quem é a menina de vestido vermelho que eu vejo por aqui?”

“Não se preocupe com aquela coitadinha. Está passando por uma experiência de quase-morte. Estamos fazendo todo o esforço para mantê-la na vertical.” Carolyn o acotovela de leve para o assento até que Joe se encontra sentado na direção de Nuvem.

“Ei, você conhece alguma Belinda Fields?”

“Não soa familiar”, Carolyn diz, fechando a porta para ele.

\*\*\*

Assim que Joe entra em Elysian, Eileen continua com seus passos de um lado para o outro sobre o mesmo túmulo. Ele a saúda com um “Oi, Eileen” entusiasmado, mas os lábios dela se apertam, e seu corpo enrijece quando ele abre a porta de traz de Nuvem, revelando o caixão brilhando sob a luz do sol. Quando ele rola o caixão para fora, ela dá um suspiro. “Eu sei que parece loucura”, Joe diz, inserindo a chave no pequeno furo da peseira. “Mas pra eu levar a senhora pra casa, vou precisar que deite aqui dentro durante todo o caminho até Newport Beach.” O rosto dela, com a pesada maquiagem, parece ceder uma polegada inteira. Seus olhos estão repletos de terror. “Não vai ter problema nenhum”, ele tenta tranquilizá-la. “Eu mesmo sou dono de um desses. E adivinha? Até durmo nele. É super confortável.”

“Não seja ridículo”, ela responde com ar zombeteiro.

“Eileen, se a senhora não fizer isso, pode ficar trancada por aqui por... muito tempo.”

“Eu *já* vou pôr meus pés dentro dessa coisa hedionda.”

“Sinto muito, mas vai ter que fazer isso”, Joe diz, tentando parecer solidário. “Minha amiga, Carolyn, disse que é a única maneira de atravessar as fronteiras de um condado para o outro. E você pertence ao de Orange County.”

“Não é bem Orange County a que eu pertenço, meu caro! É *Newport Beach*. Por que está me tratando assim?”, ela pergunta, com seus lábios e dedos tremendo quase imperceptivelmente. “Te ofereci um bom dinheiro.”

“Sinto muito. Eu não criei as regras. Mas também não posso quebrá-las.”

A compostura de Eileen começa a ceder. Cambaleia de volta nos seus saltos altos e se senta num túmulo mais próximo, de mármore rosa. Ela retira um lenço de seda branco e começa a esfregar seus sapatos meticulosamente, ignorando Joe completamente. Ele empurra o caixão de volta para dentro e senta na direção, tentando elaborar um plano para convencer uma mulher “morta” a se deitar num caixão. A primeira ideia é subjugar a fisicamente, uma vez que uma mulher fria e sem compaixão de Newport não poderia ser persuadida por um simples entregador de pizza.

Pelo espelho retrovisor, vê Ernest caminhando do escritório aos portões, com as facas balançando pelo cinto. Joe se pergunta com o que aquele homem está trancado. *Provavelmente é um desses tarados por facas*. Joe sai do carro determinado a convencer Eileen mais uma vez, quando seus olhos se esbarram em Belinda. Ela está parada na frente de seu túmulo, como se tivesse ressuscitado de sua cama de morte e aberto a porta da frente de sua cripta para recolher o jornal do dia.

Joe olha para o céu acima. O sol está em zênite — um dia perfeito. Também um dia perfeito para desencadear o ódio que Belinda gerou dentro dele. Assim que se aproxima do túmulo dela, percebe que vive um espírito diferente no corpo dela. Ela está apática, inexpressiva, e seus olhos vazios de calor humano.

“Você mentiu pra mim!”, Joe diz, sua voz quebrando com emoção.

“Sinto muito, Joseph.”

“Sente muito?”, ele protesta, quebrando a serenidade de Elysian. “Você me usou, Belinda, igualzinho aos outros errantes trancados. Até mentiu sobre Ernest.”

Como se estivessem todos em sintonia, Ernest está desbloqueando os portões, escancarando-os.

Belinda senta-se no seu próprio túmulo e olha diretamente nos olhos de Joe. “Mais uma vez, sinto muito. Eu perdi meu filho, e ele perdeu sua mãe. Pensei que você ia entender porque perdeu seu pai com a mesma idade de Henry. Sei que fui egoísta, mas com você por perto eu tive minha única chance de me conectar com meu filho. Não consigo ver ou falar com ele como você consegue.”

Quando ele percebe a voz dela tremer, seu coração amolece.

“Todas as histórias que te contei são a respeito desse silencioso e indesejável visitante que assola os vivos, e que um dia também vai visitar você. Esse visitante, a morte, fala uma linguagem que recusamos compreender. Nos acon-



selha em cada momento, mas nos recusamos a escutá-la. A morte nos ensina sobre a finitude das coisas, mas não prestamos atenção aos alertas. Ela mostra sua face em todo lugar, mas evitamos olhar nos olhos dela. Ignoramos os seus mais fundamentais ensinamentos: que ela vai parar com as nossas façanhas, nos despojar de tudo o que construímos e nos separar da família e amigos. Quando a morte nos presta uma visita, às vezes não há mais tempo nem para um adeus, apenas para nos desapegar de tudo. E quando partimos a grama do nosso vizinho em Signal Hill vai continuar crescendo, assim como em todos os lugares neste magnífico planeta. Enquanto isso, o Joe da casa ao lado, que ainda vive, sonha por um novo amanhã, um amanhã melhor.”

Joe senta-se no túmulo ao lado do dela e nada diz. Olhando para ela agora, se pergunta como a sua mente foi capaz de criar uma ilusão tão distorcida a respeito da sua beleza. Pior, como pôde fabricar todos os aromas que imaginava emanarem dela? Toda a beleza etérea e seu encanto místico desapareceram. Tudo o que resta ali é uma simples mulher... morta.

“Como você morreu?”, ele pergunta, após um tempo.

“Dirigindo.” O olhar dela se afasta, agora olhando para o espaço vazio. “Estava dirigindo do trabalho para casa numa tarde de chuva, e enquanto digitava um número no meu celular vi um caminhão vindo em minha direção. Só tive tempo de pensar numa coisa, meu menino Henry. Então tudo ficou escuro, e nunca mais o vi.”

Joe fica comovido com o seu trágico destino, ainda presa a intensos sentimentos de amor e sofrimento, mesmo após a morte.

“Tenho tanta saudade dele.”

“Henry tem saudade de você também. Ele se deita e abraça teu túmulo.”

“Você foi minha última chance de me conectar com ele, Joseph.”

“Por que você está trancada?”

“Rancor. Profundo ódio contra meu avô, Elijah. Política! Por rancor e maldade, enterrei a esposa dele num cemitério diferente, aqui. Por isso estou presa aqui também. E é por isso que a maioria das minhas histórias são sobre desapego.”

“Ele me falou sobre isso ontem e pediu a ajuda de Henry.”

“Se Henry voltar, eu gostaria que você nos conectasse, assim posso explicar o que pode ser feito.”

Joe acena de leve. “Por que mentiu sobre Ernest?”

“Eu te falei que Ernest estava aqui quando cheguei. Ele *não* estava. Ele andava se escondendo naquela escuridão do lado oeste. Um dia, apareceu nos portões e não ousou entrar. Mas quando me viu ele encontrou o que procurava.”

“Como assim?”

“Ele me encontrou!”

“Você?”

“Lembra a história do açougueiro que era admirado pelo seu talento? Aquele que criou a mulher perfeita na cabeça?”

*O açougueiro e Ernest são a mesma pessoa!*

“Quando ele acidentalmente cortou seu punho, se recusou a morrer sem ficar com a mulher ideal e levar as suas facas para o outro mundo. Agora morto, está trancado com as mesmas obsessões.”

“E por que trancou ele no caixão outra noite?”

“Ele andava afiando as facas na frente dos espíritos que perambulavam pelos portões, assustando-os ao invés de convidá-los para se curarem. Na noite que o tranquei, ele me desafiou a te contar a verdade sobre Henry e minha triste sina.”

Joe olha na direção dos portões. Ernest está dando a recepção a um estranho, um jovem com jaqueta de couro, carregando um capacete de motocicleta. Ernest abana, pedindo a ajuda de Belinda.

“Volte mais tarde”, ela diz. “Eu gostaria de falar sobre o livro de Eddie.”

\*\*\*

“Eileen, é meu dever levá-la pra casa. Vou ficar pouco tempo por aqui, e não é bom a senhora ficar sozinha de noite.”

Ela olha em volta por toda Elysian, com seus olhos tomados de desespero. “Se me permite te perguntar, Joseph, o que você está fazendo nesse lugar horrível?”

“Não tenho outro lugar no momento. A zeladora me deixou ficar por algumas semanas, mas chegou a hora de seguir adiante.”

“Joseph, nem todas as mulheres de Newport Beach são idiotas. E mesmo as estúpidas sabem reconhecer um Mercedes *top* de linha a uma milha de distância. Essa história de não ter outro lugar é desculpa sua.”

“Eu só dirijo esse veículo pra Home Perpetual, uma casa funerária. A proprietária me falou hoje que a única forma de levar a senhora pra casa é –”

“Não seja tolo”, Eileen o repreende, “eu nunca vou pôr os pés naquela coisa mórbida.” Com seus dedos tremendo, ela vasculha por algo na sua bolsa Hermes e retira maquiagem. Joe olha para a inscrição na lápide onde ela ficou marchando, suspeitando que poderia ser a dela, mas pertence a um tal de Charles Buchanan.

“Apenas se lembre de que este pode ser meu último dia aqui. A cidade da senhora fica a poucas milhas.” Ele retorna à Nuvem e ajusta o espelho retrovisor para vigiá-la atentamente. De vez em quando, ele gira o espelho para ver se Belinda está nas cercanias do escritório.

A tarde se arrasta, e ainda não há sinal de Belinda. Ele retira o livro do bolso e olha bem para suas últimas decisões: ajudar Henry, mudar seu nome para Edward, transferir a esposa de Elijah e o corpo de Bernard para Homeland — decisões somente possíveis se ele sobreviver. Joe tem vontade de acrescentar que vai levar Eileen para Newport, mas em troca vira a página até o último capítulo, intitulado “Humildade”.

## HUMILDADE

---

Caro Joseph,

A vida, a jornada em que está empreendido agora, é uma passagem bem curta. Em palavras simples, você não é nada senão uma consciência encerrada num corpo físico — seu escudo, sua casa temporária. Há somente uma coisa que faz a sua jornada neste plano um mistério — a Morte. Por quê? Porque a morte tem o poder de pôr um fim definitivo a tudo o que você construiu nessa existência até agora. Com um poder dessa magnitude, a morte pode lhe ensinar as mais preciosas lições.

A primeira lição que a morte ensina é a humildade, pois ela tem a última palavra e o poder de lhe tocar a qualquer momento. É humilhante não saber quando e como a morte vai nos encontrar. Segundo, sem a morte, nada nesta vida faria sentido. Não são muitos os que entendem ou aceitam essa ideia. A morte é um verdadeiro mestre espiritual quando se trata de disciplina, paciência, simplicidade, silêncio, humildade ou perdão. São práticas invisíveis, mas que contêm verdadeiro poder. São tão invisíveis e silenciosas como o poder que cria, permeia, sustenta e renova o universo inteiro. Finalmente, somente quando você enxergar a vida através das lentes da morte é que os seus pensamentos, palavras e atos terão poder. Dito isso, só existe tempo para decisões finais — decisões tão finais quanto a própria morte.

Uma vez que a decisão está tomada, só existe uma coisa a fazer: agir de acordo, impecavelmente. Um ato impecável só é possível quando a decisão é irreversível. Cada acordo rompido vai diminuindo sua autoestima; em contrapartida, quando é final, a sua decisão se torna poder. Assim, o grau de responsabilidade na sua vida é tão crítico que você não pode se dar ao luxo de violar qualquer acordo consigo ou com os outros. Por quê? Porque as consequências de cada decisão acabam em você mesmo. Suas decisões finais e o toque da morte são as únicas coisas que têm o poder de mudar a sua vida.

Joseph, meu filho, os princípios encontrados neste compêndio são ferramentas para qualquer um que intenciona mudar, viajar longe nesta vida. Eles também têm o poder de transformar um ser humano num anjo invisível.

Seu amado pai, Edward.

Com essas linhas, Joe tem certeza de que Eddie, seu pai, as histórias de Belinda e o carteiro falam todos a mesma linguagem — morte. Bem como *tudo* ao seu redor — cemitério, carro fúnebre, caixão e uma gangue de almas desencarnadas — fala do fim da vida. Mesmo Eileen cheira a morte. Joe fica sentado no volante por um longo tempo. O constante *tec-tec-tec* dos sapatos de Eileen no mármore o deixam sonolento. Mas é um passo em falso da parte dela que o acorda para descobrir que já está escuro. “Pois bem, Belinda. Podemos falar sobre o livro de Eddie?”, diz em voz alta.

\*\*\*

Joe marcha até o escritório e encontra Belinda sentada no chão, de frente para Ernest, separados por uma requintada coleção de facas. Ernest segura uma no ar, explicando animadamente: “Esta aqui não é vendida nos Estados Unidos é uma Yoshihiro, ideal para cortar picanha.” Quando Belinda percebe Joe diante da porta, pede licença e se junta a ele.

Ela imediatamente o convida para uma volta na direção do temido lado oeste de Elysian. “Deixa eu te levar para a estátua do anjo que Eddie erigiu, o lugar perfeito para falarmos dele.”

“Quando você diz Eddie, fala daquele que administra as três pizzarias?”

“Esse mesmo.”

Ela lidera o caminho, a cada pouco cautelosamente olhando em todas as direções. A área tem pouquíssima luz e é coberta por uma vegetação semelhante àquela que Handsome o levou ontem de noite. Joe já havia visto essa área duas vezes durante o dia e parecia completamente inanimada. Agora, no escuro da noite, parece estranhamente viva. Eles caminham em silêncio, cada vez mais adentrando o escuro, e, não demora, Joe tem a estranha sensação de que ouve passos além dos deles. Há pouca luz vinda de cima, e embaixo somente túmulos velhos e árvores ressequidas por todo o lugar.

“Por que a cidade não providencia uma linha elétrica pra esse lado do cemitério?”

“Nós suspeitamos que um desses espíritos errantes esteja trabalhando como interno na L.B. Electric, mantendo esta área nesse estado.” Belinda para

e abaixa a voz a ponto de sussurrar: “Eles se tornaram bem engenhosos para poder se esconder no escuro.”

“O que você viu?”, ele sussurra também.

“Tem um deles nos rastreando.” Belinda continua caminhando, mas toma passos como um soldado pisando em campo minado, e Joe procura ficar a um passo atrás dela. O lugar não tem a aparência de cemitérios mal-assombrados que ele via em filmes. Nada de túmulos abertos, névoa serpenteando pelo chão, tampouco mãos invisíveis agarrando calcanhares. Mas ele percebe o murmúrio de vozes ao longe, às vezes tão perto que parecem estar dentro de sua cabeça. São uma mistura de queixas, gemidos e lamentações. Joe apenas pensa que devem ser espíritos angustiados tentando voltar a viver, eternamente procurando um lar. E, embora não sinta cheiro algum, parece detectar um gosto acre na língua. Quando Belinda começa a caminhar mais ligeiro e em linha reta, ele tem certeza de que alguém está no seu encalço, e por nada no mundo se atreveria a olhar para trás.

“Ali”, ela diz, apontando adiante. Apenas a alguns metros, ele vê o anjo empunhando a espada que havia visto a distância. “Este é o lugar perfeito para responder todas as perguntas sobre Eddie e seu livro.”

Somente a dois passos do anjo, Joe tem a real impressão do quão imponente e majestosa a estátua é. O anjo de olhos enervantes que vela pela sua mãe em Homeland tem pouco em comum com o de Elysian. Este aqui, mesmo com uma espada ameaçadora, pronto para desligar as chaves do céu e inferno, tem um rosto familiar, que Joe não consegue identificar. O anjo está afixado num bloco de mármore da altura de uma pessoa, com degraus que levam aos seus pés. Belinda sobe a escada e se senta junto ao pé direito do anjo. Ela pede que Joe sente-se ao seu lado.

Ele olha ao redor, e vê que este lado de Elysian não é tão sinistro como pensava. Mesmo que esteja no coração das trevas, sente-se inexplicavelmente calmo.

“Eddie é um facilitador”, ela começa. “Alguém que faz o trabalho de um anjo.” Ao que ela diz a palavra *anjo*, tudo se aquieta ao redor. Nenhum murmúrio, nem mesmo um inseto noturno pode ser ouvido. Mas, para Joe, a palavra *anjo* soa tão alheia quanto *facilitador*.

“O que é um facilitador?”

“Alguém que ajuda pessoas a seguir em frente ou, em alguns casos, voltar para a vida. Eddie é um viajante entre mundos, diferentes realidades. Alguns o chamam de facilitadores, outros de anjos, porque suas ações são invisíveis e eles não tomam crédito por elas. E, como anjos, eles têm uma legião de ajudantes que podem ser invocados.”

“Mas Eddie era real. Ele administrava três pizzarias para o pai de Helena.”

“Ele é real e administra aquelas lojas. O que você não está ciente ainda é que existe um tráfego constante entre o mundo dos vivos e dos mortos. Eddie interage com os dois mundos e o livro dele ajuda outros a fazerem o mesmo.”

Assim como com Handsome ontem à noite, Joe sente que quanto mais eles tentam explicar, mais estão embaralhando sua mente já desorientada. Carolyn havia lhe dito o mesmo, somente em palavras diferentes. “Como pode alguém morrer e voltar?”

“Alguns podem, mas somente após conseguirem se tornar invisíveis, sem apego a absolutamente nada. Eddie mandou erigir essa estátua para servir de farol, não somente para Helena, mas para liberar todos os espíritos perambulantes presos às suas ilusões. Como te falei, a esposa dele nunca soube quem ele era realmente. Em vida, ela correu atrás de uma ilusão, obcecada com a sua aparência física, mas era a imagem de um homem que era celibatário desde sempre.”

“Então Eddie era real?”

“Tão real quanto você.” ela diz. “By Pizza e as outras lojas estão ali para servir a um propósito muito mais alto. Mas é o *Livro invisível* que traz os resultados.”

“Como pode um livro trazer alguém de volta pro mundo dos vivos?”

Belinda silencia por um momento. “Por causa de sua praticidade. Ele não é um guia moral a ser seguido. Para isso existem muitos outros livros. Esse compêndio nada mais é do que um guia prático para se livrar da temporalidade das coisas. O que faz o livro prático são as páginas em branco com suas decisões finais. Pensa comigo, além da morte, que outra coisa pode nos ensinar disciplina ou paciência? Que tal verdadeiro altruísmo, perdão, humildade, simplificação ou silêncio? Essas práticas precisam ser abordadas de forma invisível se alguém busca liberdade completa. Uma vez que as conquistou, ninguém pode tirá-las de você. Para a maioria, esses conceitos só fazem sentido quando a morte já tem suas garras bem fundas ou quando já é tarde demais.”

“Então essas lições são para os vivos e os que estão trancados?”

“Sim. Elas vêm dos mortos que um dia estiveram trancados e eram intencionadas como lições para os vivos, especialmente os que já estão trancados na vida com suas obsessões e distrações. Seguir esse guia prático significa não deixar espaço para ilusões. Ele descredibiliza tudo o que promove *amanhãs* e qualquer coisa que promete *felicidade*.”

“Por que não felicidade?”

“Porque felicidade não perdura além de alguns instantes. Não é possível experienciar felicidade além de pequenos momentos, então ela nunca pode ser o resultado final das coisas que queremos.”

Olhando ao redor, Joe percebe que a sua visão se ajustou a ponto de poder ver o contorno de cada árvore e tûmulo da redondeza. “Por que as decisões finais são tão importantes?”

“Porque quando uma decisão não é final não vai ocorrer mudança. Quando é final, você elimina todas as outras possibilidades.”

“Pode me dar um exemplo?”

Ela pensa por um momento. “Vamos dizer que você decide não comer sua pizza favorita por um mês, mas no décimo quinto dia quebra o acordo. Isso significa que a decisão não foi final e que era fraca. Se mantiver a decisão de forma impecável, vai vencer uma pequena batalha que vai lhe tornar mais forte e promover a próxima decisão final, e mais outra, e assim por diante.”

Joe tem que concordar com isso. “Então essas decisões podem ser a respeito de qualquer coisa?”

“Absolutamente.” Belinda se vira abruptamente para a direita e sussurra. “Temos companhia. Vire a cabeça para a direita bem devagar.”

Ele olha sobre seus ombros e, a uns vinte metros adiante, vê dois pequenos pontos vermelhos, assim como dois carvões em brasa sob uma camada de cinzas.

“É um animal?”

“Um homem. Ele tenta se esconder na escuridão, mas os olhos dele sempre o traem. São olhos repletos de fúria, sempre prontos para criar confusão.”

Joe olha para o lado mais iluminado de Elysian, considerando uma fuga rápida.

“A gente pode correr até o carro?”

“Eles não chegam perto da estátua”, ela diz, reclinando as costas contra a perna do anjo. Ainda em voz baixa, ela continua: “Quando vivo, aquele homem era um policial, mas somente por pouco tempo. Já na infância ele não sabia responder bem à frustração, além de ficar vermelho, gritar e bater em paredes. Seus ataques de raiva se estenderam até a juventude. Quando completou vinte e um anos, repleto de ódio até o limite e no auge de sua burrice, concluiu que a maneira mais rápida de fazer algum dinheiro exercendo a maior dose de poder sobre alguém era se tornar um policial.”

Joe olha para a sua direita novamente e estremece ao ver os olhos vermelhos mais definidos. O homem está chegando mais perto.

“Ele sabe que estamos falando dele.” Belinda ergue seu braço e aponta diretamente à frente. “Tá vendo a silhueta daquelas árvores? Ali fica Transition Lane. Vamos caminhar até lá fingindo que não nos importamos com a presença dele. Chegando lá, pegamos à esquerda e vamos direto para os portões. Se ele

chegar perto demais, podemos até atrai-lo para dentro de Elysian. Você vai primeiro e logo atrás.”

No início, Joe segue com passos lentos, cuidando para não tropeçar em nenhum túmulo. Mas quando percebe que os reluzentes olhos vermelhos estão mais perto, começa a correr. Suas pernas raspam nas moitas, chicoteando as canelas, e pode jurar que a terra abaixo está se movendo. Quando alcança a rua com alguns postes de luz, sua tensão alivia. Assim que Belinda o alcança, os dois caminham na direção dos portões, e ela prossegue com a história como se nada tivesse acontecido.

“Quando ele finalmente se graduou pela academia e se tornou um policial, tinha chegado a hora de exercitar o poder que tanto ansiava. Ele se ofereceu para operar na divisão de trânsito, assim poderia atormentar a vida de qualquer um quando quisesse. Na manhã em que morreu, tinha acumulado ódio suficiente para detonar uma quadra inteira.”

Eles estão se aproximando dos portões, mas a história está deixando Joe mais e mais ansioso.

“Mas teve um problema”, ela continua. “O motorista que ele parou por motivo de alta velocidade era um ex-presidiário que não tinha respeito algum por qualquer autoridade. Na verdade, como todos os criminosos, ele odiava policiais. Quando o policial pediu para ver o registro e carteira de motorista, o motorista se recusou a obedecer e teve a ousadia de sair do carro. Tudo aconteceu rápido demais. O policial sentiu um estalo logo abaixo da garganta que chegou a ressoar em seus tímpanos. Ele tocou seu peito e sentiu algo úmido. Era seu próprio sangue. Seus pés e mãos ficaram dormentes e sua visão ficou reduzida. Era tarde demais. Ele havia sido baleado pelo motorista que tinha uma pistola em sua jaqueta. Como diz o ditado, ódio gera ódio.”

Eles passam os portões e caminham direto até Nuvem. Assim que estão seguros no carro, Joe tranca as portas. O clicar das trancas vem acompanhado de uma mão enorme batendo com força no para-brisa, enviando um choque violento em sua nuca.

“Esse é o cara”, Belinda diz, numa voz estranhamente calma.

Joe reconhece o homem imediatamente. Os mesmos olhos esbugalhados, as mesmas sobrancelhas e a mesma cabeça pequena num corpo de orangotango. “Eu conheço esse cara”, Joe gagueja. “Ele enfiou uma arma na minha boca e me roubou dez pizzas.”

“Fique calmo”, Belinda diz, colocando a mão nos ombros de Joe.

O monstro olha nos olhos de Joe, também o reconhecendo. Seus olhos escaldantes e seu nariz bulboso fazem dele um típico ogro que vive embaixo de



pontes. Joe estende a mão até a ignição, mas Belinda coloca a sua mão fria sobre a dele. “Abra o vidro e o confronto.”

“Você deve estar brincando. Esse cara tá armado. Ele pode usar a mesma arma.”

“Arma? Onde você ouviu esse disparate? Ele está morto. Se você o confrontar, nunca mais vai te atormentar.”

O policial começa a marretar o para-brisa com sua mão polposa.

“Com calma, abra a janela e pergunte o que ele quer”, Belinda insiste. “Não se preocupe, estou aqui para te proteger.”

“Por que a gente não se manda daqui de carro?”

“Ele é do tipo que nunca vai desistir até ser confrontado. O problema dele é com você.”

Joe olha para ele mais longamente. Os olhos do monstro injetados de sangue atravessam o para-brisa como um fio de laser vermelho. As mãos de Joe tremem ao tocar o botão que desce o vidro. “E o que digo pra ele?”

“O que você quiser, só não diz que ele está morto, porque ele ainda não acordou para essa realidade. Tem mais um detalhe sobre a história dele. Seu último pensamento antes de morrer foi se recusar a morrer sem matar aquele motorista. Ele é apenas uma alma colérica, e na sua cabeça ainda é um oficial da lei e da ordem.”

O policial solta grunhidos e tenta puxar o vidro da porta para baixo com suas unhas longas e sujas. O ruído raspando o vidro envia arrepios pela espinha de Joe.

Joe controla sua respiração e, bem devagarinho, desce o vidro meia polegada.

“Olha só, se não é o carregador de pizzas”, o policial fala, com sua voz gutural. “Da última vez cê tava dirigindo aquela lixeira ambulante estacionada logo ali. Que máquina é essa?”

“Apenas um carro fúnebre.”

“Notei que teu estacionamento tá um tanto relapso.”

“Não tá, não. Estou num cemitério privado, e carros fúnebres podem estacionar em qualquer lugar.”

O rosto e pescoço do homem se endurecem, e ele imediatamente solta a lingueta do coldre.

“Sua arma não me assusta. Minha amiga aqui tava mesmo me falando sobre você”, Joe diz, descendo a janela um pouquinho mais. “Ela me falou que você se tornou um policial porque não era muito inteligente e era a única ma-

neira de possuir poder sobre os outros. Basicamente, você não tinha cérebro pra muita coisa.”

“Saia do carro já, seu pentelho!” O policial retira sua arma e aponta-a diretamente para Joe.

“Belinda, ajuda”, Joe murmura entre dentes cerrados.

“Cala a tua boca!” o oficial grita. “Eu disse *saia do carro*. Agora!”

Determinado, Joe junta toda a coragem, sai de Nuvem e enfia sua mão no bolso. “Você não pode atirar em mim, seu jumento analfabeto. Eu tô apontando uma arma pra você. Se eu atirar, vai sentir algo úmido logo abaixo do pescoço. Chama-se sangue. Lembra? Então aqui está o acordo: ou você devolve minha carteira de motorista e as dez pizzas, ou puxo o gatilho.”

O nariz e as orelhas rosadas do homem se tornam tão brancas quanto o rosto. A mão dele, segurando a arma, começa a vacilar.

“Relaxa, meu velho”, Joe acrescenta, “Por que você nasceu tão brabo? Só porque nasceu estúpido? Eu nasci burro também, sabia?”

“Cê tem a audácia de me chamar de estúpido? Eu tenho autoridade pra te entregar por desacato à autoridade, sabia?” Seus olhos expelem ódio e fogo, e suas mãos começam a tremer tanto que Joe fica em dúvida se ele pode ou não puxar o gatilho acidentalmente.

“Se você voltar aqui de novo sem minha carteira, te tranco naquele caixão deitado ali atrás pra sempre. Você ouviu o que acabei de dizer? *Pra sempre!*”

Devagarinho, o policial vai se afastando, tomando um passo de cada vez para trás e abaixando a arma.

“Estou orgulhosa de você”, Belinda diz, sorrindo.

“Por que me fez passar por isso?”

“Você conseguiu realizar algo monumental. Você o trouxe para dentro de Elysian, e ele jamais será o mesmo. E vai te deixar em paz. Como vê, há muito trabalho a ser feito por aqui. Um de cada vez, Joseph”, ela diz, saindo da Nuvem. “Um de cada vez.”

Do veículo, eles conseguem ver Eileen entrando pelos portões de Elysian.

“Como posso persuadir aquela mulher a deitar naquele caixão pra eu levá-la pra Newport Beach?”

“Nunca vai poder. Ela insiste que morreu no código postal errado e não existe mais *voltar pra casa*.”

Joe fica sem palavras. Eileen é a mulher que esteve num acidente de carro na Freeway 405 e se recusou a morrer naquele código postal horrível. Ele vê Eileen subindo no mesmo bloco de mármore e pondo seus sapatos.

“Se for ver Henry, por favor, traga ele até aquela estátua.” Belinda se enca-minha até o escritório, e Joe aborda Eileen novamente, cuja face é uma máscara deformada de puro horror. O lado esquerdo do seu rosto está endurecido de maquiagem, mas tem sangue escoando através de um corte leve, logo abaixo de seu ouvido.

“Quem é aquela senhora?”

“Belinda, a zeladora desse lugar”, Joe diz, com a tentação de dizer para Eileen que ela já está morta. “Gostaria de levar a senhora pra casa agora.”

“Naquela coisa horrorosa? Nunca! Apenas me diga a verdade, não acha que tem algo de bem estranho naquela mulher?”

“Pra ser completamente honesto, Eileen, ela está morta.” Ele espera que ela tenha captado a mensagem, mas ela apenas olha para ele com um olhar aflito. “É verdade, Eileen. Consigo ver alguns, e até falar com eles. Já viu o filme *O sexto sentido*? Aquele menino no filme tem o mesmo problema que eu. Mas não entre em pânico, os mortos em geral são gente boa, pessoas comuns como você e eu.”

Eileen parece horrorizada. “Se fosse verdade o que você está dizendo, o que ela faz por aqui?”

“Ela está trancada. Todos com quem falo estão trancados entre a vida e a morte.”

Eileen olha em outra direção.

“Me dá um toque quando estiver pronta pra ir pra casa.”

Sentado na Nuvem, Joe se dá conta de que ficar distraído e ocupado o manteve longe de pensar sobre seu próprio fim se aproximando rapidamente. Elysian está abarrotada de espíritos que perambulam ao léu e que fariam sua vida miserável se ele mesmo ficasse trancado ali. Joe sabe que não pode morrer aqui, tampouco ficar trancado neste lugar. De vez em quando olha na direção de Eileen, que parece estar profundamente absorvida em seus pensamentos, enquanto ele tem evitado os seus próprios. Sem mais nada a fazer a não ser esperar amanhecer, ele pega o livro e escreve numa das páginas em branco: *Vou levar Eileen para casa antes de morrer.*

# Dia 29

---

## EIS QUE O CARTEIRO CHEGOU

O sol ainda não deu sinal de vida, e o cemitério está envolto em intenso nevoeiro, mas Joe reconhece Eileen, que está aflita, batendo no para-brisa.

“Você precisa sair daqui agora!”, ela urge a Joe. “Tinha um carteiro aqui esperando por você.”

Joe abre a porta num instante. “Como assim um carteiro?”

“Ele estava estacionado logo atrás de você a noite toda. Acabou de sair um minuto atrás.”

“Ele... ele tinha algum sotaque estranho, bem diferente?”

“Todos eles têm, Joseph.”

“Tinha cara de quê?”

Ela apenas move os ombros. “Não sei... alguém num uniforme de poliéster e de mau gosto.”

“Que mais ele disse?”

“Disse que veio te buscar porque você não escovou os dentes ontem à noite. Muito estranho! Olha, se você deve dinheiro a ele, não há nada que meu cartão AmEx Ceturion não possa resolver.”

É ele! “Por que não me acordou?”

“Eu quis, mas ele não me deixou. De repente, se escusou dizendo que tinha o dever cívico de servir a comunidade, mas que retornaria em duas horas. Ele estava constantemente estalando seus dedos e suas costas. Que rude!”

Joe nem a ouve mais. Sabe que o carteiro não o perdeu de vista, e reconhece que seu fim está verdadeiramente chegando. Se sente estranhamente frio e vazio. Sua promessa de levar Eileen para casa já se evaporou e, curiosamente, no caminho até Carolyn, se dá conta de que tem mais promessas pendentes do que vinte e nove dias atrás.

\*\*\*

O portão principal de Home Perpetual está escancarado até o teto. Não há nenhum carro fúnebre no lote de estacionamento, e todos os portões de carregamento também estão abertos. Assim que Joe põe a mão na maçaneta para sair, a porta do passageiro se abre. Como que caída do céu, Carolyn aterriza no assento com um olhar atemorizador. “Preciso me conectar com Eddie agora!”

“Nem por um segundo. O carteiro voltou e tá atrás de mim.”

“Não, senhor. Acordo é acordo, lembra? Você vai deitar naquele caixão ali atrás e ter uma reuniãozinha com teu amigo. Preciso saber *como* e *quando* vou voltar.”

“Você não ouviu o que acabei de dizer? O carteiro voltou!”

Juntamente com o estrondo de uma colisão, Nuvem é violentamente impelida contra a parede, estilhaçando o para-brisa e jogando lascas de vidro por todo o painel. A porta do motorista não abre, então Joe se arrasta pela porta do passageiro logo depois de Carolyn.

O carteiro desce do seu veículo, assobiando uma melodia triste e estalando seus dedos. Joe sente seu estômago se revirando em um nó.

“Essa foi a segunda vez”, Carolyn diz em tom desafiador. “Espero que teu seguro seja compreensivo.”

“Eu não quero nada contigo, sua cascavel”, o carteiro responde. “Quero ele. A partir de agora, ele é meu.”

Joe se aproxima de Carolyn e sussurra: “Ele tá vivo ou morto?”

O carteiro olha para seu relógio de ouro. “Seu tempo aqui acabou, Joseph De Angeles. Provavelmente você pensava que eu era uma dessas aberrações que nem a mulher do seu lado, mas você estava muito, muito enganado. A maravilha do seu lado já morreu faz décadas.”

Os três trocam olhares silenciosos. Joe não pisca nem respira.

“O que cê quer dizer com *morreu faz décadas*?”

“Ela não é um caso patético? Fica se gabando por ser praticante de silêncio, simplicidade e outras coisinhas. Olhe ao seu redor, para esse empreendimento funerário que ela pariu. Consegue ver simplicidade nisso? Na verdade, ela não conseguia nem viver em paz naquela salinha vazia dos seus vizinhos em Signal Hill. Os coitados tinham acabado de comprar a casa e tiveram que vendê-la por causa da presença não tão *silenciosa* dela.”

Os olhos de Joe estão fixos no carteiro, como se estivesse vendo-o pela primeira vez. Carolyn fica imóvel ao seu lado, também sem respirar. Ele a encara, petrificado. “É verdade?”

“Absolutamente”, o carteiro responde por ela. “Na vida, ela queria se casar e ter filhos, mas tudo o que conquistou foi se tornar uma freira hipócrita, uma freira grávida de culpa ao invés de uma criança. Ainda hoje acredita que vai conseguir voltar ao mundo dos vivos.”

Carolyn se move para ficar bem ao lado de Joe, mas ele recua dois passos. “Pegue tuas coisas no carro e corra”, ela diz.

“O quê?”

“Pegue o teu livro e corra. *Agora!*”, ela grita, “ou você vai morrer.” A voz dela ecoa pelo enorme lote vazio e retorna mais forte ainda nos ouvidos de Joe. Carolyn então se volta para o carteiro: “Joseph ainda não é teu. Ele é nosso!”

No auge da confusão, o instinto de Joe diz que é hora de fugir *agora* para salvar sua vida. Agarra seu livro com o bilhete, mas é tarde. Com uma mão do carteiro ao redor do seu pescoço e a outra enterrando as unhas no seu peito, Joe fica imobilizado. Sente os dedos do carteiro entrando entre suas costelas como as garras de um falcão procurando o coração. Sabe que seu fim chegou. Enquanto luta por mais ar, o livro cai de suas mãos.

“Eu disse que ele é nosso!”, Carolyn protesta. Com um movimento violento e preciso, torce o pescoço do carteiro muito além do ponto de quebra. Ele colapsa instantaneamente. “Agora controle a respiração e corra!”, Carolyn grita. “Ele vai fazer de tudo para parar tua respiração!”

Joe ajunta seu livro e sai correndo, sem nunca olhar para trás.

“Respire, respire, respire”, ele ouve a voz dela como se estivesse perseguindo-o.

Uma vez na rua, suas pernas se movem como pistões, e sua mente acelera tão rápido quanto suas pernas. Corre em linha reta, mas seus pensamentos se movem em círculos, sempre voltando para o mesmo — a freira da história de Belinda. Após correr uma quadra inteira, para e olha para trás. Não há nenhum carteiro correndo atrás dele. Exausto e ensopado de suor, Joe se abriga num beco e se esconde atrás de uma lixeira. Um pensamento lhe sobrevém a respeito do proprietário da casa de Carolyn.

*Se eles estavam vivos todo esse tempo, então...*

\*\*\*

“Algo errado?”, Belinda pergunta, parada na porta do escritório.

“Tudo errado! Você não me falou tudo sobre a história da freira.” As palavras ficam tropeçando uma por cima da outra.

Em silêncio, ela toma o braço de Joe e novamente caminha na direção do anjo no lado oeste de Elysian. Hoje, neste lado, tudo parece mais ordinário. Pela primeira vez em três semanas ele enxerga uma parede no final, dissipando a noção de que o cemitério se estendia por milhas sem fim. Mas as árvores secas e atrofiadas, com seus galhos franzinos e pontas como dedos enrugados, ainda revelam morte. Calmamente, Belinda explica: “Não há muito a acrescentar. Depois que ela morreu, dirigir um carro fúnebre se tornou uma forma de se punir, resultado de culpa. Carolyn apenas tem medo de que Eddie não vá cumprir o que ele prometeu.”

“O que foi que ele prometeu?”

“A possibilidade de voltar ao mundo dos vivos. Mas tem um pequeno problema. Ela quer voltar num corpo feminino para poder casar e ter filhos. Mas um facilitador, bem como um anjo, não consegue voltar escolhendo um gênero. São entes espirituais, e não podem ser diferentes. Carolyn não pode simplesmente retornar *quando* e *do jeito* que ela quer.”

“Pra que Eddie contratou ela?”

“Principalmente para cuidar de você e inspirar um escritor, um homem que estaria aberto a ouvir as vozes dos que estão trancados. O trabalho dela era inspirar o autor e recitar cada palavra do livro, porque Eddie estava com medo de que você não só perderia aquela cópia como também nunca a leria.”

“E por que todo aquele negócio da casa funerária?”

“Os espíritos errantes têm a capacidade de construir mundos sobre mundos. E conseguem atrair qualquer alma vulnerável e prendê-las naquele mundo, bem como aranhas prendem moscas. Carolyn te envolveu na Home Perpetual do mesmo modo que eu te distrai com minhas histórias.”

“Você tá dizendo que nada daquilo é real? Esse cemitério é real?”

“Isso tudo”, ela diz, girando seu braço por todo o cemitério, “é bem real. No momento você apenas está um pouco perdido no espaço e no tempo. Logo, logo vai se orientar.”

Brilhando sob o sol, a estátua é magnífica, quase opressiva. O anjo empunhando sua espada parece estar incumbido de todas as questões do mundo. Seus olhos refletem firmeza e determinação, mas também têm algo paternal, um olhar confortante. O que mais fascina Joe é que ele se parece demais com Eddie.

“Eddie contratou Handsome, Carolyn e eu para te ajudar”, Belinda continua. “Nós éramos os melhores ajudantes disponíveis, mas ainda cheios de falhas, e mentimos por motivos diferentes, sempre por interesse próprio. Não é por nada que ainda estamos trancados. De qualquer modo, somos ajudantes.”

“Me explica de novo como uma pessoa pode voltar pra vida.”

“Eu entendo a frustração. Aqui está a única resposta: se fazendo de invisível. A prática daquelas ideias no livro com suas decisões finais tem o poder de torná-lo invisível. Uma vez invisível, você tem a opção de fazer o que quiser, até retornar.”

Joe senta no pé das escadas que levam ao anjo. Ele apoia seus braços nos joelhos e segura sua cabeça com as mãos. Parece não ter entendido muito bem.

“Se enxergar Henry novamente, por favor, traga-o aqui neste mesmo lugar. Ele veio a Elysian por uma razão. Ele também fala com os vivos e mortos, e anda em busca de uma conexão através de qualquer espírito itinerante.”

Joe não se lembra de Elijah ou Belinda jamais terem dito que o menino podia falar com os mortos.

“Olhe ali... me parece que você tem companhia.” Belinda aponta com seu queixo na direção de Eileen. O capô de Osso está erguido e há um homem manuseando seu motor. “Talvez consiga ajudá-lo.”

“Te vejo depois”, Joe diz, se apressando até o carro. *Isso não para nunca!*

Sem tempo, Joe se aproxima de um homem de meia idade, com certeza também morto, fuçando no motor de Osso. Joe pergunta: “O que tá acontecendo aqui?”

“O senhor é o dono desse carro incrível?”, o homem pergunta, olhando para Joe com olhos redondos azul turquesa.

“Sim, mas tá morto. Não gosto que mexam nele.”

“Por favor, não me leve a mal. Não estou aqui para roubar peças do seu carro. Na verdade, sou mecânico. É que passo todos os dias aqui indo pro trabalho, e seu Nissan já está abandonado há algum tempo. A propósito, meu nome é Chuck.” Com um rosto jovial, o homem estende sua mão, que Joe recusa a aceitar, embora ela não mostre sinal algum de graxa. Seu macacão também é limpo como se tivesse saído da loja um minuto atrás.

“O senhor sabia que o Datsun E10 da Nissan foi o primeiro modelo de tração dianteira vendido na América?”, o homem diz, parecendo determinado a resolver o problema de Osso. “Os japoneses são simplesmente os melhores! Agora, o senhor se importaria de ligar a chave de ignição?”

Com relutância, Joe abre a porta e entra. Retira a chave debaixo do tapete e gira a ignição. Há uma centelha de eletricidade, como se fosse ligar a qualquer momento. Chuck tira as luvas, pega uma lanterna de cabeça dentre as ferramentas de sua caixa e ajusta-a em sua cabeça. Ele então se inclina para frente e estica a mão no motor. Sem demora, exclama, exuberante: “Acho que encontrei o problema!” Ele retira uma vela de ignição, examina-a cuidadosamente e limpa-a com um pano seco. Chuck a repõe e pede para Joe tentar a ignição novamente. Osso volta à vida rugindo num instante, e Joe fica extasiado com o milagre.

“Isso é incrível”, Joe diz. Com a euforia vem uma revelação. Chuck é o mesmo homem que achou seu propósito de vida como mecânico e morreu com a queda de um pequeno avião Cessna. Joe também se dá conta de que ele é o homem do túmulo onde Eileen andou pisoteando de um lado para o outro. “Tenho uma pergunta, Chuck. Quando foi que o senhor descobriu que queria ser mecânico?”



Ele parece estar procurando as palavras certas para responder até que um sorriso desponta nos lábios. “Não vou dizer que foi fácil. E acho que você não entenderia.”

“Talvez eu entendesse, sim”, Joe replica. “Foi procurando por um propósito de vida?”

“Isso mesmo! Mas tive que procurar um lugar bem quieto primeiro.”

“Que tipo de lugar quieto?”

“Um ainda mais quieto que este cemitério. Um lugar dentro de mim, onde pude ver quem eu realmente era, um lugar onde tudo tem vida e tudo volta à vida.”

“Ainda se lembra do primeiro carro que consertou na sua oficina?”

Os olhos de Chuck se tornam embaciados. “Lembro exatamente que carro era, um F-150.”

“Tem certeza de que meu Nissan não é o primeiro?”

Chuck olha para Joe com espanto por um longo tempo. “Tenho que ir agora”, ele diz, juntando suas ferramentas. “Muitos carros me esperam aí fora.” Ele sai de Elysian enquanto Joe caminha até o túmulo onde Eileen fez sua pequena morada. Vê Chuck sorrindo na pequena imagem oval grudada na lápide. Eileen acordou-o dos mortos com seus irritantes passos de salto alto no mármore. Joe retorna para Osso e liga-o novamente. Estático, ele liga e desliga o motor várias vezes. Osso fica ronronando suavemente, como se estivesse feliz por ter ressuscitado. Joe anda para frente e para trás e em círculos. Osso não funcionava tão bem há muito tempo, mas Joe está mais confuso do que nunca.

*Como pode um espírito errante arrumar um carro que é real?*

\*\*\*

Joe dá uma longa olhada por Elysian, o lugar que lhe deu abrigo por semanas. Serviu como um ombro macio para reclinar sua cabeça. Mesmo assim, não o protegeu do carteiro e tampouco lhe revelou algum propósito de vida. Isso terá que esperar a próxima rodada — outra vida, se tiver alguma. No lado leste, uma das colossais bombas de óleo se encontra zunindo quando até então havia silêncio absoluto. Elysian não parece mais tão isolada como antes. Ele também ouve o latido de cachorro e uma britadeira ao longe. Aqui, ele viveu entre o silêncio dos mortos, embora nunca tenha encontrado paz dentro de si. Aqui, neste cemitério, ele encontrou quase todos os espíritos errantes das histórias de Belinda. Se não fosse a promessa de ajudar Henry e levar Eileen para casa, este seria o perfeito momento para dizer adeus.

O sol está distribuindo seus últimos raios do dia. Distante, enxerga Handsome abrindo os portões. Ernest está saindo do escritório, seguido por

Belinda. Ele carrega uma gigantesca mochila nos ombros, curvando-se para frente com o peso. Como sempre, várias facas afiadas estão penduradas ao redor de sua cinta, e algumas mais na própria mochila. Ele se despede de Belinda com um aperto de mão formal e sai pelos portões. Joe se encaminha até Handsome, e os dois se encontram perto do chafariz.

“O que houve?”, Joe pergunta.

“Ernest tá indo de carona na direção norte. Ele acha que a mulher perfeita tá esperando por ele em Seattle.”

“Quem vai dar carona para alguém com uma dúzia de facas?”

“Pois é. É isso que significa está trancado. Bem como a outra ali”, Handsome diz, abanando na direção de Osso. Eileen está parada rigidamente no túmulo de Chuck, olhando na direção deles.

“Ela quer fazer a travessia pra casa dela.”

“Atravessá o condado é apenas uma metáfora, Joe. Significa se dá conta da sua nova realidade. Carolyn pediu tua ajuda pra quebrá a sina de Eileen gentilmente. Nós somos ajudantes, mensageiros que podem sutilmente acordá ele pra sua nova realidade.”

“Com o que ela está trancada?”

“Imagem. A própria imagem”, Handsome diz. “Não consegue largá a nobre imagem que construiu pra ela mesma e para os outros.”

“Por que acabou em Elysian?”

“Ela foi levada para o Long Beach Memorial, a apenas algumas quadras daqui, porque os paramédicos pensaram que ela tinha alguma chance de sobreviver. Mas não foi o caso. Ela fugiu e acabou aqui, pensando que Elysian era mais seguro do que as ruas de Long Beach.”

“O mesmo aconteceu com a menina de vestido vermelho?”

“Aquele é um caso completamente diferente. Emily apenas tá passando por uma experiência de quase-morte, também trancada entre dois mundos. O maior problema dela é que algum espírito vagante pode se avantajá dela.”

“Como assim?”

“Alguns espíritos pensam que podem usá o corpo dela e fazê a travessia de volta ao mundo dos vivos. Mas não podem. O que eles podem fazê é pedir ajuda pra Emily, como mandá mensagens aos vivos, se é que ela vai sobrevivê à experiência e ter a memória otimizada ao voltá a si. No momento o cérebro dela tá fazendo tudo ao seu alcance para se mantê vivo, e, acredite em mim, um cérebro naquele estado pode viajá pro espaço infinito e é infinitamente mais criativo do que uma viagem com LSD ou Ayahuasca. Na verdade, o mundo que ocupa a consciência dela agora tá mesclado com todas as experiências que teve

antes do sistema entrá em colapso. Mais interessante ainda, tempo é algo que se torna inexistente.”

“Como assim?”

“Alguma vez já se perguntou por quanto tempo ficou num sonho? Após uma experiência de quase-morte, os sobreviventes juram por tudo que é sagrado que viveram fora do corpo por dias, semanas e até meses.”

Joe e Handsome são interrompidos pelo som de vidro se espatifando. Eileen está parada em cima de um túmulo segurando um vaso com flores brancas, encarando-os com um olhar fulminante, pronta para quebrar o próximo.

“Acho que ela quer ir pra casa *agora*”, Handsome diz, com uma risada. “Melhor ir lá salvá o outro vaso, Joe.”

\*\*\*

“Eileen, eu tive uma ideia brilhante. Vou ensinar a senhora a dirigir.”

“Que disparate!” ela diz, interrompendo sua marcha no mármore. “Eu jamais poderia dirigir aquela coisa por Newport Beach.”

“E por que não?”

“O que as pessoas de lá pensariam? Que eu sou uma espécie de ajuda doméstica? Se você não pode me levar, alguém vai. Não esqueça que eu tenho meus cartões de crédito.”

“Não acredito que seu AmEx pode ser usado aqui. Num lugar como esse, talvez sirva pra investir em imóveis.” Joe aponta para as sepulturas. Desalentada, ela se senta no bloco de mármore, olhando ao redor como se estivesse acordando para uma realidade muito desagradável. Joe se senta ao lado dela. “E daí se as pessoas pensam que a senhora é apenas uma ajudante doméstica? O propósito não é chegar em casa? ”

Eileen fica em silêncio por um longo tempo. Após várias tentativas de persuasão, Joe finalmente a convence a começar a primeira lição para dirigir Osso. Em dez minutos, Eileen pisou no freio oito vezes ao invés do acelerador. Várias vezes trocou o limpa-vidros pelo pisca e fez a segunda marcha puxando o freio de mão. Osso engasgou e morreu três vezes e foi levado direto até duas lápides. Há marcas fundas de pneus pela grama de Elysian, e somente uma vez Joe a ouviu dizer um palavrão. Seus olhos estavam sempre atentos bem à frente do carro, em antecipação, como se já estivesse a caminho de Newport Beach.

“Não consigo”, ela clama em prantos, depois de acertar um poste de luz. Fica ali por um tempo, olhando para o espaço vazio e escuro da noite, com suas mãos agarrando a direção. De repente, seu corpo enrijece. “Ali”, ela diz, apontando um dedo para Henry caminhando sob a fraca luz do cemitério. “Um menino a essa hora?”

“Henry! A mãe dele é a mulher morta que a senhora viu ontem. O menino quer falar com ela. Espere por mim aqui. Se por algum motivo eu não voltar, esse carro vai levar a senhora pra casa.” Ele sai de Osso e se dirige até o túmulo de Belinda.

Henry está elegantemente vestido com um blazer, camisa branca de linho, sapatos pretos e uma gravata borboleta.

“Ei, rapaz, por que tão bem vestido?”, Joe pergunta.

“Papai acabou de se casar. Vim aqui falar um pouquinho com mamãe.”

“Hoje temos uma boa chance de falar com ela, mas vai ter que ser muito corajoso. Tem uma estátua naquela região escura ali, e sua mãe está nos esperando. Se não tiver medo de escuro, é só me seguir.”

Henry franze a testa, mas, com cautela, segue logo atrás de Joe.

Esta noite, Joe não está preocupado com olhos vermelhos espreitando por detrás de árvores secas. Sua missão é uma: levar Henry até o anjo. Mas, quando olha para trás, o menino já parou longe.

“Como vou ter certeza de que posso falar com ela?”

“Não sei, mas foi ideia da sua mãe. Se quiser pegar na minha mão, sem problema.”

Henry meneia a cabeça e continua caminhando, olhando continuamente para os lados. Mesmo assim, não aparenta ser tão medroso quanto Joe na noite anterior. Quando se aproximam da estátua, Joe vê Belinda sentada aos pés do anjo, apreensiva.

“Oi, Belinda, eu trouxe Henry comigo.”

“Pede para ele sentar aqui ao meu lado.”

“Você ouviu isso?”, Joe pergunta a ele.

“O quê? Não ouvi nem vi nada.”

“Ela pediu pra você se sentar ao lado dela junto aos pés do anjo.”

Henry meneia a cabeça novamente.

“Ele parece ter medo, Belinda.”

“Vai precisar da confiança dele. Diga para ele que na manhã em que morri eu encontrei uma arma de brinquedo embaixo do colchão dele. Ele tinha prometido que nunca brincaria com uma. Isso é algo que você não poderia saber.”

O truque faz Joe imediatamente lembrar uma cena do filme *Ghost*, quando o ator Patrick Swayze diz para Whoopi algo que somente o casal sabia enquanto vivos; que sua namorada estava vestindo uma blusa com manchas de um drink. Joe olha para Henry e repete as palavras de Belinda.

Henry não se move. Olha para a escuridão que o cerca e diz, quase em sussurro: “Mas eu preciso da arma.”

Joe se volta para Belinda. “Ele disse que precisa da arma.”

“Pede novamente para ele subir aqui. Você senta no meio de nós e segura nossas mãos.”

Joe explica a intenção de Belinda para o menino. No início, Henry hesita, mas eventualmente decide pegar a mão de Joe. A mão do menino está morna e suada ao mesmo tempo. Eles sobem os quatro degraus da escada, como se estivessem se aproximando de um altar para sacrifício, e sentam-se no topo.

No momento em que Joe toma a mão de Belinda, sente uma leve sensação que percorre seu braço, se estende até a nuca e prossegue até a outra mão, agora presa ao menino. Intenciona pedir a Belinda o que exatamente fazer, mas percebe que sua garganta se fechou. Está mudo e imobilizado, preso e silenciado entre o menino e sua mãe, entre uma mão morna e outra fria, algo entre a vida e a morte.

“Filho, consegue me ouvir?”, Belinda pergunta.

“Mamãe”, o menino chora, segurando firme a mão de Joe. “Tô ouvindo a senhora.”

As palavras se movem livremente como ondas elétricas mas invisíveis, correndo de uma mão até a outra, como se Joe fosse um fio que transmite informações, mas sem noção alguma do que estão falando. Apenas sabe que é parte de algo que nenhum ser humano poderia entender, descrever ou mesmo acreditar. No entanto, se sente inteiramente vivo.

“Estou preocupada com você, filho”, Belinda diz. “Por que esconde uma arma no colchão?”

“Para afugentar uma senhora bem velha que vem me visitar de noite.”

“Você está com pesadelos de novo?”

“Não são pesadelos. Ela é real. Quando pego minha arma, ela vai embora.”

“Sabe o que ela quer?”

“Ela vive dizendo que está enterrada no cemitério errado. Ontem ela disse que o marido dela está esperando para fazer a travessia final e que precisa da minha ajuda.”

“Ela é tua tataravó”, Belinda confessa. “Cometi um erro muito grave, e agora preciso de sua ajuda. Pode me ajudar?”

“Como?”

“Diga para ela que a ajuda já está a caminho. Dê o teu endereço para Joe, giga para ele te levar a cópia de um pequeno livrinho e deixe-o na janela do teu

quarto. Quando tua tataravó aparecer de novo, diga para ela ler o livro enquanto a ajuda não vem.”

“Como posso fazer ela ler um livro? É um fantasma.”

“Diga para ela que foi Elijah quem pediu. Outra coisa, quando Joe bater na tua casa, diga para ele que você gostaria que tua tataravó fosse transportada de Elysian para Homeland.”

“Certo, mamãe.”

“Henry, preciso que você fique forte e saudável, assim não preciso me preocupar mais contigo. Pode fazer isso por mim?”

“Sim, mamãe.”

“E não volte mais aqui de noite, a não ser que teu pai esteja junto. Promete?”

“Sim.”

“Te amo de todo coração.”

“Te amo também, mamãe.” Henry larga a mão de Joe e instantaneamente desabafa. “Meu endereço é Olive Street, 328.”

“O quê?”, Joe pergunta, completamente ignorante de tudo que se passou.

“Mamãe disse pra você trazer a cópia de um livrinho para a Olive Street, 328.”

Joe guarda as palavras na memória e se prepara para levar Henry para casa, mas o menino já está correndo na direção da Transition Lane. Joe se volta para Belinda, mas não a vê. “Você ainda está por aqui?”

Nenhuma resposta. O que resta nele é um sentimento vazio, de solidão, mas acompanhado de uma certeza — ter servido a uma causa sem retorno algum. Olha ao redor de toda a extensão de Elysian com uma tristeza indescritível. Sabe que é um momento de despedida. Suas mãos estão frias. Ou sente suas mãos frias. Joe toca suas pernas, e elas também estão frias e adormecidas. Caminha de volta até Osso, sabendo que chegou a hora de dizer adeus a Elysian.

\*\*\*

Nunca esteve tão frio no cemitério, e Joe nunca se sentiu tão desamparado. Eileen não se encontra em lugar algum, e, quando tenta abrir a porta de Osso, encontra-a trancada. Para sua surpresa, Eileen está sentada no lugar do passageiro, folheando as páginas do livro de Joe. Ele corre para o outro lado e puxa a maçaneta com força, mas também está trancada.

“Decisões finais, é?” ela fala através do vidro. “Essa última aqui, a melhor de todas: ‘Levar Eileen pra casa’. Quão final é essa?”

“Ei, me dá isso de volta! Meu pai escreveu isso só para mim.”

Ela guarda o livro em sua bolsa Hermes.

“Preciso desse livro. Devo uma cópia para o menino que você viu antes.”

“Vou ficar com ele até você decidir me levar para casa. Se foi teu pai quem escreveu, tinha razão quando falava daqueles que esperam por amanhã.”

A desesperada mulher conseguiu atingir um punhado de nervos nele que o deixam desarmado. “Pelo menos não tô preso com minha própria imagem. Não era a senhora que tinha medo de dirigir meu carro até Newport porque as pessoas podiam pensar que era apenas uma ajuda doméstica?”

Ela se volta para ele, sobressaltada. “O que quer dizer com ‘presa com minha imagem’?”

“Não foi um tal de Carter que levou a senhora para Beverly Hills recentemente para uma cirurgia plástica?”

“Como você sabe disso?”

“Eu sei um pouco de todos que visitam Elysian. Sei, inclusive, do corte logo abaixo da sua orelha que não para de sangrar.”

“Se sabe tanto assim, então por que ninguém me leva para casa? Meu chofer está sumido há duas semanas. Você até prometeu no seu livro, mas ainda estou aqui. Quero saber o porquê!”

Joe bate no vidro. “Venha comigo, Eileen. Quero lhe mostrar a lápide de pessoas que você já viu nos últimos dias por aqui.”

Ela não se move. “Está frio lá fora, e a grama está suja.”

“Tem razão. A grama não é tão macia quanto o papel higiênico que os esnobes de Newport Beach usam. O fato é que a senhora também está falando com os mortos, assim como eu.”

Eileen fica imóvel. Joe está no limiar de dizer que ela também está morta. “Escute, Eileen, tenho falado com muitos mortos e aprendi muitas coisas com eles. A mãe do menino é um deles. O cara que a senhora viu de tarde quando quebrou o vaso é outro. O túmulo que a senhora andou pisoteando pertence a um tal de Charles Buchanan. Morto há muito tempo. O que todos têm em comum é que são espíritos trancados e –”

“Você é um deles?”

“Não”, Joe diz prontamente, com um riso nervoso. “Só estou preso aqui porque meu carro quebrou. Mas desde então eles começaram a me procurar.”

“Mesmo que tudo isso seja verdade, por que não pode me levar para casa?”

*Ela me pegou novamente.* Ele traz seu rosto para bem perto do para-brisa e encara-a de frente. “Eileen, na verdade eu menti pra senhora.”

“Sobre o quê?”

“Eu não posso levá-la pra casa.” Ele percebe os lábios dela tremendo levemente. “Não posso porque eu também tô morto”, ele mente, mais e mais tentando a dizer que *ela* que está morta.

“Isso é ridículo! Eu vi você dirigindo.”

“Pessoas como eu conseguem fazer todo tipo de coisa. Movemos objetos, usamos armas, falamos com os vivos e mortos.”

As mãos dela tremem agora. “É apenas mais uma desculpa para não me levar para casa.”

“Eileen, esse carro é tudo o que possuo, mas a senhora é bem-vinda pra usar ele e ir pra casa. Tenho certeza de que a senhora é gente boa e tem saudade das coisas finas da sua casa. Mas tem uma coisa que aprendi com a zeladora: a morte nunca nos diz quando e como vai atacar. E, quando ataca, AmEx não vai ajudar em mais nada.”

Ela olha pensativa pelo para-brisa e decide desbloquear a porta. “Por favor, fique comigo hoje à noite.”

Assim que Joe senta na direção, ela lhe entrega o livro. Ele o abre rapidamente para ver se o bilhete ainda está ali. E está.

“Se é verdade que eu também ando falando com os mortos, e que você é um deles, então o que acontece quando morremos?”

*Ela nunca desiste!* Após considerar a melhor resposta, Joe decide usar as palavras de Eddie. “Tudo de que me lembro é que é a coisa mais simples que existe, e não há dor alguma. Nada para se preocupar.”

Eileen permanece quieta por algum tempo, como se soubesse que a morte andava rondando ali fora, espreitando por ela. “Minha instrutora de piano costumava dizer que quando morremos nos encontramos diante de um rio gelado, um rio que corre devagar, mas é profundo. Ela também dizia que ficamos olhando fixamente para as águas, revivendo todas as nossas experiências da vida, boas e ruins, como se estivéssemos lendo o livro de nossas vidas. Cada vez que vemos algo triste ou desagradável, mergulhamos a cabeça na água para deixar aquela experiência ir para sempre. Ela contou que o tempo não tem sentido nenhum naquele lugar. Que a limpeza poderá levar minutos ou anos pra reviver todas. Para mim, a morte é algo aterrador.”

*Ela sabe o que está acontecendo.*

“Mas me alegro que não esteja acontecendo comigo”, ela continua. “Porque tenho muitas coisas a fazer. Muitas coisas. Por falar nisso, eu também escrevi minhas decisões”, ela diz com orgulho.

Ele abre o livro na página em branco onde havia escrito que jamais voltaria a fumar se sobrevivesse ao fim do mês. Logo abaixo, lê a dela: Eu quero ir para



casa. Ele folheia todas as páginas, e abaixo de cada decisão sua encontra as dela dizendo a mesma coisa: Eu quero ir para casa.

“Do que você mais tem saudade?”, ela pergunta.

“Minhas pizzas. Faço as melhores pizzas de toda a Califórnia. Tenho saudade disso.”

“Você era dono de uma pizzeria?”

“Não. Apenas um entregador, mas no final do turno eu sempre criava uma nova.”

“Se tivesse uma chance de voltar, começaria um negócio fazendo a melhor pizza da Califórnia?”

“Pensei muito sobre isso ultimamente, mas agora é tarde demais.”

“Você pensa que sou tão estúpida? Sei que você está mentindo para mim. Me leve para casa e eu abrirei uma pizzeria para você na região mais elegante de Orange County.”

*Agora chega!* ele pensa. Cansado das perguntas, ele mete a mão na ignição. “Tô levando a senhora pra casa agora!” Assim que liga o carro, Eileen liga o rádio, que, para a surpresa dele, funciona, sendo que não funcionava há anos. Tem um trompete jazzístico tocando uma melodia triste, acompanhado de uma guitarra. No momento que Joe põe Osso em marcha ré, uma voz grave no rádio diz: “É meia-noite na cidade de Los Angeles, e continuaremos tocando o jazz que relaxa sua mente madrugada adentro.” Assim que começa o comercial, Eileen desliga o rádio. Vendo a mão branca dela tocando o botão do rádio, ele mais uma vez se dá conta de que também poderia estar morto movendo coisas, assim como todos os outros.

“Aquele carteiro repugnante também está morto?”, ela ousa perguntar.

“Eu ainda não sei, mas espero que sim.”

Joe liga os faróis, e ambos ficam sobressaltados com o que veem. Uma mulher de vestido longo e branco está parada bem na frente de Osso. É Helena.

“Quem é essa mulher?”

“Apenas outra morta. Mas não se assuste. Tranque as portas e fique aqui dentro até eu voltar.”

# Dia 30

---

## A RESSUREIÇÃO DOS MORTOS

30 de abril de 2006

**12:04 a.m.**

---

A sepultura de Helena está coberta de rosas brancas — centenas delas. Joe se agacha e toca uma. “Parece que foram colhidas hoje.” Ele levanta e acena com o queixo para a lápide. “É isso aí.”

“Isso aí o *quê?*”, Helena pergunta.

“Onde Eddie enterrou você.”

De braços cruzados, ela se inclina para a frente e examina curiosamente a inscrição na lápide, depois olha para ele e esbraveja: “Você é tão estúpido assim? Quem pôs meu nome ali?”

“Não acredita que é você? Então comece a escavar. Vai encontrar seu próprio corpo em vários pedaços ali dentro. Aparentemente alguém deixou ele em retalhos.”

Ela o encara, incrédula.

“Com uma machete”, Joe acrescenta. “Olhe a data da morte e veja se coincide com a sua ida a Chiapas.”

Ela se inclina novamente para averiguar a data. “Eu nunca disse que —”

“Você nunca disse pro Eddie que ia pro México. Mas você desapareceu, e ele foi atrás de você. Eu também descobri que ele jurou nunca mais pôr os pés no lugar onde nasceu, mas fez isso por você.”

“E como você sabe disso?”

“A zeladora daqui me contou a história.”

Helena senta no túmulo ao lado do dela, com o rosto cabisbaixo. Ela passa a mão sob as rosas, tocando-as de leve. “As brancas eram minhas favoritas. Você sabe quem trouxe as flores?”

“Nem ideia”, Joe responde. “Anteontem não vi nenhuma.”

“Mas você prometeu que eu ia ver Eddie.”

“Vai ver ele, sim. A zeladora daqui disse que o que impede você de ver Eddie é a sua incapacidade de perdôá-lo.” Joe se senta no túmulo do outro lado, encostando suas costas na lápide. “Ela também disse que, embora você tenha

o protegido, aberto todas as portas e até casado com ele, você nunca descobriu quem ele realmente era. Você era obcecada só pela aparência dele.”

Helena fica sentada, de cabeça baixa e olhos fechados. Pela primeira vez, Joe se vê contando uma história a um deles, bem como Belinda fazia com ele. Isso o faz sentir-se inexplicavelmente mais vivo.

“Agora que você achou o seu corpo”, ele diz, mostrando o anjo distante, “faça uma visita àquela estátua.” Embora pouco visível nesta hora da noite, Joe não esperava que o rosto do anjo estivesse direcionado diretamente para o local da sepultura dela. Sempre viu espada e rosto virados para o sul.

O silêncio do cemitério é quebrado pelo ronco de um motor de carro. Joe se apressa na direção de Osso e o vê se movendo em espasmos e solavancos, mas logo morre. O motor liga novamente, e o carro agora se move em pequenos saltos através da mesma entrada pela qual ele havia empurrado o carro três semanas atrás. Depois de mais alguns soluços do motor, Eileen maneja Osso até Transition Lane, tentando sua fuga até Orange County. Embasbacado, Joe acompanha Osso fazendo uma ampla esquerda na Crossing Way e desaparecendo rua acima. “Lá se vai meu livro e meu bilhete de loteria. De novo!” Seu carro, e tudo o que tinha, desaparece pelo escuro da noite. Olha de volta para Helena, que também desapareceu.

“Você tá aí?”

Joe está completamente sozinho. Tem uma profunda necessidade de ver alguém, vivo ou morto. Ele vai até Crossing Way, esperando escapar dos temidos pensamentos e sentimentos, mas seus sentimentos e pensamentos andam bem juntos com ele. Tem medo de que esta última noite possa ser mais longa que a maioria dos seus trinta dias, ou talvez mais longa que toda a sua vida. Quer gritar por ajuda, suplicar por uma extensão de vida, mas sabe que seu clamor não vai cruzar as paredes de Elysian. Senta-se debaixo do pinheiro que abrigava Osso, esperando a morte chegar. Fica tão imóvel que pode facilmente ser confundido com uma lápide. A morte não chega, e tudo o que sente é medo, frio e fome. *Meu reino por uma das minhas pizzas. daquelas que eu faço.*

**12:25 a.m.**

Somente agora Joe se dá conta da benção que é não saber *quando* se morre; só espera que ela venha “sem dor” e que seja “simples” como Eddie havia prometido. Joe começa a caminhar em silêncio ao longo de Transition Lane, mas gritando por dentro, sem saber *como* e *quando* o carteiro vai atacar. A sensação da finalidade começa a consumi-lo. O próprio corpo dele já sabe que vai morrer esta noite.

*Quem vai cuidar do meu corpo? Já tô num cemitério, mas aqui não me sinto em casa.*

**1:08 a.m.**

---

Em dado momento, ocorre a Joe procurar seu próprio nome inscrito numa lápide, mas a tarefa de olhar todas levaria a noite inteira. *Talvez eu já seja um espírito errante.* Ele caminha até a sepultura de Belinda e deita-se na superfície fria, como se tivesse conquistado a perpétua companhia dela, talvez uma maneira de assegurá-la para a próxima vida. Eventualmente, resigna-se ao seu destino e algumas lágrimas começam a brotar em seus olhos.

Primeiro ele chora pela sua curta passagem nesta vida. Depois chora por ter tomado muitas decisões erradas. A última brota por nunca ter encontrado um propósito. Contudo, sabe que não está morto ainda, porque ainda sente o duro e gélido bloco de mármore.

*Respire, respire, respire. É no que Carolyn mais insistia.*

**9:25 a.m.**

---

*Respire, respire, respire,* ordena uma voz que vem do âmago. Seu corpo não responde. Joe tem uma vaga impressão de que sua vida depende de um único respiro.

“Oi...”

Joe reconhece a voz de uma criança ao longe, e sabe que precisa respirar. Mas reconhece que está trancafiado em um lugar profundamente vazio e escuro — um muito perto da morte. Um lugar tão sem nada que sua boca, olhos e todo o resto do corpo recusam qualquer movimento. Um leve toque no seu ombro desperta uma reação.

“Onde está o livro?”, a voz da criança diz num tom urgente.

Parece estar num buraco que vai ao infinito e leva uma eternidade para ser atravessado até Joe poder se agarrar a algumas moléculas de oxigênio. Mas, aos poucos, sente que está cambaleando para fora de um túmulo para novamente existir — e então nascer debaixo de um céu coberto por nuvens negras. Franze a testa tentando reconhecer o menino olhando para ele.

“Onde tá meu livro?”, Henry pergunta novamente.

Joe olha ao redor, confuso por Elysian não parecer mais o mesmo cemitério. E não tem a mínima ideia de como vai explicar para Henry que o livro foi fazer uma viagem com Osso para Newport Beach.

“Tenho que ir agora”, o menino diz. “Minha família tá aqui. Por favor, traga o livro pra mim. Tô na Olive Street, 328. Adeus, Joe.”

Joe olha Henry correndo até seu pai e duas mulheres saindo de uma Mercedes preta com flores na mão e então caminhando em sua direção. Pela primeira vez, percebe que sua visão está fora de foco. Quando se apoia para

levantar, percebe que seus músculos são feitos de chumbo; seu corpo parece mais pesado do que trinta dias atrás. Ele se arrasta para fora do cemitério até a rua, não sem dar uma última olhada para Elysian. Hoje, sua morada temporária parece demais com Sunnyside Cemetery — apenas um cemitério qualquer no meio de uma cidade movimentada.

Ao descer Crossing Way, Joe tem um violento sobressalto ao ouvir o estrondo de um trovão. Embora distante, estremeceu os vidros dos prédios adjacentes. O céu tem cor de metal, com nuvens negras se aproximando rapidamente do oeste. Tudo que está longe parece fora de foco, incluindo um veículo do correio e telégrafos abruptamente cortando a esquina e vindo em sua direção. O carro para a nem dez metros dele. Ao barulho contínuo de trovões ameaçadores, um carteiro sai do carro e caminha diretamente em sua direção. A visão de Joe é turva, mas adequada para comprovar que não é o seu carteiro que logo desaparece num prédio.

O clarão de um relâmpago irrompe, enchendo o ar ao seu redor, seguido de um trovão ensurdecedor que suscita uma memória até então velada em seu aturdido cérebro. Joe recorda exatamente o que o levou para a garagem um mês atrás — um caderno escolar com um propósito de vida.

Grossos pingos de chuva despenham do céu enquanto ele se arrasta para o lugar onde tudo começou — a garagem. Quer correr, mas seu corpo não coopera. As roupas já estão ensopadas com a pesada e morna chuva. Quando chega na esquina da Our Daily Drug na Pacific Coast Highway, vai direto até a balança digital encostada na parede. Para seu espanto, falta apenas um quilo para atingir seu peso ideal, quando na verdade se sente tão pesado como a Sra. Whalen.

Apenas a algumas quadras de casa, a chuva continua chicoteando suas costas, trazendo-lhe uma estranha sensação de *déjà-vu*. Lembra-se de ter visto o céu rachado em dois não muito tempo atrás, derramando água como se estivesse punindo a cidade de Signal Hill. Também se recorda do carteiro parado na garagem com seu uniforme seco, embora estivesse chovendo torrencialmente no lado de fora.

*Breathe, breathe, breathe... como Carolyn me ensinou.*

**10:53 a.m.**

---

Quando chega em Hillside Drive, encontra seu velho Nissan estacionado na frente da casa. *Osso não poderia estar aqui.* À sua direita, as duas bombas de óleo no lote vazio estão imóveis. Deveriam estar funcionando. Ao ver a garagem da rua, tem alguém que não deveria estar ali tampouco — Carolyn. E, no alto, as nuvens negras continuam se movendo na direção leste, enquanto no oeste o céu começa a despejar raios de sol que atravessam as nuvens. Joe caminha

até os fundos, determinado a destruir tudo o que pode impedi-lo de entrar na garagem.

“Eu sei o que você quer aqui”, Carolyn diz, “mas ainda não é a hora certa.”

Joe se recusa a escutar. Ele agarra a escada mais comprida, encosta-a na parede e começa a subir. Quase sem fôlego, sente como se pesasse os velhos cento e vinte quilos.

“Sei que você não quer acreditar em mim”, Carolyn o adverte, “mas não é hora ainda.”

Joe não sabe nem quer saber o que ela quer. Já no alto, firma seus pés nas telhas e se move em pequenos e cuidadosos passos até chegar numa telha quebrada. Em segundos, há telhas voando para todos os lados, até arranjar uma abertura pela qual possa espremer seu corpo e tocar seus pés nos caibros. Imediatamente enxerga as duas caixas que havia deixado abertas trinta dias atrás. Também se lembra de ter vasculhado nelas como se fosse apenas minutos atrás, mas o livro de Eddie não está onde o havia deixado. E deveria estar ali.

“Você precisa respirar”, Carolyn fica exortando Joe logo abaixo, como se estivesse dentro da garagem. Ele se joga na caixa menor e remexe tudo ali dentro, enviando uma nuvem de poeira no ar, até que encontra o caderno desgastado que procurava trinta dias atrás. Seu rosto se ilumina.

Joe abre o caderno, procurando a página específica — aquela que possui uma declaração de propósito, um propósito de vida escrito com sua mão instável de segundo grau. Traz o caderno mais perto da luz de onde acabou de entrar. Quando encontra a página, fica pasmo com o que escreveu: *Ser um milionário fazendo a melhor pizza da Califórnia*. Não há dúvida de que é sua letra, e começa a rir do seu sonho ambicioso, tão simples e ridículo ao mesmo tempo. Na época, pleno de vida, qualquer sonho poderia ser realizado.

A voz irritante de Carolyn quebra seu pensamento. “Você precisa focar na sua respiração!” Mais uma vez, a voz dela parece vir de logo abaixo. Ouve uma sirene ao longe, e o brilho da luz que entra pelo telhado aberto parece se intensificar a cada segundo. Os caibros e a garagem inteira parecem estar iluminados. Joe se move até a ponta da última tábuia apoiada no caibro e olha para baixo. A porta da garagem está escancarada, e a SUV da Lexus ainda está estacionada ali, coberta de tinta branca. Seu estômago se agita. Então, por um breve momento, sua visão fica extremamente aguçada e vê algo que não deveria. A imagem o atinge como um machado na cabeça e estômago. Sua respiração para completamente.

Joe De Angeles vê a si mesmo deitado no chão de cimento, com seu velho corpo de um mês atrás.

“Não vai desistir agora, grandalhão”, Carolyn insiste, de joelhos, esbofetendo a cara pálida do homem estirado no chão. “Respire... respire! A ambulância já vem dobrando a esquina. Aguenta aí!”

Seu beagle, Miojo, o arrodeia nervosamente, pisando na poça de tinta e sangue. Saber que Miojo está vivo é pura felicidade para ele, mas já sabe que nunca mais vai abraçá-lo. Novamente se lembra do ator Patrick Swayze no filme *Ghost*, olhando para seu próprio corpo. Agora ele tem uma noção clara daquilo que se recusou a acreditar — que estava morto o tempo inteiro!

Joe leva a cabeça abaixo do nível das tábuas para ver a casa pintada. Seus olhos se enchem de terror ao ver que nunca foi. A entrada para os carros ainda está molhada. *Trinta dias? Há quanto tempo eu tô deitado ali? Três dias no máximo? Como pode ser?*

No lado de fora da garagem, o carteiro caminha de um lado para o outro com o envelope de *overnight* na mão. “Não foi minha culpa, não foi minha culpa”, ele diz em voz alta. Joe só pode concluir que o carteiro nunca deixou o local, e foi ele quem chamou a emergência.

*Talvez somente alguns minutos?*

“Você tá passando por uma experiência de quase-morte”, Carolyn adverte lá de baixo, segurando sua mão sem vida e olhando para cima. “É nossa missão mandar você de volta. Eu preciso da tua total atenção até que os paramédicos cheguem.”

Todos os sonhos — ganhar a loteria, pesar setenta e cinco quilos, reconectar-se com sua família, juntamente com as promessas de ler o livro e pintar a casa, de um modo ou de outro, se mesclaram enquanto estava preso no meio de dois mundos. E, bem como Handsome havia explicado sobre as pessoas que passam por essa experiência, o cérebro dele fez de tudo para sobreviver — até criou uma narrativa para se ajustar a um outro mundo. Handsome também havia dito que o tempo não existia, e que as últimas experiências em vida vão definir a pequena jornada pela frente, antes da morte. Só então se dá conta do quanto se recusou a não prestar atenção aos sinais da morte ao seu redor. *O carteiro me falou muitas vezes que estaria em todo lugar.*

**11:17 a.m.**

---

Olhando para o céu através das telhas removidas, a luz extremamente ofuscante parece ter a força de sugá-lo para o alto. Mais, sente-se atraído por ela, enquanto a sirene dos paramédicos se torna mais e mais incômoda.

“Já vou te alertando”, Carolyn insiste. “Te prepara para um duelo monumental.” A atenção dela está completamente devotada ao seu corpo velho

esparramado no chão. “Foque na respiração. Respire pela narina esquerda. Vai precisar respirar mesmo que eles digam que você está morto.”

“Quanto tempo eu estive ali?”

“Já faz uns três minutos, o tempo médio para uma ambulância chegar no local aqui no sul da Califórnia.”

*Três minutos?* “Mas foram trinta dias”, ele tenta esclarecer Carolyn.

“Nosso tempo não é o mesmo do deles. E nós não temos tempo para esse tipo de conversa agora.”

Handsome havia mencionado que as pessoas que passam por essa experiência e conseguem regressar vão jurar em nome de tudo que estiveram no céu, experienciando o divino por muito tempo. Semanas e até meses. Não Joseph De Angeles. Semanas sim, mas no inferno. Até o relógio no painel de Nuvem dizia que o tempo havia parado para ele.

A sirene para de soar. Joe ouve o irritante ruído metálico da maca sobre rodas. Sabe que os paramédicos vão tentar ressuscitá-lo. O que é mais estranho é que ele não tem vontade de voltar para a vida. O mundo em que vivia antes foi duro demais. Sabe que estaria muito melhor num cemitério como Elysian. Com esse sentimento, vem o alívio de não precisar mais entregar pizzas ou se esforçar para perder peso, ou mesmo a pressão de cumprir promessas. Neste lado, Joe De Angeles não vai precisar carregar nenhuma carteira de identidade e não vai ter mais nome. Seu olhar está fixo na intensa luz invadindo a garagem — uma saída fácil para seus problemas.

“Oi, Joseph”, a menina de vestido vermelho suplica, “ninguém chega a saber de onde o sangue vem e para onde vai, mas eu sei que o meu vem de você. Por favor, volta.”

Joe fica sentado ali, envolvido pela luz fulgurante, sabendo que não está mais respirando. *E se eu não quiser?*

“Eu partilhei várias histórias com você sobre perdão, desapego, *deixar ir*”, outra voz se junta ao grupo. “Mas você tem uma chance de voltar.”

Com um esforço monumental, Joe procura direcionar o olhar da intensa luz que continua inundando seu ser para ver se de fato é Belinda. Ela está parada na porta da garagem, olhando para ele.

*E se eu não quiser voltar?* ele intenciona perguntar.

“Muitas pessoas precisam da sua ajuda.”

Joe novamente olha para a sedutora luz e sente que, se morrer hoje, não faz diferença. Nenhuma! Ele capta o canto de um rouxinol empoleirado em alguma árvore próxima. É o som mais cristalino e puro que já ouviu. Se pergunta se o pássaro está cantando a glória de Deus, como sua mãe costumava dizer. E justo



ali, com seus olhos e rosto banhados em sublime luz, ele expressa um sonoro “muito obrigado” a qualquer entidade que o permite se sentir assim. Sente que precisa deixar ir. *De jeito nenhum quero voltar.*

“Nós não podemos voltá, mas você pode”, diz Handsome lá debaixo. “E eu fiquei sabendo que você fez promessas pra duas pessoas em Homeland.”

Joe pensa por um momento. Sob o risco de perder o sentimento de pura felicidade ao estar imerso na luz, ele volta sua cabeça mais uma vez para ver Handsome junto aos outros.

“Nós somos os únicos ajudantes em Signal Hill”, ele diz, abanando animadamente. “Nossa tarefa foi mantê você vivo, mas, para você retorná, vai precisá da ajuda do outro lado. Somente os paramédicos podem fazê isso. Só então vai podê ajudá Elijah e teu irmão.”

“E pode ajudar Henry indo até a casa dele”, Belinda acrescenta.

As novas promessas começam a pesar sobre ele mais ainda.

“E você ainda poderá se torná um milionário fazendo as melhores pizzas da Califórnia”, Handsome complementa. “Tudo o que precisa fazê é lembrá que as decisões têm que ser finais. Se as minhas decisões tivessem sido finais, eu teria feito meus milhões várias vezes ao longo da vida.”

“Miojo e Eddie também esperam por você, Joseph”, Belinda diz.

Neste momento, Joe finalmente se dá conta de que Eddie estava vivo todo esse tempo e que *ele* era quem estava morto. Se lembra da comida no apartamento dele, seu uniforme engomado, louça não lavada, mas não entende como ele mesmo transitava até o seu apartamento. Tampouco como Eddie pôde designar três ajudantes para trazê-lo de volta em questão de três minutos. Mas entende que Carolyn estava ali para ajudá-lo na respiração, Handsome para impedi-lo de entrar na garagem e ver seu corpo morto, e Belinda para prender sua atenção, mas também ensiná-lo a seguir em frente caso morresse. Somente agora tem uma boa razão para voltar e se juntar a Eddie num empreendimento na pizzeria. Seu sonho de infância tem chance de se tornar realidade. Somente agora vê a possibilidade de fazer as pizzas perfeitas, e até mudar seu nome. O menino dentro dele está mais do que vivo agora.

Um dos primeiros socorristas chega, colocando um par de luvas. Um homem de cabelo grisalho, nos seus cinquenta, olha para os caibros acima e caminha com cuidado ao redor do corpo de Joe, evitando pisar na tinta derramada. Assim que se agacha ao seu lado, Carolyn salta para o lado. O carteiro tenta explicar ao paramédico o que aconteceu, mas o homem não presta atenção. O segundo técnico, um jovem nos seus vinte e poucos, chega rolando a maca e para abruptamente, estupefato com o que vê. Carolyn se aproxima dele, se inclina e cochicha algo em seu ouvido.

“Esse já era”, diz o socorrista mais velho, checando o pulso de Joe. O homem também abre uma pálpebra e ilumina uma pequena lanterna em suas pupilas. “Não reativo. Podemos encerrar nosso trabalho aqui.” Ele olha a tinta toda pelo chão e no veículo. “Santo Deus, que porcalheira!”

O jovem técnico se joga ao lado de Joe e pressiona seu ouvido no peito dele. Carolyn dá uma pancada forte no corpo sem vida de Joe e a fronte do rapaz se estreita, como se tivesse detectado algo.

“E se ele não estiver morto?”, pergunta ao seu supervisor, em seu sotaque mexicano. “Faz apenas três minutos, e –”

“Eu disse para *encerrar tudo*, Diego, e busque o formulário para preencher as informações.”

Carolyn dá uma leve pancada no ombro de Diego. Ele vira a cabeça para o lado rapidamente, mas não vê nada. “Olhe para a mão esquerda do paciente”, Carolyn diz, segurando a mão de Joe e movendo-a de leve.

“Sr. Hanks, algo me diz que ele não está morto”, Diego fala ao supervisor. “Sinto que tem um –”

“Só porque sente algo, não quer dizer que pode trazê-lo de volta. Eu disse para trazer o formulário!”

O carteiro, com olhar desorientado, aborda o superior: “Acho que ele bateu a cabeça na lata de tinta.”

“Você é médico?”, Hanks grita, encarando o carteiro, que dá uns passos para trás.

O latido de Miojo se intensifica, direcionado a Hanks. Diego, já suando, começa a fazer fortes compressões no peito de Joe, mas o paramédico o agarra pelo uniforme e o arrasta para fora da garagem.

“Eu pedi o formulário e não compressões. Quero o relatório *agora*!”

Diego corre para a ambulância, e Carolyn o segue de perto, repetindo várias vezes “Ele não está morto”, mas Joe, olhando para o cenário desolador logo abaixo, não concorda com o que ela diz. Sua respiração já parou há muito.

Hanks retira um rádio manual do seu cinto e aperta um botão.

“Pode falar”, diz uma voz feminina.

“Hanks, com a unidade de EMS 18, despachado para Signal Hill, sem necessidade de socorro avançado.”

“Entendido.”

“Tempo estimado de chegada, onze e dezenove da manhã, homem branco, perto dos sessenta, morto na chegada. Departamento de Polícia pode assumir daqui pra frente.”

*Quase sessenta? Eu tenho quarenta e dois anos, seu idiota!*

Diego volta apressado até a garagem com um desfibrilador externo nas mãos.

“O que você tá fazendo?”, Hanks grita.

“Ele não tá morto”, Diego insiste, levantando sua voz e abrindo um desfibrilador semiautomático.

“Eu sabia que você era verde demais pra tudo isso.”

“O senhor apenas tá furioso porque seu filho precisa de um transplante de rim”, Diego protesta enquanto prepara o desfibrilador.

O paramédico olha para Diego, incrédulo. “Quem te falou do transplante do meu filho?”

Carolyn se inclina novamente para perto do ouvido de Diego. “Repete o que te falei lá na ambulância.”

“Ele vai receber o rim errado se o transplante acontecer amanhã”, Diego diz, encharcado de suor, cortando o uniforme de Joe com uma tesoura.

Hanks chega bem perto do técnico. “Escuta bem, eu não sei quem te falou essa asneira, mas se você não seguir minhas ordens a partir de agora, este vai ser o teu primeiro e último dia nesta profissão.”

“Pode ser meu último dia, mas sei que ele tá vivo”, Diego vocifera enquanto aplica eletrodos e gel no peito de Joe.

“Sabe de uma coisa? Vai firme. Dê uns choques nos trezentos quilos de banha do pobre bastardo. Assim vai aprender alguma coisa no teu último dia como técnico.”

Miojo continua choramingando, andando de um lado para o outro. Carolyn olha para Joe nos caibros e pede para jogar uma das caixas para baixo assim que o técnico emitir o primeiro choque. Diego conecta os cabos da unidade e os liga. Em seguida, o aparelho manda a mensagem de “enviar o choque.”

“Livrar!”, Diego grita ao carteiro e Hanks.

*Bam!*

Uma caixa pesada de papelão aterriza ao lado de Diego, regando tinta branca por todos os lados, boa parte acabando no uniforme impecável de Hanks. Suas veias do rosto incham de fúria.

“Vamos lá, meu caro”, Diego balbucia entredentes, segurando o pulso de Joe e esperando. “Vamos lá!”

Nenhum sinal de vida.

“Você precisa descer imediatamente”, Carolyn urge a Joe. Enquanto Diego reanalisa o ritmo do aparelho para o segundo choque, Joe se encontra, num instante, ao lado de seu corpo morto sem nenhum esforço.

“Aperta teu pulso esquerdo e segura firme”, Carolyn diz para Joe. “Você parou de respirar por tempo demais. Quando Diego gritar *livrar* novamente, você vai precisar de toda a energia que tem para respirar, ou nunca mais vai voltar.”

Joe segura firme nos seus próprios dedos rechonchudos, sentindo asco em tocar sua própria mão mole. Ainda está morna, mas a sensação é macabra.

“Livrar!”, Diego grita novamente. “Ele vai voltar!”

*Bam!* O poderoso impacto do aparelho faz Joe saltar para trás, mas sem nenhum movimento do corpo estirado no chão. Ele vê a ponta do seu livro aparecendo no bolso e se lembra de tê-lo embolsado trinta dias atrás, ou três minutos atrás. Também percebe agora que tinha urinado nas calças.

“Te agarra em qualquer coisa que puder sentir”, Carolyn exige. “Depois desse último choque não vamos poder te ajudar mais. Se voltar, vai lembrar pouco ou nada de tudo o que aconteceu neste lado. Apenas lembre-se de *uma* coisa, tua missão é se lembrar de tudo mais tarde, entendeu?”

Carolyn toca os ombros de Diego e assopra algo nos ouvidos dele, enquanto ele se prepara para o último ato do seu “último dia” como técnico de emergência.

“Você vai conseguir”, Diego repete as palavras de Carolyn em voz alta ao se preparar para o último choque. Hanks não consegue esconder um sorriso arrogante.

*Bam!* E Hanks está se dobrando para frente. Carolyn tinha agarrado a perna de Diego e dado um forte puxão contra a canela do paramédico, que agora está gemendo de dor.

“Não fui eu”, Diego grita, com olhar de pânico. Mas logo se volta para Joe e berra: “Livrar”, e então aperta o botão de choque novamente.

O peito de Joe dá uma sacudida e o corpo entra em convulsões.

“Ele tá de volta!”, Diego exclama. “Você voltou!”

Joe ofega, tentando respirar continuamente.

“Ele voltou! Ele voltou!” Diego checa o pulso e a via respiratória. “Máscara para ventilação, oxigênio em 15 lpm”, ele exige do seu superior. “Imobilização da coluna vertebral, colar cervical e transporte.” Hanks corre até a ambulância. Diego, sorrindo, enxuga seu suor misturado com lágrimas de alegria e começa a preparar Joe para o transporte.

Os olhos de Joe se movem para os lados com lentidão, mas não consegue mover seu pescoço. Tudo está desfocado, mas tem certeza de que, por um se-

gundo, seus olhos tiveram o vislumbre de um homem lá em cima nos caibros. Mas a imagem desapareceu rápido demais.

\*\*\*

Após ser erguido e acomodado na maca, Joe é levado até a ambulância. Ele está vagamente ciente de que deveria ter duas mulheres ao seu lado, ou três, mas sua mente está nebulosa demais. Está confuso, e sua visão desfocada. Mesmo assim, está ciente de que teve um incidente que o levou para longe deste mundo para algum outro lugar. Ele quer puxar o uniforme do jovem técnico, mas quando tenta erguer seu braço é acometido por uma dor insuportável. Sabe da gravidade da situação. Quer perguntar ao técnico se estão levando-o até a Olive Street, 328, mas não tem força nem para isso. Apenas vê um jovem latino pairando sobre ele, dizendo que o oxigênio ainda é adequado. Ainda ouve Miojo choramingando baixinho do lado de fora antes da porta da ambulância se fechar.

*Hoje é sábado e hoje é meu aniversário.*

“Nada disso aqui aconteceu hoje, fui claro?”, Hanks adverte Diego, que ainda está focalizando toda atenção em salvar a vida de Joe.

“Hanks, com a unidade EMS 18 novamente”, ele fala ao rádio receptor.

“Câmbio.”

“Nós conseguimos reavivá-lo. Foi trauma físico e ataque cardíaco”, Hanks diz. “Em rota para o Long Beach Memorial. Câmbio.”

*Eu tive um ataque de coração?* Um sorriso se forma nos lábios de Joe assim que se dá conta do milagre que acaba de acontecer. Estava morto e voltou à vida.

Em seu delírio, Joe apenas conclui que Long Beach Memorial fica na Olive Street, 328.

*Putz, acho que não joguei na loteria ontem de noite.*

# FIM











---

## A Editora

A Editora da Universidade de Caxias do Sul, desde sua fundação em 1976, tem procurado valorizar o trabalho dos professores, as atividades de pesquisa e a produção literária dos autores da região. O nosso acervo tem por volta de 1.600 títulos publicados em formato de livros impressos e 600 títulos publicados em formato digital. Editamos aproximadamente 1.000 páginas por semana, consolidando nossa posição entre as maiores editoras acadêmicas do estado no que se refere ao volume de publicações.

Nossos principais canais de venda são a loja da Educs na Amazon e o nosso site para obras físicas e digitais. Para a difusão do nosso conteúdo, temos a publicação das obras em formato digital pelas plataformas Pearson e eLivro, bem como a distribuição por assinatura no formato streaming pela plataforma internacional Perlego. Além disso, publicamos as revistas científicas da Universidade no portal dos periódicos hospedado em nosso site, contribuindo para a popularização da ciência.

## Nossos Selos

-  **EDUCS/Ensino**, relativo aos materiais didático-pedagógicos;
-  **EDUCS/Origens**, para obras com temáticas referentes às memórias das famílias e das instituições regionais;
-  **EDUCS/Pockets**, para obras de menor extensão que possam difundir conhecimentos pontuais, com rapidez e informação assertiva;
-  **EDUCS/Pesquisa**, referente às publicações oriundas de pesquisas de graduação e pós-graduação;
-  **EDUCS/Literário**, para qualificar a produção literária em suas diversas formas e valorizar os autores regionais;
-  **EDUCS/Traduções**, que atendem à publicação de obras diferenciadas cuja tradução e a oferta contribuem para a difusão do conhecimento específico;
-  **EDUCS/Comunidade**, cujo escopo são as publicações que possam reforçar os laços comunitários;
-  **EDUCS/Internacional**, para obras bilíngues ou publicadas em idiomas estrangeiros;
-  **EDUCS/Infantojuvenil**, para a disseminação do saber qualificado a esses públicos;
-  **EDUCS/Teses & Dissertações**, para publicação dos resultados das pesquisas em programas de pós-graduação.



Conheça as possibilidades de formação e aperfeiçoamento vinculadas às áreas de conhecimento desta publicação acessando o QR Code.

“

*Se você ainda não encontrou aquela coisa que  
incendeia seu coração de alegria nessa sua jornada,  
terá que olhar para dentro.*

**Aquela *uma* coisa sempre esteve ali**

**O TEMPO TODO.”**

